

JULIET BROOKS

# *Pinturas* **ÍNTIMAS**

Um professor rude.  
Uma aluna dedicada.  
E mais do que uma paixão pela arte.

PROIBIDO. MISTERIOSO. ARTÍSTICO.

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **Pinturas Íntimas**

## Juliet Brooks

1ª Edição

Londres/2014

Publicação independente

## **PINTURAS INTIMAS**

Copyright © 2014 Juliet Brooks

Shutterstock – Juliet Brooks

**Capa**

Juliet Brooks e Michael Brooks

**Diagramação**

Penélope Atelier

**Revisão**

Penélope Atelier e Michael Brooks

**Beta Reader**

Entre em contato com a autora pelo e-mail:

**[julietbrooks.oficial@gmail.com](mailto:julietbrooks.oficial@gmail.com)**

Todos os direitos reservados ao autor. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, utilizada ou transmitida por qualquer forma e quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

*"A arte é a mentira que nos permite conhecer a  
verdade."*

Pablo Picasso

Para as minhas amigas, Bia, Lu e Rafa,  
que me incentivaram na escrita deste livro.

# *Sumário*

*Prólogo*

*Cinza*

*Rosa*

*Amarelo*

*Verde*

*Vermelho*

*Azul*

*Violeta*

*Branco*

*Vermelho-alaranjado*

*Laranja*

*Verde*

*Salmão*

*Vermelho*

*Preto*

*Branco*

*Preto e Branco*

*Epílogo*



## *Prólogo*

“Eu estava pintando, furiosamente, e a aquarela escorria pela tela enquanto eu pintava com mais força e com mais raiva. A 5ª Sinfonia de Beethoven tocava em alto som, acompanhando os movimentos que eu dava ao pincel, parando apenas quando, ao longe de minha tristeza, raiva e inconsciente, a campainha tocou. Nunca, em nenhum momento de minha vida, eu havia me preparado para receber esse tipo de notícia. Havia policiais em minha porta, os quais, sem nenhum tipo de compaixão, me informaram que Monalisa sofrera um grave acidente e que não sobrevivera aos ferimentos. Isso foi demais para mim. A partir desse dia, eu passei a viver preso no vazio. Viajar para Londres fora a única maneira de me preencher. Infelizmente, a capital inglesa só fez com que esse vazio ficasse ainda maior. A escuridão tomou conta de mim, e agora sou um homem indigno de ser feliz.”

# Cinza

Está escuro. Eu não consigo ver, ouvir ou sentir nada.

Onde estou? Eu sei que estou em algum lugar.

Como sei? Eu simplesmente... Realmente, não sei. Mas é sempre assim, até onde eu consigo me lembrar.

Ao longe, no meu subconsciente, eu escuto um barulho peculiar. Um barulho que está aumentando mais e mais.

Então, eu vejo a luz! Meus olhos se abrem para um novo dia. Uma nova semana. Para o início de um novo nada, como sempre. O barulho do despertador irrita os meus ouvidos e a minha vontade é de atirá-lo pela janela no meio da rua londrina. Mas não acho que isso irá resolver os meus problemas.

Estendo a minha mão e desligo o maldito berrador, e ao fazer tal movimento vejo que o aparelho alarmou mais de uma vez, pois – *Merda!* – estou atrasado.

Pulo de minha cama perfeitamente acordado e já bastante irritado. Não só por estar atrasado para o meu primeiro dia de aula na universidade depois das férias, como também estou irritado com os meus sonhos. Quer dizer, nenhum sonho. Há semanas venho apenas enxergando a escuridão do meu próprio inconsciente. E o pior é que isso tem me rendido gastos com um psicólogo. Mas, por enquanto, preciso deixá-lo de lado, pois tenho problemas maiores para resolver.

Já de pé, não posso me dar ao luxo de arrumar a cama. Dela, vou diretamente para o banheiro, onde tomo uma ducha rápida. Mal a água começa a esquentar, eu já estou fora dela e do banheiro. Rapidamente, corro pelo quarto para o velho guarda-roupa de quatro pés, apanhando, sem muita escolha, a roupa que venho vestindo durante todos esses anos em que estou na universidade. O terno preto com a gravata vermelha tem sido o uniforme da *Chelsea College of Art and Design*<sup>[1]</sup>, depois que a sra. Carter assumiu a diretoria. Sinceramente? É ridículo! Me sinto um garçom usando-o. Na verdade, já fui confundido com um, após entrar em um

restaurante trajando tal roupa. Infelizmente, é com ele que eu ganho a vida.

Sem mais demora, desço a escada de dois em dois degraus e corro para a cozinha, onde eu pego a minha pasta sobre a mesa, e sem me dar ao direito de tomar café da manhã, me dirijo para a saída. Logo abro a porta e estou na calçada, inspirando o ar matinal e frio da famosa Londres. Meu carro está estacionado a meio-fio, e é para ele que eu vou às pressas.

Por sorte, da minha casa, na *Juer Street*, para a universidade são oito a dez minutos de carro, isso sem trânsito. Cheguei atrasado, mas não tanto quanto chegaria se eu morasse mais longe.

Ao entrar no carro, olho para retrovisor e percebo que o meu cabelo está despenteado. Tento, sem muito sucesso, arrumá-lo passando os dedos agitados. Por enquanto, isso terá que servir, pelo menos até que eu possa estar no banheiro da instituição. Sem mais, giro a chave na ignição, sinalizo e acelero.

Diferentemente do Brasil, as ruas de Londres são calmas durante as primeiras horas da manhã. Eu sei disso porque sou brasileiro e não londrino. Nasci no Brasil e morei por lá durante muitos anos, até que... Bom, até que algo terrível me aconteceu e eu decidi embarcar para a Terra da Rainha. No início foi muito difícil. Não tinha dinheiro suficiente para viver mais de um mês, e tive que usar do meu talento para conseguir algum. Posso dizer que cheguei ao nada, até que, felizmente, consegui um emprego na *University of the Arts London (UAL)*<sup>[2]</sup> como professor de História da Arte.

Isso mesmo. Eu sou professor. Um professor de artes. Na verdade, meu sonho sempre foi de ser pintor, expor a minha arte para o mundo, mas como a vida não foi justa comigo no Brasil, me restou dar aulas sobre o percurso da arte ao longo dos anos de nossa história humana. Não acho isso ruim, pelo contrário, tenho prazer em ensinar sobre aquilo que domino e gosto. Claro que preferia estar pintando, mas, por enquanto, a licenciatura tem sido o suficiente.

Enquanto eu dirijo, tentando obedecer todas as normas de trânsito, penso no vazio de meu sonho e me pergunto se isso não é

um reflexo de minha própria alma. Meu psicólogo, o sr. Wood, um velho bastante simpático e inteligente dentro de sua profissão, diz ser exatamente o que penso. Ele tem certeza de que eu não estou vendo o meu inconsciente, mas que eu estou *realmente* sonhando. Não vejo nada em meu sonho, porque, psicologicamente, estou me sentindo vazio. E ele tem razão. Há muito tempo eu me sinto assim, desde que... Desde o que aconteceu no Brasil. Me sinto infeliz, no momento. Por mais que eu faça o que sempre foi a minha maior paixão, que é pintar, eu não consigo preencher o espaço o qual existe dentro de mim. Assim como também não consigo preencher as telas em branco em meu ateliê. Simplesmente, me falta inspiração.

Faço uma curva à esquerda para *Bessborough Gardens/A202* e continuo meu percurso. Gostaria, às vezes, de apenas seguir o caminho certo e chegar ao destino final, a felicidade. Há muito que não sei o significado desse sentimento. Meu rosto não conhece mais a expressão *feliz*, e os meus alunos tinham e têm que suportar a minha frieza. Ora, a vida me fez assim e assim eu sou. Eu sou o professor Duran, o sério, o infeliz, o chato, o irritante e muitas outras coisas, que ao longo dos anos escutei os alunos me chamarem. E quer saber? Eles têm razão.

Mas eu nem sempre fui assim. No Brasil, eu também lecionava História da Arte. Na Faculdade de Artes Plásticas na FAAP<sup>[3]</sup>, os alunos gostavam de mim. Eu tinha vinte e três anos, e tinha acabado de me formar. Estava empolgado com o fato de ensinar sobre aquilo que eu gostava, enquanto meus quadros iam ganhando vida. Os primeiros meses foram incríveis, e eu sentia que estava indo no caminho certo. Isso, até que ela apareceu.

Durante os primeiros meses do segundo semestre, como professor substituto, eu conheci uma aluna, e ela mexeu comigo. Eu não quero ser julgado por isso, pois eu sei do quão antiético é um professor ter qualquer outro tipo de relação que não seja a relação aluno/professor. No entanto, sem saber, eu também mexi com ela, e como ela era uma mulher determinada não descansou até conseguir

conquistar o meu corpo, minha alma e o meu coração. Em menos de um ano de trabalho, eu estava apaixonado pela minha aluna.

Nossa relação permaneceu em segredo por um período de um mês, até quando os pais dela descobriram. Nossa maior preocupação nunca foi exatamente a universidade, pois tínhamos conhecimento de outras relações desse tipo correndo pelos corredores. Era quase normal. Nosso maior problema sempre foram os pais dela. Eles nunca permitiram que sua única filha namorasse, ou muito menos, casasse com um *professorzinho* universitário, que mal tinham com o que se sustentar. E eles tinham razão. Na época, eu não tinha nada, e o meu salário de professor não dava nem para pagar o pequeno apartamento no qual eu morava. Minha situação hoje é diferente, pois na condição de professor doutor posso ter uma casa legal, um bom carro, comida na geladeira e minhas contas quitadas em dia. Infelizmente, Monalisa não viveu o suficiente para me ver crescer.

Depois que os pais dela descobriram, ela foi morar comigo. No pouco tempo que passamos juntos, vivemos uma paixão intensa. Muitas vezes, quando nossos corpos estavam unidos no calor de nossa cama, eu chegava a pensar que o apartamento incendiaria de tanto amor. Mas assim como muitos casais, nós também discutíamos.

Monalisa era de um temperamento forte, e um dia, depois de uma discussão entre nós, ela pegou a chave do meu velho carro e saiu em disparada do apartamento. Estava chovendo naquele dia, e por mais que me preocupasse com ela dirigindo pela chuva, à noite, por aquele inferno de trânsito, eu também sentia raiva pela nossa briga. Tudo começou por causa de um assunto insignificante, que hoje me culpo imensamente pelo o que lhe aconteceu. Se eu a tivesse escutado e atendido ao seu pedido, nada teria lhe acontecido. Mas eu era ingênuo demais naquela época e queria que tudo se resolvesse pacificamente com os pais dela. Eu não queria fazer o que ela me pediu. Eu não fiz e ela morreu.

Eu estava pintando, furiosamente, e a aquarela escorria pela tela enquanto eu pintava com mais força e com mais raiva. A 5ª Sinfonia de Beethoven tocava em alto som, acompanhando os

movimentos que eu dava ao pincel, parando apenas quando, ao longe de minha tristeza, raiva e inconsciente, a campainha tocou. Nunca, em nenhum momento de minha vida, eu havia me preparado para receber esse tipo de notícia. Havia policiais em minha porta, os quais, sem nenhum tipo de compaixão, me informaram que Monalisa sofrera um grave acidente e que não sobrevivera aos ferimentos. Isso foi demais para mim. A partir desse dia, eu passei a viver preso no vazio. Viajar para Londres fora a única maneira de me preencher. Infelizmente, a capital inglesa só fez com que esse vazio ficasse ainda maior. A escuridão tomou conta de mim, e agora sou um homem indigno de ser feliz.

Viro à direita na *John Islip St/B326* e logo estou estacionando o meu carro no estacionamento da *Chelsea College of Art and Design*. Alguns alunos ainda permanecem na entrada da instituição, mas eu sei que muitos já estão em sala. Inclusive, os meus. Eles estão nesse momento se perguntando onde está o professor, e tenho também a certeza de que estão criando novos apelidos para mim. Será que pela primeira vez eu serei “Duran, o atrasado”?

Olho meu cabelo mais uma vez, e ele está péssimo. Passo-lhe a mão e um pouco dos fios rebeldes decidem se comportar. Procuro meu casaco e percebo que o esqueci. Me irrita, pois o outono em Londres pode surpreender; ora tem sol, mas na maior parte do tempo é nublado, com forte ameaça de chuva. Respiro fundo, pego minha maleta, coloco a minha habitual expressão “Não mexa comigo, porque não estou para brincadeira” e saio do carro decidido. Alguns alunos veteranos olham para mim, mas logo desviam o olhar como se o diabo em pessoa estivesse caminhando para dentro da universidade. Na verdade, de todos os apelidos que me deram, “Duran, o Diabo” é de longe o melhor. Eu não odeio os meus alunos, se é o que está pensando, mas depois do que aconteceu com a Monalisa, toda a nossa história, eu quero que eles tenham a minha presença. Para o meu bem e, principalmente, para o bem deles.

Minha postura é ereta enquanto eu caminho pelos corredores até a minha sala. Pouquíssimos são os alunos que não estão assistindo aula, e é até engraçado vê-los correndo quando me veem andando pelo corredor. Pode ser ruim ter essa fama de professor

mau, no entanto eu tenho algum respeito com isso. Tenho pena de alguns colegas de trabalho, que sofrem para dar as suas aulas, pois não é só na *preschool*<sup>[4]</sup> que existe “crianças” barulhentas.

Me surpreendo ao chegar na porta de minha sala e encontrá-la fechada. Pelo vidro, vejo todos os alunos, sentados, quietos, aguardando a minha presença. Parece que já os informaram a meu respeito, e eu fico feliz com isso. Inspiro fundo e abro a porta.

Ao entrar, eu não digo uma palavra. Caminho para a minha mesa, coloco minha pasta sobre e a abro com um “click”. Eu sempre faço esse pequeno teatro. O simples barulho do feixe de minha maleta alerta os alunos, que me encaram como se eu fosse uma criatura de outro mundo. Retiro algumas folhas, as organizo alinhando sobre a mesa e volto a fechar a pasta. Dou a volta na madeira, polida e lustrosa, cruzo os braços e os encaro:

“Bom dia.” Eu cumprimento a todos em um inglês perfeito. Não existe sorriso em meu rosto, nem pedidos de desculpa pelo atraso. “Sou o professor doutor Sérgio Duran e serei o responsável por ministrar a disciplina de História da Arte. Durante as minhas aulas, e fora delas, gostaria que me chamassem de sr. Duran.”

Todos escutam atentamente as minhas palavras. Eu gosto desse controle. Gosto de me sentir dominante. Pelo menos, em algumas coisas de minha vida, uma vez que não consigo controlar os meus próprios não-sonhos. Olho para cada um dos alunos numa observação lenta e, como eles costumam dizer, mortífera. Depois, continuo com o meu discurso:

“Gostaria de...”

Antes de eu prosseguir, a porta da sala é aberta e uma aluna entra desesperada, fazendo um discurso de desculpa por ter chegado atrasada. Ela fala em um inglês muito rápido e é quase difícil de acompanhá-la:

“Mil desculpas, professor!” diz sem parar. “É o meu primeiro dia na universidade... Eu não sou de Londres, e não conheço bem a cidade... Acabei dirigindo para o lugar errado e...”

Enquanto ela fala, eu observo a reação da turma, que parece rir silenciosamente da atitude da nova aluna. Esta não repara nos

meus olhos espantados e, ao mesmo tempo, irritados por ter sido interrompido. Se tem uma coisa que eu detesto é quando alguém me interrompe quando estou falando, principalmente dentro da sala de aula, na frente dos meus alunos e por uma aluna novata.

“... E o meu GPS não ajudou muito...”

“Chega!” Levanto minha voz, impedindo dela continuar e cessando os risinhos que se formam pela sala. “Primeiramente, senhorita...”

“Jo-Johnson, professor,” gagueja em resposta. Talvez surpresa com o meu jeito rude.

“Primeiramente, *srta. Johnson*, eu não quero saber os motivos de seu atraso.” Eu ereto a minha coluna, impondo minha autoridade. “Em segundo, eu odeio ser interrompido. E terceiro, procure um lugar para sentar e saia da minha frente.”

Sem demora, vejo a *srta. Johnson* caminhar rapidamente para uma cadeira no final da sala. Durante seu percurso, a sigo com os olhos. Mas não só eu, muitos dos rapazes presentes na sala demonstraram interesse pela ingênua aluna. Por um momento penso que a assustei, mas no momento seguinte penso que assim é que deve ser. Vendo que a *srta. Johnson* já se encontra sentada, continuo minhas palavras de onde fui interrompido:

“Como eu dizia, antes da *srta. Johnson* chegar.” Faço questão de mencionar seu nome e olhar para ela. Não porque eu queira humilhá-la, mas porque, de repente, eu quero falar o nome dela e olhar para ela. “Gostaria de desejar boas-vindas a todos. Sei que muitos não vão apreciar essa disciplina, achando que irão, ao longo do semestre, mergulhar em um estupor. Pelo contrário. Exijo respeito para com essa matéria, assim como vocês respeitam algumas mais específicas e práticas presente na grade curricular. Serei tão exigente quanto qualquer outro professor, e deixo claro que não será nada fácil ser aprovado por mim.”

“Professor?”

Estou extremamente surpreso em constatar que quem me chama é exatamente a *srta. Johnson*. Ela está sentada, com sua mão direita levemente levantada. Essa é a primeira vez, em anos, que uma aluna chama a minha atenção enquanto estou falando. A



srta. Johnson parece ser imune a minha dominação, ou muito burra para não entender o perigo que lhe espera.

“Senhorita, é a segunda vez, em menos de cinco minutos, que me interrompe.” Eu espero que o que tem a dizer seja realmente relevante.

“Claro, professor...”

“E como a senhorita chegou atrasada,” não a deixo continuar, “gostaria de lhe dizer para falar comigo sempre como prof. Duran ou sr. Duran. Entendido?”

‘Sim, sr. Duran.’

O jeito como ela diz o meu nome, me incomoda. Quer dizer, por um instante eu gosto de escutar ela me chamando de *senhor*. Foi absolutamente sexy! Mas eu não posso pensar nisso, e antes que algum aluno perceba um certo constrangimento de minha parte, eu me dirijo a srta. Johnson:

“Fico feliz em saber que estabelecemos algum limite aqui, srta. Johnson.” Eu penso em não deixá-la falar, no entanto anseio por escutá-la. Essa aluna está fazendo com que eu mesmo quebre os meus próprios princípios. “Mas, por favor, fale o que deseja. Eu disse algo que não agradou a senhorita?”

“Não. Pelo contrário, prof. Duran.” Ela parece nervosa ao me dirigir a palavra. Mesmo assim, também parece decidida em dizer. Ela está olhando para os meus olhos. Eu a encaro, passivamente, contudo algo queima dentro de mim. “Eu aprecio as suas palavras a respeito da História da Arte... Digo, quanto a dar o devido valor. Só acredito que não há necessidade do *senhor* dar tanta ênfase a esse respeito, uma vez que todos aqui têm ideia da importância de tal disciplina.”

Eu começo a bater palmas de forma teatral. Eu preciso humilhar as palavras da srta. Johnson, não porque eu não aprovo, mas porque tudo o que ela disse era tudo o que eu esperava de um aluno. Sua atitude me empolga. Interiormente, estou feliz, mas não posso demonstrar essa felicidade, todo esse carinho pelas palavras da srta. Johnson. Então, eu serei como sempre sou, um homem grosso.

“Brilhante!” Continuo a aplaudir, entretanto não estou sorrindo. “Palavras dignas de uma aluna exemplar, que pretende se mostrar perante toda a turma. Mas, desculpe dizer, com adulação, comigo, a senhorita não vai a lugar nenhum...”

“Mas...”

“Vai me interromper novamente, srta. Johnson?!” Eu saboreio o seu nome. Eu gosto de pronunciá-lo sempre quando tenho a chance. E mais uma vez ela não só me interrompe, como também tenta me contradizer. Isso não apenas me irrita, mas me deixa também excitado. *Droga!* O que está acontecendo comigo? É ela! Ela está me deixando fora de controle.

“Vai me interromper novamente, srta. Johnson?!” autoritário, refaço a pergunta. Eu preciso exercer o meu controle, porra!

“Não, senhor.”

“Fico feliz em saber disso.” Finalmente estou no comando novamente. Não posso permitir que essa aluna me desestabilize, droga! Mas só o fato dela se submeter a mim, já me irrita também. Quero que ela me desafie. *Vamos lá!*

Antes de ficar louco na frente dos demais alunos, me volto para minha mesa e pego alguns papéis em branco, os repassando para cada uma das fileiras de cadeiras. Enquanto cada um pega uma folha e passa as demais para o colega, eu me sento e aguardo. Nesse pequeno movimento, arrisco um olhar para a srta. Johnson, e a pego sorrindo para um de seus colegas, agradecida por ele ter lhe passado as folhas.

Ela tem um belo sorriso. Na verdade, ela é uma linda mulher. Não havia reparado, mas agora vejo como ela é a aluna mais bonita da sala. Seu rosto é angelical, com lábios cheios, que faz de seu sorriso encantador e sexy. Ela não sorriu para mim do mesmo jeito que sorriu para o outro aluno. *Merda!* Eu estou sentindo inveja do meu próprio aluno por ter privilegiada visão. Quando ela fica de costas para passar o restante das folhas, vejo que seu cabelo é cumprido, ondulado e não cacheado, e é de um castanho avermelhado. Sobre a luz branca, ele quase torna-se completamente vermelho.

Então, eu acordo para a realidade ao perceber que alguns alunos me encaram aguardando instruções. Eu limpo a garganta imperceptivelmente, desabotoou o meu *blazer* e encaminho a primeira tarefa:

“É costume de minha parte que todos os alunos novatos escrevam um texto falando de suas expectativas com relação a disciplina.” Eu os encaro, e vejo alguns sorrisos já conhecidos por mim, quando solicito essa atividade. É a minha vez de sorrir, e eles encontram no meu sorriso os seus próprios medos. “Não mintam nos seus textos. Sejam verdadeiros, pois parte da última nota será com base nele. E vocês perguntam: ‘Como assim, professor Duran?’ e eu respondo: irei ler esses textos e acompanhar se o que dizem nele é verdade. Se for, parabéns. Se não for, sinto em dizer que as consequências serão severas. Vocês têm uma hora. Podem começar!”

Durante os primeiros minutos da hora exigida, eu observo a srta. Johnson. Todos os alunos estão bastante concentrados em escrever, então isso me permite olhá-la sem medo. Enquanto alguns escrevem furiosamente, ela parece estar pensando no que escrever. Ela olha para a folha em branco, fecha os olhos e respira fundo. Um sorriso escapa de seus lábios, e ela começa.

Eu não consigo desviar o meu olhar. Eu apenas quero ficar olhando cada expressão que ela faz, cada movimento com as mãos sobre o cabelo. De repente, eu sinto uma vontade imensa de colocar as minhas mãos entre os seus fios ondulados. *Eles devem ser tão macios.* Eu fantasio tal atitude e isso deixa a minha respiração pesada. Quando abro os olhos, a encontro mordendo a caneta, pensando se o que escreveu está realmente bom. A srta. Johnson gira a caneta entre os lábios, e um suspiro me escapa. Por sorte, os alunos não perceberam. Eu mesmo não percebi que estou com a boca aberta, suspirando ao vê-la girar a caneta entre os lábios e mordendo-a em seguida. *Isso me excita, caralho!* Eu estou na minha sala, e estou excitado. *Merda!* Ela está me deixando louco.

Antes que alguém perceba, eu me levanto rapidamente e caminho para a porta, saindo da sala sem pedir licença, deixando meus alunos sozinhos e surpresos com a minha reação inesperada.

A passos rápidos, logo encontro o banheiro e entro nele. Abro a torneira sobre a pia e a deixo encher minhas mãos com água, a qual jogo em meu rosto. Fecho olhos e respiro fundo, tentando controlar a excitação que toma conta de meu corpo.

Infelizmente, ao fechar os olhos, eu só consigo pensar nela. No seu cabelo e rosto. Nos seus lábios e sorriso. Nos seus lábios mordendo a própria caneta. *Droga! Eu não consigo me concentrar.* Ela estava fazendo algo tão simples, e outras alunas deviam estar fazendo o mesmo, mas apenas ela, somente a srta. Johnson, está perturbando a lucides de meus pensamentos. Ao encarar o espelho, eu encontro o meu olhar, e eu o conheço. É um olhar que só vi uma vez em toda a minha vida, e isso foi há muito tempo, no Brasil.

## Rosa

Eu não me conheço. Como pode uma aluna mexer tanto comigo em menos de uma hora? Eu me olho novamente no espelho e me surpreendo ao ver que estou sorrindo. Como posso estar sorrindo? Eu estou de brincadeira comigo mesmo?

Jogo mais água em meu rosto, mas não faz efeito. Na verdade, apenas meu cabelo responde a esse banho selvagem. Se eu cheguei com ele mais arrepiado que um porco-espinho, agora ele está tão lambido quanto se eu o tivesse banhado em gel. Meu cabelo é assim. Ele tem vida própria. Eu bem tento domesticá-lo, mas as suas ondas tendem a não me obedecer. Então, eu meio que o deixo livre para fazer o que quer.

Meus olhos parecem estar com mais vida. Há um brilho estranho no cinza esverdeado, e eu me pergunto de onde ele vem. Até onde me lembro, na noite passada, ao me encerrar no espelho, meu olhar continuava tão sem vida quanto quando Monalisa se foi. Será a srta. Johnson? Ora, é claro que não! Quer dizer, poderia. Uma vez que ela me deixou excitado. Droga! Como isso foi acontecer?

Eu não posso demorar mais. Os alunos estão me esperando, e com certeza se perguntando o que houve comigo. Respiro fundo, ereto minha coluna, ajusto a gravata vermelha sob o *blazer*, o abotoou, passo a mão sobre o cabelo, pelo menos o suficiente para não assustar os estudantes, e me retiro do banheiro. Ao fechar a porta, escuto passos vindo pelo corredor. São saltos altos. Eu sei porque eles *quicam* no chão avisando a chegada do predador. Predador? Isso mesmo. Para mim, mulheres de saltos são mulheres em plena caça, e de alguma forma isso deixa nós, homens, empolgados. Definitivamente, saltos são sexy. Seria *ela* caminhando pelo corredor à minha procura?

Me viro e fico decepcionado ao constatar que é a diretora Carter e não quem eu gostaria que fosse. Inferno! É claro que não podia ser *ela*. Onde eu estou com a cabeça?

A sra. Carter se aproxima sorridente, com os braços abertos, para me cumprimentar com um apertado abraço. Eu retribuo, e meu sorriso sai forçado. O abraço demora mais do que o normal, e eu sei bem o porquê. Mas fico feliz em dizer, ela não vai conseguir mais nada de mim. Ela continua como bem me lembro, uma mulher bonita para sua idade e uma predadora profissional. O cabelo preto curto *chanel* é a sua marca, bem como a roupa, sempre provocante.

“Sérgio, Sérgio... É muito bom revê-lo!” Ela finalmente me larga, mas continua a apertar meus braços. Como eu disse, ela está no modo caçadora. “Fiquei muito triste porque você recusou os meus convites durante essas férias. Sinto sua falta... *meu amigo*. Há tempos que não conversamos.”

“É muito bom revê-la também, Sônia,” chamo-a pelo primeiro nome. Temos intimidade suficiente para dispensar o formalismo. “Sinto muito por não comparecer nos seus jantares, mas estive extremamente ocupado. Como você bem sabe, preciso de um novo aluno para me ajudar na minha pesquisa, e estive elaborando um plano de seleção. Sabe que não aceito qualquer um.”

“Claro, claro!” Ela balança a cabeça, concordando. “Você sempre tão responsável.”

“Se eu não fosse, não seria quem sou,” rebato de forma rude. Infelizmente, ela não se sente rejeitada. Eu continuo: “Mas, mudando de assunto. Eu soube que se separou. Por quê?”

“Ah, Sérgio, eu não conseguia mais viver com aquele homem. Meu ex-marido é um inglês extremamente ligado a moral, e ver tudo com os olhos no passado.” Ela me solta, mas, infelizmente, prende um de seus braços ao meu. “Estava voltado para a sala?”

“Sim.”

“Vou acompanhá-lo.”

Juntos, fazemos o caminho até a minha sala. Gostaria de andar mais rápido, mas Sônia sente prazer caminhando a passos de tartaruga, comigo preso ao seu braço. Eu me sinto como um cachorro sendo conduzido por sua dona. O que de fato não deixa de ser verdade, pelo menos, na mente da sra. Carter.

“Como eu dizia, meu ex-marido é antiquado. Ele não é o homem ideal para mim, que sou uma mulher da arte. Sabe, até hoje

ele odeia o quadro que você pintou de mim.”

“Ora, não é pra menos, Sônia. Colocar aquele quadro no seu próprio quarto, aos olhos de seu marido... Desculpe, *ex-marido*,” me corrijo, sob seu olhar repreensivo. “É o mesmo que pedir uma separação.”

“Pelo contrário, meu querido.” Sônia para e me encara. Ela está com aquele brilho selvagem nos olhos. Tenho sorte de estar a alguns passos de minha sala, caso contrário não sei do que ela seria capaz. “O seu quadro é uma verdadeira arte. Você conseguiu expressar nele tudo o que poucos artistas conseguem. Sua arte expressa beleza, talento, sentimento... desejo...”

Sônia dá um passo à sua frente. Seu corpo quase colado ao meu. Seus olhos exigindo aquilo que ela tanto queria ao me telefonar durante as férias. Suas mãos estão a subir e descer pelos meus braços sob o terno. Eu estou a encará-la sem qualquer reação. O meu desejo é apenas de me afastar, mas me vejo preso em suas garras. Sônia é uma predadora. Tenham isso em mente. Tudo que ela disser vai ser em favor dela mesma, e ela não mede esforços para conseguir o que quer. Apesar de eu ser o professor do mal, ela é muito mais perigosa. Até para mim mesmo. Agora, só um anjo para me salvar desse demônio de saia vermelha e *Louboutin* preto.

“Prof. Duran?”

Olho para o lado ao escutar quem me chama, e quem eu encontro? Sim, a srta. Johnson. Fico feliz em dizer que sua interrupção, dessa vez, é mais do que bem-vinda.

Vendo que uma de minhas alunas está a minha espera, Sônia se afasta, me permitindo respirar normalmente, novamente. Graças a srta. Johnson, eu me sinto livre. E estou feliz por ser ela quem está a minha procura. Eu nem percebo que estou sorrindo, verdadeiramente, até reparar no olhar que Sônia está me lançando, do tipo “O que temos aqui?”. Sério novamente, me dirijo a srta. Johnson não tão rude quanto deveria:

“O que deseja, *senhorita*?”

“Os alunos estão se perguntando se o senhor está bem...?” Ela olha para Sônia e de volta para mim. Não parece preocupada. Na

verdade, a srta. Johnson parece incomodada. Mas com o quê? “Vejo que está tudo okay. Vou voltar para a sala...”

“Espere!”

Eu a chamo antes que entre na sala. Não posso permitir que ela me deixe sozinho, ainda na companhia da sra. Carter. Olhando para esta, eu me disperso:

“Sra. Carter, foi um prazer revê-la. Mas como a senhora pode ver, os meus alunos me esperam.”

“Claro, *professor*. Muito bom te encontrar. Tenha uma boa aula.”

Sônia é fria ao se despedir. Não há nenhum toque de sua parte, o que me deixa ainda mais aliviado. Ao se afastar, eu percebo que ela cumprimenta a srta. Johnson com um movimento de cabeça, quase imperceptível. Johnson retribui o cumprimento, sorrindo educadamente, mas assim como eu vi hostilidade no movimento de Sônia, também o vejo no sorriso de minha aluna. Realmente, elas não foram uma com a cara da outra. E devo admitir que estou feliz. Quero a srta. Johnson longe da sra. Carter. Por mais que ela seja diretora do *campus*, Sônia é uma má influência para a minha mais nova aluna.

Quando não vejo mais o demônio de *Louboutin*, faço sinal para que a srta. Johnson se aproxime. Preciso lhe falar, e o que tenho a dizer não pode ser dito na frente dos demais alunos. Ela reluta em falar comigo. Ora, eu não sou tão mal assim. Okay! Minha postura séria não está ajudando em nada. Arrisco um pequeno sorriso, e esse pequeno gesto é mais do que suficiente para a ingênua, mas inteligente aluna, se aproximar.

Nossa! Essa é a primeira vez que estou sozinho com ela, sem ninguém nos observando. E ela parece perceber isso também, pois se mantém afastada, a uma distância considerável de mim. Eu bufo, e do nada meu sorriso se alarga. Dou dois passos e estou a menos de meio metro da srta. Johnson. *Droga! Ela é ainda mais bonita de perto*. Eu olho seu cabelo solto, caindo sobre os ombros, e reparo na sua expressão nervosa, nos seus braços cruzados colados aos seios. *Meus Deus! Deveria ser proibido alunas usarem esse tipo de roupa*. Ela está usando uma espécie de regata, enquanto esconde os



ombros e braços com uma grossa jaqueta. Ela tem sorte de hoje, em Londres, não estar tão frio, e eu tenho ainda mais sorte de poder apreciar a visão de seu belo corpo, mesmo que tão pouco esteja exposto. *Okay! Concentre-se, Sérgio.*

“Posso perguntar o que a senhorita faz fora da sala de aula quando deveria estar escrevendo o texto que solicitei?”

“Desculpe, professor...”

“*Senhor,*” corrijo-a.

“Sim. Desculpe, sr. Duran. Mas como disse, os demais alunos e eu ficamos preocupados...”

“Preocupados?” Minha voz é cínica.

“Claro! O *senhor* saiu da sala tão agitado, que eu pensei...”

“O que a *senhorita* pensou?”

“*Nós* pensamos que estivesse sentindo alguma...”

“O que estou sentindo nesse momento, srta. Johnson, é raiva.” E eu estou sentindo mesmo. Por um momento, eu pensei que *ela* estivesse preocupada comigo.

“Raiva?” Ela me olha, confusa.

“Sim. A senhorita devia estar na sua sala escrevendo o que pedi e não andando pelos corredores.”

“Mas senhor...”

“Vai me contradizer, srta. Johnson?”

“Não, senhor.”

“Ótimo!” Droga! Eu ansiava por ela me enfrentando. Por que ela simplesmente não me olha com raiva? *Eu preciso que ela sinta algo por mim!* “Volte para sala.”

“Sim, senhor.”

Ela dá meia volta, e lentamente caminha para a sala de aula. Eu a observo se afastar, e não gosto do que estou sentindo. Eu vejo que ela, de alguma forma, está magoada e isso me doe, profundamente. Ela não está com raiva de mim, mas de si mesma. *Porra, Sérgio! Como você pode ser tão burro?* Penso numa rápida maneira de ajudá-la, e o que me vem à cabeça é o máximo que eu posso fazer:

“Srta. Johnson?”

Ela se vira ao escutar seu nome. Mas não diz nada, apenas espera. *Ora, não torne isso mais difícil do que está sendo para mim.*

“Obrigado,” agradeço.

Por um instante ela me olha confusa, sem entender exatamente o que eu quis dizer ao agradecê-la. Seus olhos suavizam, e ela logo me compreende. No entanto, ela não sorri para mim. A srta. Johnson acena com a cabeça e entra na sala, fechando a porta ao passar, me deixando no lado de fora ainda mais irritado. Custava ela dizer “De nada” ou sorrir para mim? Eu queria ver o seu sorriso. Ver que tudo estava bem. Mas é claro que não está. Eu não estou bem. E a culpe é dela. *Que droga!* Será que passarei o semestre assim, rebatendo esse sentimento ruim dentro de mim enquanto tento conquistar a amizade da srta. Johnson? Eu não posso mais negar que ela é diferente dos outros alunos. Com ela, talvez, eu consiga ser quase eu mesmo. Quer dizer, o que eu era antes de ser esse homem, rude e infeliz.

Balanço a cabeça e volto a passos rápidos para a sala. Abro e fecho a porta ao passar. Vejo que os alunos já terminaram a tarefa, pois conversam na minha ausência. Peço que me repassem os textos, e aos poucos os vou recebendo. Percebo que a srta. Johnson tenta me evitar, entregando o seu texto por intermédio de um colega. *Se ela pretende me ignorar, ótimo!* Isso diminui o meu trabalho, no entanto aumenta a angústia que estou sentindo desde o momento que ela botou os pés dentro da sala. E que aumentou ainda mais quando ela intercedeu por mim enquanto eu estava com a sra. Carter.

Pensar nesse demônio de saia me fez lembrar que conversamos a respeito de minha pesquisa, e a necessidade que estou de um aluno inteligente e capaz para fazer parte dela. Eu bem que gostaria de colocar a srta. Johnson, pois seria a oportunidade ideal para se estar perto dela e fazê-la me olhar, aturar ainda mais a minha presença e o meu domínio. Infelizmente, não posso submeter minha pesquisa a esse tipo de capricho, a menos que ela faça por merecer. Ela me parece ser muito inteligente, não só pela sua maneira atrevida de me abortar, mas porque também me parece ser uma garota bastante ingênua. Eu vou falar sobre a pesquisa e

esperar que os alunos se inscrevam. Inclusive, ela. E que esteja à altura de ser a escolhida.

Olho para os meus alunos e vejo que eles estão me encarando. Percebo que estou sorrindo, e fico feliz em ver que o meu sorriso os assusta. Eu olho para ela, mas a srta. Johnson parece estar mais interessada na sua caneta, a girando entre os dedos. *Okay!* Ela continua me ignorando. *Eu sou o professor aqui, sabia?* Vamos ver até quando ela permanecerá assim. Retorno a minha mesa, guardo os textos em minha pasta e colocando as mãos nos bolsos de minha calça, encaro os alunos e começo realmente a minha aula:

“Vocês, enquanto estudantes das artes plásticas, entendem que a arte em si pode ser uma forma de expressão.” Eu me sinto no domínio falando sobre o que entendo e gosto. “Na verdade, a arte não deixa de ser outra coisa senão uma forma de nos expressarmos. Por meio dela, expressamos nossas ideias, emoções ou as diversas formas que vemos o mundo. Em outras palavras, arte é vida.”

As minhas palavras têm efeito sobre a turma. Todos estão verdadeiramente atentos, e espero que continuem assim quando adentrarmos nos próprios objetivos que regem a disciplina. Estou feliz, e muito mais ao notar que tomei a atenção da jovem srta. Johnson. Se não estiver enganado, ela parece empolgada com a perspectiva do que a espera nesse curso. *Ah, minha querida, você não tem ideia do que sou capaz de fazer através da arte. Como eu gostaria de lhe mostrar... Não! Eu quero que você faça parte de minha arte. Oh, srta. Johnson, o seu jeito me inspira.* Depois de muito tempo, eu tenho uma vontade imensa de expressar minhas emoções na arte, em minhas telas brancas, que nesse momento se encontram no meu ateliê. Me sentindo bem comigo mesmo e, principalmente, a fim de ver a srta. Johnson ainda mais encantada, dou continuidade a minha fala:

“Arte,” destaco a palavra a escrevendo no quadro, ficando assim de costas para os alunos. “Do latim *ars*, que significa...”

“Técnica.” Ela complementa.

Estou de costas, e ela não pode ver o sorriso que se forma em meus lábios. Como eu pensei, a srta. Johnson é bastante inteligente,

o suficiente para me tomar a palavra. Penso que chegou a hora de confrontá-la, e enfrentar a todos. Quero ver do que ela é capaz.

“Isso mesmo, srta. Johnson,” concordo. Ainda de costas, continuo: “E poderia me dizer outro significado que podemos dar a esse termo em latim?”

“Habilidade, senhor.”

“Perfeitamente.”

Me desfazendo do sorriso, me viro para encará-la de forma séria, entretanto minha expressão não a assusta, pelo contrário, ela está sorrindo. *Jesus! Ela está sorrindo para mim, e isso me tira o controle.* Esqueci completamente o que ia dizer. Maldita, srta. Johnson, ela é capaz de confundi os meus pensamentos, a parte lógica e ativa do meu cérebro apenas com um sorriso. Eu simplesmente preciso improvisar, e como eu a quero falando faço desse momento a oportunidade ideal.

“Vejo que a senhorita tem algum conhecimento sobre o assunto.” Meus lábios sobem imperceptivelmente para um sorriso. “Por favor, diga-me a definição concludente de arte.”

“Senhor, acredito que todos aqui são suficientemente capazes de lhe dar essa resposta...”

“Está fugindo da pergunta, srta. Johnson?” interrompo-a, decepcionado. *Ora, achei que ela fosse capaz de responder a essa simples questão.*

“Não, sr. Duran. Quero dizer apenas que não tenho conhecimento a mais do que ninguém aqui. Todos são...”

“Menos, srta. Johnson. A resposta, por favor.”

“Claro, senhor.” Vejo que ela ficou incomodada com o meu posicionamento, mas me ignora e se coloca ereta em sua cadeira, se preparando para me dar a sua resposta. *O que já não era sem tempo.* “Sr. Duran, o senhor deve concordar, enquanto estudioso da área, que arte nada mais é do que uma atividade humana, a qual está ligada as diversas formas de manifestações, sejam elas de ordem estética ou comunicativa<sup>[5]</sup>. E que essas manifestações se dão por meio de algumas variedades de linguagem, como pintura, a

escrita, a escultura, entre outras. Isso, nas mais variadas combinações.[\[6\]](#)”

“Perfeitamente, Srta. Johnson.”

*Eu a quero na minha pesquisa!* Certo que o que ela disse qualquer outro aluno poderia dizer, ou até mesmo encontrar numa rápida pesquisa na *internet*, mas é o jeito como ela fala de tudo isso que mexe comigo. A srta. Johnson não está me bajulando ou se expondo para os seus colegas, pelo contrário, ela diz tudo isso, age de tal maneira, porque realmente gosta do que estuda. Assim como eu, ela sente prazer na arte.

*Está decido!* Eu a colocarei em meu projeto. Abrirei uma seleção, de fachada, e se ela se inscrever, será ela a escolhida.

Eu sei que isso não é a atitude certa de um professor. Visto dessa maneira é quase como se eu a estivesse obrigando a trabalhar comigo. *E eu estou mesmo!* A srta. Johnson entrou na minha sala roubando a minha completa atenção. Em menos de algumas horas, eu já não conseguia deixar de ouvi-la ou dizer o seu nome. Seu jeito me atrai de uma forma perigosa, e eu vejo que eu também, de alguma maneira, a perturbo. Quero saber o que se passa em sua cabeça a meu respeito, mas mais do que isso, eu quero conversar mais com ela. Suas palavras me prendem, e eu acredito que ela tem muito a me dizer sobre arte, assim como eu também tenho muito a ensiná-la. E até mais do que ela pensa. *Okay, srta. Johnson, você me ganhou!*

“Mas eu tenho mais a acrescentar, *senhor,*” diz ela, interrompendo os meus pensamentos e os trazendo de volta para o presente.

“Tem?” pergunto, surpreso. “Por favor, diga.”

“O senhor me pediu uma definição para arte, e eu dei assim como alguns especialistas diriam. Entretanto, eu tenho uma opinião própria a esse respeito.”

“Então compartilhe-a conosco, senhorita.”

Eu nunca fui de permitir que os meus alunos expressassem suas opiniões em minhas aulas, mesmo eu sendo um professor de artes e defensor de toda e de qualquer tipo de expressão. Na

verdade, não permito meus alunos de expressá-las verbalmente, mas as minhas provas são bastante subjetivas. O que eu gosto mesmo é de ler as opiniões, não de escutá-las. Na sala, eu gosto de falar, e apenas eu devo fazer isso. Entretanto, agora, eu quero muito que a srta. Johnson dê a sua opinião. Isso é mais uma oportunidade de vê-la falar sem medo, com paixão em seus olhos e de aumentar a excitação profissional que estou sentindo.

“Para mim, sr. Duran, arte não tem... bem, uma definição. Posso até dizer o que ela é ou o que significa, mas tudo vai muito além.” Seu sorriso é enorme e contagiante. Tudo que eu quero é vê-la sorrir mais e mais. “Todo esse problema de definição do que seja *arte* se deve ao fato que a sua definição varia com o tempo e com as diversas culturas humanas espalhadas pelo mundo.<sup>[7]</sup>”

“Então, o que a senhorita acha que devemos ter em mente?” pergunto, incentivando-a a falar mais. Eu vejo que tudo é muito fascinante para ela, assim como é excitante ver a sua empolgação.

“Sr. Duran, eu acredito que devemos ter em mente que a definição de arte nada mais é que uma construção cultural variável, ou seja, está sempre em constante mudança.<sup>7</sup>”

Ela deixa de me encarar e olha para os seus colegas, que estão absolvendo tudo que a srta. Johnson diz com a maior graça, beleza e inteligência. Ela os observa com igual empolgação. *Ora. Srta. Johnson, eu não a quero sorrindo para os outros e sim para mim. Olhe para mim!*

E como se escutasse os meus pensamentos, ela me olha atenta. Então sorri, e continua com suas palavras:

“Vejam só. Numa mesma época ou quem sabe numa mesma cultura, pode haver diversos significados do que seja arte.” Ela olha ao seu redor, antes de se voltar para mim. Eu gosto bastante dela me olhando. Quer dizer, me encarando. “É preciso lembrar também que o que chamamos de arte hoje pode não ser considerado arte por outras culturas ou outros tempos, ou vice-versa. Coisas produzidas em outros lugares, com culturas diferentes da nossa, podem não ser reconhecidas por nós como tal.<sup>7</sup> É nisso que eu acredito, prof. Duran.”

*Sr. Duran!* Quando ela vai aprender? Entretanto, não me sinto incomodado. Eu acho que aceitaria ela me chamando apenas de Sérgio. Como seria meu nome dito entre os seus lábios, pronunciado de maneira suave? Eu quero a srta. Johnson pronunciando o meu nome com desejo. *Merda! Eu não posso querer isso.* Ela é minha aluna. Uma aluna muito inteligente.

O que a srta. Johnson disse é a mais pura verdade. A arte não pode ser definida apenas como algo próprio e inacabado. Assim como a língua, a arte está sempre em constante mudança, se adaptando ao meio. E eu acrescento:

“Além disso, devemos considerar que mesmo que uma determinada atividade seja considerada como arte, existe uma subjetividade e muita inconsistência no uso desse termo.<sup>7</sup> Não acha, srta. Johnson?”

“Claro, senhor.” *Jesus, ela está sorrindo para mim!* Esse pequeno gesto provoca um arrepio um pouco abaixo de meu abdômen. O meu corpo a está respondendo. “Um exemplo a esse respeito é o habito do povo ocidental. Eles costumam chamar o canto da ópera de arte, no entanto quando cantamos sem preocupação, no trabalho, na rua, na escola ou até mesmo no chuveiro,” risos da turma, “isso não é visto como arte. Deve haver, acho, alguma serie de parâmetros para essas diferenças culturais separarem o que é ou não arte.”

“Mas mesmo que tais parâmetros existam, srta. Johnson, e que eles sejam válidos,” eu a encaro, e existe um pequeno sorriso em meus lábios, “seria muito complexa e inconsistente a análise feita em cada caso.”

Mesmo não querendo tirar os meus olhos de minha aluna inteligente, me vejo obrigado a olhar para o relógio no meu pulso, e constato que tenho só mais alguns minutos de aula. Isso era ótimo em outros tempos, hoje é uma péssima notícia. Eu quero dialogar mais com a srta. Johnson... Quer dizer, com a turma. Claro, a jovem aluna é instigadora, me faz perder a cabeça, e querer olhar e conversar apenas com *ela*. Mas isso pode ser arranjado, uma vez que tenho algo a lhe oferecer, indiretamente.

“Bom, turma, o tempo está acabando. Mas antes de encerrar essa aula, gostaria de dar um aviso muito importante.” Como eu não estou sorrindo, os alunos atendem para o aviso. “Acredito que seja do interesse de muitos aqui presente fazer parte de alguma das pesquisas existentes na universidade, ou não?”

Em outra sala, com outro professor, os alunos responderiam com gritos, muitas perguntas e, até, algumas reclamações. No entanto, eu sou um professor diferente e os meus alunos sabem disso, respondendo a minha pergunta com acenos positivos de cabeça. É assim que se faz. Isso é controle! *Aprendam colegas de profissão.*

“Pois bem, não sei se alguns de vocês sabem, se sim, me permitam dizer a quem desconhece.” Eu me volto para a minha mesa e pego alguns dos papéis que havia alinhado no início da aula, os repassando para os alunos. “Além de professor de História da Arte, eu tenho um ateliê aqui na universidade, e nele, além de praticar a minha arte, desenvolvo uma pesquisa, que como vocês podem ver nos papéis que têm em mãos é intitulada *Na intimidade do artista: o erotismo na pintura através dos tempos*. Não vou explicar do que se trata, pois está tudo aí. É só ler. A última folha é uma ficha de inscrição para bolsista.” Olhando, especificadamente, para a srta. Johnson, continuo: “Quem estiver interessado a se juntar a mim, por favor, preencher essa ficha e entregá-la no departamento do curso. Não se inscrevam levianamente, pois eu não escolho qualquer pessoa. Escolho o melhor. Estão dispensados.”

Eu dou a volta na mesa para arrumar as minhas coisas. Escuto o cochicho dos alunos sobre a pesquisa e do interesse em se inscreverem. No entanto, eu quero saber se *ela* vai se inscrever, e olhando para a sala vejo que a srta. Johnson está de saída. Para a minha imensa alegria, ela está segurando os papéis que os entreguei e os lendo atentamente. Eu olho para ela com expectativa, esperando que entenda a proposta da pesquisa e se candidate.

A minha vontade agora é de chamá-la. Explicar eu mesmo tudo que ali está escrito, fazendo-a entender e convencendo-a a fazer parte. Mas eu não posso, droga! Não posso demonstrar favoritismo na frente dos demais alunos. Só me resta, nesse



momento, torcer e esperar para encontrar a ficha dela entre as muitas insignificantes que receberei. E ela será a minha escolhida. Eu quero a srta. Johnson como a minha orientanda. Muito tenho a lhe ensinar, e sei que muito tenho a aprender com ela, pois de alguma forma ela me completa, enquanto profissional e, depois do que senti há algumas horas, enquanto homem também.

# *Amarelo*

Esse foi um longo dia. Estou tão cansado que mal consigo abrir o pequeno portão de ferro, que leva a entrada de minha casa. Caminho lentamente, paro no batente e procuro a chave em meu bolso, inserindo-a na porta vermelha e abrindo-a para inspirar o meu próprio cheiro impregnado nas paredes de meu lar.

Eu moro há alguns anos, talvez quatro ou cinco, na *Juer Street*, em um imóvel que pertenceu a *Battersea Park*<sup>[8]</sup>. É uma casa pequena, de primeiro andar, que ocupa uma área de 70 m<sup>2</sup>. Na época adquiri o imóvel por £650,000, e hoje não me arrependo do investimento. Não é uma casa de luxo como a de alguns colegas, ou da sra. Carter, mas é a minha casa, meu lar, e ela é perfeita para mim.

A *Juer Street* é uma rua tipicamente londrina. Há vários imóveis iguais, com suas fachadas ora em tijolinhos marrons, ora branco, com suas portas e janelas pretas, brancas e, no meu caso, vermelhas. A minha casa é toda em tijolinhos marrons avermelhados, com detalhes ornamentados em branco. Se ela falasse, acho que haveria muita história para contar, assim como toda a Londres.

Ao jogar a pasta em cima do sofá cinza de minha sala, encontro a casa exatamente como a deixei ao sair de manhã mais cedo. Limpa no andar de baixo e bagunçada no andar de cima. Caminho para a cozinha e me sirvo de um generoso copo d'água. Minha garganta está seca e eu nem sei o porquê. Na verdade, eu sei. Eu estou nervoso. Estou próximo da bancada da cozinha temendo em abrir minha pasta para olhar os nomes dos alunos que se inscreveram na minha pesquisa. Espero desesperadamente que *ela* tenha se candidatado.

Não tenho coragem, e por isso prefiro adiar o que me tortura. Subo as escadas e me dirijo para o meu quarto, me jogando na cama com roupa e sapatos. Os lençóis estão como os deixei, jogados de lado, e os vendo assim a imagem é tão convidativa e, ao mesmo tempo, erótica. Até parece que eu tive uma noite de sexo

selvagem com alguma bela mulher. Oh, srta. Johnson, como eu a queria enrolada nestes lençóis, com seu cabelo jogado sobre os meus travesseiros, sob a luz do sol entrando pela pequena janela, ou pela luz bruxuleante que imanaria da lareira do quarto acesa.

*Jesus, no que estou pensando?!* Esfrego minhas mãos sobre o rosto, tentando esquecer as imagens que a minha mente faz questão de projetar. Realmente a srta. Johnson está acabando comigo, e ela nem tem ideia disso. *Ou tem?* Eu preciso fazer alguma coisa para acabar com essa angústia. Como isso foi acontecer? Hoje mesmo acordei como todos os outros dias, se sentindo um homem sem vida, infeliz. Agora, na mesma cama em que tive tais pensamentos negativos, me vejo pensando em uma de minhas alunas.

“Chega, Sérgio!” digo a mim mesmo. “Você sabe que algo assim não pode lhe acontecer de novo. Lembre-se do que aconteceu com Monalisa.”

A única maneira de amenizar o que se passa é parando de adiar o inevitável. Preciso ver se a srta. Johnson se inscreveu ou não na pesquisa. Me levanto da cama determinado e desço as escadas, indo diretamente para o sofá cinza. Sento nele e olho para a pasta ao lado. Ela parece estar pegando fogo ou guarda algo perigoso em seu interior, uma vez que não consigo pegá-la.

Olho ao redor e vejo o meu reflexo no espelho acima da lareira de mármore ornamentado, e que nesse momento se encontra apagada. Meu rosto está tão branco quanto as paredes da casa, e o cinza esverdeado de meus olhos... O que é isso? Medo? Eu não posso estar com medo. Mas é isso que eu vejo no meu olhar. Volto para a pasta e a pego, segurando apertada em minhas mãos. Estou tão nervoso em olhar as fichas quanto eu estava ao recebê-las nessa tarde, no meu ateliê. As recebi, coloquei-as na bolsa e sair rapidamente da universidade, a fim de averiguar o que eu tanto quero que seja verdade no calor de minha casa.

Agora estou nela e não tenho coragem de abrir e olhar os papeis. Senhor, se o nome dela não estiver aqui? Se ela não se inscreveu? Não importa! Eu darei um jeito dela se candidatar, nem que eu mesmo tenha que pedi-la para fazer tal coisa.

Mas eu não posso, droga! Se eu tenho a carreira de agora; um emprego numa boa universidade e sou admirado pelo meu trabalho é porque sempre fiz a coisa certa. Passei por cima de muitas de minhas próprias vontades para conseguir o que tenho. Simplesmente não posso me dar ao luxo de obrigar a srta. Johnson a isso. Eu não posso negar que quero estar mais perto dela, mas terei que encontrar outra maneira. Está decidido!

Abro a pasta e retiro as fichas. Estou surpreso pela quantidade de inscritos. Pelo número, parece que todos os alunos se candidataram para a vaga de bolsista. Mesmo não querendo, eu passo rapidamente por cada folha a procura do sobrenome Johnson.

Já estou quase tendo uma crise de raiva, quando chego nas últimas folhas e não a vejo. Falta uma agora e é nela que me concentro. Ao ver o nome que está escrito, sorrio como um tonto. Sim! A srta. Johnson se candidatou para ser a minha orientanda. Não estou acreditando! Se eu estiver certo, pela sequência de nomes, sem qualquer ordem, posso deduzir que ela foi a primeira a entregar. Quer dizer, ela aceitou a pesquisa, e eu estou eufórico. Meu Deus, o que eu faço agora?

Ignoro os demais e me concentro nos dados da srta. Johnson. Estou tão sem fé, que caminho de um lado para o outro pelo piso de madeira de minha sala. Me sento de imediato na poltrona marrom ao lado da lareira ao constatar uma nova informação. No item *name*, eu vejo que a srta. Johnson se chama Elizabeth. *Elizabeth...* Agora posso chamá-la em minha mente pelo seu primeiro nome. Com isso, sinto-me mais íntimo dela. Poderei chamá-la, quando estivermos a sós, de Elizabeth. Cristo! O nome dela se molda em meus lábios, e com isso me sinto ainda mais atraído. Mas eu não posso pensar assim. Preciso pensar na minha pesquisa e se ela realmente é apta para a tarefa. No meu íntimo, imploro para ela ter as características necessárias, por mais mínimas que sejam.

E mais uma vez estou surpreso. Elizabeth não é inglesa, muito menos americana. Ela é brasileira! Estou vendo *Brazil* em sua ficha como país de origem. E não é só isso, vejo que ela começou os estudos também na FAAP, como Monalisa e eu. Deus, não pode ser coincidência. Pode? Aqui estou eu tentando não imaginá-la e de

repente descubro que temos mais coisas em comum do que era possível imaginar.

Quanto mais olho o seu currículo estudantil, mais percebo que o destino quer nos unir. Ela fez cursos de arte em algumas instituições pagas no Brasil. Não, nenhuma é universidade. São algumas espécies de cursinhos de poucos meses de duração, mas suficientes para formar o caráter artístico e refinado que eu conheci hoje da srta... De Elizabeth. Agora mais do que nunca vejo que ela está apta para ser minha bolsista, e isso é incrível! Eu sei que preciso ver as outras fichas, pois jurei para mim mesmo que faria isso, mas tenho certeza que não encontrarei outra pessoa tão qualificada quanto ela.

*Elizabeth.* Não consigo deixar de pensar em seu nome. É até irônico aqui, em Londres, quando se pensa que a rainha também se chama assim. Só que mais irônico é o quanto somos parecidos. Eu tenho que tê-la em minha pesquisa, conversar com ela e conhecê-la melhor. Muito melhor.

“Elizabeth,” sorrio ao pronunciar seu nome. “O que vou fazer com você? Será que você pensa em mim, assim como eu penso tanto em você?”

Olho para a ficha e penso que sim. Elizabeth também ficou mexida comigo. *E agora, o que irei fazer?* Eu vou aceitá-la, não só porque a quero perto de mim, mas porque qualquer outro professor acharia o mesmo ao ver tal currículo. Okay, esses professores avaliariam os outros alunos, e agora me vejo obrigado a deixar Elizabeth de lado e ler as conquistas dos demais.

Como eu esperava, não vejo nada de relevante nos outros alunos. Estou segurando e comparando algumas fichas e, felizmente, eles não estão à altura da pesquisa. Nenhum chega aos pés de Elizabeth. *Eu disse, ora!* Ela é única. Segurando algumas folhas, olho para a poltrona ao lado e observo a ficha dela repousada, me encarando e dizendo “Venha. Veja-me de novo. Eu sou perfeita. Largue-os, eu sou a sua escolhida”. E eu realmente não resisto. Largo aos meus pés as outras fichas e agarro a de Elizabeth desesperado. Nesse momento é esse simples papel que me une a ela. Este pedaço de papel é a garantia de que Elizabeth tão logo

estará a sós comigo, seja no meu ateliê ou aqui, na minha casa. Temos muito para conversar. Do que ela gosta de fazer? Por que decidiu estudar artes? Por que deixou o Brasil para morar e estudar em Londres? Como eu disse, ela tem muito para me contar.

Olho novamente sua ficha e noto algo que não tinha reparado antes. Uma das perguntas que eu coloquei era "O que você espera do futuro?" e ela respondeu de uma forma que me deixou, de início, espantado, mas agora estou sorrindo com as suas palavras. *Deus, ela é tão simples.* Assim como eu, ela não pensa no que a arte pode lhe proporcionar financeiramente, mas que a arte em si já é o seu maior presente. Elizabeth respondeu:

*O que eu espero do futuro? Eu não sei. Eu sei o que espero de mim. Quero fazer esse curso, adquirir muito do conhecimento dos professores e assim que tudo isso chegar ao fim, conseguir um emprego na área. Não quero ser uma artista. Eu quero descobrir artistas. Quero descobrir artes. Por enquanto, quero ser curadora de algum museu de artes de Londres. Quanto ao futuro? Quando eu chegar lá, eu irei saber.*

Me diga, Deus, como eu posso não me encantar com essas palavras? Elizabeth não se deu ao trabalho de escrever um monte de sonhos, que talvez fossem impossíveis de se realizarem. Ela escreveu o maior desejo de seu coração. Continuar com a arte. Seguir sua vida a procura de novos artistas. Sabe quantos alunos querem ser curadores? Poucos! Os alunos querem ser os próprios artistas, e esquecem eles que a maior celebridade é a própria arte. O prazer de quem escolhe esse caminho é a própria arte. E Elizabeth sabe disso. *Porra! Ela simplesmente não existe.*

Estou sentado no chão de minha sala, segurando a ficha de Elizabeth numa mão e uma taça de vinho na outra. Ora, isso parece engraçado. Posso pensar por um momento que estou com Elizabeth, sentado em frente à minha lareira, vendo a madeira queimar enquanto nossos corpos se esquentam com a proximidade um do outro e do vinho que estaríamos bebendo juntos. Mas que droga!

Com esse simples pensamento meu corpo vibra interiormente, enquanto uma parte dele desperta de tamanha excitação. Oh, Elizabeth, por que você faz isso comigo? Por que veio para Londres? Por que se inscreveu? Eu sei o que eu queria... Que eu quero. Mas eu não posso, porra! Simplesmente, não posso.

Me levanto do chão e caminho para a escada, subindo até o meu quarto. Nele, eu deixo a folha de inscrição de Elizabeth sobre a minha cama e a taça de vinho na mesinha de cabeceira. Sem deixar de olhar para o papel, retiro o meu *blazer* e coloco-o na cadeira ao lado. Retiro a gravata vermelha e a jogo na cama, ao lado do papel. Sem quebrar a hipnotização, que essa simples folha faz comigo, desabotoo cada botão de minha camisa, lentamente, e quando termino passo para as abotoaduras, me livrando do tecido. Depois de colocar a camisa sobre a cadeira, agora me vejo segurando o feixe de meu sinto. Ele sai rapidamente e fácil, em um único puxão. Resta a calça e os sapatos. Trago a cadeira para próximo da cama e me sento, agachando para tirar os sapatos pretos lustrosos. Também retiro as meias, e sem cerimônia jogo-as sobre o chão do quarto, ao lado da cama. Olho ao redor e vejo uma cena erótica, a qual está faltando duas coisas: me livrar de minha calça e de uma mulher para saciar o meu desejo; toda a excitação que tenho segurado durante o dia. Mas nesse momento só uma mulher seria capaz de tanto. A mesma mulher que me roubou a atenção e que me interrompeu de maneira imprudente, não uma, mas várias vezes. Ela me deixou assim, sem condição de pensar e completamente perdido dentro de mim mesmo. Eu estou olhando para ela. Está na minha cama. Na verdade, estou vendo o seu nome sobre a cama. *Deus, Elizabeth!* Era para eu estar tirando a roupa para você e não para esse papel inútil. Mas, por enquanto, ele é a ponte que me liga a você. Meus dedos estão sobre o botão de minha calça, a desabotoando. De pé, lentamente a retiro, ficando apenas de cueca box. Pelo tecido branco é visível a minha excitação. *Que merda, Elizabeth!* Eu queria que você visse como eu fico ao pensar em você.

Deixo o papel de lado e me viro para o banheiro. Ao entrar nele, não fecho a porta. Ora, não há necessidade. Estou sozinho,

com os meus pensamentos e essa vontade de tê-la que não me abandona.

Não quero banho de banheira. Entro no box, não antes de tirar a cueca liberando o meu membro excitado. O que eu preciso é de um banho gelado para esfriar essa dor latejante. Claro que não é uma dor ruim, é boa. Para o homem não há dor melhor do mundo do que a da animação de seu próprio corpo. Sob o chuveiro, deixo a água me percorrer, e eu fico parado, sem mexer um músculo. Não posso me tocar. Isso é uma péssima ideia. Eu não quero dar ao meu corpo mais do que ele pode suportar no momento. Também não quero ter tal prazer imaginando Elizabeth. Não é direito. Não é certo. Então deixo que a água faça o trabalho sozinha.

Saio do banheiro e não sei quanto tempo passei debaixo d'água. Sei que fiquei tempo suficiente, pois agora meu membro se encontra em repouso. Pego uma toalha limpa na cômoda e me enxugo com ela, enquanto encaro a minha imagem no espelho acima da lareira.

Eu não sou um homem feio, mas também não sou nenhum galã. Meu rosto é meio redondo, afinando para o queixo. Meu nariz é reto e minha boca é como outra qualquer, a única diferença é o meu sorriso, que quando verdadeiro o lado esquerdo sob mais que o direito. Monalisa dizia que eu tenho um sorriso sexy. Sorrio ao lembrar do comentário, e vejo no reflexo o que ela queria dizer com "sorrisinho torto". Os meus olhos são de um cinza esverdeado. Eu sempre achei que eles eram cinza, mas um dia, deitado na cama com Monalisa, ela disse que eles eram cinza esverdeado. Nunca vi esse tipo de cor, porém como ela gostava, eu passei a dizer que assim eles são.

Deixo a toalha de lado e tenho a visão do meu corpo nu. Meus ombros são largos, com braços fortes. Não, eu não sou musculoso. Eu apenas tenho massa muscular, adquirida com uma boa alimentação, uma caminhada e algumas flexões. Meu tronco também não é malhado. Não tenho músculos de atletas, tipo definido. Os traços do meu corpo são simples, mas modesta a parte não é tão ruim. Monalisa costumava brincar que não dava para lavar roupas no meu tanquinho, talvez algumas calcinhas. Estou sorrindo



novamente. Ela me conhecia como ninguém e sabia dizer a coisa certa na hora certa, apesar de ser direta algumas vezes.

Monalisa e Elizabeth, duas mulheres completamente diferentes. Enquanto uma não tinha medo de dizer o que pensava, agindo muitas vezes sem pensar e fazendo mais por si mesma do que pelos outros, a outra é ingênua e inteligente. Elizabeth fala quando acha que deve falar, principalmente se for a respeito de seus estudos, e quando o faz não é pensando apenas em si, mas nos outros também. Tem uma necessidade de compartilhar o que sabe com o próximo. Mas ambas têm algo em comum. As duas mexeram com a minha cabeça e fizeram do meu corpo a parte pensante. Infelizmente, isso me fez sofrer por longos anos, e agora não quero que a história se repita.

Me deito pelado na cama e trago os lençóis para cima de meu corpo. Junto com eles, também me envolvo com a folha de papel, que nessa manhã entreguei a Elizabeth na esperança que ela preenchesse para se tornar a minha bolsista. Agora que tenho o que queria, tenho medo do que quero mais. Olho outra vez para o papel e penso que fiz a escolha certa, afinal de todos os currículos que li, o de Elizabeth é, de longe, o melhor. Ela é a melhor. E eu quero o melhor. Eu a quero para mim.

\*\*\*

Onde eu estou? Esse lugar é diferente de todos os outros que eu já estive. Na verdade, eu só estive em um único lugar, o vazio. Eu sei que estou sonhando, mas este sonho é completamente diferente do que venho tendo há algumas semanas. Neste, existe luz, e não é escuro e sombrio como o outro.

Eu estou sentado. Estou em um banco de madeira de pernas longas. Eu sei que banco é este, é o mesmo que eu uso no meu ateliê quando estou pintando. Quer dizer, quando estou tentando pintar. Há anos não tenho a inspiração certa e os meus quadros continuam tão brancos quanto quando eu os comprei.

E ao pensar nos quadros, eis que me aparece uma tela sobre um cavalete. Ao seu lado, uma paleta com pinceis, tintas e um copo com água. Com isso, eu não vejo o que posso fazer se não pintar. Pego a paleta, coloco algumas tintas sobre ela e depois pego o pincel. Ao fazer esse movimento, não sei bem o que devo pintar, mas sinto que quando eu começar saberei o que fazer em seguida. Levo o pincel a tinta e daí para a tela em branco. Com a primeira pincelada tenho uma grande surpresa.

O vermelho que coloquei sobre a tela também apareceu ao meu redor, como se o branco que me cerca fosse um reflexo do próprio quadro. Molho o pincel na água e o percorro pelo vermelho da tela, fazendo a tinta escorrer. Assim como a tinta escorre pelo quadro em branco, o vermelho ao meu redor imita o movimento. Acho isso o máximo e continuo a pintar. Cores sobre cores, água, mais cores e pinceladas fortes. Eu sei o que estou fazendo. Não estou apenas pintando, estou pintando como sempre pinte; com vontade. E de repente, tenho uma inspiração em mente e começo a transformar os borrões de cores em formas, numa bela aquarela, que há muito eu não pinto.

Tudo que faço na tela se repete à minha volta em milhares de lugares. Estou cercado pela minha própria arte, e eu acho isso bastante prazeroso. Sei que é um sonho, por isso quero que não acabe. Há muito esperei por essa empolgação, e se só vou tê-la quando estiver dormindo, por favor, eu não quero acordar.

Meu quadro está quase pronto. Estou feliz com o resultado. Algumas pinceladas finais e... Terminei! Me afasto e encaro o meu trabalho, mas... Não! Eu já pinte esse quadro antes. Não tem nada de novo nele. Entretanto, eu sei que pinte cada traço, escolhi cada cor e não era para ser esse o resultado final. Estou olhando para Monalisa. Não para a Mona Lisa de Da Vinci, mas para a *minha* Monalisa.

No dia que ela morreu, eu estava pintando um quadro em aquarela para te dar de presente, como pedido de desculpas de nossa discussão. Na tela, eu pinte o seu rosto; o seu belo e inesquecível rosto. É para esse mesmo quadro que agora estou olhando, sem entender como isso foi acontecer. E isso é o de menos,

pois existem milhões desse me encarando ao meu redor. Eu não gosto disso! Estou triste, porque esse não fora o quadro que pinte. *Não foi!* Deve ser a tinta. *Isso!* O problema está na tinta. Olho os tubos e não vejo nada de diferente. Que droga! Eu não quero ver esse quadro. *Me deixe em paz!* O sorriso de Monalisa está maior, mas sua expressão é triste, e eu não quero ver mais!

Olho à minha volta e reparo no copo d'água suja, onde eu mergulhei o pincel enquanto pintava. Pego o copo e sem cerimônia, com muita raiva, jogo o líquido sobre a tela a fim de vê-la desmanchar. Eu quero que desapareça. Mas então, vejo que não é água que tem no copo, é tinta preta, e a tela se transforma em um completo painel negro. *Como?* Eu vi, e tenho certeza que era água. Mas do que adianta, tudo agora está sombrio. Inclusive, onde estou.

Está ficando escuro ao meu redor. Tudo está ficando negro, e eu não sei o porquê. *Claro que sei!* O quadro. Onde eu estou é o reflexo da tela de pintura, e agora que ela está ficando preta, eu estou sendo mergulhado na completa escuridão. Eu estou voltando para o vazio, para onde estive sonhando durante dias. A infelicidade toma conta de mim.

Eu estou com medo. Eu estou sozinho.

A tinta preta chega ao final da tela e a escuridão se completa. No entanto, vejo no escuro que a tinta continua a escorrer, mas como se estivesse saindo da própria tela. De cima para baixo, o quadro começa a ficar branco novamente. Ainda há esperança para mim.

Admirado, observo o negro escorrer pelas bordas como a sombra fugindo da luz, e eu vejo muito mais também. O quadro não está completamente branco, há uma pintura em aquarela nele. Uma pintura pintada por mim, pois eu conheço o meu trabalho. Apenas eu pinto de tal maneira, misturando o suave ao selvagem, mas eu não conheço o desenho que começa a aparecer. Tem uma cabeça. Eu temo que seja a pintura de Monalisa, e não suportaria vê-la novamente, não dessa forma. Isso me perturba, droga! Eu me sinto culpado vendo tal pintura.

Agora vejo que o cabelo é diferente. Tem pequenas ondulações, e apesar da mistura de cores sei que é um castanho

com tons avermelhados. Eu não posso acreditar. *Será?* Não pisco os olhos em nenhum momento, ansioso por ver a pintura que se esconde no negro da tela, o expulsando como um anjo a banir um demônio. Os olhos aparecem e eu fico sem ar. Eles são verdes. Eu conheço esses olhos. Eles são inconfundíveis. Vejo no verde a ingenuidade, mas também a inteligência do ser. Não precisa de muito mais. Eu sei quem é o anjo da tela, só não consigo acreditar e entender o porquê.

A tinta negra se foi completamente. Não há mais escuridão. Está tudo claro, cheio de luz, e diferente de antes, o quadro não se multiplicou a minha volta. Só existe uma pintura, um único rosto, e ele está na tela que agora encaro fascinado, assim como encaro a musa inspiradora. Estou imensamente feliz. Meu coração bate muito rápido de tamanha felicidade. Estou começando a ficar sem ar à medida que não tiro os olhos dela. E é ela que eu vejo. Ela, que passou a tirar o meu ar e a confundi os meus pensamentos. Eu estou encarando o rosto de Elizabeth.

# Verde

Abro os olhos e a claridade repentina me cega. Há luz entrando pela pequena janela do meu quarto. Olho para o lado e vejo que faltam quinze minutos para o despertador alarmar. Fico deitado na cama e olho para o teto. O branco do forro me faz lembrar do branco do meu sonho. Esse foi muito diferente. Completamente oposto aos anteriores, e não só isso. Dessa vez teve cores, muitas, e algumas delas se transformaram em quem menos eu esperava.

Lembro que antes de abrir os olhos, eu estava encarando a face de Elizabeth. Seu belo rosto estava em uma tela, pintada em cores vivas e frias, com toques suaves e também selvagens. A aquarela fora pintada por mim. Eu sei que foi, pois era a minha técnica. Entretanto, eu nunca a pintei. Nem passou pela minha cabeça pintá-la. Okay, talvez eu tenha pensado que ela poderia vir a ser a minha musa inspiradora, mas pintá-la? Não. Então, como ela foi parar no meu sonho e por quê?

Sinto que tem algo me espetando o braço, e vejo que é a ficha de Elizabeth. Agora me lembro, eu adormeci enquanto segurava esta folha e lia e relia todas as informações nela contida. Hoje, agora, conheço Elizabeth mais do que ela pensa. E não acabou por aqui, pois eu a quero conhecer muito mais. Eu preciso que ela saiba o quanto antes que é a minha escolhida.

O despertador agora toca, acordando quem já está acordado, mas que continua sonhando de olhos abertos. Desligo o barulho irritante, ao mesmo tempo que saio da cama e me dirijo para o banheiro. Hoje tenho tempo para um bom e demorado banho. É estranho, mas estou feliz. Enquanto me olho no espelho sobre a pia, vejo que há vida em meu rosto. Um ar de felicidade que há muito eu não vejo em mim mesmo.

A água está uma delícia. Nem quente, nem fria. Está perfeita! Com uma esponja, limpo o meu corpo saboreando a sensação da espuma do sabonete líquido. Diferente de ontem, sinto prazer em

me tocar, mas é um prazer diferente. É um prazer sem medo de fazer algo de errado.

Eu penso nela enquanto minhas mãos sobem e descem pelos músculos de meu braço. Inspiro e respiro fundo ao passar a esponja sobre os meus peitos fortes, descendo pelo abdômen, seguindo o que chamo de "meu caminho da felicidade". Mas eu não quero que isso acabe, então limpo minhas pernas, devagar, apreciando a imagem de Elizabeth em minha mente, sorrindo para mim. Eu já não suporto esperar. Meu membro há muito ganhou vida e lateja a cada *flash* de Elizabeth; seus olhos, cabelo, boca... seus seios. Coloco minha mão sobre meu sexo e o acaricio, fazendo minha boca abrir em um pequeno "o" de prazer. Sem esponja, me pego apoiando na parede do banheiro quando aumento o movimento e a pressão sobre o meu membro. Minha mente é muito criativa, mas não posso imaginar muito de Elizabeth. Rever as lembranças que tenho dela são mais do que suficiente para explodir em prazer. Um grande "O" se forma em minha boca quando libero tudo que tenho debaixo da água que ainda sai pelo chuveiro ligado.

Eu me escuto dizendo:

"Oh, Elizabeth! Mais, mais, mais."

Minha mão vai e volta várias vezes, e agora me encontro sem ar. Porra! Acabo de me masturbar no banheiro enquanto penso em Elizabeth. E quer saber? Foi um dos melhores orgasmos. Se apenas a imagem de Elizabeth foi capaz de me dar tamanho prazer, imagino que tê-la realmente em meus braços seria a coisa mais incrível. Nem consigo encontrar palavras que possam expressar tal acontecimento. Mas eu só posso pensar apenas. Longe de mim a ideia de Elizabeth e eu juntos. Isso simplesmente não pode e não irá acontecer.

Saio do banheiro, me enrolo numa toalha e desço as escadas para a cozinha. Coloco pão na torradeira elétrica e pego presunto e queijo na geladeira. No armário, encontro o café em pó. E enquanto a torradeira faz seu trabalho, coloco o café na cafeteira. Até ambos estarem prontos, tenho tempo para arrumar os papeis que deixei jogados pela sala.

Recolho as folhas e as coloco dentro de minha pasta. Poderia jogá-las fora, pois não preciso mais delas, uma vez que encontrei a

aluna ideal. Mas algo me diz que não devo fazer isso. Haveria a possibilidade de Elizabeth não aceitar a proposta? *É claro que não!* Caso contrário, ela não teria se inscrito. Ela quer isso. E eu a quero.

PLIM!

A torradeira avisa que os pães estão prontos, os expulsando para fora. Me dirijo a cozinha, sirvo-me de café, coloco tudo em uma bandeja e volto para a sala de jantar. Sento-me a mesa e aprecio esse simples café da manhã, sozinho.

Estou mastigando a torrada enquanto olho ao redor. Penso como a minha vida é triste. Aqui. Sozinho nesta mesa. Não estou reclamando, pois escolhi viver assim, depois que deixei aquela vida imprestável que aceitei por um tempo assim que cheguei em Londres. Não existe mais nada que me der nojo, uma grande repulsa, do que os primeiros meses na capital inglesa. Fiz coisas das quais me arrependo profundamente, apesar de muitas vezes ter sido necessário. Um desses casos, por exemplo, me permitiu ter o emprego que tenho e continuar os meus estudos, conseguindo finalmente o título de doutor.

Esse passado é um dos principais motivos por eu continuar sozinho. Não é por falta de oportunidade, pois conheci mulheres ao longo desses anos, e algumas realmente pareciam ideais para estar ao meu lado. Tipo agora, tomando café comigo enquanto fala de seus planos para o dia. Infelizmente, nenhuma mulher aceitaria um homem como eu, com um passado como o meu. Por isso decidi viver sozinho, me tornando o homem que sou agora. Eu nem devia estar pensando nisso. Jogo o resto da torrada na boca e a engulo de uma vez. Me levanto da mesa e levo a bandeja com os pratos sujos para a pia da cozinha. À noite eu os lavo.

Agora, vou para o quarto me arrumar para ir a faculdade. Hoje eu não tenho aula, mesmo assim sempre estou lá, no meu ateliê. Mas hoje eu tenho algo a mais para fazer.

Chego no quarto e a primeira coisa que faço é pegar a ficha de Elizabeth em cima de minha cama, a colocando sobre a cômoda de modo que eu possa vê-la e não esquecer. Isso não é necessário, pois eu não esqueceria, não quando sei o que ganharei ao levar esse papel para a universidade. Mesmo assim, quero tê-lo à vista.

Vejo que ainda estou em tempo. O relógio me dar um adiantamento de meia hora. Agarro os lençóis e os dobros como sempre os dobrei, os colocando dentro do cesto de roupa suja. Coloco outros limpos e arrumo a cama, a deixando perfeitamente em ordem. Me dirijo a cadeira e pego a roupa do dia anterior; o terno com a gravata vermelha, e o visto sem pressa.

Quinze minutos depois estou descendo as escadas perfeitamente arrumado, pronto para ir a universidade. A única coisa fora do lugar é o meu cabelo rebelde. Ainda encontrarei uma maneira de controlá-lo. Na minha mão direita tenho a ficha de Elizabeth, a qual coloco dentro de minha pasta, separando-a dos demais papéis. Eu só deveria estar falando com ela na semana que vem, na aula que a sua turma tem comigo, mas estou ansioso para lhe dar a notícia e ver a sua reação. Mais do que isso, tenho pressa em marcar uma reunião com ela. Uma vez que não posso tê-la em meus braços, já decidi isso. Preciso recolher novas imagens de sua bela face. Eu quero dormir e acordar pensando nela. Eu quero tomar banho e tocar meu corpo tendo Elizabeth em meus pensamentos. Essa é a única maneira de tê-la como realmente minha.

Me assusta que em menos de vinte quatro horas alguém tenha mexido comigo como ela mexeu, ao ponto de não me fazer mais esquecer-la. Infelizmente, sou o seu professor e serei por um longo tempo. Já passei por algo parecido e não pretendo repetir o mesmo erro, apesar de lá no fundo eu saber que com Elizabeth seria diferente. Ela é diferente. Oh, Elizabeth, Deus sabe o quanto estou mexido com você. Mas será que eu lhe faço o mesmo? Nesse momento eu queria ser uma mosca para invadir a sua casa e vê-la na sua intimidade. Contudo, isso não importa, pois nos veremos em breve, e tão logo estaremos nos encontrando com mais frequência.

Agarro a chave do carro sobre a mesinha ao lado da porta e visto meu sobretudo preto, e junto com a minha pasta saio para respirar o ar do novo dia. Fecho a porta e caminho lentamente pelo cimento batido até o pequeno portão de entrada. Meu carro está onde deixei, estacionado a meio-fio da calçada. Ele é um Mercedes CLK 2013 preto, com quatro portas, novo. O adquiri recentemente,



como um novo investimento, depois de anos andando de ônibus, metrô e táxi.

Entro no carro e coloco minha pasta sobre o banco do passageiro. Dou partida e sigo até a *Parkgate Ed*, virando à direita. Sigo em frente, virando à esquerda na *Albert Bridge Rd/A3031*. Depois de virar à direita na *Chelsea Embankment/A3212*, o caminho é reto e eu tenho que lidar com um pouco de trânsito. Em um outro momento, essa lentidão seria muito bem-vinda, mas agora não. Quero chegar o quanto antes na *Chelsea College* e falar com Elizabeth sobre a bolsa. Por mais que ela tenha se inscrito, temo por ela desistir.

Eu lembro do comportamento dela em sala. Elizabeth quis me evitar, e não acho que seja pelo meu jeito rude. *Okay, talvez seja*. Mesmo assim, eu acredito que ela também tenha ficado mexida. Em nenhum momento ela desviou o olhar envergonhada, mas eu lembro de ter visto seu rosto corar quando lhe agradei por me ajudar, sem saber, com a sra. Carter. Não esqueço também de sua empolgação ao discutir comigo sobre o assunto da aula. É difícil encontrar uma mulher que saiba apreciar o verdadeiro significado da arte. Ah, Elizabeth, você é especial. Tenho certeza disso.

Pensar nela é tão bom, que não percebi o trânsito, e já estou chegando a universidade. Tenho que tomar cuidado quando deixo minha mente vagar dessa maneira, pois não estou tão a fim de sofrer um acidente quanto estou para ver a srta. Johnson. Pois é, preciso ter em mente seu sobrenome agora que estou nos terrenos da faculdade. Não posso me dar ao luxo de chamá-la de Elizabeth como se tivéssemos alguma proximidade. Por enquanto, nossa intimidade está destinada as paredes de minha mente e ao silêncio de minha casa. *Somentemente!*

Estaciono o carro na mesma vaga de sempre e saio decidido, levando comigo minha pasta surrada e dentro dela a única coisa capaz de me aproximar da srta. Johnson.

Os alunos ainda estão vagando pelo pátio principal e muitos estão nos corredores:

“Eu não acredito que mal voltamos de férias e o professor já pediu um artigo para daqui a duas semanas.”

Escuto um dos alunos ingleses reclamar. Se está reclamando e usa óculos é *nerd*, e o trabalho já está quase pronto.

“Eu queria mais um mês de férias,” outra aluna se lastima. “Não estou preparada psicologicamente para voltar a estudar.”

Conheço essa aluna e sei muito bem que ela não estuda em nenhum momento. Mas é isso aí, eles são alunos. Eu já fui um deles, e posso garantir que isso é o que o estudante faz de melhor, reclamar das aulas e falar mal dos professores.

Continuo a minha caminhada pelos corredores olhando para todos os lados a procura de uma bela mulher de cabelo castanho avermelhado. Eu faria bem ir até o departamento e descobrir o horário de sua turma, mas para isso eu teria que me encontrar com a sra. Carter e eu não estou em um bom momento para esse encontro indesejável.

Eu não tenho medo de Sônia, tenho medo do que ela é capaz de fazer com a minha carreira, pois como disse antes, ela me ajudou a conseguir esse emprego. Claro que com alguns favores em troca. Favores esses que prefiro não comentar e muito menos pensar. Faz parte do meu passado. Ou pelo menos, eu quero que faça. Mas fica difícil quando sou abordado constantemente por ela, seja nos corredores ou me telefonando para jantares puramente profissionais. Sei bem o tipo de profissional que ela é. Na época, eu até cheguei a curtir, brincava com o pensamento ao ter que encontrá-la. Hoje tenho repulsa e quero distância. Ela sabe disso. Infelizmente, a Diaba é persistente. Sem mais, ela é uma “boa amiga” para algumas horas, apenas.

Já estou perdendo a esperança de encontrar a srta. Johnson. Me resta caminhar para o departamento a fim de descobrir o seu horário de aula. Estou a alguns passos do fim do corredor quando escuto a sua voz distante. Tenho certeza que é a voz dela, e com isso apresso meus passos e a encontro subindo a escada com dois amigos. Uma garota morena de cabelo cacheado, que lembro ter visto na aula de ontem e o outro é o mesmo garoto para qual Elizabeth sorriu ao receber a folha do texto e por quem ela enviou o *seu* texto no momento de me entregar. O rapaz é alto, descolado. No mínimo é de alguma família rica de Londres. Seu cabelo é loiro, e

não lembro da cor de seus olhos. Acho que são pretos. Não prestei atenção quando ele me entregou seu texto junto com o de sua linda colega. Na verdade, ele me irrita, pois ele recebe mais sorrisos dela do que sou capaz de contar. Tipo, agora.

Eles estão subindo a escada e Elizabeth está a rir bastante de alguma piada ou comentário que ele esteja fazendo. Vendo bem, ele parece estar imitando alguém. Ele coloca as mãos nos bolsos da calça e fica ereto, adquirindo uma expressão séria, depois cruza os braços e diz algo que não consigo escutar. Mas não preciso, pois sei exatamente quem ele está imitando. Como disse, os alunos me “amam”.

“Srta. Johnson?” chamo-a, ao pé da escada.

Os três param de imediato e se viram lentamente para mim. Apesar de eu ter olhos apenas para Elizabeth, percebo que o rapaz está branco como cal. Ele está com medo que eu tenha visto a sua imitação ridícula de minha pessoa. Mas, ele não precisa se preocupar, por enquanto. No momento, meu assunto é com a srta. Johnson, que me olha também assustada, além disso percebo que ela está respirando mais do que o normal. Seu rosto está corado, e ela umedece os lábios antes de me responder:

“Pois não, sr. Duran?” Sua voz é firme.

“Gostaria de dar uma palavrinha com a senhorita.” Minha voz não está tão rude como de costume. “Poderia me acompanhar, por favor.”

“Mas, senhor, eu tenho aula agora.”

“Não se preocupe. Já é de sua natureza chegar atrasada na aula.” Okay, isto soou grosseiro. Preciso dizer outra coisa para que ela não fique chateada. Percebo que ela fez careta ao meu comentário. “Mas não se preocupe, diferente de mim, os demais professores toleram esse tipo de atitude. Se a faz sentir melhor, posso depois justificar o seu atraso.”

“Se o senhor está dizendo.” Ela dá de ombros e começa a descer a escada. De repente, ela para e se vira para os seus colegas: “Luiz e Samantha, podem ir sem mim. Encontro vocês daqui a pouco.”

“Certo,” responde a garota morena, que eu tomo como Samantha. “Nos vemos na sala.”

Entretanto, o garoto não a segue. Ele está a me encarar como se estivesse na dúvida de dizer algo. Ele olha para mim, depois para Elizabeth e então para mim, novamente. Mesmo me divertindo com a sua reação, faço movimento de me retirar junto com a srta. Johnson.

“Espere, *senhor!*”

Me viro ao ver que o jovem, chamado Luiz, me chama. Fico surpreso ao reparar que ele ficou sério tão rapidamente.

“Pois não, sr...?”

“Harris, senhor.”

“O que deseja, sr. Harris?”

“Ah... eu...”

“Sr. Harris, eu não tenho todo o tempo do mundo,” o lembro. Minha voz é fria.

“Desculpe, senhor.” Ele olha para Elizabeth, e não gosto do que vejo. Sem olhar para mim, ele pergunta: “Elizabeth está encrencada? Porque se o senhor ouviu a nossa conversa, quero que saiba que ela não tem nada a ver com isso. Foi eu que comentei a respeito...”

“Me poupe de suas desculpas, sr. Harris.” Eu o interrompo, não suportando seu falatório e muito menos seu olhar para Elizabeth. *Mas que droga!* Ele está a defendendo, de mim.

“Mas, senhor...”

“Antes de tudo, eu não escutei a conversa de vocês. Não sou do tipo de pessoas que escuta a conversa dos outros.” Minhas palavras são ameaçadoras. Estou com mais raiva pelo fato desse moleque está olhando para Elizabeth do que de seu comentário inoportuno. “E para o seu bem-estar, a srta. Johnson não está encrencada.”

“Não?” pergunta, surpreso. Finalmente, ele olha para mim.

“Não.”

“Então, eu vou...”

“É melhor o senhor ir para a sua sala,” o encaro. “Diferente da srta. Johnson, eu não poderei justificar o *seu* atraso.”

“Eu vou...”

Vejo o sr. Harris continuar subindo a escada para a sua sala de aula. A jovem Samantha o espera lá em cima, ansiosa. O sr. Harris olha por cima do ombro, antes de desaparecer com a sua amiga.

“Na minha sala, srta. Johnson.” Me dirijo a Elizabeth, fazendo um gesto com a mão para que ela me siga.

Caminhamos juntos pelo corredor, que já começa a se esvaziar de alunos. Tomamos outra escada e subimos, em silêncio, seguindo para a minha sala.

Estamos lado a lado e vejo que Elizabeth está nervosa. Ela olha para todos as direções, menos para mim. O que é bom, pois me permite olhá-la sem medo de ser pego. Ela hoje está usando uma calça *jeans* justa, com botas de couro preta na altura do joelho. Sua camiseta é branca, de manga longa, realçando com o cabelo castanho avermelhado solto, caindo sobre os ombros. No pescoço, ela usa uma echarpe vermelha. Em outras palavras, ela está simples, linda e muito sexy.

Chegamos na minha sala. Eu abro a porta e espero que ela entre na frente. Quando ela passa por mim, sinto o cheiro de seu perfume suave. Fecho os olhos por alguns segundos e inspiro o ar, apreciando a deliciosa fragrância. *Srta. Johnson, não devia fazer isso.* Agora eu tenho o seu cheiro em meu sistema, e isso é muito erótico. Poderei assimilar o cheiro as suas imagens quando eu estiver sozinho em meu quarto, fantasiando a sua presença. *Concentre-se, Sérgio!*

Entro logo depois dela e fecho a porta atrás de mim. O barulho da fechadura parece despertar a minha presença para ela, pois me olha de repente. Seus olhos mais abertos do que o normal e eu posso ver claramente o verde esmeralda cintilando. Ela pode querer parecer que estar assustada, mas vejo nos seus olhos que ela está gostando de estar aqui tanto quanto eu.

“Por favor, srta. Johnson,” gesticulo com a mão para uma das cadeiras da frente.

Ela caminha calmamente e senta no centro, de frente para a minha mesa, para onde estou indo. Deixo minha pasta de lado e me apoio na mesa com os braços cruzados. Isso, não antes de tirar os

meu sobretudo e abrir os últimos botões de meu *blazer*, me dando mais conforto. Percebo que o movimento não fugiu da atenção da srta. Johnson. Parece que ela curtiu o pequeno showzinho, antes de olhar para os meus olhos atentos a ela.

“Deve estar se perguntando por que a chamei aqui, não?”

“Sim, senhor.” Sua resposta é automática. “Eu fiz algo de errado?”

“Não, senhorita.” Então penso em brincar com ela, quando acrescento: “Como disse ao seu namorado...”

“Meu namorado?” questiona, confusa. “Eu não tenho namorado, senhor.”

“Mas o rapaz a pouco...”

“O Luiz?” Confirmo. “Oh, não! O Luiz é meu amigo. O conheci na aula do senhor, ontem.”

“Claro. Me desculpe, mas é porque ele demonstrou bastante interesse em você.” *Mais do que eu posso suportar daquele mauricinho.* “Ele parecia determinado em te defender.”

“Ele é uma boa pessoa. Mas eu estou encrencada?”

“Não, srta. Johnson. Eu já disse que não.”

“Então, por que o senhor me chamou aqui?”

“Porque preciso conversar com a senhorita.”

“Sobre o que, senhor?”

Antes de lhe responder, pego minha pasta ao lado e abro, tirando dela a ficha de inscrição da srta. Johnson, que percebo agora estar bastante amassada. Ora, não é pra menos, eu dormi abraçado a esta folha. Eu poderia ter feito uma cópia antes de sair de casa, mas tudo bem. Continuemos:

“Sobre a sua inscrição para a minha pesquisa.” Mostro-lhe a folha que tenho em mãos.

“Há algo de errado, senhor?” Ela pergunta, preocupada. “Eu li tudo com bastante atenção muitas vezes e entendi a proposta da pesquisa. Eu sabia que devia ter demorado mais para entregar, quando vi que era a primeira. Por favor, me diga que ainda posso tentar concorrer senhor, se eu fiz algo de errado.”

Olho sério para ela, mas no meu interior sinto vontade de sorrir. Ela está desesperada que tenha feito algo de errado. Se

culpando demais e cobrando bastante de si mesma. Como eu sabia, ela é uma mulher inteligente e quando se trata da sua carreira, ela vira outra pessoa. Ingênua em alguns momentos e esperta demais em outros. Pois é, Elizabeth, você sabe como me deixar fora de mim.

E isso é tudo. Ela comprovou a minha teoria de que foi a primeira aluna a preencher e entregar a ficha no departamento. Vejo agora que ela está bastante interessada na pesquisa. E quanto a mim, Elizabeth? Você sente algo?

“Acalme-se,” peço a ela sem demonstrar qualquer compaixão com a sua confissão. Preciso continuar sendo o professor rude que sou até descobrir o que passa na cabeça dela sobre mim. “Você... Posso chamá-la de você?”

“Pode, sim, senhor.”

“Obrigado.” Okay, estamos estabelecendo uma intimidade aqui. “Você não cometeu erro nenhum. Só não posso dizer o mesmo de seus colegas.”

“Não compreendo, senhor.” Ela me olha confusa, e eu amo ver os seus olhos procurando por uma explicação. “Se eu não fiz nada de errado, por que me chamou aqui?”

“Porque eu já avaliei os inscritos e cheguei a uma conclusão.” Respiro fundo para fazer suspense e digo o resultado: “De todos os currículos, o seu é de longe o melhor. Por isso, fico feliz em dizer que gostaria que você fizesse parte da minha pesquisa.”

Ela não diz nada, e eu vejo confusão em seus olhos. Eu pensei que ela ficaria feliz, agradeceria bastante, não que ficaria assim, parada.

“Algum problema?” questiono, quando me passa uma ideia nada agradável pela cabeça. Pergunto apreensivo: “Você... Você não quer mais fazer parte da pesquisa?”

“Não, não é isso. Só que...”

Então os seus lábios começam a formar um sorriso e de repente Elizabeth pula da cadeira eufórica.

“Eu não acredito! Muito obrigada, senhor.”

E agora vejo ela pulando em meus braços. *Porra! Ela está me abraçando.* Eu posso sentir o seu corpo junto ao meu. Era isso que

eu queria. É isso que eu quero. Ela. Não consigo reagir ao seu movimento simples e sinto que não posso retribuir o seu abraço. *Oh, Elizabeth, eu não posso. Não faça isso comigo.*

Como se escutasse meus pensamentos, ela me larga rapidamente, se recompondo. A observo enxugar algumas lágrimas, e mesmo tendo me abraçado e ter ficado surpresa com si mesma por ter feito isso, ela ainda sorri. O seu sorriso é uma das coisas mais belas que eu já tive a oportunidade de presenciar. Mesmo querendo ver mais dessa alegria e fazer parte dela, eu não posso. Preciso continuar e passar algumas informações para ela. Também preciso dar continuidade aos meus planos, claro.

“Fico feliz que tenha gostado da notícia.”

“Gostar é pouco, senhor. Eu adorei! Muito obrigado por essa oportunidade. Saiba que não vou decepcioná-lo.”

“Eu tenho certeza que não vai.” *E como eu tenho certeza, Elizabeth.* “Mas antes de você voltar para a sua aula, preciso te informar de algumas coisas.”

“Sim.”

“A partir de hoje, você vai se encontrar comigo algumas vezes na semana, duas ou três vezes, em dias que combinaremos em outro momento.” Ao mencionar isso, percebo que ela parece relutar. *O que foi? Não quer se encontrar comigo?* Srta. Johnson, sinto que eu perturbo os seus sonhos assim como você perturba os meus. “Por enquanto, quero que me encontre hoje à tarde, às 14h, aqui nesta sala, para discutirmos algumas regras e para você conhecer a pesquisa. De acordo?”

“Hoje à tarde?” Sua pergunta soou energética. *Está nervosa?* Isso é um bom sinal.

“Às 14h,” repito. “Vai comparecer?”

“Sim... Claro, senhor. Estarei aqui.”

“Ótimo. Por enquanto, isso é tudo,” digo enquanto me levanto da mesa, ereto e abotoo os dois botões do *blazer*. “Pode voltar para a sua aula, srta. Johnson.”

“Okay.”

Ela recolhe as suas coisas na cadeira e caminha para a porta. Eu a sigo com o olhar. Então, sou pego de surpresa. Ela se vira de



repente, e posso ver um grande e nervoso sorriso em sua bela face:

“Obrigado, sr. Duran.”

“Não tem do que me agradecer, senhorita...”

“Elizabeth,” me interrompe. “Me chame apenas de Elizabeth.”

“Se você prefere.” E um sorriso genuíno escapa de meus lábios. “Vejo você mais tarde, *Elizabeth*.”

E ela sai de minha sala satisfeita, me deixando sozinho com os meus pensamentos e um sorriso bobo no rosto.

# Vermelho

Continuo parado sem acreditar no que acabou de acontecer. Elizabeth me pediu para chamá-la pelo seu primeiro nome, e não só isso. O modo como ela pediu é o que me deixa aqui, paralisado. Eu vi prazer no seu olhar. Agora haverá uma pequena intimidade entre ela e eu.

Também não posso esquecer que ela me abraçou. Meu corpo formiga, como se ainda sentisse seu corpo junto ao meu. Seus braços em volta do meu pescoço, sua cabeça sobre o meu ombro e os seus seios pressionados contra os músculos de meu tronco. Mesmo através do tecido, eu senti firmeza neles. Se eu não fantasiei, seus bicos pareciam duros; excitados com o abraço repentino. Na verdade, eu pude sentir todo o seu corpo agitado. Como eu suspeitava, tenho algum efeito sobre ela.

Não posso sair da sala agora, pois meu membro se encontra agitado, pressionando o tecido de minha cueca, ficando bem visível sob a calça. É assim que Elizabeth me deixa. Completamente fora de controle de meu próprio corpo, e isso me preocupa. Como me reunirei com ela se o meu corpo acorda para qualquer movimento ou gesto que ela faça? Seria bastante constrangedor se ela percebesse essas minhas excitações, por outro lado, eu gostaria que ela tivesse noção de seu poder sobre mim.

Dou a volta na minha mesa e me sento na cadeira, procurando relaxar e respirar normalmente. Pego minha pasta e retiro o máximo de papeis para ocupar a minha mente. Eu preciso me concentrar em algo que não seja Elizabeth, o que é uma tarefa extremamente difícil, uma vez que nos encontraremos em poucas horas, nesta mesma sala. Neste momento, tendo artigos para ler, parte de minha mente conta às horas e os minutos para vê-la novamente.

\*\*\*

São 14h em ponto e ela ainda não chegou. *Droga, Elizabeth!* Eu não tolero atrasos. Será que ela desistiu depois do que aconteceu entre nós? Porque eu sei que algo aconteceu naquele abraço, e ela não pode negar para si mesma.

Estou olhando para o relógio e os minutos continuam passando. À medida que os ponteiros avançam, minha raiva cresce e a ansiedade me deixa desesperado. Estou sentado na minha sala, como o combinado, e os meus pés batem no chão sob a mesa, nervosos. Tento a todo custo me concentrar nos textos que tenho em mãos, mas a mais de meia hora que estou no mesmo parágrafo. Agora, simplesmente não consigo ler. Lanço um olhar para a porta, mas não vejo nenhuma sombra humana através do vidro fosco. *Merda!* Ela realmente gosta de chegar atrasada. Vou ensiná-la a respeitar o tempo, principalmente quando tem algo marcado comigo. Ora, já temos muito pouco tempo juntos, ela ainda quer diminuí-lo com os seus atrasos?

Devo confessar que deveria ter dado um prazo de uma semana para os alunos se inscreverem, mas os dei apenas uma tarde. Tudo porque queria logo decidir se colocaria ou não Elizabeth na pesquisa. Eu também poderia ter demorado mais avaliando os currículos, mas como disse, o de Elizabeth é o melhor. Outro ponto é que eu poderia ter lhe dado a notícia na semana que vem, entretanto não consegui esperar. *Srta. Johnson, eu estou quebrando todas as minhas regras, e tenha a certeza que continuarei a quebrá-las se você insistir em chegar atrasada.*

Escuto uma batida na porta e olho agitado. Controlo a minha respiração e dou alguns segundos antes de responder com a voz firme e fria:

“Entre.”

A porta abre devagar e surge Elizabeth. Ela me olha apreensiva, tendo completa noção de seu atraso. Eu a estou encarando com raiva, e vendo que estou com cara de pouco amigos, ela caminha lentamente para a mesma cadeira que sentara mais cedo. Durante todo o percurso, eu a sigo com os olhos em chamas. Estou muito irritado e também excitado. *Mas que droga, Elizabeth! Você mudou de roupa.*

Ela está usando um vestido azul, simples e curto, com uma meia calça preta e uma bota de cano curto com salto. Há um cinto preto em sua fina e delicada cintura. Dessa vez ela não usa uma echarpe, me permitindo ter uma visão de seu liso pescoço, principalmente porque ela está com o cabelo amarrado em um rabo-de-cavalo. Sua maquiagem é leve e sua beleza natural é aterrorizadora sobre mim. Mas estou com raiva por ela ter se atrasado.

“Desculpe, senhor,” diz ela com a voz firme. “Na aula de hoje mexemos com tintas e o Luiz acidentalmente derramou um pote em mim. Precisei ir em casa para me limpar e trocar de roupa.”

“Isso não é motivo para o seu atraso, srta. Johnson.”

“Elizabeth, por favor, senhor.” Ela me olha triste, ou porque fui rude ou porque não a chamei como queria.

“Vou deixar uma coisa bem clara.” Me levanto e caminho para a frente de minha mesa, sentando sobre ela. “Eu não tolero atrasos...”

“Eu sei, senhor...”

“Não me interrompa!” Jogo o meu corpo sobre a sua cadeira, com os braços a pressionar a madeira. Meu rosto está a trinta centímetros do dela. “Eu não tolero atrasos e muito menos ser interrompido. Isso você já sabe e espero que fique claro. Responda apenas quando eu pedi que me responda, entendeu?”

“Sim, senhor,” engole em seco, encarando minha face.

“Que bom,” digo, me afastando. “A respeito do atraso quero que isso não aconteça novamente. Estamos de acordo?”

“Claro, senhor.”

“Entenda, se digo para chegar às 14h é para chegar às 14h. Nada de 13h59min nem de 14h01min, mas de 14h em ponto! Entendeu, Elizabeth?”

“Entendi, senhor.”

“Ótimo. Agora que estabelecemos essa regra, vamos as demais.” Me volto para a minha mesa e pego uma folha, que a entrego. Ela olha atenta. “Aí estão as regras da pesquisa. Gosto de discuti-las, caso o aluno tenha alguma objeção.”

“Eu vejo aqui que temos que nos reunir na sua casa, quando houver necessidade.” Ela destaca um dos pontos mais importantes. “Por quê? Três dias aqui na universidade não é mais do que suficiente?”

“Sim. Mas veja que coloquei que é quando houver necessidade,” encaro-a, impassível. Mas meu coração está batendo descompassadamente. “Por enquanto, você não tem muito o que fazer pela universidade, mas logo estará pedindo para faltar as nossas reuniões para dar de conta das outras atividades, e é nessas situações que a minha casa entra.”

*Mentira.* Essa é a primeira vez que coloco que um bolsista deve comparecer na minha casa quando eu solicitar. Nunca gostei de receber meus alunos, muito menos fazer reuniões na minha casa. A universidade tem uma ordem expressa minha para não divulgar meu endereço para os estudantes, muito menos o meu número de telefone celular.

Mas isso não se aplica a Elizabeth. Durante toda manhã de hoje estive pensando como aumentar os nossos encontros e eis que tenho essa ideia. Me alegra bastante ter a srta. Johnson na minha casa. É mais uma oportunidade para estarmos juntos, e dentro de minhas paredes nossa relação torna-se mais íntima, ao contrário do profissionalismo da sala em que estamos.

“Entendo.” Ela morde o lábio enquanto continua a ler as regras.

“Algum problema quanto a isso?” Por favor, diga que não. *Elizabeth, você quer isso tanto quanto eu.*

“Não, nenhum problema.” Ela nega com a cabeça, sem olhar para mim. “Aqui diz também que fora os três dias, o senhor pode solicitar mais, por quê?”

“É uma regra geral. Isso é para o caso de eu ver que a senhorita não está fazendo o seu trabalho como devia.”

“Compreendo... Como vejo aqui, meu trabalho se resume em ler e escrever alguns trabalhos, e os apresentá-los em alguns eventos de *sua* escolha.

“Exatamente.” Com essa observação, sorrio. “Você vai gostar, principalmente porque não levo minha pesquisa a qualquer evento,

mas a megaeventos de arte. Eu gosto dos melhores, Elizabeth.”

“O que isso significa?” pergunta, curiosa. Seus olhos brilham para mim, e eu preciso cruzar as pernas para esconder a minha excitação.

“Que junto comigo, a senhorita irá comparecer à grandes e luxuosos encontros de pesquisadores de arte.” Há um sorriso sedutor em meus lábios, e Elizabeth se mexe na cadeira incomodada. *Eu sabia!* Ela também fica excitada comigo. “Pode não parecer, Elizabeth, mas gosto do bom e do melhor que a arte tem a oferecer.”

“Onde normalmente são esses eventos, senhor?”

“Em museus ou teatros. Depende muito da ocasião e da proposta do evento.”

“Incrível!” exclama.

“Realmente,” concordo. “Como disse, você terá muitos dos meus privilégios ao fazer parte dessa pesquisa.”

“Estou de acordo com as regras, senhor,” diz ela, guardando a folha nas suas coisas. Quando sua atenção volta para mim, vejo aquela expressão inteligente e decidida que ela mostrou em aula. “Gostaria agora de saber mais sobre o que trabalharemos.”

“Perfeitamente.”

Em vez de me sentar na minha cadeira atrás da mesa, pego-a e levo para a frente da srta. Johnson. Desabotoo os dois botões finais de meu *blazer* e sento, colocando minha perna esquerda sobre a direita, encarando Elizabeth, que ficou hipnotizada com os meus movimentos.

“Por onde deseja começar, Elizabeth?”

“Como?” questiona, confusa. “O senhor vai responder? Eu pensei que leria algumas coisas sobre...”

“Algum problema?” Levanto uma das sobrancelhas, me divertindo com a sua reação. “Eu criei a pesquisa, acredito que eu mesmo sou mais do que suficiente para responder suas dúvidas.”

“Mas...”

“Mas?”

“Desculpe, senhor. Estou agindo como uma tonta.” Ela olha para todos os lados, menos para mim. “Só achei que leria sobre o

erotismo na pintura antes de falar com o senhor a respeito.”

“Elizabeth, está com vergonha de me perguntar sobre coisas eróticas?” pergunto, passando a mão pelo meu queixo. Sinto a barba áspera, e isso chama a atenção de Elizabeth. Ela está me olhando... *Espera! Isso é desejo no seu olhar?*

“Bom, sim.” Ela fica mais vermelha do que é capaz de ficar. “Não me entenda mal, senhor. Não vejo o tema com maus olhos.”

“Não?”

“Não!” enfatiza, e isso parece distrair um pouco da sua vergonha repentina. “O erotismo está presente em todo o tipo de arte, não só na pintura, como também nas esculturas e na literatura.”

“Realmente,” concordo. “Mas por que você não se sente confortável em me perguntar sobre? Se é por causa de alguma falta de conhecimento sobre o assunto, não tem problema.” Posso sentir o meu sorriso ‘canto-de-boca’ surgir. “Estou aqui para esclarecer suas dúvidas e, principalmente, para nos conhecermos.”

“Nos conhecermos?” O comentário soou com novidade para Elizabeth. “Pensei que falaríamos sobre a pesquisa.”

“Elizabeth, a pesquisa é nós dois. Para que ela funcione, como eu quero, temos que conhecer um ao outro.” Descruzo minha perna e me coloco para frente, me apoiando em meus joelhos. “Eu tenho muito a te ensinar, Elizabeth.”

Ela não se sente confortável com o meu comentário. Eu, pelo contrário, estou adorando a nossa conversa inicial. A perspectiva em falar sobre erotismo com a srta. Johnson me empolga. Ela não parece ser tão ingênua no gênero, mas não se sente confiante em falar sobre o assunto comigo. Será por que sou homem e ela mulher, ou acha que eu posso estar oferecendo uma visão do erotismo na pintura que não condiz com a sua imagem, princípio ou religião?

“Vejo que realmente se envergonha ao falar sobre o assunto comigo...”

“Senhor...”

“Mas,” levanto o dedo pedindo que me deixe continuar, “posso olhe garantir que não há nada de errado sobre isso. Para

começarmos, por exemplo, me faça a pergunta que se passa nesse momento pela sua cabeça.”

“Senhor?” Ela não entende minha proposta.

“Elizabeth, sei que se pergunta por que escolhi o tema erotismo, estou certo?”

“Ah, sim. Exatamente!” Ela me parece confusa de início, mas, do nada, se recompõe, aliviada. *O que temos aqui?* “Por favor, senhor, me diga por que escolheu esse tema para uma pesquisa universitária e por que acha que ela é suficiente para chamar a atenção de grandes estudiosos do ramo da arte?”

“Eu escolhi trabalhar o erotismo, porque acredito que através desse gênero conseguimos, enquanto artistas, capturar e descrever uma das coisas mais importantes que possuímos.”

“O quê, por exemplo?”

“A alma, Elizabeth.” Eu gostaria de sorrir com a minha resposta, mas é difícil quando se fala sobre aquilo que não tem. “Nós, enquanto humanos, temos uma natureza profunda e muitas vezes imprevisível. Para um artista é muito difícil definir essa parte do homem, por isso que quando pintamos, esculpimos ou escrevemos sempre temos algo de novo.”

“Não entendi o que o senhor quis dizer, *professor.*”

“Entenda somente que o erótico é apenas uma parte existente na enorme variedade de personagens, que aparecem para surpreender o artista.”

“O senhor fala se colocando entre os artistas,” comenta Elizabeth, e eu vejo uma curiosidade caprichosa no seu olhar. “O senhor é pintor?”

“Sim. Eu gosto de pintar.”

“Então é um artista.”

“Se para você, assim como para mim, artista é aquele que se expressa pela sua arte, sem levar em conta o dinheiro ou a classe social. Sim, eu sou um artista.”

“E o que o senhor gosta de pintar?”

“De tudo. Desde que eu tenha inspiração.”

“O senhor faz quadros eróticos?”



Percebo que sua pergunta saiu antes mesmo de ela tomar conhecimento se devia ou não falar sobre isso. Se fosse outro aluno, eu ficaria irritado com o atrevimento, no entanto não me sinto incomodado por ela o ter feito.

Isso faz parte de meu passado, e eu devia realmente não falar sobre o assunto. Eu já disse, fiz coisas das quais me envergonho profundamente, as quais são a chave desencadeadora de eu viver sozinho. *Será que você é capaz de ouvir, Elizabeth?*

Eu a respondo com medo de sua reação:

“Sim. Eu já pintei quadros eróticos.”

Como eu suspeitava, ela tem um bom susto. Seus olhos estão arregalados, me encarando em confusão. *O que se passa pela sua cabeça, Elizabeth? Por favor, me conte. Estou morrendo aqui.*

“Pintou?” É a única coisa que ela diz, e eu não entendo sua pergunta. Mas respondo mesmo assim:

“Sim. Há muito tempo.” Para minha surpresa, vejo o alívio tomando de conta dela. *Por quê?* “Nós, artistas, experimentamos todo o tipo de arte, Elizabeth. Não fique tão surpresa.”

“Sim, e eu os admiro por isso.” Ela olha de um lado para o outro a procura de uma outra pergunta para se agarrar e fugir do momento constrangedor que surgiu entre nós. “Quanto a esse tema para uma pesquisa, o senhor acha relevante? É algo pelo qual vale a pena? Não acha que isso choca demais, mesmo para uma sociedade tão evoluída?”

“Você faz boas observações, Elizabeth. Continue assim e irá longe.” A parabenizo pela sua perspicácia. “Mas me deixe lhe fazer uma pergunta antes de responder as suas.”

“Pois não, *professor*. Pode perguntar.”

“Qual a função da arte?”

“Senhor, discutimos isso na aula de ontem.” Ela sorri, provavelmente se lembrando de seu belíssimo momento enquanto discutia comigo e a turma. “A arte é um meio de expressão.”

“Não, Elizabeth. Nós não discutimos isso ontem.” Ela fica surpresa com o que digo. E vendo que ela vai dar uma contra resposta, acrescento: “Discutimos a definição de arte, chegando à

conclusão que por definição temos várias. Mas o que eu lhe perguntei foi a função da arte.”

Ela finca a testa pensando numa resposta. Depois olha para a janela, como se lá fora fosse encontrar a solução. Enquanto ela se martiriza por não ter se preparado para essa pergunta, eu sinto prazer em apenas lhe observar.

Durante as horas que estivemos aqui, eu já reparei muito nas expressões de Elizabeth. São expressões que qualquer outra pessoa faz, mas não sei por que as dela sempre tem algo de diferente. Quando não sabe o que responder, finca a testa e olha para todos os lados, mas ao contrário das outras pessoas, ela não olha para fora e sim para dentro. Enquanto ela olhava pela janela, reparei que não havia foco em seus olhos, pelo menos não exterior e, sim, interior. Quando está nervosa, sua face não fica exatamente vermelha, mas rosada. E ela tende a se mexer muito, principalmente as pernas. Se ela estiver com elas cruzadas, quando nervosa, ela vai mudar de posição. Suas mãos em nenhum momento correm pelo cabelo, permanecem unidas sobre o colo, como se estivesse orando. Parece até irônico, mas é compreensivo. Se a pessoa está em um momento embaraçoso, a reação dessa pessoa é pedir ajuda, e quem melhor para ajudar se não um ser superior? É muito engraçado ver Elizabeth chocada. Normalmente uma pessoa arregala os olhos, mas ela não apenas faz isso, como também pisca constantemente. Diferente das outras pessoas, ela não abre a boca, permanecendo calada até que tenha algo de útil a dizer. O melhor mesmo é quando Elizabeth está feliz, empolgada com alguma coisa, principalmente com algo de seu estudo. Sua empolgação é contagiante, e à medida que ela começa a falar demais, eu não quero fazer outra coisa senão ficar admirando. Feliz, sua face adquire uma cor rosa, bem suave, e seus olhos verdes brilham como duas esmeraldas. Seu cabelo também parece adquirir algum brilho, e quando ela se agita ou mexe com eles, o vermelho se sobressai.

É isso e muito mais que eu gosto de ver em Elizabeth. Ela é uma mulher de muitas qualidades. Ainda estou surpreso por ela não ter saído correndo quando eu disse que pintei quadros eróticos. Tenho dúvida quanto a isso também, porque ela me perguntou se eu

pintava, no verbo passado. Isso pareceu acalmá-la, mas por quê? Ela temia que eu ainda pintasse? E se, por acaso, eu continuasse com isso, por que a preocupação dela? *Deus, me faça entender essa mulher.*

“Eu acho...,” começa ela, chamando a minha atenção, “que eu não tenho uma resposta. Quer dizer, essa pergunta não parece ter uma resposta.”

“Exatamente, Elizabeth!”

“Eu não entendo o que esta pergunta tem a ver com o fato do senhor ter escolhido erotismo como tema principal da pesquisa.”

“Veja bem, Elizabeth.” Mais uma vez me movo para frente, apoiando minhas mãos nos joelhos. “Desde que Marcel Duchanp<sup>[9]</sup>, em 1917, apresentou um urinou em uma de suas exposições, não se faz mais esse tipo de pergunta.”

“Por que não?”

“Porque essa pergunta é irrelevante. Em outras palavras, ela é irrespondível.”

“Mas, senhor, se não existe uma resposta para ela, por que a fez?”

“Porque, para mim, a arte tem uma única função apenas, que é de chocar. E sabe por quê?”

“Não.”

“Para questionar, Elizabeth.”

“Então o senhor escolheu o erotismo, porque queria... chocar?”

“Mais do que isso.” Meu sorriso é contagiante, porque logo vejo ela sorrindo em resposta. “Eu quero mostrar o meu ponto de vista.”

Estamos sorrindo um para o outro. Este momento é único. Eu a observo e ela a mim. Cada um procurando o melhor do outro.

Eu quero estender a minha mão e tocar o seu rosto, e sentir a macies de sua pele. Meu braço se desloca para a sua cadeira, e percebendo o que pretendo fazer, Elizabeth se levanta, agitada. Ela está recolhendo suas coisas enquanto fala:

“Se me permite, senhor, eu preciso ir agora.” Ela coloca a bolsa de lado e segura o caderno entre seus braços cruzados. “Está anoitecendo e eu estou sem carro.”

“Sem carro?” Isso me dar uma ideia. Me levanto, voltando para a minha mesa. “Eu posso te dar uma carona, se quiser.”

“Oh, não. Não precisa, obrigado.” Ela caminha rapidamente para a porta. “Luiz vem me buscar.”

“Luiz?” pergunto, e minha voz sobe um tom a mais.

“Sim. Luiz, o meu colega,” esclarece. “Ele, Samantha e eu vamos sair para jantar juntos esta noite. Sou nova em Londres e eles querem me contar um pouco da história daqui, e quem sabe mostrar alguns pontos turísticos.”

“Claro. Eu entendo.” *Não, eu não entendo.* Porra! Ela vai sair com o sr. Harris, o mauricinho, que com certeza está a fim dela. Minha voz sai gélida: “Pois tenha uma noite agradável. Só gostaria de lembrá-la que a nossa próxima reunião é sexta-feira. Era para ser amanhã, mas como nos encontramos hoje não há necessidade.”

“Okay, senhor.” Ela confirma com um gesto de cabeça. “Nos encontramos na sexta. Boa noite, sr. Duran.”

“Boa noite, Elizabeth.”

## *Azul*

Estou com alguns papéis em mãos enquanto vejo a sombra de Elizabeth desaparecer sob a vidraça da porta de minha sala. Ao olhar para baixo, vejo que estou amassando os artigos que deveria ter lido durante o dia, mas não conseguira, uma vez que não parei de pensar nela.

Me sento na cadeira, e estou com ódio. Com raiva de mim mesmo e do sr. Harris. Ele estaria jantando com ela. *Eu!* Eu queria jantar com Elizabeth. Esse mauricinho está a fim dela, eu sei porque vi o modo como ele a olhou quando os abordei na escada. Elizabeth não me enfeitiçou apenas. Em um único dia, ela foi capaz de mexer com outro cara além de mim, e esse infeliz está tendo mais sorte do que eu.

*O que você queria, Sérgio? Você é o professor dela, enquanto o sr. Harris é seu colega de sala.* A chance dela escolher um de nós dois é maior para o mauricinho, filho de papai, que não teve que esforçar muito do próprio cérebro para chegar aonde chegou. Elizabeth podia ter um relacionamento normal com ele, pois o que posso oferecer a ela?

Por que eu me importo com quem ela sai ou deixa de sair? Não sou seu namorado. Sou seu professor!

Largo os papéis e esfrego as mãos sobre o meu rosto. Já não suporto mais essa angústia que me domina, e sei muito bem o porquê.

Pode parecer loucura. Eu mesmo não acredito que isso tenha acontecido. Mas eu estou a fim de Elizabeth. Não sei definir o sentimento que sinto por ela, no entanto sei definir as minhas emoções quando estou longe e perto dela. Sei que vai fazer apenas dois dias que a encontrei, que a vi pela primeira vez em toda a minha vida, mas isso é mais do que o suficiente para deixar claro que o que sinto por ela não é normal.

*Droga, Sérgio! Você não pode sentir nada por ela. Você pode sentir um carinho ou afeto de professor. Ou até mesmo querer*

protegê-la como um amigo ou como um pai. Você não pode gostar dela como um homem gosta de uma mulher.

“Mas eu gosto,” digo a mim mesmo, sozinho em minha sala. “Eu olhei para ela a primeira vez como um homem olha para uma mulher. Pensei nela como um homem pensa numa mulher. *Deus!* Eu me masturbei pensando nela. Eu a quero. Meu corpo a deseja.”

Em dois dias fiz de tudo que foi possível para ficar próximo dela. Agora que consegui, não posso perdê-la. Entretanto, ficar próximo de Elizabeth é um perigo para mim, e também para ela. Não sei dos atuais sentimentos de Elizabeth, mas se ela realmente não sente nada, ainda está em tempo de reverter. Preciso fazer o que é certo para ela. Apenas, por ela. Eu já vivi sozinho por muito tempo e estou acostumado com essa vida. Mesmo que doa, eu preciso me afastar dela. Eu sou seu professor e ela minha aluna. Isso não daria certo. Não deu uma vez no meu passado, também não daria agora.

Está decidido. Vou tirar a srta. Johnson da pesquisa. Não vou desampará-la pelo seu merecido mérito, encontrarei outro professor que a aceite. Existe muitas pesquisas na universidade. Já a respeito de minhas aulas, continuarei tentando agir de maneira rude e, se possível, a ignorando, mesmo que isso me faça sofrer. Pelo menos, por enquanto, apenas um de nós sofrerá. E eu prefiro que essa pessoa seja eu, a salvando de qualquer mal.

Reúno as minhas coisas e as coloco de qualquer jeito na pasta, saindo rapidamente da sala para o corredor, daí para o estacionamento. Jogo a pasta no banco de trás e dou partida na Mercedes, acelerando ao pegar a pista noturna, nessa hora não mais movimentada.

Estou com vontade de chorar, mas não vou. Não a necessidade. Elizabeth não foi e nunca seria a minha namorada. Nunca teremos algo íntimo. Talvez algo acontecesse se eu deixasse rolar, permitindo que ela continue na pesquisa. Tenho certeza que cedo ou mais tarde, quando estivéssemos a sós, eu a beijaria. Hoje à tarde, eu cheguei perto de tocar sua face, isso no nosso primeiro encontro, dentro da universidade. Com ela em minha casa, eu sei

que não aguentaria. Há dois dias o meu corpo reage por vontade própria quando se trata de Elizabeth.

Está escurecendo e as luzes iluminam a belíssima capital inglesa. Londres é com certeza a cidade da arte, pois ela mesma é a própria expressão de muitos sentimentos. Londres é romântica. Podem dizer o que quiserem de Paris, mas eu prefiro o ar de romantismo que esta cidade oferece.

Já estou a pensar besteira. Eu não sou romântico, ou pelo menos não sou mais. Um dia acreditei no amor perfeito e ele me levou a ruína. Demorei muito para me reconstruir e não posso deixar que essa confusão de emoções me controle. Eu preciso de controle. Mas antes preciso desabafar. Preciso confessar os meus pecados, pois em menos de 48h cometi mais pecado do que toda minha vida. Eu olhei para uma aluna com olhos não permitidos pela minha profissão. Imaginei e fiz coisas na busca de estar perto dela. O que eu fiz e estou fazendo é errado.

Mas não pense que irei agora para alguma igreja e me ajoelharei em algum confessionário. Eu pretendo realmente me confessar, no entanto não será na companhia de um padre, mas de uma bebida, e bem forte. Pode parecer piada, mas para onde eu estou indo tem, de certa forma, confessionários.

Giro o volante à esquerda na *Chancery Ln/B400* e logo estou em frente ao *Cittie of York*. É um pub londrino, um dos melhores e mais antigo da cidade. Sua fachada é de uma arquitetura clássica, que conta com um painel em preto onde pode-se ler seu nome em letras douradas. Não sei sobre a arquitetura original, mas fui informado que ele foi construído na década de 1920. Seu estilo é predominante ao revivalismo Tudor inglês, original do século XV ao XVII. É possível ver um relógio, como o de uma torre antiga na entrada, acima da placa que dar nome ao lugar.

Mesmo avisando que estou prestes a entrar em um pub histórico, mais antigo do que tudo ao seu redor, sei que tudo que existe não tem mais de um século de idade.

Saio do carro e me dirijo ao estabelecimento. Sou cumprimentado por alguns funcionários que já me conhecem, e entro no salão principal, onde está situado o bar, que é bastante

amplo e majestoso. Eu não disse que iria me confessar? Pois saibam que a maioria das mesas neste bar se encontra em pequenas cabines aconchegantes – algo como um confessionário de uma antiga igreja. Existem também mais dois ambientes, um salão elegante com sofás e poltronas pretas, e um *cellar bar*<sup>[10]</sup> subterrâneo. Mas, no momento, quero apenas tomar uma bebida.

O lugar está cheio, porque já passa das 18h, horário que normalmente começa o *happy-hour*<sup>[11]</sup>. O zumbido pode parecer irritante, mas não ligo. Vou desviando de algumas pessoas e chego finalmente no bar. Sou rapidamente atendido:

“O que vai quere, senhor?” pergunta um jovem de cabelo curto e barba rala. Pelas mangas levantadas de sua camisa, noto tatuagens em seu braço direito.

“Um *whisky*, por favor.”

O rapaz vira-se de costa e rapidamente pega uma garrafa, voltando para mim com um copo enquanto coloca a bebida.

“Mais, por favor,” peço, quando vejo que ele colocou uma dose pequena.

“Dia difícil?” questiona, enquanto coloca mais.

“Vida difícil.”

“Mulher?” pergunta, se livrando da garrafa.

“Sim,” confirmo, virando o *whisky* de uma vez na garganta. Ele desce queimando. “Mais.”

“Entendo.” *Do que ele entende?* Me pergunto o vendo encher o meu copo mais uma vez. “As mulheres às vezes podem parecer difíceis.”

“O problema não é ela, sou eu,” confesso dando um gole e afrouxando minha gravata, que me aperta o pescoço.

“Oh, isso é novidade.” O jovem *barman* parece surpreso com a minha confissão. “Posso ajudá-lo de alguma forma?”

“Sim. Troque de emprego comigo,” digo sem olhá-lo. Estou encarando a bebida através do vidro do copo.

“Posso saber no que trabalha, senhor?”

“Eu sou professor... Professor de artes, na universidade aqui perto.”



“Bom, se eu pudesse, eu trocaria de bom grado com o senhor, se isso resolvesse o seu problema.” Menciona o rapaz, e eu o encaro, vendo um sorriso gentil e sincero em seu rosto.

“Com certeza resolveria. Obrigado!” E mando todo o *whisky* para a minha garganta. “Você é novo aqui?”

“Sim, senhor.” Ele coloca mais bebida em meu copo. “Comecei ontem.”

“Suspeitei. Você é muito gentil, ah...”

“Joseph, senhor. E obrigado, mas estou apenas fazendo o meu trabalho.”

“Melhor que os outros, tenha a certeza disso,” digo e o vejo sorri agradecido. “Você estuda, Joseph?”

“Não. Quer dizer, não no momento. Me mudei há pouco tempo para Londres e ainda estou me adaptando.”

“Então esse é um emprego temporário?” Puxo assunto, tentando esquecer os pensamentos que fervilham em minha mente.

“Por enquanto, sim. Não encontrei outra coisa.” Ele dá um meio sorriso. “Espero logo estar fazendo o que gosto de fazer.”

“E o que seria?”

“Esculpir. Eu sou escultor,” diz com orgulho, enquanto atende um freguês ao meu lado. “Não com formação, mas gosto do trabalho manual.”

“Hm, um artista.” *Que mundo pequeno.* “Me diz, você gosta de esculpir em quê? Gesso, madeira, barro...?”

“Qualquer coisa, desde que seja possível entalhar.”

“Interessante.” Termino minha bebida mais uma vez, e faço gesto para que ele coloque mais. Reluta por um segundo, mas finda colocando. “Sabe, eu também sou artista. Sou pintor.”

“Sério? Pensei que o senhor fosse professor.”

“E sou. Eu disse que sou professor de artes, mas eu também pinto. Ou pelo menos, pintava.”

“Por quê?”

“Falta de inspiração.” Tomo um longo gole da bebida.

“A mulher que o senhor mencionou não te inspira?”

“Sim, bastante.”

“Então, por que não pinta mais?” O rapaz parece confuso.

“Porque a mulher, a qual eu lhe falei conheci a menos de 48h,” declaro para sua surpresa.

“Nossa! Só dois dias e já está aqui bebendo por causa dela? Ela deve ser especial.”

“Sim, ela é. Ela é minha aluna.”

“*Wow!*”

“Agora sim, você entende minha situação.” E esvazio o copo mais uma vez. “Mais, por favor.”

“Deixa eu ver se entendi. O senhor está aqui, bebendo,” e ele vai enchendo o copo, “porque há dois dias conheceu uma mulher, pela qual está a fim, e ela é sua aluna?”

“Sim. Basicamente, isso.”

“E o senhor está bebendo porque gosta dela, mas não podem se relacionar por causa de sua condição de professor dela?”

“Quase isso. Eu gosto dela, mas não posso me dar ao luxo de acabar com sua vida por causa desse capricho.”

“O senhor acabou de dizer que gosta dela.” Ele me lembra.

“Dá no mesmo.”

“Desculpe, senhor, mas não.” O encaro, e vejo que está sério. “Se gosta dela, e posso dizer que gosta mesmo pela intensidade quando o senhor a mencionou e está aqui bebendo, então não se trata de um capricho.”

“Mas eu sou seu professor,” ressalto, dando um grande gole.

“E daí?”

“A universidade não permite esse tipo de relacionamento.”

“Ela gosta do senhor?”

“Eu não sei,” admito, e reparo que Joseph está confuso. “Ela não sabe que eu gosto dela.”

“Se ela não sabe, por que está aqui bebendo?”

“Porque fiz coisas erradas na minha vida e não quero que a história se repita.” Mais um gole. “Nessas últimas 48h horas fiz de tudo que estava ao meu alcance só para ficar mais perto dela. Mas vejo agora que isso é um risco para mim e, principalmente, para ela.

“Não sei o que o senhor fez no passado, mas posso dizer que o que está fazendo agora não é errado.” Joseph sorri para mim. “O senhor gosta dela, isso é um fato.”

“Sim, e é por gostar dela que vou me afastar,” lhe conto. “Por isso, estou aqui bebendo, porque logo o que sinto por ela será apenas uma lembrança.”

“Acho difícil ser uma lembrança, uma vez que é o professor dela.” Ele olha para os lados, e eu percebo que o bar está mais cheio. Então, continua: “Preciso apressar o meu serviço, mas posso lhe dizer uma coisa?”

“Sim.”

“Não faça nada do qual possa se arrepender depois.” Ele pisca, e antes de sair, acrescenta: “Se quer a minha opinião, conte para ela o que você sente. Se ela corresponder, juntos vocês encontrarão uma solução.”

Joseph se afasta para atender os outros fregueses, que enchem o bar e não tem uma história dramática como a minha para contar.

Gostei de ter conhecido esse rapaz. De início achei que não entendia nada, mas agora vejo que ele realmente tem a alma de um artista. Suas últimas palavras me tocaram, e agora eu paro para pensar nelas.

Será que ele tem razão? Eu devo falar para Elizabeth o que se passa dentro de mim? Mas como vou lhe falar se nem eu mesmo sei as emoções que me sufocam. Além disso, se eu falar e ela não corresponder? Isso vai ser muito difícil para mim, e ela ainda pode me denunciar por assédio. Será que eu não imaginei todas aquelas reações dela ou interpretei errado? Eu não sei. A única coisa que tenho conhecimento é que o meu copo está vazio e Joseph não está podendo me atender. Só me resta encarar o fundo do recipiente, assim como encaro a parte mais profunda de meus pensamentos.

Elizabeth entrou na sala atrasada, me interrompendo e me irritando, mas no fundo me lembro que fiquei surpreso com a sua beleza. Sua presença repentina mexeu comigo. Fiquei com raiva, fui rude e a envergonhei na frente dos colegas. Depois sorri, me animei e confessei para mim mesmo que ela era uma aluna diferente. Eu queria ela na minha pesquisa, e assim aconteceu, porque eu queria estar mais perto dela. Dormi e sonhei como há muito não sonhava, e lá estava ela, como um anjo me salvando da escuridão. Tive

orgasmo com a sua simples imagem em minha mente. Suas palavras, seu jeito de ser e agir, e sua paixão pela arte demonstrada essa tarde foi a flecha final. Eu estou gostando de Elizabeth.

Eu gosto tanto dela que posso até sentir a sua presença aqui, no pub. Esse sentimento me assusta e eu preciso me livrar dele, e balanço a cabeça para aliviar as ideias. Um movimento e eu a vejo. Eu não me enganei ao senti-la. Ela está aqui. Elizabeth está no *Cittie of York*.

Ela acaba de entrar com Samantha e, infelizmente, o sr. Harris. Estão olhando para o lugar, que está bastante cheio, fora algumas poucas cabines vazias. Eles estão à procura de uma mesa, e quando Elizabeth olha para o bar os nossos olhos se encontram. Há poucos segundos ela sorria, agora seu sorriso aumenta, mas logo vacila e ela fica séria. É impossível deixar de encará-la, e o meu olhar a prende por um longo tempo, até que Samantha a puxa, finalmente encontrando uma mesa que está com um casal de saída. A sigo com os olhos.

De todos os pubs londrinos, ela tinha que aparecer logo neste? Ou é muita coincidência ou o destino está a pregar uma peça. Talvez o destino queira que eu resolva logo o que decidi fazer. Não preciso esperar o dia seguinte ou a próxima reunião, posso desfazer o nosso laço, agora e aqui mesmo. Não parece certo, mas sei que adiar o inevitável vai acabar comigo. Me levanto e caminho para a mesa dela.

Elizabeth está em contato comigo, pois assim que me movo ela me encara ficando nervosa. Seus amigos ainda não notaram a minha presença. Ela olha para os lados, talvez procurando uma saída, mas ela sabe que estou a lhe encarar enquanto me aproximo, e se ela fizer qualquer evasiva, irei atrás dela.

“Boa noite,” digo próximo à mesa.

Estou olhando para Elizabeth e ela para mim, mas reparo que Samantha e o sr. Harris estão me olhando, surpresos.

“Boa noite,” responde os dois. Elizabeth perdeu a língua em algum momento.

“Boa noite, srta. Johnson.” Me dirijo exclusivamente para ela, não querendo ser ignorado.

“Sr. Duran,” diz com um movimento da cabeça.

“Os atrapalho?”

“Não. Claro que não, professor,” responde Samantha. E eu não deixo de notar que o sr. Harris olha feio para ela. Elizabeth está olhando para a saída.

“Então não se importaria, srta...?”

“Mills, senhor.”

“Não se importa srta. Mills se eu tomar a sua amiga emprestada por um momento, não é?”

“Eu?” questiona Elizabeth, surpresa com o meu pedido. “O que o senhor quer comigo?”

*Ah, Elizabeth, eu quero muita coisa.* Mas neste momento pretendo fazer o que não quero. Acredite, isso vai doer mais em mim do que em você.

“Preciso só lhe pedir algumas coisas para a nossa próxima reunião.” *Que não haverá.* “Pode me acompanhar até uma mesa? Talvez demore mais do que o esperado, e não quero interromper o encontro de seus amigos.”

“Não há mesa,” diz o sr. Harris, obviamente não gostando da minha presença.

“Há cabines vazias,” respondo olhando para Elizabeth. “Pode me acompanhar?”

Penso que ela irá se recusar, mas a vejo se levantando e pedindo licença para os seus amigos. Faço meu caminho para uma das cabines, sentindo a presença dela logo atrás de mim, me seguindo.

Escolho a cabine mais distante da mesa da srta. Mills e do sr. Harris, seus amigos. Não os quero nos observando e tirando conclusões óbvias. Me arrasto para o banco da direita enquanto ela senta à minha frente, no banco da esquerda. E por enquanto só a observo, sem encontrar as palavras certas. Ela me encara, apreensiva. Ela teme as minhas palavras ainda não ditas e por um momento tenho certeza do que se passa pela sua cabeça. Mas sinto que terei que decepcioná-la, pois não direi o que ela acha ou quer que eu diga, infelizmente.

Antes que eu tome pelo o impulso de conta-lhe, vejo Joseph ali perto e faço sinal para ele. Sorrindo, ele se aproxima:

“Deseja alguma coisa, professor?” pergunta, olhando para Elizabeth ao meu lado. Ele sabe quem ela é e se mantém impassível.

“Vinho, Joseph, por favor.”

“É pra já, senhor. Trarei duas taças do vinho de nossos melhores barris.”

Ele se afasta e vejo que Elizabeth está confusa com a nossa cordialidade. Mas ela não me pergunta nada, apenas volta a me encarar esperando o que tenho a dizer. Graças a Deus, Joseph volta rapidamente com o vinho, servindo uma taça para ela e outra para mim. Não diz nada, mas posso ver que está sorrindo. Joseph é mais esperto do que imaginei.

Quando ele sai, Elizabeth toma a palavra:

“Então, senhor, o que tem para me pedir sobre a pesquisa?”

“Eu quero que você a deixe,” digo antes que me arrependa.

Elizabeth está me encarando, sem entender. Nos seus olhos, vejo confusão, e antes que ela fale, também percebo que está triste:

“Mas, senhor, eu não entendo. Eu fiz algo de errado? Por favor, me diga e eu concertarei...”

“O problema não é você. Sou eu,” confesso, enquanto bebo boa parte de meu vinho. “Foi um erro você ter se inscrito para a minha pesquisa.”

“Senhor, eu não entendo,” diz, exasperada. Seu vinho, intocável.

“Elizabeth, você é bonita demais.”

“Obrigado, mas não sei o que isso tem a ver com o presente problema.”

“Tem tudo a ver.” Eu toco sua mão sobre a mesa e ela faz menção de retirá-la, mas eu a seguro firme: “Não! Deixe-me segurar sua mão. Isso torna as coisas mais fáceis.”

“Sr. Duran...”

“Sabe, Elizabeth, quando eu vi que você tinha se inscrito para a pesquisa, eu simplesmente descartei os demais currículos.”

“O senhor não fez...”

“Sim, eu fiz!” admito, olhando em seus olhos. “Claro que eu li os outros, mas já estava decidido. Eu escolheria você.”

“Por quê?” Ela pergunta olhando para a minha mão segurando a dela.

“Porque eu queria você. Eu quero você!” E eu também olho para as nossas mãos. “Sabe, você mexeu comigo. Eu tenho medo do que estou sentindo... Você não sente o mesmo por mim?”

“Já chega, professor!” De repente, ela se levanta quebrando a nossa conexão. “O senhor está indo longe demais.”

“Espere!” agarro-lhe o braço e imploro: “Não fique com raiva de mim. O problema não é você. Sou eu. Eu vou lhe arranjar outra bolsa, em outra pesquisa. Mas eu quero que você fique longe de mim.”

“Eu não quero ir para outra pesquisa, droga!” diz irritada, mas não tira o seu braço de minha mão. “Se eu quisesse outra, não teria me inscrito para a sua. Eu quero essa pesquisa e não vou sair dela, independentemente do que o senhor diga. Não vou ficar longe de você!”

Estou rindo, e não sei o porquê. Na verdade, minha mente está vagando, e eu não consigo pensar direito. Olho nos olhos de Elizabeth e percebo que ela está me avaliando. Suas palavras não têm qualquer significado, pois não consigo acompanhá-las. A única coisa que sei é que meu corpo está mole e minha mente leve. Eu só quero fechar os olhos e...

# Violeta

Abro os olhos e encontro uma claridade segadora. Há muito sol para onde quer que eu olhe. Minha cabeça está doendo e eu não sei no que pensar, mas percebo que não estou na minha cama. É apertado e claro.

À medida que os meus olhos vão se acostumando, e com um pouco de esforço de minha mente, apesar da dor de cabeça, vejo que estou dentro de um carro. Não qualquer carro. Estou dentro da minha Mercedes, deitado no banco de trás. Minha pasta está sob minha cabeça, enrolada em meu *blazer*. Estou sem a gravata, mas a vejo sobre o banco do passageiro.

*Eu fui assaltado?* É primeira pergunta que me vem à mente. Ao mesmo tempo penso que não. Como eu seria assaltado e estaria dentro do meu próprio carro? Se assim fosse, eu devia estar no porta-malas, no mínimo.

Me levanto e olho ao redor, para além da rua, e observo que estou estacionado em frente à minha casa. Mas eu não lembro de ter dirigido até aqui. Na verdade, eu não lembro de nada, e quanto mais penso mais a minha cabeça dói. Passo lentamente para o banco do motorista e encontro as minhas chaves. Alguém me trancou dentro do meu próprio carro e jogou as chaves por uma pequena brecha da janela. Aos poucos, começo a lembrar do que aconteceu.

Eu estava em um pub e bebi alguns copos de *whisky*, enquanto conversava com o *barman*, chamado Joseph. Eu lhe contei os meus problemas e ele me falou um pouco de sua vida. Naquela altura, já sentia o álcool em meu sistema. Lembro que enquanto estava lá, Elizabeth apareceu, mas a sua imagem na minha mente parece um sonho. Okay, Elizabeth sempre foi um sonho para mim, algo não real e que eu não posso ter. Mas a sua presença no pub era verdadeira.

Eu fui até a sua mesa, onde ela estava com uma amiga e aquele moleque, o sr. Harris. Os cumprimentei e pedi para Elizabeth me acompanhar. Queria falar com ela sobre a pesquisa. Quer dizer,



eu queria pedir que ela se afastasse de mim, que sua presença na pesquisa não era conveniente. Lembro que ela ficou chocada, mas, naquela altura, eu já estava bêbado, e ainda tomei vinho. Falei mais do que devia. Confessei que desde o início eu a escolheria como minha bolsista, mesmo não tendo lido os outros currículos. Admiti que queria ficar perto dela e perguntei se ela sentia o mesmo por mim.

A partir daí não lembro de muita coisa. Ela falou comigo, irritada. Quis ir embora, mas eu a impedi. Supliquei que se afastasse e ela me respondeu... Eu não lembro o que ela disse. Minha cabeça girava, ficando leve e então... Bom, eu acordei aqui.

Mas como eu vim parar aqui, em frente à minha casa e dentro do meu carro? Ninguém do pub me traria, pois tenho certeza que ninguém de lá sabe onde eu moro. A não ser...

Olho em volta. Minha gravata está muito bem colocada sobre o banco do passageiro. Atrás, no banco onde há pouco acordei, minha pasta se encontra muito bem enrolada dentro do *blazer*, como um travesseiro improvisado, enquanto o sobretudo está jogado no chão, provavelmente estava sobre o meu corpo, me protegendo do frio. As janelas estão abertas pela metade, apenas a do motorista se encontra com uma pequena abertura, por onde, quem quer que tenha me deixado aqui, jogou a chave após me trancar dentro do carro.

Tudo foi muito bem pensado. E há esse vestígio de cuidados comigo. Não precisa ser muito inteligente para adivinhar quem fez tudo isso. É claro que foi ela. Ela me trouxe para casa e me deixou em cuidados dentro do carro. Elizabeth se preocupa comigo.

Eu estou feliz por constatar isso, mas também estou com raiva por ela não ter me levado para dentro de casa. Entretanto, isso não é do fértil de Elizabeth, e sim de Monalisa. Ela teria entrado, me colocado na cama, tirado a minha roupa e, para garantir o meu bem-estar, dormiria ao meu lado. Nunca que Elizabeth faria isso. Ela é ingênua demais, menos quando se trata de sua carreira. Acredito que foi demais para ela me trazer até aqui.

O melhor é saber que ela se preocupou comigo. Isso significa que ela sente algo por mim. Se tivesse sido outra pessoa ou aluno,

teriam me deixado no pub até recobrar a consciência para me jogar em um taxi e me mandar para casa. Elizabeth fez diferente. Não sei como ela fez, mas posso até imaginar.

Ela não pediu ajuda aos seus amigos, pois isso soaria estranho. Tenho certeza que ela pediu ajuda a alguém do bar, e sei até a quem. Com a ajuda do *barman*, ela me colocou em meu carro, pegou a chave em meu bolso e procurou no porta-luvas o meu endereço, ou ela se lembrou que na folha que eu lhe entreguei na reunião havia essa informação. Então, ela dirigiu e aqui me deixou, com alguns cuidados. Pasta como travesseiro, tira a minha gravata para não me sufocar e deixara as janelas do carro abertas o suficiente para eu não ficar sem ar ou morrer de frio, ou mesmo ser assaltado. Fico pensando na sorte que tive, mas há muito que o meu carro fica estacionado na rua e nada lhe aconteceu, assim como os dos meus vizinhos. Ela pensou exatamente em tudo. Como posso não dizer a mim mesmo que Elizabeth Johnson não gosta de mim, quando o que ela fez mostra completamente o contrário?

Gostaria de me lembrar o que ela disse quando implorei para se afastar de mim. Recordo que ela disse algo, mas devido o álcool eu não assimilei as suas palavras. Porém, tenho certeza que ela deixou escapar algo, e quando eu lembrar, terei a certeza de seus sentimentos por mim.

Por enquanto, preciso tomar banho e beber um café bem forte junto com algum remédio para dor de cabeça. Há muito que não tenho uma ressaca, e já havia esquecido a sensação de ter uma.

Abro a porta do carro e coloco os pés para fora, e só então percebo que estou apenas de meias. *Oh, Elizabeth, você tirou meus sapatos também.* O que custava ter me levado para a minha cama e ter tirado a minha roupa? Okay, custaria sua dignidade. E você ainda é minha aluna. Pois é, me dói toda vez que me lembro desse fato. Procuro meus sapatos e eles estão debaixo do banco do passageiro. Eu os pego, mas não os calço. Também pego minha pasta, *blazer* e gravata, coloco tudo debaixo do braço e saio da Mercedes.

Na calçada, olho para os lados e vejo alguns vizinhos, ocupados demais em seus afazeres matinais para se ocuparem com o professor que nunca dá bom dia, boa tarde ou boa noite quando

os ver. Abro o pequeno portão e caminho para dentro, e pelo canto do olho vejo que há uma senhora de idade agachada em meu jardim. Eu paro:

“Quem é a senhora?” pergunto, sem entender a presença da estranha anciã.

“Oh, eu não o vi chegar,” diz a idosa, se virando para me encarar com um sorriso.

Ela está segurando uma tesoura de podar, e usando luvas e avental. Olho para o lado e percebo que ela estava cuidando das plantas e flores do meu jardim. Mas por quê?

“Quem é a senhora e o que está fazendo aqui?”

“Desculpe, querido. Meu nome é Anieta Foster, mas pode me chamar apenas de Anie.” Ela caminha na minha direção, tira a luva da mão direita e a estende. A cumprimento, relutante. “Eu sou sua vizinha, da casa ao lado.”

“Nunca vi a senhora,” admito.

“Não?” pergunta ela, surpresa. “Pois eu sempre vejo você quando sai para o trabalho. É costume meu acordar cedo para cuidar das plantas, sabe.”

“Sei. Mas por que a senhora está em meu jardim?” volto a questionar.

“Ah, mil desculpas, querido. Eu pensei que você tivesse saído para trabalhar,” fala com um sorriso bobo no rosto enrugado. “Estava cuidando do meu jardim e vi o seu. Estava com alguns matinhos grandes e umas flores de outono murchas. Não resisti. Abri o seu portão e comecei a cuidar delas. Estava quase acabando, quando você chegou.”

“Certo. Obrigado por cuidar de meu jardim,” agradeço, enquanto minha dor de cabeça aumenta. Faço careta. “Não havia necessidade.”

“Oh, querido, não precisa agradecer. Fiz de coração. E eu gosto de cuidar das plantas.”

“Mesmo assim, obrigado. Eu vou...” E faço gesto para a casa, caminhando para a porta com uma das mãos na cabeça.

Abro e entro. Ao me virar para fechá-la, vejo a velha senhora caminhar para o meu portão, de saída. *Que estranho*, penso. Nunca

vi essa senhora. Quer dizer, nos anos que moro aqui não conheço os meus vizinhos. Minha rotina sempre foi da universidade para casa, de casa para a universidade. E nos poucos minutos de encontro, nunca parei para conversar com nenhum deles. Posso ter meus trinta e dois anos, mas vivo como um velho rabugento de sessenta, trancado dentro de casa, fora da vista dos outros.

Olho ao redor e sinto uma sensação mórbida. Caminho vagarosamente para a escada, a subindo quase que sem força. Minha cabeça dói muito e eu preciso urgente de um remédio, mas só o encontrarei no armário abaixo da pia do banheiro.

Entro no quarto e jogo tudo em cima da cama, inclusive os sapatos. Me volto para o banheiro e procuro pelo remédio. Assim que o acho, o tomo com água da torneira.

Eu quero um banho. Me sinto sujo. E é isso que eu faço. Retiro minha roupa enquanto coloco a banheira para encher. Não quero um banho de chuveiro. Quero entrar na banheira e me afogar na água, não literalmente. Tudo que eu preciso agora é relaxar e esperar que o remédio faça efeito.

Deixando a roupa em cima da bancada, entro na banheira e a sensação é maravilhosa. Seria ideal uma taça de vinho, mas não posso beber, não depois da noite de ontem. Então, se não posso beber, posso pelo menos escutar música. Pego meu *iPhone*, que está no bolso de minha calça, e dou *play* na minha lista de músicas. Mozart<sup>[12]</sup> começa a tocar, e eu fecho os olhos escutando *Greensleeves*<sup>[13]</sup>. O som é suave, e logo meus pensamentos vão se agrupando, me permitindo ter uma ideia clara de meus sentimentos por Elizabeth.

Ao simples pensamento de seu nome, o meu corpo desperta. Mas não quero dá-lhe prazer com a imagem dela. Eu quero entender o que está acontecendo comigo. Por que não consigo esquecê-la e, principalmente, me afastar dela? Mesmo estando alcoolizado na noite anterior, me lembro que o simples fato de querer que ela ficasse longe me perturbava.

Deus, o que está acontecendo? É realmente possível eu gostar dela em menos de 72 horas? Isso é muito irreal para ser verdade. Eu

já estive apaixonado uma vez, e isso é diferente. Demorei semanas para olhar para Monalisa com outros olhos que não fosse o de um professor. Tudo bem que ela contribuiu bastante, se insinuando sempre que podia para mim. Monalisa não perdia uma oportunidade de estar a sós comigo. Completamente diferente de Elizabeth.

*Eine Kleine Nachtmusik*<sup>[14]</sup> começa a tocar no meu celular e eu afundo a cabeça na água, ficando submerso por algum tempo, mas volto tossindo, quando não aguento mais a falta de ar. Essa sensação é agonizante, tanto quanto o meu medo de Elizabeth fazer o que lhe pedi, se afastar de mim, deixando a pesquisa. Respiro fundo recuperando o ar perdido, e noto o quanto necessito dela assim como necessito do ar que respiro. *Incrível!* A sensação é a mesma.

Fico na banheira por um bom tempo, pelo menos, até o número de músicas do Mozart se esgotarem e da pele de meus dedos ficar enrugada. Começo a ficar com frio e saio da banheira, levando comigo o meu *iPhone* e minha roupa.

Retiro os sapatos de cima da cama e os coloco no chão. Junto toda a roupa e a jogo no cesto, anotando mentalmente para levá-la a lavanderia. Abro o guarda-roupa e escolho uma roupa confortável para ficar em casa; uma calça flanela de cor cinza e uma camiseta de lã preta, e mangas compridas. Descalço, desço a escada com a intenção de fazer um café forte.

É quarta-feira e eu não tenho aula. O bom de ser o professor de História da Arte é que tenho poucas turmas e dias livres do trabalho. Terei aula amanhã, quinta-feira, e só. Minha próxima aula, depois de amanhã, é na segunda, na turma de Elizabeth. E sim, já temo pelo o que pode ou não acontecer. Antes que eu me perca pensando no que farei a respeito, ouço a campainha tocar.

Paro a meio caminho da cozinha e olho para a porta, confuso. Quem pode ser? O correio normalmente deixa a encomenda na porta. Não pode ser ninguém da universidade, pois hoje não tenho aula, e pode-se dizer que não tenho amizade com os meus colegas de profissão. Decidindo por atender, torço para não ser a Sônia. Não estou nos meus melhores dias. E se fosse... *Não!* Impossível.

Elizabeth não apareceria aqui, na minha casa, por livre e espontânea vontade. *Ou apareceria?*

Abro a porta. Para o meu alívio não é a Sônia e para a minha infelicidade também não é Elizabeth. A sra. Foster, minha velha vizinha, está parada em frente à minha porta, sorrindo como toda idosa simpática.

Ela me lembra as senhoras dos programas culinários. É baixinha, de pele enrugada e cheinha. Seu cabelo é curto e branco com tons de loiro, cor que um dia ele foi. Seus olhos são tão azuis quanto a superfície do mar a luz do sol. Usa um vestido azul florido sob um avental rosa, também com flores. Por que a fascinação das senhoras de idade pelas rosas e flores?

“Sra. Foster,” cumprimento, surpreso com sua visita inesperada. “Ao que devo a sua visita?”

“Oh, querido, espero que eu não o tenha interrompido.” Ela olha para o meu cabelo molhado e rebelde.

“Não, nenhum pouco.” Minha educação não permite ser rude com essa senhora. Eu não sei, mas tem algo nela que me conforta.

“Que bom.” E seu sorriso é maior. Vejo ela estender as mãos, me cedendo uma bandeja. “Reparei que você não estava muito bem quando chegou. Então lhe preparei um chá bem quente, com alguns pedacinhos do bolo que acabei de tirar do forno.”

“Ah! Não precisava se incomodar, sra. Foster.” Estou sem palavras para a sua atitude. Chá e bolo?

“Não é incomodo nenhum.” Ela empurra a bandeja em minhas mãos, e eu sou obrigado a receber. “Beba o chá e coma do bolo. Vai te fazer muito bem.”

“Eu...”

“Você parece preocupado, querido.” A sra. Foster bate carinhosamente em meu braço. “No momento, algo simples vai lhe fazer bem, confie em mim. Depois você pode voltar a pensar, com mais clareza.”

Ela sorri e se vira, indo embora. Quando está a meio caminho do portão, se volta para mim:

“Ah, e, por favor, me chame de Anie.”

E vai embora me deixando com a sua bandeja em mãos. Olho para baixo e vejo uma xícara de chá fumegante, e um prato com três fatias de bolo. Ambos, devo confessar, estão cheirando muito bem.

Me volto para dentro de casa e me sento a mesa. Pensando no que a sra. Foster... Quer dizer, o que Anie disse, como um pedaço do bolo e bebo um pouco do chá. A sensação dessa simples comida, juntamente com o ato bondoso dessa senhora, parece clarear um pouco as ideias. Ah, e a comida está excelente.

Enquanto eu como, avalio tudo que já pensei sobre a minha reação para com Elizabeth. Eu tenho certeza que a quero, mesmo isso sendo contra as diretrizes da universidade, afinal não seria a primeira vez, e essa não é a única instituição de artes em toda a Londres. Justamente por não ser a primeira vez, eu tenho medo, porque eu já passei por isso e sei as consequências, até as mais perigosas. Mas também sei que o que me aconteceu há anos é um pouco diferente do que me acontece agora, pois não sei se Elizabeth corresponderia as minhas emoções.

O que mais me deixa frustrado é a ideia de saber que já sei a sua resposta, porque na noite passada tenho certeza que Elizabeth disse algo com o qual eu posso me agarrar, como uma chama de esperança. O problema é que eu estava bêbado e não consigo me lembrar. Pelo menos, não dos detalhes.

Seguro a xícara de chá entre minhas mãos e encaro a porcelana. Assim como a roupa e o avental de Anie, a xícara tem detalhes floridos, e mais uma vez me pergunto: por que tantas flores?

Olho para dentro da xícara e encaro o meu reflexo no chá ondulante. Inspiro seu cheiro enquanto fecho os olhos. Minha dor de cabeça começa a passar e eu já sinto o meu corpo mais relaxado. Percebo que Anie tinha razão, era disso que eu precisava. Bebo o resto do chá e levo a bandeja para a pia, lavando todos os utensílios e os deixando de lado para devolver mais tarde. Também lavo os pratos que acumulei do dia anterior, e fazer essa pequena tarefa me faz esquecer um pouco a vida.

Quando termino, volto para o meu quarto, sento sobre a cama e puxo minha pasta para o meu colo. Pego todos os artigos que preciso ler para esse final de semana, e entre eles encontro a ficha de Elizabeth. Leio todas as informações novamente, e, com muita força de vontade, deixo de lado. Cruzo as pernas e começo a ler o primeiro texto.

A partir de sexta estarei saindo em viagem para Portugal. Haverá um congresso e eu fui chamado para dar uma palestra a respeito de minha pesquisa. Ao contrário da surpresa de Elizabeth e de muitos outros, o modo como abordo o erotismo na arte é apreciado por alguns pesquisadores, e estou muito feliz por mais essa oportunidade. Por enquanto, preciso esquecer Elizabeth e me concentrar no meu discurso, para não fazer feio na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa<sup>[15]</sup>, que me fez esse convite há alguns meses, e eu não posso voltar atrás.

Penso por um momento como seria incrível se Elizabeth me acompanhasse, para conhecer mais sobre o meu trabalho. Mas isso é impossível, agora que pedi que ela deixasse a pesquisa. Não lembro de sua resposta, no entanto me recordo de sua reação; triste, mas decidida. Tenho certeza que ela atenderá o meu pedido, principalmente depois das palavras sem noção que eu lhe disse. Agito minha cabeça. Deixo, com muita dificuldade, Elizabeth de lado e passo a ler com atenção os textos que venho preparando há algum tempo para o congresso.



Termino de ler o último texto e olho para o relógio. Não passa muito das 17 horas. Depois de um banho de banheira e chá com bolo, o dia foi de muita leitura, como vinha sendo até eu conhecer Elizabeth.

De tempo em tempo, de um texto para outro, eu parei para pensar nela. Depois obrigava a minha mente a se concentrar. No almoço foi do mesmo jeito. O prato sujo está ao meu lado, sobre a mesinha de cabeceira, com um copo de suco de maçã. Durante a



leitura, me permiti comer um sanduiche, uma vez que para preparar algo mais reforçado ia me oferecer tempo suficiente para trazer a minha mente as lembranças de Elizabeth.

Agora que cheguei ao fim, não tem mais nada que eu possa fazer para não pensar nela. Eu simplesmente necessito trazer sua imagem a minha mente, mas, principalmente, preciso me lembrar o que ela me disse antes de eu apagar sobre a mesa do pub. Eu sei que o que ela disse pode mudar e muito a situação entre nós, quer dizer, a minha relação com ela.

Me deito na cama e deixo minha mente vagar. À medida que vou trazendo os acontecimentos da noite anterior, muito começa a ficar mais claro. Recordo que quando sentamos na cabine, eu estava muito nervoso e ela ansiosa. Não disse nada antes de eu beber o vinho servido pelo Joseph. É a partir daqui que os pontos ficam nublados, dificultando entender o que ela disse.

*"Eu quero que você deixe a pesquisa"*

Eu digo antes de me arrepender. Ela fica confusa e diz algumas coisas, do tipo se tem algo de errado com ela. Eu respondo que *eu* sou o problema e não ela.

Na minha lembrança, ela está triste. Lembro que Elizabeth nem tocou em seu vinho. Eu, pelo contrário, depois de alguns goles, falei o quanto ela é bonita. Toco sua mão e ela faz menção de retirá-la, mas imploro que ela deixe eu fazer isso, e agora me lembro que confesso muito do que fiz. Lhe conto que mesmo antes de ver as demais fichas de inscrições, ela já era a minha escolhida.

Elizabeth pergunta o porquê e eu respondo:

*"Porque eu queria você... Eu quero você!"*

E digo mais:

*"Sabe, você mexeu comigo. Eu também tenho medo do que estou sentindo... Você não sente o mesmo por mim?"*

Assim que levanto da cama, me sentando, lembro dela partindo e eu segurando seu braço. Mais uma vez imploro que deixe a pesquisa. Digo que o problema sou eu e não ela, e peço para ela ficar longe de mim.

Meu coração acelera, porque agora consigo me lembrar de suas palavras, ditas em meio a raiva, mas decidida:

*"Eu não quero ir para outra pesquisa, droga! Se eu quisesse outra não teria me inscrito na sua. Eu quero essa pesquisa e não vou sair dela, independentemente do que o senhor diga. Não vou ficar longe de você!"*

Meu peito sobe e desce com a lembrança. *"Não vou ficar longe de você"*, ela disse. Sim! Eu agora tenho certeza de suas palavras. Elizabeth deixou bem claro que eu também mexo com ela. Eu não consigo respirar direito, e o meu coração está batendo descompassadamente. Há um sorriso bobo em meu rosto, e eu não sei o que dizer ou fazer perante essa revelação.

*"Elizabeth gosta de mim,"* digo a mim mesmo.

Dizer isso em alto e bom som me enche de alegria e também de esperança. Mas se ela não quer ficar longe, se ela sente algo por mim, por que não me disse antes?

*Ah, Sérgio, não seja idiota!* Assim como você não podia contar para ela, ela também não pode contar para você. Elizabeth tem consciência que é sua aluna e não vai arriscar seu futuro para viver dessa relação, no momento, imaginária para ambos.

*"Eu preciso saber. Eu preciso ter certeza de que existe alguma chance entre nós."*

Pulo da cama e corro para o guarda-roupa, pegando a primeira calça *jeans* que encontro. A visto rapidamente e calço os sapatos que estão jogados perto da cama. Não há tempo para procurar por um tênis ou algo mais confortável. A combinação de roupa é estranha, mas não me importo. Desço a escada depressa e pego a chave do carro, perto da porta. Então, eu paro.

*"Onde ela mora?"* Me pergunto.

Mas que droga! Quando finalmente descubro que Elizabeth sente algo por mim, eu simplesmente não sei onde ela mora. *Que droga de professor você é, Sérgio? Nem para saber onde ela mora? Francamente! Que tipo de orientador você quer ser?* Respondo a mim mesmo que serei um ótimo orientador, uma vez que se eu não vou a casa dela, ela com certeza vai fazer o que pedi e vai desistir da pesquisa. Eu fiz de tudo para ter ela perto de mim, e agora a perco.

Estou com a mão na maçaneta da porta, e minha mente começa a ter ideias, as quais não quero fazer. Mas parece que ela tem razão. Depois do que fiz e disse no pub, só me resta voltar para o quarto, desistir completamente de Elizabeth e olhar novamente as fichas de inscrição a procura de outro orientando.

*A ficha!*

Volto rapidamente para o meu quarto e encontro sobre a mesinha de cabeceira a minha salvação: a ficha de inscrição de Elizabeth. Nela tem todas as suas informações, inclusive o seu endereço. Pego a folha e, sem demora, vejo onde ela mora:

"*Beaufort House.*" Leio em voz alta, sem esconder a animação. "É perto daqui. Ah, Elizabeth, o destino está conspirando a nosso favor."

Coloco sua ficha em meu bolso e corro para a porta de saída. Ao trancá-la e me virar, dou de cara com Anie:

"Está de saída, querido?" pergunta feliz.

"Sim, Anie," respondo passando por ela, sem perder mais tempo. "Estou apressado. Eu preciso..."

"Shh, vai!" incentiva. "Faça o que tem que fazer e aquiete esse fantasma que ronda a sua alma."

Sem entender o que Anie quis dizer com fantasma, eu não paro para pensar e disparo para a Mercedes preta, estacionada a meio-fio da calçada. Entro, coloco o sinto de segurança e viro a chave na ignição, dando vida ao motor. Antes de partir, vejo Anie acenando e sorrindo para mim. Pode parecer estranho, mas eu retribuo o sorriso e aceno com a mão para a desconhecida que conheço a pouco mais de dez horas. Então, passo a macha e acelero para a *Albert Bridge Rd/A3031*, a caminho do apartamento de Elizabeth.

## *Branco*

Estou estacionado em frente ao *Beaufort House*. É um prédio de poucos andares, bastante elegante e de aparência cara. Sua fachada é simples, bem arrumada, com um belo jardim em volta. A entrada é branca e seus andares em tijolinhos marrons, bem claro. Como um prédio tipicamente londrino, não pode faltar detalhes ornamentados nas portas e nas janelas nos andares superiores. O prédio está localizado em *Beaufort Gardens*, um tranquilo terraço regencial arborizado, no coração da área exclusiva de *Knightsbridge*.

Me encontro dentro do carro, decidindo se vou ou não ao apartamento de Elizabeth. Tenho medo de ter interpretado errado as suas palavras. Estava bêbado na noite anterior e posso muito bem não ter entendido ao certo o que ela disse. Fiquei animado, me precipitei e agora estou aqui, olhando pela janela do meu carro e tentando adivinhar qual é a o apartamento de Elizabeth, para me contentar em ficar apenas observando.

Mas eu preciso encarar a verdade, ou não. Eu preciso sair do carro e falar com Elizabeth, cara a cara e sóbrio. Quero dizer tudo que está preso dentro de mim, e principalmente saber se ela sente o mesmo ao meu respeito. Não devo me preocupar com o resultado, tenho que fazer o que o meu coração está mandando, pois nesse momento é ele que está a controlar o meu corpo.

“Vamos lá, Sérgio.”

Saio do carro e caminho até a entrada do prédio. Olhando de perto, penso na sorte que tenho da pesquisa não ser remunerada, caso contrário não poderia tê-la aceitado. É obvio que ela é muito bem de vida, e isso me incomoda. Mas, por enquanto, preciso resolver outro tipo de inquietação, o do meu coração, que bate acelerado desde o momento que lembrei das palavras de Elizabeth: *“Eu não vou ficar longe de você”*.

Atravesso a entrada do hotel e me viro para a recepção ao lado. Há um rapaz, vestido de branco e no seu peito vejo uma plaquinha com o seu nome escrito, Paul. É para ele que me dirijo, tirando sua atenção do computador:

“Boa noite.”

“Boa noite, senhor. Em que posso ajudá-lo?”

“Gostaria de visitar a srta. Elizabeth Johnson, que se encontra hospedada aqui.”

“Pois não.” Ele olha o computador e digita o nome de Elizabeth. “Sim, aqui está. Apartamento 7, quarto executivo, no terceiro andar. Gostaria que eu anunciasse a sua chegada, senhor?”

“Não, obrigado,” agradeço. E acrescento uma mentira: “Ela já me espera.”

Saio da recepção e sigo pelo saguão para o elevador. Ao entrar nele, aperto o botão para o terceiro andar e aguardo.

Minhas mãos estão suando, e eu tento controlar o nervosismo. *Calma, Sérgio! Onde está o controle?* Eu nunca fui assim. Por anos tenho sido um cara frio e temido em algumas situações. *Onde está sua áurea de confiança?* Respiro e inspiro fundo. Quando o elevador abre, estou mais calmo e no controle da situação.

Saio do elevador e ando pelo corredor a procura do apartamento 7, o encontrando rapidamente. Encaro o número na porta e ele me olha de volta. Já estou aqui. Não há mais volta. Estendo a mão e pressiono o botão da campainha. Enquanto espero, escuto passos se aproximando da porta, até que ela se abre e surge Elizabeth.

“Boa noite, *srta. Johnson,*” a saúdo, educadamente. Minha voz é calma e sem emoção.

“Sr. Duran!” diz ela, surpresa por me ver na sua porta. “O que o senhor está fazendo aqui?!”

“Desculpe lhe incomodar no seu apartamento, mas precisamos conversar.”

“Conversar?”

“Sim. Sobre ontem à noite...”

“Okay, professor. O senhor não devia estar aqui.”

“Pelo contrário. É aqui que devo estar,” discordo. “Será que posso entrar?”

“Não sei se é uma boa ideia.”

“Não se preocupe, Elizabeth,” garanto. “Eu estou sóbrio. Posso?”

Ela reluta, mas logo desiste.

“Okay. Entre.”

Elizabeth abre mais a porta, me permitindo entrar. Eu sorrio agradecido, mas ela não retribui o sorriso. Está séria, preocupada com a minha presença e com certeza com o que tenho a dizer. Ah, se ela soubesse como nesse momento eu tenho muito mais medo de suas palavras do que ela possa ter das minhas.

Seu apartamento é bastante espaçoso, isso para não dizer enorme. Logo na entrada, à esquerda, há uma sala de recepção e a frente um corredor, que parece levar para a sala de jantar, banheiro e quarto.

Elizabeth fecha a porta e me leva para a sala de recepção, que tem uma decoração bastante elegante, condizendo com a sofisticação do apartamento e do hotel. É uma sala quadrada, com uma lareira elétrica e sobre ela uma TV de plasma. Parte da parede é de cor marfim, com papel de parede florido marrom. Há uma mesa de centro, em madeira escura lustrosa, com sofás escuros, combinando com a decoração. Tem um lustre de cristal e ao lado, uma pequena mesa de madeira escura, com um notebook aberto e alguns papéis espalhados sobre ela.

“Estava estudando?” pergunto, me aproximando da tela.

“Não especificadamente...”

Vejo que ela estava escrevendo antes de eu chegar. E para a minha surpresa, ela está escrevendo sobre o erotismo na arte. Isso me empolga, e eu olho para ela sorrindo:

“Vejo que não vai mesmo deixar a pesquisa.”

“Não.” Simples e direta.

Eu a observo e vejo que não há medo na sua palavra. Ela está decidida a continuar, independentemente do que eu diga. Ainda sorrindo, percebo a roupa que ela está usando. *Meu Deus, tenha piedade de mim!* Elizabeth está usando uma calça flanela, muito parecida com a que eu estava vestindo, mas a dela é modelo feminino rosa com listas brancas na lateral. Está vestindo uma regata branca justa, que realça seus seios sem sutiã. Observo como

os mamilos são visíveis sob o tecido, e isso me excita. Sorte que estou com calça jeans, se não Elizabeth veria agora o que ela é capaz de fazer com o meu corpo. Meu membro cresce dentro da cueca e eu desvio meus olhos de seu cabelo solto para o texto na tela do notebook.

“Será que eu posso ler?” pergunto, apontando para o aparelho.

“Eu ainda não terminei.” Ela cruza os braços sobre os seios e eles aumentam com a pressão. “Mas, okay. Pode ler. Só não seja tão crítico. Estou só começando.”

“Farei o meu melhor,” digo sorrindo bobamente, enquanto puxo a cadeira para me sentar. “Mas, principalmente, falarei a verdade.”

“Tudo bem.” E se eu não estiver enganado, eu vi um pequeno sorriso lhe escapar dos lábios, antes dela perguntar: “Aceita alguma coisa para beber?”

Perto de seu notebook reparo numa taça, com um pouco de vinho. Acho que podemos facilitar as coisas se houver um pouco de álcool no meio.

“Eu aceito um pouco desse,” respondo gesticulando para a taça. “Quer dizer, isso se você não se importar.”

“Vou buscar uma taça para o senhor.”

E ela sai pela outra porta presente na sala, que deve ler a cozinha do grande apartamento. Por um momento tenho vontade de perguntar se ela é rica, isso para não dizer milionária ou algo do tipo, mas fecho minha boca deixando esse pensamento de lado e me concentrando no texto que ela começou a escrever.

Quando ela volta, eu já tenho terminado de ler e estou a encarar a tela, pensativo. Percebo que ela para na porta ao ver minha expressão e vai logo perguntando se tem algo de errado. Como disse, quando se trata de seus estudos e de sua futura carreira, ela em nada é ingênua.

“Algum problema com o meu texto?” indaga, colocando a taça e a garrafa de vinho sobre a mesa, e correndo para o meu lado para olhar o seu trabalho. “Eu disse ao senhor que não está terminado.

Comecei essa tarde e ainda não encontrei a essência da pesquisa. Se o senhor me der mais tempo..."

"Calma, Elizabeth!" peço sorrindo para ela ao meu lado. Esse seria o momento ideal para lhe tocar. Sua mão está a poucos centímetros da minha, mas me contenho. Não posso assustá-la. "Seu texto está muito bom. Você conseguiu captar muito da essência da pesquisa, mas..."

"Mas? Eu sabia que tinha algum problema." Ela se afasta, dando a volta na mesa e ficando de frente para mim. "Sr. Duran, tenha um pouco de paciência comigo."

"Eu tenho, Elizabeth." Mais do que você imagina, porque a minha vontade, agora, é de tirar tudo que tem em cima desta mesa, te deitar sobre ela e te possuir, até que você grite o meu nome em meio ao prazer. *Concentre-se, Sérgio!* "Não se preocupe. A única coisa que gostaria de acrescentar no seu texto é sobre as ideias, pois isso você entendeu perfeitamente. Toda a base teórica que você construiu está ótima."

"Não exagere, Sér... Prof. Duran!" Ela se atrapalha. "Eu apenas segui o seu raciocínio, pois como pode ver, muitas das referências são de textos do senhor."

Foi impressão minha ou Elizabeth quase me chamou pelo o meu primeiro nome? É claro que não. Ela leu os meus textos. Ela pesquisou sobre mim. Elizabeth sabe que eu me chamo Sérgio Duran.

Mais uma vez ela mexe comigo. Agora quero ouvi-la me chamar de Sérgio, aumentando ainda mais as minhas fantasias, como se minha mente artística não fosse criativa o suficiente para criar tais imagens. *Elizabeth, você está brincando com fogo e vai se queimar.*

"Eu vi. E fico feliz que tenha procurado por conta própria informações a meu respeito e da pesquisa." Meu sorriso para ela é fatal. Estou sorrindo satisfeito e com desejo, e percebo que seu corpo reage a minha jogada. Seus mamilos são visíveis sob a regata branca justa que ela está usando. "Mas, por mais que você tenha pegado a essência dos meus textos, você não pegou o sentimento."



“Sentimento?” interroga, sem entender. “Estamos falando de um texto acadêmico, senhor. Com uma base teórica para fundamentar nossa teoria. Por que escreveria sobre sentimentos? Não é um romance.”

“Não digo para escrever sobre sentimentos, apesar de alguns momentos precisarmos recorrer a isso para explicar alguns artistas.” Me levanto e caminho pela sala. “Você precisa escrever *com* sentimento, Elizabeth. Não estamos falando de erotismo enquanto algo pornográfico ou obsceno. Nessa pesquisa colocamos erotismo como algo que torna a carne desejável, mostrando-a em todo o seu esplendor e florescimento, como Alexandrian<sup>[16]</sup> coloca em seus trabalhos sobre o erotismo na literatura.”

Enquanto eu falo, ela se aproxima, fascinada talvez com as minhas palavras. Às vezes até eu fico encantado com tudo isso, pois não falo apenas por falar, falo porque gosto. Falo, porque falar sobre isso também me dá prazer. E me alegra ver o mesmo brilho que muitas vezes encontro em meus olhos nos olhos verdes esmeraldas de Elizabeth.

“Entenda, Elizabeth, que o que eu quero com essa pesquisa é tirar um pouco desse preconceito que as pessoas têm sobre o erotismo na arte. Claro que em alguns momentos isso é visto como pornográfico e obsceno, porque o campo comercial acaba por manchar a ideia verdadeira. Você entende o que quero dizer?”

“Sim, senhor. Acho que sim.” E ela olha para o lado, como se estivesse em dúvida se pergunta ou não o que se passa pela a sua cabeça. Me olha decidida e pergunta: “Mas senhor, a ideia do erotismo não é justamente despertar e... ou instruir os atos sexuais de quem ver determinado tipo de arte?”

“Sim e não.” E eu tenho a oportunidade de me aproximar dela. Estou a um metro de distância e seu corpo me atrai como um ímã. Mas eu me controlo. “Isso depende da intenção do artista, seja ele um escultor, pintor, escritor, enfim. Nessa pesquisa, o meu objetivo é apenas um.”

“E qual é, *senhor?*” pergunta, extremamente curiosa.

“Fazer relação ao amor, Elizabeth,” digo, como se isso já fosse óbvio nos meus textos. “Eu quero que todos vejam o erotismo não como algo feio e impróprio, mas como um elemento inspirado pelo amor.”

“Então... é isso que falta nas minhas palavras?” Elizabeth olha para o próprio texto. “Falta amor?”

“É,” confirmo, me aproximando.

Estou atrás dela e posso sentir o seu cheiro. Resisto ao desejo imenso de lhe tocar, com medo que ela recuse o meu toque e me mante embora antes que eu consiga o que vim buscar: uma resposta. Eu preciso saber.

“Mas como?”

Ela se vira e os nossos corpos quase se encontram. Ela está surpresa com a minha aproximação e se afasta para o canto da mesa, próximo as taças e a garrafa de vinho.

Eu meio que estou com os braços abertos, achando que pela surpresa do momento, ela cairia me abraçando. Fico ereto, me recomponho e pigarro antes de lhe responder:

“Então... o seu texto está bom. Bem estruturado. Você pode até transformar em um texto mais completo, como um artigo ou algo do tipo.” Comento procurando as palavras certas em meio a avalanche de pensamentos. “Mas dentro da pesquisa e da minha proposta, você precisa se soltar mais com as palavras. Não tenha medo de dizer o que acha que deve ser dito porque pode parecer um pouco demais. A temática é erotismo, então fale sobre sexo. Não vi em nenhum momento você falar sobre isso.”

“Eu não achei que era certo abordar sobre...”

“Sexo?” Olho incrédulo, mas há um sorriso brincalhão em meus lábios. *Tão ingênua, Elizabeth.* “Você precisa saber que nós, artistas, também somos humanos, ou seja, nós também transamos. É sobre isso que eu falo. O erotismo na arte é só um elemento inspirado pelo amor. Pelo calor de dois corpos que se completam. No sexo existe muitas emoções, que o artista jamais conseguirá expressar. Então, Elizabeth, quando for falar sobre isso, na arte, fale com emoção, desejo, como se estivesse vivenciando cada momento do artista.”

Ela me olha como se eu tivesse falado não com a boca e a mente, mas com a alma. E ela tem razão em pensar assim. Pois para mim, falar sobre arte é mais do que falar de técnicas e contribuições para a evolução artística, é falar sobre os sentimentos humanos, expressos pelos artistas na sua forma mais pura, nos permitindo ter um reflexo de sua própria alma.

É justamente isso que eu quero que Elizabeth veja. Eu quero que ela olhe para mim e veja mais do que minha imagem exterior. Ela tem que ver a minha alma, ou pelo menos o que resta dela. Na verdade, eu não acredito que eu tenha uma. Eu a perdi há nove anos atrás, depois dos acontecimentos que mudaram a minha vida. Eu posso não ter a alma de um homem, mas ainda tenho a alma de um artista, que me permite ver muito desse mundo com os olhos que poucos veem. Mas essa alma também está escura e no momento, assim como no meu sonho, só ela pode me salvar.

“Eu agora compreendo,” diz ela, por fim. “Quando comecei a ler os seus textos não tinha ideia do porquê de sua ênfase nas emoções dos artistas enquanto trabalhavam na arte erótica. Mas agora eu vejo.” Ela pega o vinho e enche as duas taças. “Não posso tratar o trabalho de vocês apenas como um trabalho com significado, mas a real emoção ao fazê-lo, sem ter antes a ideia do que significa ou vai significar no mundo da arte.”

“Exatamente.”

Ela se aproxima me servindo uma taça. Eu a pego e, por uma fração de segundos, nossos dedos se tocam. Há uma eletricidade percorrendo todo o meu corpo, e eu anseio por mais.

Percebo que ela sentiu o mesmo. Suas pupilas estão dilatadas e sua boca úmida. Sua face fica rosada, e ela desvia o seu olhar com um movimento brusco da cabeça. Bebe o vinho fechando os olhos para apreciar o sabor da bebida, e eu faço o mesmo, mas fico de olhos abertos para admirar a sua expressão sobre o vinho em minha boca.

Caminho até a mesa para descansar a taça, e esse movimento aproxima os nossos corpos. Dessa vez, ela não recua. Está a me encarar enquanto sua respiração aumenta.

Eu tiro a taça de sua mão e deposito ao lado da minha. De volta, acaricio a pele nua de seu braço, lhe provocando arrepios. Eu sorrio ao ver o seu corpo respondendo ao meu toque. Movo minha mão para cima, para o seu pescoço, e ela deita a cabeça de lado fechando os olhos e me dando completo acesso. Com a outra mão, aliso a sua face rosada, sentindo a macies e delicadeza de sua pele. Meu rosto está próximo ao seu, e eu percebo que ela tem pequenas sarnas abaixo dos olhos, que te dar um ar bastante juvenil e – sorriso – ingênuo.

Estou cansado de lhe tocar com as mãos. Desejo sentir sua pele sob a minha boca. Aproximo os meus lábios do seu pescoço e planto alguns beijos suaves. Elizabeth suspira em meus ouvidos, e isso é música clássica para mim. Faço essa dança de beijos sentindo o seu sabor, louco para tê-lo em meu sistema. Paro e a encaro.

Percebendo que eu parei, ela abre os olhos e eu vejo. No verde esmeralda, há desejo. Ela me quer tanto quanto eu a quero. Sem mais resistir, olho para a sua boca pedindo permissão, e ela fecha os olhos, aguardando. Tomando isso como um sim, seguro seu rosto com as duas mãos e aproximo o meu rosto do seu, fazendo nossos lábios se encontrarem.

Tudo é muito suave. Sem pressa ou exagero. A beijo algumas vezes, antes de minha língua encontrar a sua. Nosso beijo é doce, e pode se dizer que devemos isso ao vinho, mas mesmo assim eu encontro um sabor próprio. O sabor Elizabeth, e isso me leva as alturas. Minhas mãos descem pelo seu pescoço, encontrando seus ombros e, por fim, o seu quadril, o qual seguro puxando para junto de meu corpo. Sinto que nesse beijo ambos estamos tentando nos conhecer, dando e recebendo com ternura. Um beijo de verdadeiros amantes.

E o que parecia que duraria por muito mais, logo foi interrompido, quando Elizabeth resistiu, parando de me beijar e me empurrando para longe de seu corpo.

“Para!”

“Elizabeth...”

“Isso não devia ter acontecido. Você é o meu professor!” Ela faz questão de me lembrar. “Eu sou sua orientanda. Não pode existir

nada entre nós... desse jeito."

"Mas haveria essa possibilidade?" questiono, com esperança. "Se eu não fosse seu professor, nós poderíamos...?"

"Que droga! O senhor é e vai ser por muito tempo o meu professor." Ela está agitada. Andando de um lado para o outro. "Não faça esse tipo de pergunta."

"Lógico que eu faço!" digo, me aproximando dela, de novo.

"Por favor, se afaste," pede, e eu vejo lágrimas em seus olhos. "Eu simplesmente não posso..."

"O quê? Gostar de mim? Ficar comigo?"

Agarro o seu corpo e olho no fundo de seus olhos. Eu não vejo medo nem receio ou culpa. Mas tristeza. Ela está sofrendo tanto quanto eu.

"Me diga, Elizabeth!" peço olhando nos seus olhos. "Diga, olhando no fundo dos meus olhos, que não sente nada por mim!"

Sua respiração está falhando, e ela não encontra suas palavras. Como eu bem suspeitava, eu mexo muito com ela.

"Você não sente nada quanto toco seu braço, assim?" E lhe acaricio, subindo meu toque. "Ou quando toco seu pescoço e seu rosto?" Estou segurando seu rosto entre as minhas mãos e ela se encontra hipnotizada. "Vai mentir que seu corpo não reage ao meu?"

Estou próximo suficiente para ela sentir, por entre o tecido, a minha excitação. Assim como posso sentir seus mamilos duros colados ao meu peito, enquanto ela suspira procurando as palavras. Procurando forças para se livrar de mim.

Ela me olha e há fogo em seus olhos. Elizabeth quer isso tanto quanto eu, mas antes que ela não consiga mais resistir, sua boca se abre para dizer:

"Você é o meu professor. Não pode haver nada entre nós."

E, calmamente, ela retira minhas mãos de seu corpo, se afastando de mim. Elizabeth dá a volta na mesa, colocando a madeira entre nós. Mas não é isso que me impede de aproximar, é a sua expressão. Ela está decidida a ignorar tudo que existe entre a gente.

"Eu vim para Londres para construir uma carreira no ramo da arte e mostrar aos meus pais que posso ser feliz, com o que gosto

de fazer e não com o que eles querem que eu faça.” Ela respira fundo, antes de continuar. Elizabeth está olhando para o seu reflexo na mesa e não para mim. “E eu estou decidida a cumprir com a minha palavra. Por isso, o que eu menos quero agora é ter um relacionamento...”

“Mas...”

“Principalmente, um relacionamento com o meu professor.” Finalmente me encarando, as lágrimas lhe escapam. “Me desculpe, *Sérgio*. Mas eu não posso. Seria o meu fim, e o seu também, pois acredito que a universidade não permitiria.”

“Okay, Elizabeth. Entendo a sua posição. Mas não é porque eu entendo que devo concordar.” Olho para ela decidido, e ela se surpreende com o que vê. “Agora eu tenho a certeza do que você sente por mim. De início, achei que era maluquice de minha cabeça, principalmente porque só nos conhecemos há três dias. Mas o que eu sinto por você, você também sente por mim. E antes que eu diga o que tenho a dizer, quero que me responda a uma pergunta. Pode ser?”

“Sim.”

“Você vai deixar a pesquisa? Vai desistir dela?”

“Não!” responde, determinada. “É claro que eu não vou desistir.”

“Então, nesse momento, eu só tenho uma coisa a dizer. Eu também não vou desistir de nós dois.”

Coloco minhas mãos em meus bolsos e caminho para a porta. Eu sinto ela me seguindo com os olhos, mas não vem atrás de mim. Já estou com a mão na maçaneta, quando escuto ela suspirar para si mesma, dizendo em português:

“Eu gosto muito de você, *Sérgio*.”

Sorrio e sei que ela não pode me ver, mas sei que pode ouvir e entender quando digo em alto e bom som, também em português:

“Eu também gosto muito de você, Elizabeth.”

Deixo seu apartamento feliz, sabendo que ela entendeu o meu recado. Apesar de por enquanto termos nos afastado, sei que nos encontraremos, e muito vai ser dito, porque essa história não acaba aqui.



## *Vermelho-alaranjado*

Sabe aquele momento que você não sabe o que dizer para a pessoa que gosta muito? Pois bem, estou enfrentando esse dilema agora, sentado em minha cama, com o notebook no colo.

Minha conta de *e-mail* está aberta e eu me pego pensando no que escrever para Elizabeth. É quinta-feira à noite e eu não a vi na universidade. Até acredito que ela esteja me evitando, mas como me disse que não sairia da pesquisa, amanhã teremos que nos encontrar. Ou pelo menos, teríamos. Tão cedo estarei saindo de viagem para o Congresso em Portugal e ficaremos um longo final de semana sem nos vermos.

Não sei como está sendo esse tempo para ela, mas para eu vem sendo uma tortura. Depois de nosso beijo na noite anterior, não consigo pensar em mais nada que não seja os meus braços em seu corpo e nossas bocas unidas em um beijo quente e prazeroso.

Preciso lhe avisar que não nos veremos amanhã, ao mesmo tempo penso como dar esse recado deixando claro a mensagem que deixei ao sair de seu apartamento, a de que não desistirei de nós dois, mesmo sendo seu professor e sabendo pelo que ela e eu podemos passar. Depois de ontem a quero mais do que nunca. Mais do que tudo e todos. Só ela.

Olho para a tela e ela continua em branco, tal como há uma hora, quando entrei no quarto decidido no que fazer. Vesti minha calça flanela preta e tirei a camisa, sentei sobre os lençóis e trouxe o notebook para o meu colo. E aqui ainda estou.

Por um momento, pareço aquele adolescente que teme em falar com a garota pela qual está apaixonado. Mas diferente desses adolescentes, eu não estou apaixonado por Elizabeth. Eu gosto dela, mas não é esse o tipo de sentimento que tenho por ela. Sei apenas que quero estar perto dela; tocando sua pele e sendo tocado. Quero mimá-la e ser mimado. Quero apenas estar com ela. Por que isso é difícil? Ah, eu sou seu professor. É por isso. Tudo poderia ser tão fácil, como foi para ambos nos declararmos na nossa língua-mãe.



Ainda me pergunto o que Elizabeth pensou ao descobrir que eu também sei falar em português. Deve ter sido uma grande surpresa.

Tendo isso em mente, já sei como e o que escrever para ela. Preciso ser verdadeiro com as minhas palavras, assim como sou ou era verdadeiro ao pintar os meus quadros. Preciso falar com a alma. Digitarei a mensagem em português. Então começo:

*Querida, Elizabeth...*

Devo começar com querida? É uma expressão muito íntima, não? Mas não é isso que eu quero dela, que sejamos íntimos? Continuarei como está.

**De:** Sérgio Duran

**Assunto:** Reunião

**Para:** Elizabeth Johnson

Querida, Elizabeth.

Depois do que aconteceu e está acontecendo entre nós – e não adianta você negar para si mesma –, eu estive pensando em como lhe escrever este e-mail.

Amanhã é sexta-feira e, como combinado, temos uma reunião marcada. Ou, pelo menos, tínhamos. Infelizmente, e tenha certeza que fico triste com isso, não nos veremos amanhã e nem no final de semana. Mas não se preocupe, não estou indo embora ou me afastando de você (*risos*), pois isso nunca vai acontecer. Como disse ontem à noite, no seu apartamento, eu não vou desistir de nós dois.

Estou há alguns meses com essa viagem programada para Portugal, onde estarei dando uma palestra com o tema de nossa pesquisa. Como disse, existe pessoas que gostam do que escrevo sobre o erotismo. – Se acostume, isso é só o começo.

Me deixa triste saber que não poderei te ver e muito mais te levar comigo. Seria um prazer enorme compartilhar essa viagem com você, mas, por enquanto, precisamos ficar afastados. Sabe por quê? Porque quero que você sinta a minha falta como eu sentirei a sua. Pode dizer que isso é loucura, que te conheço a menos de uma semana, mas não me importo. Eu sei o que sinto e o que eu quero.

Continue a escrever o seu texto, fazendo as devidas alterações sugeridas por mim. Qualquer dúvida, não deixe de me escrever ou de

me ligar. A responderei independentemente de onde eu estiver, nem que seja no meio de minha palestra. Meu tempo é todo seu a partir de agora.

Estarei de volta na segunda. Até lá, pense no que você disse e no que eu te disse em resposta. Pense em nós dois.

Sérgio.

Penso que devo encerrar esse e-mail com algo do tipo "Com carinho" ou "Beijos, Sérgio". Mas não. Acredito que assinar com o meu nome é mais do que o suficiente. Ela vai entender a simplicidade da assinatura. Agora posso apertar o botão "Enviar" e aguardar a sua resposta.

*Espera!*

Não posso enviar, ainda. Preciso acrescentar um P.S. que vai fazer toda a diferença. Elizabeth precisa saber disso e pensar sobre. Volto ao *e-mail* e escrevo depois de meu nome:

—  
*P.S.: Sim. Eu escrevo, falo e entendo Português, pois assim como você, eu também sou brasileiro. Ver só, Elizabeth, não é apenas uma coincidência. É obra do destino.*

—  
Com o *e-mail* finalizado, eu clico em "Enviar".

Fico deitado na cama olhando para a caixa de mensagem e esperando, talvez, uma resposta de Elizabeth. Mas essa resposta não chega, e eu fico pensando no que ela está fazendo agora. Será que ela saiu para algum lugar? Será que Luiz está com ela? Pensar nesse garoto me deixa irritado e só me resta socar o travesseiro na tentativa de aliviar a tensão.

"Será que você já leu o meu *e-mail* e está pensando em mim, Elizabeth?" pergunto em voz alta.

Não me resta mais nada, se não desligar o notebook e me jogar entre os lençóis, deixando que os meus pensamentos sobre Elizabeth cansem minha mente e eu caía no sono. Será um longo final de semana, e agora penso como a segunda-feira parece distante.

\*\*\*

O congresso foi um sucesso!

Fico feliz de estar de volta a Londres e trazer comigo esse sentimento de satisfação.

De início os estudiosos portugueses questionaram a minha temática, mas logo me parabenizaram pelo excelente trabalho que eu estou fazendo. Minha palestra foi aplaudida de pé, com direito a outros convites em outros países, como também serei muito bem recebido ao voltar a Universidade de Portugal.

Estou feliz não apenas por isso, mas porque também estou finalmente de volta a Londres, para perto de Elizabeth.

Foi o final de semana mais longo da minha vida. Não pensei em outra coisa senão em Elizabeth. No seu beijo e na perspectiva de voltar a encontrá-la. Espero que sua opinião tenha mudado e que ela decida declarar seus sentimentos por mim, pois o que mais fiz em Portugal foi chamar o seu nome na solidão de meu quarto e sonhar com o seu rosto a me salvar das sombras. Estou mais do que decidido em tomá-la para mim.

Neste momento, estou estacionando a Mercedes no estacionamento da universidade, ansioso para estar na sala e reencontrá-la depois desses longos dias sem notícias. A única mensagem que recebi dela foi o seu *e-mail* de resposta ao meu. Era simples e direto, sem qualquer vestígio de que ela estivesse pensando nas minhas palavras. Ela me enviou:

**De:** Elizabeth Johnson

**Assunto:** RE: Reunião

**Para:** Sérgio Duran

Sr. Duran,

Retorno o seu *e-mail* para confirmar o recebimento.

Como solicitado, continuarei escrevendo meu texto e fazendo as mudanças sugeridas. Quando o senhor voltar, ele estará pronto.

Tenha uma boa viagem e um excelente congresso. Tenho certeza que será um grande sucesso.

Atenciosamente,  
Elizabeth Johnson

Devo confessar que esperava mais de sua parte. Talvez até alguma recomendação para esquecer o que aconteceu entre nós e prometendo que nunca mais aconteceria. Mas aí, eu penso: e se ela não quiser que eu realmente esqueça o que aconteceu? Elizabeth ignorou qualquer relação íntima entre nós, o que com certeza me faz pensar que ela também pensa, e muito, no nosso beijo. É só nele que eu penso. Tenho me agarrado a essa lembrança sempre quando eu posso.

Mas finalmente chegou a segunda e ela não vai me escapar. Passará a manhã inteira na mesma sala que eu, e eu tenho planos para ela hoje à noite. Ah, Elizabeth, eu disse que estava decidido e essa viagem só me fez ter mais certeza do que eu quero. E eu já disse. Eu quero você!

Caminho pelos corredores subindo a escada para o andar de minha sala. Há alguns alunos andando para todos os lados, mas eu os ignoro como sempre. A única aluna que eu quero ver é ela. Ninguém mais. Apresso o passo e logo estou na porta de minha sala. No vidro estar escrito "Sala de História da Arte" em inglês e logo abaixo, na madeira, uma plaquinha dourada com "Prof. Dr. Duran". Abrindo-a, encontro meus alunos sentados, conversando entre eles, numa voz muito baixa.

Com a minha entrada, eles se calam. Alguns estão sorrindo, talvez já acostumados com a rotina da universidade. Outros ainda reservam a expressão preocupada da primeira aula. E apenas uma aluna parece indiferente, não se importando com a minha chegada. Isso mesmo. É ela.

Elizabeth está sentada na sua habitual cadeira ao fundo da sala, com a srta. Mills sentada no seu lado esquerdo e o sr. Harris no seu lado direito. Ela está escrevendo no seu caderno e não olha para cima para me ver. Continua a me ignorar. Okay! Eu quero ver por quanto tempo. *Ah, Elizabeth, você não sabe pelo o que te espera.*

Enquanto me livro de minha bolsa, comprada em um ateliê de Portugal, me permito observá-la sem chamar a atenção. Elizabeth está usando uma calça *jeans* com uma bota cano curto, de cor bege. Sua blusa é de manga longa, grossa e de gola alta. Seu cabelo está solto e ondulado. Em outras palavras, ela está linda, como sempre vai ser.

De volta a minha bolsa, procuro pela surpresinha que preparei para os meus alunos enquanto estive fora. No sábado, enviei para todos um *e-mail* solicitando que lessem os cinco primeiros capítulos da apostila, para uma "discussão" em sala. Eles só não sabem que essa discussão será escrita. Retiro alguns testes de minha bolsa. Deixo-os sobre a mesa e me posiciono na frente dela, tendo a completa atenção.

"Bom dia." E sou saudado com um coro em resposta. Elizabeth me ignora mais uma vez. *Fazendo jogo duro? Okay, me aguarde.* "Como vocês foram devidamente avisados, hoje trataremos de discutir os cinco primeiros capítulos da apostila. Correto?"

"Sim, senhor," soou o coro inglês, e esse comportamento é música para os meus ouvidos.

"Ótimo!"

"Senhor?"

Uma aluna sentada a frente levanta a mão, chamando a minha atenção. Ela tem os cabelos negros, amarrados em um rabo-de-cavalo e sua roupa não é nada discreta. Usa saia curta e justa. Botas pretas de cano alto e um tope vermelho, de tamanho menor que o seu número real, o que lhe aumenta os seios exageradamente, como se o silicone já não fosse o suficiente. Me pergunto se ela não está com frio, e se está, não demonstra.

Sabe, até hoje me pergunto como esse tipo de gente consegue uma vaga em uma universidade. Não que todas as pessoas que se vestem assim como ela não sejam inteligentes, mas essa senhorita expressa em seu olhar nenhum pouco de interesse acadêmico. O que ela quer realmente é um homem rico e uma aventura para contar.

Olho para ela sem expressão, e mesmo não querendo, lhe dou a palavra:

“Pois não, srta...?”

“Mitchell, senhor,” responde sorrindo mais do que o suficiente e se curvando, para me dar uma visão de seus seios, os quais não olho. “Mas pode me chamar apenas de Ariela, senhor.”

“O que deseja, *srta. Mitchell?*” Enfatizo seu sobrenome. A única de quem quero intimidade é Elizabeth, que finalmente levantou a cabeça ao escutar a voz oferecida da srta. Mitchell. “Espero que seja algo importante.”

“Senhor, meus colegas e eu gostaríamos de saber se já tem o resultado da seleção de seu bolsista.”

Reparo que Elizabeth me encara. Ela não está surpresa, com medo ou nada do gênero, parece decidida apenas a me encarar como se eu tivesse a coragem de expulsá-la da pesquisa na frente de todos.

Lanço-lhe um rápido sorriso como resposta. Há alguns dias eu realmente a queria distante de mim, mas agora a quero mais perto do que nunca. Estaria sendo um louco e burro comigo mesmo colocando-a para fora. Isso nunca mais. Nem em sonho. Portanto, tenho uma resposta definitiva para a srta. Mitchell:

“Sim. Eu já tenho o resultado. E me surpreende que ainda não saibam,” cruzo os braços, olhando para todos. “Pensei que a colega de vocês já tivesse lhes dito.”

“Quem?!” A srta. Mitchell pergunta exigente, não gostando de saber que já há um escolhido e que não é ela.

“Srta. Johnson, poderia se levantar?”

Peço com um pequeno sorriso, encarando Elizabeth, que fica branca ao ouvir o meu pedido. Ela se levanta devagar olhando para os seus colegas como se fosse a presa de vários caçadores. Na verdade, se ela reparar, vai notar que só existe uma pessoa irritada com tal revelação, e eu não preciso dizer quem é. *Ora, é de Elizabeth que eu gosto. Ela pensou errado que eu escolheria tal tipo de pessoa.*

“A srta. Johnson aceitou o meu convite para participar da pesquisa.” Meu sorriso é tímido e imperceptível. “O currículo dela satisfaz as minhas necessidades. Vocês deveriam se empenhar mais.”

“Mas...”

“Algo contra, srta. Mitchell?” Me dirijo a ela, sério. “Porque, pelo que me recordo, seu currículo é tão insignificante quanto o de um recém-nascido. Gostaria que eu o comparasse ao da srta. Johnson? Ambos estão aqui, na minha bolsa.”

“Não, senhor.” Ela nega de cabeça baixa. A raiva é perceptível.

“Ótimo,” ignorando-a, volto para turma. “Mesmo que outros de vocês não tenham sido escolhidos saibam que existem outras pesquisas. Se informem com os demais professores.” E olhando para Elizabeth: “Obrigado, srta. Johnson. Pode se sentar.”

Ela agradece aliviada, sentando em sua cadeira e fazendo o possível para se esconder. Ora, eu a quero como o centro de todas as atenções. Se Elizabeth soubesse como eu adoraria desfilar pelos corredores da universidade, de mãos dadas com ela, impondo meu domínio. *Elizabeth, você será minha.*

Agora que as perguntas foram respondidas, posso voltar a minha aula. Sorrio ao pegar os testes em cima de minha mesa, e a turma não parece feliz ao ver o meu sorriso.

“Vocês ainda não sabem, mas eu gosto de discutir os meus textos de aula, inicialmente, de uma maneira dinâmica.” Enquanto falo, ando pela sala distribuindo os papeis. “Não se assustem. Isso não é uma prova, apesar de ter caráter avaliativo. Vocês estão recebendo um pequeno teste, elaborado para avaliar se vocês leram ou não os capítulos solicitados. Se leram, ótimo! Isso irá se refletir no teste, caso contrário, a irresponsabilidade também.”

Chego a cadeira de Elizabeth e lhe entrego a folha. Ela não olha para mim. Agradece e continua de cabeça baixa. Sorrio para ela. Não me importo, por enquanto, pois logo ela será obrigada a me encarar.

Elizabeth acha que me ignorando, trabalhando como uma orientanda exemplar e fingindo que não há nada acontecendo entre nós, eu vou desisti dela. Na realidade, o que ela está fazendo só aumenta ainda mais o meu desejo. Fico feliz ao pensar que ela está reprimindo esses sentimentos, pois quando enfim libertá-los, nós estaremos cem por cento envolvidos e isso será excitante, sexy e quente. *Droga! Meu membro acordou.*

Me movo rapidamente para a frente da sala, sentando atrás de minha mesa e escondendo o volume que se forma em minha calça. Cruzo as pernas para obrigar o meu sexo a relaxar, enquanto me dirijo a turma com a voz embargada:

“Vocês... vocês podem começar a responder.”

A turma mergulha no completo silêncio, enquanto todos começam a responder o teste. São poucas questões, mas eficientemente elaboradas. Não acho que concluirão antes do fim da aula. Estarei preparado para as suplicas de fornecer mais tempo. É sempre assim.

Se leram os capítulos, não precisarão se demorar tanto, apenas precisam agrupar bem as ideias. Não aceito qualquer resposta.

A manhã vai ser entediante, contemplando o silêncio e o barulho apenas de zíperes de bolsas, borrachas sobre o papel e uma vez ou outra um lápis a bater na cadeira com o nervosismo de algum aluno.

O único lado bom de tudo isso é que posso olhar para Elizabeth. Ela está como na última vez que pedi para escrever um texto, mordendo a caneta ao pensar nas palavras. Imagino o quanto essa cena é erótica. Meu membro, que ainda pulsa sob a cueca, lateja muito mais de desejo a contemplar essa ação de Elizabeth. Neste momento, eu tenho uma vontade imensa de pintá-la, assim, do jeito que está, sentada na cadeira, concentrada, mordendo deliciosamente a caneta e o seu cabelo solto sobre os ombros.

Inspiro fundo procurando o ar. Se ela soubesse do que é capaz de fazer comigo, talvez não ficasse nesse jogo de me ignorar. Eu posso aturar que alunos não falem comigo. Quer dizer, eu adoro que eles não falem, mas não posso permitir tal coisa de Elizabeth. Eu já deixei claro que a quero, e a terei.

Olho para o lado e percebo que estou sendo observado pela srta. Mitchell, mordendo seu lápis na minha direção, querendo a minha completa atenção. A encaro, impassível, e faço de tudo para transmitir minha antipatia para com ela. Essa garota me lembra um pouco a Monalisa, mas Lisa, pelo menos, se dava ao respeito. A srta. Mitchell parece não medir as consequências. Seu único interesse é



ter um homem (como eu) a transar selvagemente, saciando seu desejo voraz e nada mais. Se engana ela que conseguirá algo comigo. A partir de agora, ela só terá o meu desprezo.



As horas correm e mais da metade dos alunos ainda estão em sala.

Elizabeth e seus amigos ainda se prendem em responder com eficiência. Diferentemente da srta. Mitchell, que me entregou seu teste depois de uma hora de insucesso. Uma rápida olhada, constatei que ela não leu nem a folha introdutória dos capítulos, rabiscando apenas, no canto superior da folha, o seu número celular, com um ridículo beijo em batom vermelho prostituta. Não penso duas vezes e faço uma bola de papel, jogando seu teste no cesto ao lado.

O movimento não passa despercebido para a turma, para a qual dou um recado:

“Se não mostrar capacidade, não preciso me dar ao trabalho de ler muito mais. É para o lixo que eu mando a incompetência. Tenham isso em mente.”

E foi depois dessa mensagem que os alunos passaram a se concentrar mais em suas respostas.

Elizabeth ficou surpresa com a minha atitude, mas não com o meu recado. Ela deu de ombros ao voltar para as suas questões. De vez em quando eu enxergava ela sorrindo, satisfeita com sua resposta ou feliz com a pergunta, ou até mesmo ambos. Tenho plena certeza que ela leu todos os textos, assim como continuou a escrever o que eu anseio por ler. Esse trabalho vai ser a nossa ponte de encontro. *Me aguarde, Elizabeth.*

Faltando quinze minutos para o fim da aula, Elizabeth se levanta e caminha para a minha mesa. Eu estou de pé, arrumando os testes já entregues, quando ela estende a mão me entregando o seu. Recebo sem olhar para ela, o colocando entre os demais.

Quando Elizabeth se afasta, ergo a cabeça e digo, segurando a vontade de sorrir:

“Boa sorte, srta. Johnson.”

Ela me olha por cima do ombro. Seus olhos estão bastante abertos, como se estivessem me vendo pela primeira vez. A luz que entra pela janela, ilumina seu cabelo, me deixando sem folego. E nós apenas nos olhamos por algum tempo, até ela piscar agitada e responder:

“Obrigado, sr. Duran.”

Sai da sala sem olhar mais para trás, me tendo a segui-la com os olhos até não ver mais o seu reflexo no vidro da porta.

Continuo a arrumar rapidamente os papeis, esperando os retardatários me entregar os seus testes. Estou apressado, pois preciso falar com Elizabeth para pôr o meu plano em prática. Por enquanto, a srta. Mills ainda está na sala e tenho certeza que Elizabeth a espera, juntamente com o sr. Harris. Okay, essa ideia também não me agrada e eu começo a caminhar de um lado para o outro aumentando a tensão e a pressão sobre os dois alunos restantes.

Quando o último teste é entregue, o coloco de qualquer jeito dentro da bolsa, a jogo sobre o ombro e saio em disparada a procura de Elizabeth.

Vejo a sra. Carter vindo em minha direção e tomo o próximo corredor, virando à esquerda no segundo, a fim de despistar o Diabo de Saia, que hoje se veste de acordo com o apelido; uma saia vermelha, uma camisa de manga longa, também vermelha, com os primeiros três botões abertos, permitindo ter uma visão do colo de seus seios. Me pergunto se Sônia é uma versão evoluída da srta. Mitchell. Se for, estou certo sobre ambas.

Continuo minha busca por Elizabeth. Temo que ela já tenha ido embora, mas também me lembro que hoje é dia de reunião. Talvez, ela não fosse em casa, pretendendo ficar na universidade até a hora estabelecida pela pesquisa.

Tomo o corredor que leva a área de alimentação, e como se os anjos estivessem escutando as minhas preces, a vejo caminhando junto com a srta. Mills e o sr. Harris para o refeitório. Apresso o

passo, de maneira a chegar mais perto dela e que ela possa me ouvir:

“Srta. Johnson?” chamo-a, depois de tomar fôlego e não transparecer que estive correndo a sua procura. Não com os seus amigos ao seu lado.

Elizabeth se vira, surpresa por eu a chamá-la. A srta. Mills sorri e olha, ora para sua amiga, ora de volta para mim. O sr. Harris está com cara de quem comeu e não gostou. Mas é claro que ele está, pois estou tirando de sua vista seu melhor passa tempo.

“Sr. Duran?” Elizabeth olha para os seus amigos, temerosa. Ela acha que eu vou dizer algo na frente deles? Nem pensar. “O que deseja?”

“Posso falar com você?”

“Precisa ser agora, senhor?”

“Sim, agora,” digo impassível, mas impondo minha autoridade. “Não irei me demorar.”

“Se o senhor diz.” Ela se vira para os amigos: “Encontro vocês no refeitório.”

Vendo que ela anda na minha direção, caminho na frente a guiando até uma sala próxima. Não há ninguém e é um local ideal para conversarmos.

Quando Elizabeth entra, fecho a porta a chave. Sei que isso despertou algo nela, mas, por enquanto, ela não precisa temer. Como eu mesmo disse, quero apenas conversar, isso se eu conseguir me segurar por mais algum tempo.

Me volto para ela, deixando minha bolsa na cadeira ao lado da porta. Elizabeth está parada com o caderno em mãos, me encarando. Não parece assustada nem surpresa. Também não está feliz. Sua expressão é vazia e eu não sei dizer o que talvez ela esteja pensando. Me aproximo e digo:

“Acredito que tenha recebido o meu *e-mail*, não?” indago. Ela não se mexe.

“Sim, eu recebi. O senhor não recebeu a minha resposta?”

“Recebi,” confirmo.

“Não compreendo, senhor.”

“Eu recebi uma resposta que qualquer outro professor receberia, não o que eu devia receber.”

“Continuo sem entender, senhor.” Ela engole em seco com a minha aproximação e vejo sua boca abrir, procurando ar. Eu estou mexendo com ela.

“Elizabeth, você sabe que muito mais existia naquele *e-mail*. Não se faça de tola.”

“Eu sei, senhor.”

“Então, por que me ignora? Por que finge não me entender?”

“Eu não sei o que o senhor realmente quer...”

“Não sabe?” E rapidamente corto o resto da distância que nos separa em dois longos passos, a segurando pela cintura e puxando seu corpo para junto do meu. “Eu te quero, Elizabeth. E não finja que também não me quer.”

“Estamos na universidade.” A respiração dela está cortada, e ela não deixa de encarar a minha boca. “O senhor não devia fazer isso.”

“Fazer o quê? Te abraçar?” Aperto mais seu corpo ao meu, e tenho certeza que ela pode sentir meu membro duro sob a calça. “Ou isso...”

E a beijo ferozmente. Diferente do nosso primeiro beijo, este é cheio de desejo. Ele queima. Nossas línguas parecem duas serpentes a se aninharem sob as nossas bocas. Tudo que cada um quer é possuir um ao outro.

Elizabeth larga o caderno no chão e usa as duas mãos para me ter. Ela está a pressionar os músculos dos meus braços, passando a acariciar o meu pescoço a procura de minha cabeça, a puxando para a sua. Pura dominação. O desejo é inevitável, e se não pararmos, não sei o que pode acontecer. O mínimo seria eu jogá-la na mesa ao meu lado e me enterrar nela. Mas eu não posso. Não aqui e não agora.

Alívio meu beijo e meu toque, terminando com o que tão logo reacenderia. Colo minha testa na dela e nós no encaramos, ambos procurando fôlego. Eu sorrio e para a minha imensa felicidade, ela sorri em resposta. Encontrando ar suficiente, consigo dizer:

“Eu não comparecerei a pesquisa hoje à tarde.” Mais um pouco de ar. “Estarei desfazendo a minha mala de viagem e respondendo alguns *e-mails* atrasados.”

“Okay.” É só o que ela consegue dizer entre os suspiros.

“Mas, eu te espero na minha casa, hoje à noite.” E o seu sorriso vacila. A beijo de leve e acrescento: “Na minha casa, às 19h. Vamos ver o quanto você progrediu em seu texto.”

A beijo novamente e me afasto. Quando pego a minha bolsa, o meu sorriso é vencedor. Abro a porta e olho para ela uma última vez. Aumento meu sorriso e saio, a deixando sozinha na sala, também a sorrir. Agora, estou a contar as horas e os minutos para à noite, quando finalmente terei a certeza se consegui ou não conquistar Elizabeth.

## *Laranja*

O quanto um homem pode ficar nervoso a espera de uma mulher? Eu acredito que muito, pois a cada instante que os ponteiros se aproximam das 19h, eu fico mais ansioso e me perco no que estou fazendo.

Em poucos minutos, Elizabeth estará batendo na minha porta e eu ainda não sei ao certo o que vestir. Por um momento pensei em usar a roupa que uso todos os dias na universidade, para dar um ar de seriedade e despertar nela um desejo proibido. No entanto, isso não nos dará intimidade e muito menos o conforto de minha própria casa.

No momento, estou apenas de toalha, a qual se encontra enrolada no meu quadril. Imagino como Elizabeth reagiria ao me ver apenas assim, e até cogito a ideia de esperá-la e abrir a porta a recebendo seminua. Só que mais uma vez não quero assustá-la, o que tiver que acontecer, acontecerá e eu estou contando com a ajuda do destino. Até agora ele tem me ajudado bastante, portanto espero que ele não comece a falhar.

Olho para o guarda-roupa e escolho uma calça *jeans* escura e uma camisa social branca de mangas longas, as quais dobro até o antebraço. Uma combinação perfeita, contando com o sapato marrom, que escolhi especialmente para essa ocasião. A única coisa fora do lugar, além dos dois primeiros botões de minha camisa abertos propositalmente para permitir uma visão dos músculos e pelos de meus peitorais, é o meu cabelo. Continua tão rebelde quanto quando eu o julguei que podia não ser mais. Às vezes acho que se ele falasse, diria: "Eu sou o dono de mim mesmo. Não adianta insistir. Continuarei assim até quando eu quiser".

Me olho no espelho e aprovo o resultado, apenas lançando um olhar feio para o cabelo rebelde. Estendo minha mão e o relógio já marca 18h55min. Tão breve Elizabeth estará aqui, e eu espero que ela seja pontual dessa vez, não se atrasando. Eu lhe disse o quanto sou exigente com a hora.

Desço a escada caminhando para a mesa da cozinha, onde já se encontra meu notebook e papeis, muitos papeis. Não achei que seria ideal preparar uma mesa de jantar, uma vez que esse não foi o combinado, mas não há preocupação. Na geladeira está um ótimo vinho tinto, comprado em Portugal. A garrafa é um Duvalley Douro Reserva 2010, considerado o melhor vinho, segundo o vendedor, no Concurso Mundial de Bruxelas 2013, e produzido pela Sociedade Agrícola Castro Pena Alba. Cheguei a experimentá-lo e realmente é fantástico, de sabor sutil, delicioso e para a ocasião, perfeito.

A companhia toca e a automaticamente sinto os meus lábios se movendo para um grande sorriso. Olho para o relógio e fico ainda mais feliz, pois é exatamente 19h. Pontual, como eu gosto.

Caminho para a porta e seguro a maçaneta. Respiro fundo, e abro-a para recebê-la com um sorriso educado, sem qualquer exagero.

Elizabeth está parada em frente a porta, me olhando fixamente nos olhos. Não vejo qualquer vestígio de ansiedade ou nervosismo, muito menos qualquer sombra do que aconteceu entre nós, na sala de aula trancada na universidade. Ela está segurando uma bolsa de mão, grande suficiente para o seu notebook e sobre a roupa um sobretudo feminino, de cor preta e fechado por três botões prateados. Seu cabelo está solto, e eu estou preocupado com a sua reação.

Mais sério, me afasto e a convido a entrar com um pequeno movimento de braço. Não há boa noite de ambas as partes, apenas o silêncio e o constrangimento de nossos pensamentos. Fecho a porta e me dirijo a ela, a encarando. Lembrando de meus bons modos:

“Gostaria de tirar o casaco?”

“Sim. Obrigada!”

Ela deposita sua bolsa no sofá e lentamente desabotoa os botões prateados, me permitindo ter uma pequena visão de sua roupa. Até o momento, havia reparado que ela estava usando uma meia calça preta, com um *Loutoutin* preto, semelhante ao de Sônia, mas esse tem um bico mais fino e um salto muito mais perigoso e sexy, além de lhe cair muito bem. Só suas pernas já são uma visão

fatal. Mas agora que vejo o que ela está vestindo, depois de se livrar do casaco o colocando ao lado da porta, percebo o quanto ela veio determinada a acabar com o que me resta de sanidade humana. Tudo o que eu quero agora é tê-la, enquanto suas belas pernas apertam minha bunda com o *Louboutin*, me querendo mais.

Elizabeth está usando uma saia preta justa e uma camisa de mangas compridas de cor verde, que realça os seus olhos esmeraldas e seu maravilhoso cabelo ondulado. Assim como eu, ela dobrou as mangas até o antebraço, me dando uma visão de uma mulher decidida, mas ainda assim muito sexy. E se ela continuar com os dois botões de sua camisa abertos, eu não conseguirei fazer mais nada, a não ser tentar olhar o colo de seus seios.

“Então?” pergunta ela, depois de um tempo me vendo paralisado.

“Oh, você foi pontual,” declaro, tentando encontrar as palavras perdidas com o seu visual.

“Eu disse que isso não ia mais acontecer,” sorri. “E que o senhor não iria se arrepender.”

“Com certeza eu não vou.” Meus olhos percorrem todo o seu corpo, a deixando constrangida. “A propósito, você está linda.”

“Eu gostaria que o senhor lesse o meu texto,” diz ela ignorando o meu elogio e pegando sua bolsa no sofá.

“Antes, eu gostaria de esclarecer uma coisa.” Desvio o meu olhar de suas pernas, encarando-a. “Eu a chamo de Elizabeth, então gostaria que me chamasse de Sérgio.”

“Eu não acho...”

“Pelo menos, entre nós,” sorrio, procurando seu consentimento. “Na faculdade, entre os demais alunos e colegas, ainda nos trataremos como srta. Johnson e sr. Duran, mas nas nossas reuniões, aqui em casa ou nas viagens, gostaria que você me chamasse de Sérgio. Tudo bem?”

“Okay,” concorda, com um pequeno sorriso sincero. “Como o senhor...” Faço careta. “Quer dizer, como você quiser, *Sérgio*.”

Meu sorriso é contagiante. Pode acreditar numa coisa como essa? Elizabeth e eu, sozinhos na minha casa, com ela a me chamar



pelo nome de batismo? Eu não poderia pedir por um momento melhor. Sinto que o destino está do meu lado.

Estendo a minha mão e espero que ela a pegue. Seu sorriso vacila, e ela fica séria, relutando em aceitar essa gentileza. Meu sorriso é educado e minha ação paciente. Olho para ela suplicando para aceitar, e mesmo não querendo, ela aceita. Seguro sua mão apreciando o momento e sentindo a sua pele na minha, bem como a corrente elétrica que faz questão de unir nossos corpos apenas pelo sentido.

A puxo, guiando para a mesa da sala de jantar, onde ela repara que não há uma mesa propriamente dita, mas muitos papeis. *Será que ela esperava realmente um jantar entre nós? Por isso toda a sua produção?* Se for por isso, ela não precisa se preocupar, pois tão logo lhe ofereço uma taça de vinho português.

“Sente-se, por favor.” Largo sua mão e faço um gesto para a cadeira que acabei de puxar para ela. “Estou ansioso para ver o seu texto.”

Sento na cadeira ao lado e espero ela tirar o próprio notebook da bolsa. Parece nervosa, e tenho dúvidas se é sobre o que direi de seu texto ou sobre nós, aqui, sozinhos. *Relaxe, Elizabeth. Eu vou me comportar, por enquanto.*

Eu não digo nada enquanto ela liga o aparelho. Estou a observá-la enquanto eu posso, pois não é todo dia que tenho Elizabeth na minha casa, vestindo uma roupa que só dá vontade de tirá-la. Para não dizer também que há muito que o meu membro está a latejar dentro da cueca, louco para sair e se perder em Elizabeth. Ele precisa ter paciência, pois isso pode não acontecer hoje, nem amanhã, ou talvez nunca. Tudo depende dela. *Éh, meu amigo, ela te anima, mas só ela pode te saciar.*

“Aqui está,” diz ela, me oferecendo seu notebook.

Mas antes que eu o pegue, me levanto e vou para trás dela, colocando meu corpo junto ao seu para que possamos ler juntos. Ela fica ereta, constrangida com a minha aproximação, e nervosa quando me debruço na altura de seu ouvido direito, dizendo lentamente:

“Vejam os quanto erótica você é.”

Sua respiração acelera à medida que eu começo a ler o que ela escreveu. Em alguns momentos, eu estendo a minha mão para o notebook a fim de passar de página, quando na verdade a intenção maior é de tocar o seu braço ou a sua mão. Além disso, tal movimento permite que meu corpo fique mais próximo do dela, e eu posso sentir o cheiro de seu cabelo. É quase difícil de se concentrar na teoria quando ela invade de maneira tão brusca o meu sistema.

Fico assim durante toda a leitura e em nenhum momento ela me interrompe, preocupada demais em manter o seu corpo afastado do meu quando me aproximo ou afastar a sua mão quando a toco de propósito. Sua maior preocupação é a respiração, entrecortada. Posso escutar seu coração bater descompassadamente, e isso me anima.

Ao fim da leitura, decido me afastar para permitir que Elizabeth se acalme. Antes de sentar e discutir o texto, acho que é hora do vinho.

“Ah, desculpe, eu não te ofereci nada para beber.” Fingindo ter esquecido os meus bons modos. “Você aceita algo para beber? Tenho um excelente vinho.”

“Sim. Obrigada.”

Satisfeito, me retiro para a cozinha a fim de pegar a garrafa portuguesa, que se encontra gelada. Deixo-a sobre o balcão e pego duas taças no armário, dando tempo para o vinho esquentar um pouco. Segundo o vendedor, o sabor se torna mais presente quando a garrafa atinge a temperatura ambiente, entretanto nunca gostei de vinho que não fosse gelado. Então, eu acredito que a sua temperatura agora esteja a meio termo.

“Espero que goste deste vinho” digo, voltando a mesa. “É português, e eu só o tomei uma única vez, quando o experimentei.”

“Tenho certeza que é excelente.”

“Sabe, eu acho que, para ser mais justo, devemos conversar em português.”

Ela me olha e tenho certeza no que está pensando, ou nas suas palavras ditas para si mesmo no sussurro e de minha resposta, ou no meu *e-mail*, onde declaro meu conhecimento sobre a língua e

o papel do destino para nós. Okay, talvez ela esteja pensando em ambos.

“Como?” questiona, em português.

“Como... o quê?” rebato, também em português.

“Como pode ser possível que ambos sejamos brasileiros.”

“Eu já lhe disse,” sorrio enquanto retiro a rolha da garrafa. “Obra do destino.”

“Eu não acredito nisso,” declara, desviando o olhar para a tela do notebook.

“Não?”

“Não. Eu acredito que cada um constrói seu próprio caminho.”

“Também acredito nisso, mas às vezes penso que existe algo mais. Tudo, de alguma forma, acontece. São as pequenas coisas que fazem toda a diferença, no caso, nossas escolhas.”

“Pode ser.” Ela recebe a taça que estou lhe oferecendo, e percebo o cuidado dela para não tocar nos meus dedos. “Você disse que esse vinho é português?”

“Sim. O comprei em Portugal.”

“E como foi a viagem?” Há interesse no assunto quando ela pergunta. “O que acharam da sua pesquisa?”

“Eles já a conheciam, mas devo dizer que foi um sucesso.” Me sento na cadeira ao seu lado. “Consegui o que queria. E tão logo estarei de volta para uma segunda rodada.”

“Isso é muito bom.”

Finalmente ela bebe do vinho, mas antes ela faz toda uma dança com a taça, e eu observo hipnotizado. Elizabeth leva o recipiente até o nariz e o cheira. Depois gira o líquido o observando sob as paredes do cristal, e delicadamente o leva a boca, deixando a bebida suspensa enquanto aprecia o seu sabor e a sutiliza. Por fim, ela deixa o vinho escorrer por sua garganta e abre os olhos, aprovando.

Tudo isso só faz piorar a pressão que já sinto entre as pernas, me obrigando a cruzá-las sob a mesa para manter o meu membro sob controle. Eu não quero que ela perceba minha excitação, pelo menos não agora.

“Certamente é. E espero que na próxima viagem você possa me acompanhar.”

“Isso se eu estiver por dentro da pesquisa como deveria estar. O que nos leva de volta ao meu texto.”

“Claro.”

Eu poderia pedir que ela enviasse o texto para mim, ou passasse por *pen drive* ou qualquer outro equipamento eletrônico removível, mas eu prefiro sentar na cadeira que está ao lado direito dela, de modo a olhar para o seu notebook e juntar os nossos corpos; meu braço sempre roçando o seu.

Elizabeth bem tenta ao longo da discussão se afastar de mim, mas eu não deixo. Então, durante quatro horas seguidas, ela se viu obrigada a ter o meu braço junto do seu, minha mão tocando a sua e de vez em quando eu arriscava tocar o seu joelho em um movimento proposital e ao mesmo tempo bastante natural. O melhor foi que ela não recuou, me permitindo tocá-la nessa região tão íntima de seu corpo.

A garrafa de vinho está pela metade e Elizabeth olha para o relógio. É quase meia-noite e ela se agita na cadeira, esperando que eu encerre a correção do último parágrafo das mais de quinze páginas escritas por ela.

Ao finalizar, ela vai logo dizendo:

“Bom, agora que acabamos, eu preciso ir.”

“Claro. Eu te levo.”

“Não precisa,” nega. “Estou com o meu carro. Ele chegou esse final de semana do Brasil.”

“Entendo. Mas... Você está em condições de dirigir?” Olho para a garrafa de vinho. “Bebemos bastante.”

“Sim, estou,” diz ela bebendo um pouco da água que eu trouxera mais cedo. “Como me hidratei, o álcool não me afetou o suficiente para me impossibilitar de dirigir.”

“Você fez bem.” A parabenizo, me apegando a minha última cartada: “Mas não gostaria de um bom café? Pelo menos para afastar o sono.”

“Eu não moro tão longe daqui.” Lembra-me ela, enquanto fecha o notebook sobre a mesa. Estamos ambos de pé, olhando um

para o outro. "Dez a quinze minutos, no máximo."

"Eu me sentiria melhor se você bebesse o café," insisto. "Não posso arriscar que você cochile ao volante nesses quinze minutos."

"Tudo bem, eu aceito. Se isso lhe acalma." E me dá aquele seu sorriso ingênuo e acolhedor.

"Ótimo! Eu não demoro a prepará-lo."

Saio para a cozinha animado. Minha última jogada deu certo. Enquanto preparo tudo, penso no que estou fazendo. Sim, estou seduzindo Elizabeth. Durante toda a noite joguei de todas as formas para fazer com que ela não resistisse mais e se jogasse em meus braços. Mas não deu certo. Nem mesmo quando coloquei minha mão sobre seu joelho.

*Droga, Elizabeth! Você é dura na queda.* E isso me faz julgar os meus próprios atos. No início, eu devia me manter longe dela, depois não suportei a ideia de me afastar, e enquanto estava em Portugal a distância me corroeu lentamente. Sim, voltei decidido a não desistir de nós, e mais do que isso, voltei com a ideia louca de tê-la, pois tenho a certeza que quando ela estiver em meus braços, ela não poderá mais resistir e negar o que sente por mim.

O café está quase pronto, e eu vejo o que Elizabeth está fazendo. Ela caminha pela casa, observando tudo, desde a mesa onde estávamos aos meus sofás, poltrona e a lareira, onde agora ela está.

Enquanto coloco o café em duas xícaras e vou ao seu encontro, Elizabeth está parada não mais encarando a lareira, que eu acendi especialmente para esta noite, mas a encarar a rua pela grande janela de minha sala de visita. Ela está bastante concentrada, não percebendo a minha aproximação. Nesse momento, eu sei o que devo fazer e torço para que as minhas escolhas me levem ao caminho certo.

Quando estou a poucos centímetros de distância, eu chamo seu nome:

"Elizabeth."

Como estava concentrada, ela toma um baita de um susto e se vira de repente para mim, batendo em minhas mãos, onde está a

sua xicara de café. A porcelana pula do pires e se joga em mim, e eu sinto o líquido quente me queimar.

“Está quente! Está quente!” Eu grito em desespero.

“Meu Deus! Sérgio, me desculpe. Eu não percebi que você se aproximava...”

Enquanto Elizabeth pede desculpas e não sabe o que fazer, além de agitar as mãos como se ela é que estivesse queimando, eu rapidamente começo a desabotoar a minha camisa, a fim de me livrar do líquido quente e promover o *show* que eu esperava.

“Como eu sou desastrada!” Elizabeth continua dizendo. “Sérgio, isso...”

Então ela perde a voz. Estou parado na sua frente, sem camisa, exibindo o meu tronco definido. Vejo a boca dela abrir em um pequeno “o” quando passa de meu rosto para os músculos de meus peitos, seguindo para a minha barriga, descendo para os pelos que fazem o “caminho da felicidade”. Minha calça está pendendo de lado, e Elizabeth tem uma pequena visão de minha cueca preta.

Apesar de estar bastante animado por tudo ter dado certo, ainda estou molhado de café, que continua a me queimar. Passo a mão tentando aliviar a dor e limpar o estrago, e quando percebo Elizabeth está tomando a camisa de minha mão para, com ela, limpar o meu corpo molhado.

Elizabeth começa pelo meu peitoral, enxugando de leve o café enquanto, ora olha para os meus olhos, ora para os meus músculos. Ela desce para o meu abdômen, se deliciando com o “V” que os músculos formam no meu quadril. Percebo ela se demorando nos pelos que começam no meu umbigo e seguem para baixo, para dentro de minha cueca.

Não estou mais reclamando da ardência. Agora estou segurando o ar, apreciando essa cena completamente erótica de Elizabeth me limpando e ao mesmo tempo me desejando.

Vendo que estou a segurar o ar de meus pulmões, ela se aproxima. Com uma mão em meu peito, segurando a camisa, ela usa a outra para tocar o meu rosto, mas então percebe o que está fazendo e decide parar. Eu a agarro no ato e levo sua mão a minha

bochecha. Assim ela pode sentir a aspereza de minha barba recém tirada e do calor do meu corpo próximo ao seu.

Elizabeth tenta se afastar, mas eu não deixo. contei as horas para este momento e não vou deixar ele passar. Puxo seu corpo para junto do meu, agarrando a sua cintura junto da minha, de modo que ela possa sentir toda a minha excitação. Olho nos seus olhos e ela nos meus, e ambos estamos com o mesmo brilho; aquele que antecede o desejo da carne e das emoções. Eu poderia fazer tudo isso lentamente, como na nossa primeira vez, mas eu a quero e esperei tanto que não consigo mais resistir. Minha boca rapidamente encontra a dela e ela se derrete em meus braços.

Seus lábios são como eu me lembro; macios e delicados. Seu hálito está quente e delicioso sob a minha língua a percorrer sua boca, conhecendo mais dessa parte de seu corpo antes das outras. Seu sabor misturado ao do vinho é inebriante, e agora sim considero esse vinho o melhor, mas só se ele estiver misturado ao sabor de Elizabeth. Puro e único.

Ela está a segurar o meu cabelo, e forte, puxando minha cabeça para junto da sua, fundindo ainda mais o nosso beijo. Depois ela desce, passando pelos meus ombros largos e me segurando firme, enterrando suas unhas de maneira sexy nas minhas costas. O que eu sinto é apenas a dor do puro prazer de estar com ela, mas não a quero tê-la aqui, na minha sala. A quero na minha cama.

Não pergunto o que ela quer, pois já sinto em seus beijos e toques. Me abaixo e a tomo em meus braços, a levando para além da escada, para dentro do meu quarto. Durante todo o percurso, nós não quebramos o olhar ardente, e quando a coloco de pé junto a cama, ela me toma com a sua boca.

Com uma das minhas mãos, corro pelas suas costas a puxando para junto de mim. Com a outra, eu encontro o seu seio, o apertando sob o tecido da camisa e do sutiã. Consigo sentir o seu mamilo se endurecer com o meu toque, enquanto ela suspira de prazer deixando de me beijar para jogar a cabeça para trás, em deleite. Agora tenho total acesso ao seu pescoço, o beijando com muito desejo.

Sua roupa já incomoda, e agora eu começo lentamente a abrir cada botão sem tirar os meus olhos dos dela, que me encaram famintos. Quando chego ao último botão, eu deixo a camisa escorrer de seus braços para o chão, revelando dois seios grandes e firmes sob a renda de um sutiã rosa bebê. É quase impossível não se deliciar com essa esplendorosa visão.

Corro com o meu rosto pela sua face, descendo pelo seu pescoço, para finalmente mergulhar entre os seus seios, os sentindo foder com a minha cara. A minha respiração está falha, assim como a de Elizabeth, quando desço meus beijos pelo seu ventre, seguindo para o único zíper que prende-lhe a saia, na lateral de seu quadril e coxa. Ela segura a minha cabeça, me obrigando a olhar para ela de baixo para cima, ajoelhado aos seus pés, enquanto minha mão desliza o zíper te libertando de mais uma peça de roupa.

Me volto para Elizabeth sem quebrar o olhar que há entre nós, a levando para a minha cama. Deitada, eu tenho uma visão do paraíso que é o seu corpo apenas em sutiã e calcinha, e me delicio com a imagem passando a língua entre os meus lábios. *Oh, Deus, como ela é linda. Ela é perfeita!*

Sem perder mais tempo, coloco meu corpo sobre o dela. Apoiando-me com as mãos, começo uma dança de beijos, que começa em sua boca, desce para seus seios, depois para o seu ventre e, por fim, sobre a renda de sua calcinha, a fazendo arquear de prazer. Sorrio para sua reação e lentamente, ajoelhado ao pé da cama, começo a lhe retirar o tecido que cobre a parte mais íntima de seu corpo, que é o seu sexo.

“Você é linda, Elizabeth,” lhe digo com desejo, quando ela me olha ansiosa. “Principalmente, aqui.”

Minha mão desce para o seu sexo, brincando com os pelinhos, e isso foi muito para ela, que fechou os olhos e mordeu os lábios ao meu simples toque.

“Olhe para mim!” digo autoritário, mas ainda assim, sexy. “Eu quero que você veja o prazer em meus olhos enquanto toco todas as partes de seu belo e delicioso corpo.”

Ela me encara e eu continuo a mexer com os seus pelinhos. E mesmo quando coloco meu dedo estimulando o seu clitóris, ela



segura o prazer para ter a visão do meu. Estou simplesmente a encará-la como se fosse o alimento mais suculento e incapaz de saciar toda a minha fome.

“Você está toda molhada. Eu vejo. Eu sinto.” Minhas palavras são apenas sussurros ao vento, estimulando muito mais esse incrível momento. “Sua boca é doce. Será que aqui você também é?”

Elizabeth me olha ansiosa e se espanta quando ver eu levar o meu dedo, que antes estivera dentro dela, para a minha boca. Estou sentindo o seu sabor. É único. Um sabor Elizabeth.

“Hmm,” murmuro, saboreando. “Doce e salgado ao mesmo tempo, mas ainda assim muito doce. E sabe o que é melhor?”

Ela me olha ainda em êxtase com esse ato tão erótico. Está sem palavras.

“Seu sabor misturado ao do café,” sorrio e caminho de volta para cima dela. “Agora vamos nos livrar dessa outra peça, porque eu te quero completamente nua para o que pretendo fazer.”

“E o que você vai fazer, Sérgio?” Ela pergunta curiosa, enquanto minha mão percorre para a alça esquerda de seu sutiã, deixando-a pender de lado ao passo que a beijo no ombro.

“Diga de novo,” peço à medida que libero o primeiro seio, o sugando com a minha boca, fazendo ela curva-se sobre a cama.

“Dizer... o quê?”

“Meu nome,” respondo, olhando em seus olhos. “Diga Sérgio. Quero ouvi-lo em seus lábios.”

Ela sorri antes de dizer:

“Você é lindo, Sérgio.”

Me jogo sobre ela a beijando intensamente. Suas pernas sobem e prendem a minha bunda empurrando para ela. Agora Elizabeth pode sentir o atrito de meu membro duro sob o tecido no seu sexo. Ela me quer. Elizabeth me deseja.

Sem demora, retiro o seu sutiã, o jogando por cima do ombro e enterrando meu rosto na sua pele nua. Pode não ser hoje, mas um dia quero que ela me foda com esses seios, que me hipnotizam. Aperto e beijo seus bicos, deixando Elizabeth fora de controle, ainda a pressionar minha bunda com seus saltos extremamente perigosos. Minhas mãos sobem pela sua cabeça, levando as suas juntas

comigo, as segurando acima. Eu sei o que quero agora e espero que ela queira também.

“Eu quero te amarrar.”

“O quê?!” questiona, assustada.

“Apenas as suas mãos,” sorrio, tranquilizando. “Você vai gostar. Pode confiar em mim.”

“E você pensa em me amarrar com o quê?”

A ideia foi repentina e não pensei nisso no momento. Olho para os lados a procura de algo que possa funcionar como corda, e o que eu vejo desperta um sorriso brincalhão.

“Com aquilo,” digo, apontando com a cabeça o meu uniforme da universidade, arrumado sobre a cadeira.

“Sua gravata?”

“Exatamente.”

Pulo da cama, mais excitado do que seria possível, e pego a minha gravata vermelha, que por muito tempo odiei em usar. Hoje ela receberá um novo significado e utilidade, e quando eu a usá-la novamente lembrarei das mãos de Elizabeth imóveis sob o tecido enquanto te dou prazer.

Com as mãos amarradas, Elizabeth não pode me tocar e eu aproveito o momento. Me ajoelho no chão, próximo a cama, e enterro o meu rosto no seu sexo. Primeiro beijando os seus pelos pubianos e depois deslizando minha língua para brincar com o seu clitóris. Elizabeth sobe e desce o seu corpo, tentando segurar todo o encanto que estou lhe proporcionando. Mas ela não consegue por muito mais e libera todo o seu orgasmo, se dando o direito de sentir cada gota do prazer que desce pelas suas pernas abertas e em meu queixo.

Estou sorrindo para ela enquanto subo na cama para desamarrá-la. Agora que ela está livre, preciso livrar outra coisa, que há muito está rendido e não aguenta mais esperar. De joelho na cama, levo as minhas mãos ao botão de minha calça. Ao fazer isso, percebo que Elizabeth assiste encantada o *show* particular que se inicia. Lentamente, começo a tirar a calça e fico de pé para retirá-la completamente, finalmente ficando apenas de cueca.

Sorrio com o canto da boca ao ver Elizabeth me encarando nos olhos e depois descendo para a minha cueca box preta, onde o volume é visível. Quando sua respiração falha e a língua umedece os lábios, eu me agacho tirando o tecido e liberando o meu membro; grande, grosso, duro e ereto. Deixo que Elizabeth aprecie a vista. E acaricio para frente e para trás o meu sexo me dando prazer, e a ela também. Mas não quero gozar assim, eu quero estar dentro dela, e é para ela que eu vou depois que pego a camisinha no bolso de minha calça e coloco sobre a parte mais quente e dura de meu corpo, que está há muito ansiando por esse momento.

Me ajoelho entre as suas pernas, as abrindo com leveza, deixando que ela assista cada ato. Olho para ela procurando permissão e Elizabeth joga seus pés em minha bunda exigindo isso. Então, devagar, eu a penetro.

Como eu suspeitava é uma sensação maravilhosa ter as paredes do seu sexo a pressionar o meu membro enquanto eu conheço o espaço. Não vejo expressão de dor em seu rosto, e ela olha me querendo, me fodendo com seus olhos verdes esmeraldas. Eles me hipnotizam, e sou puxado por eles, me deitando sobre o seu corpo para lhe tomar os lábios. Entre os beijos, começo a me mover. Nós nos movemos juntos.

Elizabeth e eu estamos nos movendo como duas peças de uma máquina em perfeito funcionamento. Uma máquina erótica, produzidas pelos nossos corpos unidos e que funciona a base de nossos beijos e caricias. É uma máquina destinada a produzir prazer e o distribuir igualmente entre as partes. Estamos dando e recebendo prazer mutualmente, enquanto procuramos a nossa liberação.

É no último suspiro de Elizabeth e na minha última penetração, que ambos explodimos juntos. Nossas bocas pararam para formar o "O" do incêndio de nossos corpos, enfim, amenizado, porque ele nunca será apagado.

Saio de dentro dela e ela estremece, mas está sorrindo para mim. Eu retribuo seu sorriso e deitamos lado a lado para continuar com os beijos e as caricias por debaixo dos lençóis. Logo nos

abraçamos e deixamos que o sono nos controle, fazendo a gente mergulhar numa noite de sonhos.

# Verde

Acordo e é quase 6h30min da manhã. Falta pouco minutos para o despertador também acordar com o seu barulho irritante, mas eu o cancelo para não acordar Elizabeth, que dorme tranquila ao meu lado.

Sorrio ao ver a sua imagem em minha cama, enrolada com os meus lençóis, escondendo seu corpo nu. Seu cabelo está sobre o travesseiro, espalhado e perfeitamente belo, contrastando com a expressão serena presente em seu rosto. Tudo o que eu mais quero agora é ficar a observá-la enquanto penso na noite incrível que passamos juntos. Ela não é virgem, pois soube exatamente o que fazer em cada momento, e o melhor é que eu gostei muito e não vejo a hora de repetir a dose. Agora, com muita força de vontade, eu preciso me levantar e preparar um bom café para nós dois. Será o nosso primeiro café da manhã juntos, e tão logo eu espero por outros.

Saio da cama devagar, de modo a não acordá-la. Pego minha cueca no chão e a visto, antes de lançar um último olhar sobre Elizabeth e sair do quarto descendo as escadas diretamente para a cozinha.

Começo a fazer tudo que ela tem direito, como torradas, café, suco, e até faço chá caso ela o prefira pela manhã. Também faço ovos mexidos com bacon. Se não estivesse temeroso em deixá-la sozinha, poderia ir numa padaria para comprar alguns pães frescos. Infelizmente, ela terá que se contentar com torrada. Preparo tudo para dois em uma bandeja, e quando estou arrumando o queijo com o presente, sinto a presença dela na sala de jantar.

Eu já estava sorrindo e ao senti-la, meu sorriso aumenta mais do que seria possível. Não me viro para encará-la. Continuo a arrumar a bandeja, deixando-a apreciar a vista; eu, só de cueca, na cozinha, fazendo nosso café da manhã como o homem prendado que sou. Quer dizer, solitário e adapto a fazer tudo sozinho.

Com tudo preparado, pego a bandeja em mãos e me volto para ela. Meu sorriso vacila e eu fico preocupado ao ver a sua

expressão. Elizabeth está séria. Ela não sorri para a bandeja ou para o meu corpo seminu. Ela até olha para a minha cueca, mas logo vira o rosto. Assim que deposito a bandeja sobre a mesa, ao lado dos papeis da noite anterior, ela diz o que eu temia que ela dissesse:

“Eu preciso ir embora.”

“Não. Você não precisa.”

“Sérgio, eu tenho aula.” Elizabeth não me encara. Está observando a bandeja. “Preciso tomar café, vestir uma roupa...”

“Okay. Tome café comigo e eu a levarei para a universidade,” sorrio triste, esperando que ela seda ao meu pedido.

“Não! Eu não posso chegar na universidade com você.” Me encara, assustada. “Na verdade, o que aconteceu ontem à noite...”

“Foi incrível.”

“Não devia ter acontecido”. Me ignora.

“Você vai negar o que aconteceu?” pergunto, incrédulo. “Depois de todos os nossos beijos, caricias e tudo mais que fizemos na cama, você vai sair assim e dizer que não devia ter acontecido? Pois aconteceu! E eu sei que você gostou tanto quanto eu.”

“Sérgio...” Ela procura as palavras, mas não as encontra. Respira fundo: “Eu preciso ir.”

Elizabeth se vira e faz menção de ir embora, mas eu a seguro pelo braço, a fazendo me encarar nos olhos.

“Eu quero que você olhe nos meus olhos e diga que não gostou.” Vejo medo no seu olhar. “Quero que diga que não sente nada por mim. Se assim você fizer, eu a deixo ir e prometo nunca mais tocar em um fio do seu cabelo. Seremos apenas aluna e professor, e nada mais.”

Elizabeth me encara e abre a boca, mas não sai palavra nenhuma. Engole em seco e olha para os lados, incapaz de admitir o que o seu corpo responde em aceitação. Ela não consegue negar para si mesma os seus sentimentos, e eu não preciso de mais nada para voltar a agir.

A puxo com força e faço seu corpo cola-se ao meu.

“Você sente isso?” pergunto, ao ter meu sexo já excitado sob a cueca. “Isso é o resultado do que você faz comigo.”

“Sérgio...”

“E não negue!” advirto. “Sei que nesse momento você já está pronta para mim. Sua boca pode dizer uma coisa, mas seu corpo diz outra completamente diferente. Vamos, Elizabeth! Não negue os seus sentimentos.

Sem esperar uma resposta, tomo sua boca na minha, e ela corresponde sem demora, deixando minha língua encontrar o caminho a procura de seu sabor.

A chama reacende e não há como parar. Que se dane a hora, o dia e o planeta inteiro. Tudo que eu quero agora é me perder dentro de Elizabeth. E tenho certeza que ela me quer dentro dela, agora e rápido.

Beijando-a, começo a abrir sua camisa um botão por vez. Não a retiro. Sob o tecido, começo a lhe apertar os seios, e quando sua cabeça se joga para trás em prazer, eu beijo seu pescoço. Empurro a renda do sutiã para o lado, liberando seu seio firme, o qual logo está na minha boca sendo sugado e endurecendo sob as caricias de minha língua brincalhona.

Enterro meu rosto e deixo que seus seios fodam com a minha cara. Com isso, consigo sentir o cheiro puro de Elizabeth, a suavidade de seu perfume, mas principalmente o cheiro de sexo. Meu membro lateja, e posso sentir Elizabeth empurrando seu quadril contra o meu de forma a atritar os nossos sexos sob o tecido.

“Eu te quis desde o momento que entrou na sala me interrompendo,” digo enquanto subo meus beijos de volta para a sua boca. “Eu te quis ontem, te quero agora e te quero sempre. Não resista ao que sentimos um pelo outro.”

Lentamente, minha mão desce para a sua saia encontrando o zíper lateral. O deslizo para baixo e logo estou tirando a sua saia junto com a calcinha, mas deixando-a de saltos. Assim que se ver livre, Elizabeth joga suas pernas ao redor de meu corpo e eu a levo para cima da mesa, jogando todos os papeis para o lado. Sua resposta a minha declaração é dita com seu beijo, intensificado e as suas mãos; uma a puxar o meu cabelo e a outra a enterrar as unhas nas minhas costas.

Os saltos de seu *Louboutin* entram na minha cueca e Elizabeth a empurra para baixo liberando o meu membro, duro e

louco por ela. Sorrio entre os beijos e recebo um sorriso de resposta.

Olho para o lado e encontro a minha carteira próximo ao notebook. A pego e de dentro dela tiro um pacote de camisinha. Coloco entre os dentes de Elizabeth, e com a sua ajuda rasgo a embalagem. Deslizo a borracha no meu sexo ereto e latejante, e lentamente começo a penetrá-la.

“Rápido!” grita.

“Tem certeza?”

“Sérgio, eu quero que você me possua agora, em cima desta mesa, rápido e com força.” Seus olhos incendeiam. “Tenha-me agora!”

Satisfeito, faço o que ela me pede. Duro, rápido e com força eu fodo com ela. Toda vez que a cabeça de meu pênis bate na parede de seu sexo, a boca de Elizabeth abre em um grande “O” e eu não resisto, enterro minha língua também lhe tomando pela boca.

Seus saltos furam minha bunda ao me empurrar para dentro dela. É uma dor ótima. Uma dor que todo homem gosta, principalmente se ela for causada por uma linda mulher.

Elizabeth é linda em todos os sentidos. E não digo isso apenas pela sua bela forma ou aparência, mas porque ela também é inteligente. Uma mulher decidida. Tenho certeza que ela vai longe no mundo da arte, e eu quero muito fazer parte de todos os seus momentos de conquista, ajudando sempre que for possível.

Olhando para ela agora, o seu prazer é tudo. Seu cabelo a lhe cair pelos ombros, ondulando enquanto seu corpo balança com as minhas investidas. Seus olhos estão fechados e sua boca aberta. Suas mãos estão em todo o meu corpo e penso quando estará sobre o meu sexo.

Sinto que o momento está chegando. Tanto o meu quanto o dela. Quero ver o seu prazer ser saciado através do brilho de seus olhos, por isso lhe peço:

“Abra os olhos, Elizabeth.”

Ela os abre e é nesse momento que ambos encontramos a liberação. Nosso orgasmo se dá ao mesmo e podemos ver, nos olhos um do outro, o quanto estamos envolvidos, de alguma forma



conectados. Elizabeth não pode mais negar. Eu sou dela e ela é minha, e tenho certeza que juntos encontraremos uma maneira de fazer isso dar certo.

\*\*\*

Eu tentei fazer com que Elizabeth faltasse a aula para ficar comigo, aproveitando a terça-feira entre os lençóis de minha cama, ou a mesa de jantar, ou até mesmo estrear o sofá de uma forma que ele nunca foi estreado e que só nós dois saberíamos como fazer.

Agora Elizabeth está se olhando no espelho acima da lareira, arrumando o cabelo. Eu disse que ele ficava melhor depois do sexo, mas ela rebateu dizendo que não sairia na rua com ele como estava, pós-foda.

Ao contrário dela, que já estava completamente vestida, eu estava só de cueca, escorado na mesa, comendo uma torrada e a olhando tanto quanto eu posso. Acho que não existe uma coisa mais erótica do que uma mulher, principalmente uma como Elizabeth, se vestindo na frente de um homem. Muito sensual é o processo de ver a saia lhe subindo pelas pernas e escondendo sua roupa íntima. E assim como é muito bom abrir cada botão de sua camisa, também é muito bom vê-la fechá-la, escondendo seus seios, que há pouco foderam com a minha face.

Mesmo depois de uma incrível transa sobre a mesa de jantar, o meu membro já se encontra duro, só de rever o *show* íntimo que Elizabeth me proporciona.

Quando seu cabelo está no lugar, ela se volta para mim e está sorrindo, satisfeita. Não esconde a surpresa ao ver o meu membro sob a cueca já excitado, e não faço esforço nenhum para esconder isso. Agora, eu quero mais é que Elizabeth veja do que ela é capaz de fazer com o meu corpo. Se ela não estivesse tão decidida a assistir aula, eu a teria novamente.

“Acho que está na hora de eu ir,” diz ela, desviando seu olhar faminto da minha cueca para os meus olhos. “Eu já perdi muito do meu tempo.”

“Tome café comigo,” insisto, puxando a cadeira para ela.

“Eu vou me atrasar.”

“Não se comer aqui.”

“Okay! Você venceu,” sorri e sento, satisfeita. “Mas vou ser rápida. Preciso voltar ao meu apartamento.”

“Você não veio de carro?” questiono confuso. Me lembro dela ter dito que vieste no seu carro, que chegara do Brasil.

“Sim e não.”

“Não entendi.”

“Preciso deixar o meu carro numa oficina antes de ir para a universidade.”

“Ah, entendo,” digo, pensativo. Acabo de ter uma ideia. “Coma e eu te levo.”

“Como assim?”

“Vamos no seu carro. Passamos no seu apartamento, depois levo você para a universidade e em seguida levo o carro para uma oficina.”

“Mas, você ficará a pé.”

“Elizabeth, eu não tive um carro toda a minha vida. Sei andar de ônibus ou metrô.”

“Mas você não tem aula hoje.” Ela se serve, persistindo.

“Não,” confirmo. “Mas não custa nada eu te levar e fazer esse favor.”

“Se você insiste.”

“É claro que eu insisto.”

Eu não consigo comer. Quero apenas olhar para ela e ter certeza de que tudo foi real e não apenas um sonho, ou uma ilusão.

À medida que conversamos e ela vai comendo o que lhe preparei com carinho, chego à conclusão de que tudo aconteceu e está acontecendo realmente. Simplesmente não a imaginei entrar na minha aula através das memórias de um passado que não me faz feliz. Não. Elizabeth é real e por mais que a história esteja se repetindo tenho a esperança que dessa vez dará certo, porque o que eu sinto por ela é diferente do que eu sentia por Monalisa, além de ser capaz de fazer qualquer coisa – qualquer coisa mesmo – para estar com Elizabeth.

Conversamos sobre os estudos dela. Sua paixão pela arte, a vontade de ser uma curadora de museu e realizar seu sonho de descobrir um artista.

“E você estudou na FAAP.” Lembro-a, ao recordar da informação presente no seu currículo.

“Sim. Uma boa experiência.”

“E por que não continuou?”

“Especialização e mestrado?” confirmo. “Pensei nisso, mas as circunstâncias não permitiram.”

“Posso saber que circunstâncias foram essas?”

“Um namorado.”

Okay. De todas as circunstâncias possíveis, essa não passou pela minha cabeça. *Um namorado?* Elizabeth não disse que tinha um namorado.

“Um ex-namorado,” ressalta ela, ao ver a minha expressão.

“Fico feliz em saber.”

“Fica?” Me olha curiosa.

Eu pego sua mão sobre a mesa:

“Você acha que eu sou do tipo de cara que gosta de dividir?”

“Acredito que não.”

“E está certa.” Olho nos seus olhos: “Elizabeth, se você me dissesse que deixou um namorado no Brasil, só existiria duas alternativas, ou eu me afastaria de você ou lutaria até tê-la só para mim.”

“E qual das opções você escolheria?”

“A segunda.” E pela minha voz, ela pode ver que estou falando sério. “Depois do que aconteceu entre nós, você não vai me escapar tão facilmente.”

Elizabeth escutou o que eu disse, mas não comentou. Então, continua de onde parou:

“Meus pais tinham uma ideia louca de eu me casar com esse namorado. Mas eu me recusei, pois o que eu sempre quis foi ser independente e não uma dona de casa. Pelo menos, não como imaginam os meus pais.”

“Daí você veio para Londres.”

“Sim. Foi uma viagem surpresa.” Ela sorri orgulhosa de si mesma. “Preparei tudo. Então, no dia da viagem, terminei com o meu namorado e contei para os meus pais que estava viajando para Londres para estudar arte.”

“Deve ter sido um baque para eles,” digo, divertido.

“Foi melhor assim.” Ela termina. “E aqui estou, cursando o que gosto e tentando conseguir realizar o que desejo.”

“Tenho certeza que vai conseguir.” Beijo sua mão. “Como seu professor, posso dizer que você tem futuro.”

“Eu terei, se eu não chegar atrasada.”

Incrível como Elizabeth escapa de qualquer demonstração de carinho de minha parte. Por enquanto, deixo passar, mas tão logo ela não vai mais conseguir resistir.

Levanta da cadeira e tira ela a bandeja da mesa, a levando para a cozinha. Esse movimento é tão simples que me faz imaginar como seria ter uma vida ao seu lado; acordar e tomar café juntos, sair para trabalhar e se despedir no portão com um beijo de até logo, como um casal que poderia ser uma família. Minha fantasia se perde quando ela grita da cozinha:

“Se você vai me deixar no meu apartamento, acho que seria o ideal que vestisse alguma roupa.”

É impossível não rir com o comentário, uma vez que ela tem razão, porque ainda me encontro sentado à mesa vestido apenas de cueca.

Faço meu caminho para o quarto e fico atento para Elizabeth não sair sem que eu veja. Ela bem que seria capaz de fugir depois de tudo, pois vejo que ainda está assustada, não só com o que fizemos, mas também pelo o que ela está sentindo por mim. Sim, eu sei que ela sente o mesmo. Elizabeth não fala sobre, entretanto seu corpo grita em resposta.

Entro no banheiro para um banho rápido, e não fecho a porta. Tudo que eu mais quero agora é que ela entre no meu quarto e me encontre nu, sob a água do chuveiro. Infelizmente, ela não o faz.

Saio do banho e visto a roupa que está sobre a cadeira. Me olhando no espelho, reparo que falta um acessório essencial: a gravata vermelha. Olho em volta e a encontro entre os lençóis da

cama, ainda bagunçada depois da noite maravilhosa que Elizabeth e eu tivemos, e que eu nunca esquecerei.

Recolho a gravata e a coloco pensando no que fiz com ela, a usando para amarrar o pulso da bela mulher, que agora parece estar lavando pratos no andar de baixo. É quase impossível não ficar excitado ao recordar-me dos arquejos dela enquanto tomava seu sexo com a minha língua, estimulando o seu clitóris tão rosado e saboroso quanto uma bala rosa de morango.

Desço a escada e encontro Elizabeth sentada no sofá, arrumando, não a sua bolsa mas a minha. Ela não percebe a minha presença, então eu a observo. Elizabeth, com cuidado coloca o notebook e arruma os papeis que antes estava sobre a mesa. Olho para o lado e encontro minha sala de jantar perfeitamente arrumada. Sorrio e o meu sorriso sai como um riso, chamando a sua atenção:

“Ah, você está pronto.” E me olha dos pés à cabeça, curiosa. “Eu pensei que você não tivesse aula hoje.”

“E não tenho.”

“Então por que está de uniforme?”

Vejo seus olhos cruzarem com a gravata, a encarando. Sei muito bem o que se passa agora pela sua cabeça. E quando ela olha para mim, sua face está rosada.

“Normalmente estou sempre na universidade, mesmo não tendo aula.”

“Na pesquisa?”

“Às vezes.”

“Posso perguntar fazendo o que mais?”

“Pode,” sorrio, caminhando para ela e pegando minha bolsa, que a estende para mim. “Mas não garanto em responder. Obrigado por arrumar a minha pasta, além da sala de jantar e de lavar os pratos.”

“De nada. E por que não responderia?”

“Porque talvez eu prefira te mostrar.”

Ela me olha assustada, ao mesmo tempo que se levanta e recolhe o sobretudo no porta casacos e chapéis ao lado da porta.

“Você vai me levar para o meu apartamento,” enfatiza, séria. “Sérgio, você vai me levar para a universidade e depois deixar o meu carro numa oficina.”

“Eu sei disso.” Estou sorrindo bobamente, me divertindo com a reação dela. “Mas nada me impede de encontrá-la por lá. Lembre-se, sou seu professor e orientador.”

“Acredite, é só nisso que tenho pensado.”

Elizabeth coloca o seu sobretudo e eu também pego o meu, um cinza escuro e longo. É outono em Londres, mas hoje está tão frio quanto no inverno, mesmo estando dentro de casa. Ela me passa a chave de seu carro enquanto eu abro a porta, e o frio aumenta consideravelmente. Deixo que ela saia na frente, ficando eu para trás para fechar a porta e impedir que o frio adentre no ressoante.

Ao me virar, vejo Anie caminhando, também agasalhada, até Elizabeth, que a recebe sorrindo educadamente:

“Hoje está bem frio, não é?” pergunta Anie, estendendo a mão para Elizabeth. “Prazer, sou Anieta Foster, mas pode me chamar de Anie. Sou vizinha do sr. Duran.”

Não me lembro de já ter falado meu sobrenome para Anie. Mesmo assim, sorrio quando ela sorri para mim.”

“Prazer, sou Elizabeth Johnson.”

“Elizabeth, como a nossa Rainha.” Anie encara nós dois. “Mas você é mais linda, claro. Sr. Duran, sua namorada é um encanto de mulher.”

“Obrigado,” digo satisfeito e com um sorriso brincalhão.

“Oh, não. Não somos namorados,” diz Elizabeth ao mesmo tempo.

Anie nos olha sem entender, mas logo volta a sorri como sempre, com carinho. Não sei o que ela viu em Elizabeth e eu juntos, mas sei que ela viu algo, pois quando nos despedimos, eu juro que a vi piscar para mim, antes de eu entrar no Insignia Sedan preto de Elizabeth. Esta acena do carona e eu dou a partida, seguindo pela *Parkgate Rd.*

Enquanto dirijo, Elizabeth não parece estar a fim de conversar. Coloco meu *iPhone* no compacto de som do carro e a voz de Damien

Rice<sup>[17]</sup> toma conta do ambiente com a música *Cannonball*. Vejo que Elizabeth fecha os olhos e aprecia à melodia, enquanto eu só sei olhar para ela sem tirar os olhos da estrada por mais tempo do que o permitido.

Me pergunto se ela está pensando no que fizemos ou no que ambos dissemos há pouco para Anie. Se eu não dissesse que ela era a minha namorada, não poderia dizer que era a minha aluna, então o que mais eu poderia ter dito? Ela, pelo contrário, negou e, por um momento, sua negação me magoou. Em nenhum momento pensei nela como minha namorada, mas alguma coisa somos um para o outro, não?

“Elizabeth?” chamo-a.

“Hm.”

“Por que você negou?”

“Neguei o quê?” questiona, enfim, abrindo os olhos e me encarando sem entender.

“Que era a minha namorada.”

“Porque eu não sou.”

“Mas você também não podia, quer dizer, não pode dizer que é a minha aluna.”

“Ora, por que não?”

“Estranho, você não acha? Uma aluna sair da casa de seu professor, com ele, ao amanhecer?”

Ela arregala os olhos finalmente entendendo a minha questão. Ou, pelo menos, parte dela. Mesmo negando para Anie, eu gostaria de saber de Elizabeth o que realmente temos. Mas penso que, por enquanto, não devo pressioná-la. Talvez mais tarde, no lugar que estou pensando para nos encontrar.

A voz de Rice está quase no fim e a música está recebendo suas notas finais, assim como eu estou virando à direita na *Brompton Rd/A4*. Agora que estamos chegando próximo ao seu apartamento, eu me permito perguntar:

“Você vai ficar muito tempo no *Beaufort House*? A diária não deve ser barata.”

“Não. Estou à procura de um outro apartamento para alugar, ou até mesmo uma casa pequena.”

“Então pretende fincar as raízes por mais tempo em Londres? Digo, além do tempo da universidade?”

“Essa é a ideia original.”

Viro à direita na *Beaufort Gardens* e logo estaciono em frente ao seu prédio. Elizabeth sai e eu a sigo até a entrada, parando apenas quando ela se vira para mim, impedindo de eu continuar. Seus olhos estão nos meus e os meus nos dela, e por alguns segundos no encaramos. Tenho certeza que Elizabeth está pensando na nossa noite juntos, isso até ela dizer:

“Acho que nos vemos na universidade.”

“Mas eu pensei...”

“Não é prudente chegarmos juntos,” corta-me. “Obrigado por deixar meu carro na oficina.”

“Não precisa agradecer.”

“Então, eu vejo você na universidade?”

“Pode apostar que sim.”

“Pois até logo.” E se vira para entrar no prédio.

“Espere!” Seguro sua mão, puxando seu corpo de volta. “Não está esquecendo de nada?”

“Acho que não.” Seu olhar é confuso, e ela olha para a bolsa. “Estou com tudo que é meu aqui.”

“Não me referia a isso.”

“Então?”

“Depois de ontem à noite e de hoje no café da manhã, eu não mereço nem um beijo de despedida?”

“Sérgio!” Me repreende, mas não solta minha mão. Estou sorrindo como um adolescente bobo a espera de seu beijo. “Não vou beijar você na rua. Podem ver.”

“Não tem quase ninguém aqui,” digo olhando para os lados e aproximando o meu corpo do dela. “Ninguém que me conheça, pelo menos.”

“Okay.”

Elizabeth olha assustada a sua volta e me dá um beijo rápido, se afastando de mim antes que eu possa lhe impedir.



Vejo ela entrar no prédio e fechar a porta, não antes de sorri para mim por cima do ombro. Sorrio em resposta e volto para o seu carro, sentindo o sorriso idiota que está estampado em meu rosto. Entro no veículo, e antes de dar a partida me permito olhar mais uma vez para o *Beaufort House*, feliz com tudo que aconteceu e com tudo que ainda está para acontecer. Eu sinto que com Elizabeth tudo pode ser diferente, e eu finalmente posso enterrar o meu passado e passar a pensar no futuro.

## *Salmão*

Depois de ter deixado o carro de Elizabeth na oficina e voltado para pegar o meu, estacionado a meio-fio da calçada de minha casa, dirigi para a universidade. Eu poderia ter ido para a minha sala e ter ficado nela até a hora do almoço, quando procuraria Elizabeth. Mas assim eu não fiz.

Estar na minha sala seria um perigo obvio, uma vez que a sra. Carter me procuraria. Sim, eu estou ou sempre estou escapando dela. Podem não entender, mas Sônia é perigosa. Uma mulher predadora, e sinto muito em dizer que já fiz parte de suas caças, muitas vezes. Não me orgulho do que fiz, mas caso não o tivesse, não seria professor de uma renomada universidade. E agora, principalmente, não teria conhecido Elizabeth. Não sei se ela e eu temos alguma coisa, mas se há essa possibilidade, preciso me manter afastado do perigo, e isso quer dizer me manter longe da sra. Carter.

São contadas as vezes que vou a sala dos professores ou ao Departamento de Artes, pelo menos não quando Sônia lá está. Quando sei que saiu ou está de viagem, posso conversar com os meus colegas, não que a conversa me agrade, mas posso me socializar tempo suficiente para deixar minha marca de bom professor. Bom, na verdade, de ser exemplar, não participativo e de muitos amigos. Gosto de ser o professor rude e antissocial da universidade.

As reuniões são insuportáveis. É difícil se concentrar, quando sou praticamente obrigado a sentar ao lado da sra. Carter e tê-la a passar suas pernas sobre as minhas, sob a mesa, durante as discussões acadêmicas.

Mas há um lugar onde ela não pode entrar, pois assim eu estabeleci. Aqui, onde agora estou, ninguém nunca entrou. Nem mesmo as faxineiras. Eu me encarrego da arrumação nos finais de semana, e sou o único que tem a chave.

Como eu tenho todo esse privilégio?

Simples. Eu comprei a sala. Não, não estou de brincadeira. Fariam desta sala um depósito, e eu procurava por um espaço distante dos alunos e dos demais professores. Falei com Sônia e ela conversou com o reitor, e como na época a instituição precisava de dinheiro para uma reforma em uma das salas, ele aceitou a minha oferta. Esse foi um dos meus poucos investimentos. Não sou rico, mas ganho bem e não gasto com muito. Sempre tenho dinheiro para algo que realmente quero e necessito.

Esta sala é o meu espaço. A minha caverna, como já escutei pelos corredores. Aqui eu posso pensar calmamente, e sem medo de ser interrompido. Aqui eu faço o que realmente gosto de fazer que é falar comigo mesmo; com a minha própria alma. Nesta sala posso expulsar os meus fantasmas através da minha arte. No meu ateliê me perco em várias emoções.

Nos últimos meses, entrei nesta sala, sentei sobre o banquinho no qual estou e olhei para a tela, como agora estou olhando, e em nenhum desses momentos eu consegui pintar se quer uma forma geométrica. A tela permaneceu em branco por muito tempo.

Até agora.

Estou surpreso comigo mesmo, mas depois desse tempo de trevas, hoje entrei no ateliê com vontade de pintar. Não algo com forma, mas simplesmente misturar cores e ver elas ganhando vida à medida que aumento as pinceladas. Já é quase hora do almoço, e eu me encontro sorrindo enquanto passo o pincel sobre a tela, com força, fazendo a tinta em água escorrer lentamente.

Paro e olho para o meu trabalho. Vida. É isso que vejo com as múltiplas cores. Há muito não pinto nada tão vivo. E sei bem porque estou a pintar. Uma única imagem esteve na minha mente a manhã inteira. A imagem de uma pessoa que anseio por ver e que já não posso mais esperar.

Me afasto do quadro e pego minha bolsa, que está ao lado da porta junto com o *blazer*. Dela, retiro um bloco de notas e escrevo uma mensagem em um dos pequenos papeis amarelos. Dobro em dois e seguro com força entre a palma de minha mão, e visto o

*blazer* depois de tirar o avental sujo de tinta que estava usando. Saio do ateliê e sigo para a escada do térreo, a caminho do refeitório.

Caminho calmamente, e minha expressão é séria. Os alunos não olham nos meus olhos com medo de serem atingidos pelos raios ópticos que dizem que sou capaz de lançar. *Ah, se eles soubessem como estou feliz por dentro.* Interiormente, estou quase pulando de alegria ao pensar na ideia que tenho em mente e pôr ela em prática assim que achá-la. Incrível o que uma cara fria, uma postura séria e um olhar rude pode fazer com os seus alunos. *Devo-me desculpar por não compartilhar com eles a minha alegria?* Não. Eles já são felizes por suas próprias conquistas. Deixe eu ser feliz unicamente com o que posso ser.

O refeitório está cheio. Achá-la vai ser difícil, e mais ainda sem levantar qualquer tipo de suspeita. Nos últimos dias tenho abordado Elizabeth de tantas maneiras e em vários lugares, que posso dizer, com quase certeza, que seus amigos desconfiam de algo. Pelo menos, a srta. Mills. O sr. Harris está tão cego pelo ódio a minha pessoa, que não enxerga a verdade, nem que a coloque na sua cara. A srta. Mills demonstrou interesse em Elizabeth e eu. *Será que ela acha que estamos tendo mais que reuniões de pesquisa?*

Olho para todos os lados, e como se um imã nos atraísse, a encontro olhando para mim por cima do ombro de seus amigos, que estão de costas. Sorrio para ela e caminho para a sua mesa, tendo seu olhar preso ao meu.

“Boa tarde.”

“Boa tarde.” Elizabeth não deixa de me olhar. Seus amigos se viram.

“Ah, boa tarde, professor,” dizem ambos. O sr. Harris com desgosto.

“Trago um recado do departamento para a srta. Johnson.”

“Eu?” Me encara, assustada. “Algo de errado?”

“Eu não sei,” respondo, sério. “A senhorita terá que descobrir por si mesma.”

Entrego-lhe o bilhete que escrevi há pouco e acrescento:

“Eles pedem que vá sozinha.”

Não espero ela abrir o bilhete. Sem despedida, me retiro do refeitório de volta para o ateliê, esperando que Elizabeth faça o que lhe pedi.

Eu sei que não devia, principalmente com o que tenho em mente e escrevi para ela. Mais do que isso, o que pretendo eu nunca fiz e surpreende até a mim mesmo. Além disso, se alguém vê-la, vão suspeitar, porque todos sabem das ordens por mim estabelecidas. *Ah! Que se dane o que os outros vão pensar.* Desde que Sonia não descubra, não teremos problemas. Espero também que Elizabeth dê um fim ao o bilhete, no qual estava escrito:

*Me encontre no meu ateliê de pintura, no subsolo. Vá sozinha. Sérgio.*

E como se o pensamento atraísse, eis que vejo a sra. Carter vindo em minha direção. Distraído com Elizabeth, esqueci completamente de tomar cuidado ao andar pelos corredores. Agora me encontro sem saída.

O sorriso de Sônia é vitorioso ao chegar perto de mim, me cumprimentando com um beijo, não na bochecha, mas em cada canto de minha boca. Ela está vestida fatalmente, como sempre. Mesmo antes de separada, Sônia gostava de expor o seu corpo, e muitos da universidade viam isso com maus olhos. Não sabiam eles do que Sônia é e já foi capaz de fazer, e tudo isso com uma simples roupa como a que está vestida; um vestido preto, justo, acima do joelho e com um grande corte lateral. O decote de seu vestido se destaca a quilômetros, isso porque vai dos seios até o ventre. Não duvido que os alunos consigam ver os seus mamilos quando olham de lado. O cabelo está em um rabo-de-cavalo e sua maquiagem é pesada. É incrível como quanto mais velha fica a mulher, mais maquiagem ela usa. Não sabem elas que a beleza original é a melhor, e eterna, independentemente da idade?

“Sérgio, fico feliz por te encontrar.”

“A que devo essa felicidade?”

“Estou em conversa com os demais professores sobre a Semana Universitária de Artes, que estaremos realizando daqui a

algumas semanas.” Ela sorri, mostrando todos os dentes brancos, e que custaram caro para ficar assim. “Poderia me acompanhar até o departamento?”

“Eu estou ocupado...”

“Não vai demorar.” Ela insiste, fincando a testa. “Você, como um dos melhores professores, precisa dar sua opinião para a organização.”

Sem esperar que eu rejeitasse o pedido, Sônia se agarra ao meu braço e me arrasta pelos corredores até a sala do Departamento de Artes Plásticas. Durante o caminho, ela continuou insistindo que eu estou sumido e que precisamos nos encontrar mais vezes, e eu apenas escuto, sorrindo. Sônia só para de me abordar quando abro a porta do departamento a deixando entrar primeiro.

Todos os professores estão presentes, sentados na longa mesa de madeira branca, que compõe parte da sala, arrumada como qualquer outra. Além da mesa, há armários, escrivaninhas e alguns computadores.

Todos parecem estar à minha espera, e como de costume cumprimento-os com um movimento de cabeça, mantendo minha expressão séria. *Mas que droga! Não é para eu está aqui.* Elizabeth logo estará no meu ateliê. Por sorte, deixei a porta destrancada, assim ela poderá entrar e me esperar.

“Agora que o prof. Duran está aqui,” começou Sônia. “Podemos concluir os últimos detalhes.”

“Sra. Carter, devo repetir que estou ocupado.” Olho para o relógio. Já se passou dez dos quinze minutos que pedi a Elizabeth. “Estou com hora marcada para outro compromisso. Infelizmente, não me avisaram desta reunião. E eu já insisti que esse tipo de atitude não deve acontecer.”

“Sim, sim. Já sabemos do quanto você preza pela organização, professor Duran...”

“E é uma pena que não levem isso em conta, prof. Esteves,” rebato o comentário de um dos meus colegas. “Mas, tudo bem. Não vamos mais perder tempo. Do que se trata?”

“Sente-se,” sugere Sônia, com seu habitual sorriso.

“Não. Obrigado,” recuso. “Sejamos rápidos.”

Enquanto um dos professores, responsável pelo evento fala do que pretende, caminho para a cafeteira, me servindo de café quente. Quando olho para o líquido negro, sorrio vendo o meu próprio reflexo ao lembrar do que aconteceu com o último café que tomei. Quer dizer, não o bebi, foi mais como um banho, o que acabou me proporcionando uma noite incrível e inesquecível. Preciso me livrar desta reunião. O meu tempo já acabou, e Elizabeth me espera.

“O que você acha, professor Duran?”

“O quê?” pergunto, voltando a realidade.

“De apresentar a sua pesquisa na abertura do evento,” repete o professor responsável, chateado por eu não estar prestando atenção.

“Hm, acho que sim. Não sei porque não poderia.”

“Ótimo! Com a sua apresentação a abertura será esplêndida.”

“*Minha* apresentação?” questiono, ao ter uma ideia repentina.

“Não vou apresentar.”

“Mas você disse...”

“A minha orientanda fará isso.”

“Como?” Sônia parece surpresa. “Sérgio... Prof. Duran, o evento é daqui a algumas semanas, se tudo der certo. Sua aluna não tem conhecimento necessário para tamanha apresentação.”

“Pelo contrário. Ela está à altura.”

Percebo os professores se entreolharem, e não estou surpreso. Essa, com certeza, é a primeira vez que eles me veem elogiar um aluno, e ainda com um sorriso no rosto.

“Em que período ela está?” pergunta o organizador.

“Primeiro.”

“Professor, a sra. Carter tem toda a razão.”

“É o seguinte, ou a minha aluna apresenta a pesquisa na abertura,” coloco a xícara sobre a mesa, “ou não terá apresentação nenhuma. A não ser que vocês recorram a outro trabalho.”

“Professor.” Sônia chama minha atenção. Há uma autoridade por trás de seus olhos. “Podemos conversar e chegar a um acordo...”

“Não há acordo.” Deixo claro. “Como disse, tenho outro compromisso. Decidam e falem comigo. Agora estou de saída.”

Dou meia volta e sigo para a porta. Escuto Sônia chamar o meu nome, mas não volto. Pelo contrário, apresso o passo enquanto olho para o relógio, e torço para quando chegar no ateliê Elizabeth ainda esteja me esperando e que não tenha ido embora. Agora mais do que tudo não quero que ela pense que te dei um bolo. *Isso, nunca!* Digo e repito, anseio por estar com ela, mais do que o normal.

Ao chegar na porta do ateliê, respiro fundo e abro. Como eu temia, Elizabeth não está. O ateliê está vazio, tal como eu o deixei para ir atrás dela. Entro e fecho a porta. Deixando meu *blazer* no suporte próximo, pego de volta o avental e me dirijo para o quadro que pintara.

*Por que ela não me esperou?* Me pergunto. Será que ela achou que eu quis fazer disso uma brincadeira, por isso foi embora? Ou ficou com medo? Pela manhã, ao sair do meu quarto, ela estava decidida a ir embora, mesmo depois de termos passado uma bela noite juntos, unidos pela intimidade e o calor de nossos corpos embaixo dos lençóis.

Não quero pintar. Por mais que eu olhe para a tela, eu não sinto mais a necessidade de jogar com as cores. Pintara antes porque estava feliz com a perspectiva de encontrar e compartilhar com ela este lugar; o meu mundo. Agora estou preocupado e não quero perder meu tempo, a não ser me perder nos pensamentos de minha noite anterior. Me apego as lembranças simplesmente para não ter a ideia de que tudo não passou de um sonho.

Então, quando estou lavando os pinceis na pia ao canto, escuto a porta abrir e fechar. Ao olhar para trás o meu coração dispara, e o meu sorriso, antes morto, desperta para receber Elizabeth, que me olha com um ar tímido. Ela segura seu caderno entre as mãos, apertado. Ela está nervosa.

Sem demora, jogo os pinceis sobre a mesa e vou até ela, diminuindo a distância de nossos corpos. Não paro até ter o seu corpo colado ao meu e sua boca na minha. Eu a quero, e eu preciso dela.

Seu caderno já está no chão, mas suas mãos estão em volta do meu pescoço enquanto o desejo em nosso beijo aumenta. Antes



que minha língua invada a dela, Elizabeth já esta abrindo caminho na minha, me tomando. Sou completamente dela. Mas é um beijo diferente, rápido e selvagem. Percebo que estou abrindo os olhos quando seu rosto se afasta um pouco do meu, mordendo e puxando o meu lábio inferior. Ah! Isso é muito erótico, e eu já estou duro. Porra! Eu a quero aqui e agora.

Puxo suas pernas para cima, as colocando ao redor de minha cintura. A empurro para a parede próxima e continuo o que comecei em sua boca.

Beijo seu pescoço, mordo sua orelha e desço meu carinho para o colo de seus seios. Enquanto isso, Elizabeth luta com o meu cabelo, o puxando para ter a minha cabeça junto dela, por muito mais tempo. Sua respiração é pesada e sua boca está aberta. Quando volto a olhar nos seus olhos, eu vejo o desejo reprimido. Ela me quer!

Ainda com ela na parede, movo uma de minhas mãos a levando para o botão e o zíper de minha calça. Ao escutar o barulho, Elizabeth para de me beijar e olha para baixo, assustada:

“O que está fazendo?”

“O que você acha que estou fazendo?” sorrio. “Eu te quero.”

“Não! Aqui, não.” Ela retira suas mãos de meu cabelo e segura meus braços. “Estamos na universidade.”

“Estamos no subsolo da universidade.” E acrescento depois de um beijo leve: “Aqui é meu ateliê, e ninguém nunca entra nele. É proibido. Faço o que eu quiser aqui. E agora eu quero tê-la.”

“Não!” Elizabeth segura minhas mãos e me olha decidida. “Eu já disse que aqui, não. Eu não quero.”

“Mas Elizabeth, eu estou queimando aqui.”

“Pois apague esse fogo. Na universidade, não.”

“Sabe, agora você está sendo aquela aluna irritante que atrapalhou a minha aula ao chegar atrasada.”

“Para a sua informação, eu ainda sou essa aluna.” Sua expressão é séria, apesar de eu estar sorrindo. “Agora me ponha no chão.”

“Tem certeza?” pergunto pressionando meu membro contra o seu ventre. “Isso não muda sua opinião?”

Por mais que tenha desejo em seu olhar, Elizabeth permanece firme na sua decisão.

“Ponha-me no chão, *professor*.”

“Você sabe como quebrar o clima, srta. Johnson.”

Taciturno, eu a libero da parede deixando que se firme no chão com os próprios pés, que minutos antes pressionavam meu traseiro com os saltos das botas de outono.

Enquanto fecho minha calça, ela arruma o cabelo e a roupa, que está como eu realmente quero; toda amassada e típica de um bom amaço. Uma pena que não consegui tirá-la, mas ainda não perdi a esperança. *O dia ainda não acabou, Elizabeth*.

“Seu cabelo está assanhado.”

“O quê?” pergunto, perdido ao olhar para o colo de seus seios amostra.

“Eu disse que seu cabelo está assanhado.” E, infelizmente, ela fecha mais um botão de sua camisa.

“Ele é assim por natureza.”

“Deixe que eu o arrumo.” Elizabeth se aproxima. “Não quero que você saia daqui com cabelo pós-foda.”

“Você quis dizer quase pós-foda.” E tenho um sorriso canto de boca. “Além disso, eu já disse. Ele tem vida própria.”

“Vejamos. Por que não se senta nesse banco,” aponta para o meu banco de pintura, “e eu dou um jeito nisso?”

“Você que manda, srta. Johnson.”

“Não me chame assim.” Ela pede indo até a pia e molhando as mãos. “Não gosto de você falando comigo assim.”

“Por quê?” Estou curioso.

“Porque isso me lembra que sou sua aluna.”

“Mas você é.”

“Eu sei disso, mas...”

“Mas?”

“Ah, Sérgio. É difícil pensar em nós dois quando lembro que sou sua aluna.”

“Então você admite que pensa em nós?” digo, enquanto ela passa suas mãos delicadas e molhadas sobre o meu cabelo rebelde. Meus olhos se fecham ao seu toque. “Eu sabia.”

“Tenho pensado, não vou negar,” admite. “Principalmente depois...”

“Depois?”

“Depois do que fizemos.”

“E o que fizemos?”

“Ah! Você sabe muito bem.”

“Sim. Eu sei.” Abro os olhos e a encaro. “Mas quero ouvir dos seus lábios. Ouvi-la vai fazer com que tudo seja mais real. Para nós dois.”

Ela me olha, parando de arrumar o meu cabelo, e eu percebo que ela está tendo o mesmo problema que eu. Elizabeth ainda não acredita no que aconteceu.

Volta a mexer no meu cabelo e diz:

“Nós transamos, Sérgio.”

“E?”

“E o quê?”

“O que você achou?” A pergunta é óbvia, e eu preciso de uma resposta. “Eu preciso saber, Elizabeth.”

“Foi bom.” E me encara com um pequeno sorriso. “Muito bom, para falar a verdade. Foi a primeira vez que me senti realmente desejada.”

“O que você quer dizer?” questiono, confuso. “Suas outras vezes não foram... boas?”

“Não. Não foram.” Ela confessa, ao mesmo tempo que termina com o meu cabelo. “Pronto. Agora seu cabelo está comportado.”

“Duvido muito,” digo, esquecendo seu comentário.

“Veja você mesmo.”

Elizabeth pega sua bolsa e dela tira um pequeno estojo de maquiagem. Abre e me entrega, de modo que eu possa ver o meu reflexo no pequeno espelho arredondado.

“Como?!”

Estou espantado. Passei anos da minha vida lutando com o meu próprio cabelo de modo a deixá-lo como devia. Nenhum corte nunca funcionou, e com o tempo me vi obrigado a deixá-lo em paz; ter a sua própria independência. Mas agora me olho no espelho e o

vejo como sempre quis, um penteado comportado, que me dá uma aparência mais jovial e respeitável. Elizabeth fez um milagre.

“Não entendo qual o problema que você tem com o seu cabelo,” comenta. “Ele está ótimo.”

“Pela primeira vez em anos.” Ainda estou olhando para o meu reflexo. “Você não só mexe comigo, Elizabeth.”

“O que você quer dizer?”

“O meu cabelo simplesmente gosta de você.” A encaro com um sorriso bobo. “Você tem mais um admirador.”

“Ah, Sérgio, não exagere.” Ela ri com o comentário, e então me encara pensativa. “Por que você diz mais um admirador?”

“Ora, isso é óbvio, não acha.” Devolvo o espelho e me levanto para, com um movimento de minha mão, afastar uma mecha de seu cabelo para atrás da orelha. “Eu sou seu admirador, e como se não bastasse o sr. Harris, agora tenho que dividir você também com o meu cabelo tarado.”

“Como assim? O que Luiz tem a ver com isso?”

“Elizabeth, não seja ingênua demais. É visível que aquele rapaz está a fim de você.”

“Não! Quer dizer... Não! Definitivamente, não.”

“Você que sabe, mas eu sei o que digo e, principalmente, o que vejo.”

“Okay. Mas eu nunca teria algo com o Luiz.” Ela enfatiza, surpresa com o meu comentário. “Ele é meu amigo. O vejo quase como o irmão que eu nunca tive.”

“Fico feliz em saber disso.” Abraço-a, tendo seu corpo novamente junto ao meu. “Não sei se ele ficará feliz quando descobrir.”

“Não dei nenhuma liberdade para ele pensar que tem qualquer chance comigo.” Ela se afasta de mim, séria. “Durante essa primeira semana o tratei com respeito e sem qualquer insinuação de liberdade.”

“Não importa o que você tenha dito ou feito.” E me viro para ela, que está caminhando pelo ateliê. “Eu só sei o que ele quer, e é mais do que pegar na sua mão, Elizabeth. Ele quer está dentro da sua calcinha.”

“Que coisa horrível de se dizer, Sérgio.” Chocada, olha para mim.

“Me desculpe, mas sou homem e entendo o lado masculino.”

“Então, você queria apenas o mesmo que ele?” questiona. Não vejo apenas choque, mas também decepção. “Desde o início você só queria transar com a sua aluna!”

“Não! Pelo amor de Deus, não.” Agora é a minha vez de ficar chocado, além de assustado. “Elizabeth, eu realmente não sei das reais intenções do sr. Harris, mas conheço muito bem as minhas. E deixei muito claro para você nessa manhã. Eu te vi e você mexeu comigo. Você mexeu muito comigo. Eu simplesmente quero está sempre mais perto de você. As poucas horas que passei enquanto você assistia aula foram torturantes. Por isso, a trouxe aqui.”

“Para ficar perto de mim.”

“Sim, e mais do que isso.” Olho para ela e espero que Elizabeth veja a sinceridade no meu olhar. “Eu queria que você conhecesse o meu ateliê. Eu disse que te mostraria.”

“É verdade que ninguém nunca entra aqui, além de você?”

“Sim, é verdade.”

“Por quê? Aqui é uma espécie de santuário para você?” Enquanto pergunta, ela olha ao redor registrando cada canto da sala.

“Santuário?” rio. “Sabe, é a primeira vez que alguém chama este lugar assim. Normalmente os alunos chamam de A Caverna.”

“Eu pensei nesse termo” Ela admite com um sorriso. “Na verdade, algo como Batcaverna. Mas não achei adequado.”

“Por quê?” pergunto com um quê de brincalhão. “Não sou parecido com o Christian Bale<sup>[18]</sup> ou o Ben Affleck<sup>[19]</sup>?”

“Sinceramente? Não.” E vendo meu falso sorriso de chateado, ela acrescenta: “Você é melhor.”

Corto a nossa distância em passos rápidos e a abraço forte, antes de lhe dar um beijo leve e cheio de carinho, que ela retribui por igual.

“Você existe?” Minha testa está junto da dela.

“Sim. E você?” Sua respiração aumenta.

“Acho que sim, mas para tirar a prova que tal você me encontrar na minha casa, hoje à noite?”

“Eu não sei...” Ela morde o lábio e olha para o lado. “Nós não deveríamos...”

“Elizabeth.” Ela me olha quando pronuncio seu nome em repreendimento. “Vai continuar negando o que você quer? Você sabe que me quer tanto quanto eu a quero.”

“Mas você é o meu professor.”

“Você confia em mim?”

“Eu...” Sua voz falha.

“Elizabeth, você confia em mim?” repito.

“Sim. Eu confio em você.”

“Então acredite em mim. Eu te quero e não vou desistir de você,” a beijo. “Vou fazer isso dar certo. Nós vamos fazer dar certo.”

“Mas como?”

“Primeiro, não despertando a desconfiança. Por enquanto, ninguém pode saber sobre nós.” Me fasto para olhá-la bem. “E segundo, você precisa se empenhar bastante na pesquisa.”

“Isso, eu posso fazer com certeza.”

“Eu sei que pode.” E o meu sorriso é enorme. Acredito no talento de Elizabeth. “Tanto que você vai abrir o evento de artes que teremos daqui a algumas semanas. A data ainda não foi definida.”

“O quê?” interroga, chocada. “Como assim eu vou abrir o evento? Não fui informada disso, e muito menos por que eu fui a escolhida para isso.”

“Eu a escolhi,” explico, receoso. “Querem que a nossa pesquisa abra o evento e eu só concordarei se permitirem que você faça essa apresentação.”

“Sérgio, como você faz uma coisa dessa comigo?” Ela agora adiciona raiva a surpresa. “Eu não estou preparada.”

“Ainda não, mas vai estar. Você é esforçada, e já pegou quase toda a essência da pesquisa. Até lá, vou te ajudar no que for preciso, o que nos dará mais tempo juntos na minha casa.” Pisco para ela, mas sua reação não muda. “Não se preocupe. Tenho plena confiança em você. E mesmo assim, os organizadores ainda não se decidiram.”

“Não?” Seu tom é de esperança.

“Não, mas tenho certeza que eles aceitarão.”

“Por que acha isso?”

“Porque a pesquisa é minha,” digo, orgulhoso. “Além disso, essa pesquisa já tem fama em outras universidades. Agora, você precisa ir para a minha sala, sentar lá sozinha e fazer o seu texto como conversamos ontem.”

“Você não vai comigo?”

Percebo o tom de decepção na sua voz e sorrio. A beijo de leve, demorando mais do que o normal. Então falo:

“Não. Você precisa de concentração e eu não deixaria você se concentrar, uma vez que passaria cada segundo tentando conquistá-la e tomá-la sobre a minha mesa de estudo.”

“Opa! Então é melhor eu ir sozinha.” Ela se afasta, se despedindo. “Nos vemos depois.”

“Sim. Hoje à noite, às 20h, na minha casa.”

Elizabeth não diz sim, mas também não diz não. Apenas sorri enquanto se afasta, contornando a mesa de meu ateliê. Quando ela está quase na porta, olha para o lado e percebe algo. Seguindo seu olhar, vejo que ela observa outra porta ao canto, trancada e onde há uma placa com PROIBIDO ENTRAR.

Eu fico sério.

“O que é aquilo?” Ela pergunta se virando para mim e apontando para a porta com a cabeça.

“Uma porta,” respondo de maneira seca.

“Eu sei o que é. Pergunto, o que tem ali dentro?”

“É proibido entrar, então não posso contar.”

“Entendo.” Elizabeth me olha percebendo minha frieza. Depois olha para a porta e, de repente, dá de ombros. Pega suas coisas e sai sem dizer mais nada.

Um dia espero poder contar toda a minha história. Por enquanto, não tenho coragem. O que estamos construindo juntos é bonito demais e não quero que o meu terrível passado acabe com isso. Acrescento mais, que se tudo o que eu fiz pode realmente acabar com a relação que estou tendo com Elizabeth é preferível que ela nunca saiba.

Olho uma última vez para a placa PROIBIDO ENTRAR e caminho para o meu banquinho de pintura, dando a volta na mesa. Pego outra tela em branco e a coloco sobre o cavalete. Então, depois de preencher a paleta com tinta e de colocar a melodia *Für Elisa*<sup>[20]</sup>, de Bethoveen, para tocar em meu *iPhone*, eu começo novamente a pintar me permitindo pensar em Elizabeth.



# Vermelho

Faltam menos de dez minutos para Elizabeth chegar e já não aguento mais a espera. Ando de um lado para o outro na minha sala, parando apenas para olhar o meu reflexo no espelho em cima da lareira. Estou vestindo uma roupa confortável de casa, mas grossa suficiente para me manter aquecido; uma calça *jeans* justa e uma camisa de lã com gola alta e mangas compridas. Londres tem esfriado mais do que o normal nos últimos dias, mas devo dizer que nem ligo muito para isso. Pelo contrário, tão logo eu estarei junto a um aquecedor natural que todo homem gostaria de ter.

Vejo uma luz atravessar a janela, e quando olho para fora encontro um táxi londrino parar a meio-fio. Quando a porta do passageiro se abre, o meu coração dispara. Elizabeth acabara de chegar como o combinado. Ainda tinha dúvidas se ela realmente viria, depois de minha reação mais cedo no ateliê. Eu não queria ter sido rude, mas aquela sala é extremamente proibida, principalmente para ela.

Corro para o espelho e sorrio para mim mesmo. O meu cabelo está comportado. Até parece que ele sabe quem está chegando. Com tudo em ordem, me volto para a porta a abrindo antes que Elizabeth toque a campainha.

“Você veio,” digo sem perde tempo, a puxando para dentro.

“Você pediu para eu vim.” Ela me olha surpresa. Seus olhos estão brilhando, e ela sorri para mim. “Por que não viria?”

“Me desculpe,” peço antes mesmo que ela tenha tempo de tirar o sobretudo, a tendo em meus braços. “Eu fui um idiota.”

“Pelo o quê?” Seus braços estão em volta do meu pescoço.

“Por ter sido frio ao te responder sobre a minha sala proibida.”

“Ah, aquilo?” Me beija de leve. “Esquece. Você tem os seus motivos, e também não é da minha conta.”

“Você não existe, sabia?”

“Existo, sim.” Seu sorriso é celestial. “E você, existe?”

“Isso responde a sua pergunta?”

Chego com meu corpo para mais próximo do dela a deixando sentir o meu membro, que já despertara de desejo.

Sem esperar uma resposta, tomo sua boca com a minha. Enquanto nossas línguas brincam na boca um do outro, nossas mãos procuram se livrar das roupas que incomodam. O que queremos realmente é nos perder em nossos corpos.

Minhas mãos param nos botões de seu casaco, o abrindo. Rápido, logo o tiro e jogo sobre o sofá cinza da sala. Elizabeth pega a parte inferior da minha camisa e a tira por cima de minha cabeça, me deixando nu da cintura para cima. Antes que ela tenha tempo de olhar para o meu tronco, onde a calça pende de lado deixando visível parte de minha cueca branca, eu a pego sobre os meus braços e a levo além da escada, para o meu quarto.

A colocando no chão, me apresso em tirar a sua blusa de cor branca, também de lã e gola alta. Quando a sua roupa voa por cima de sua cabeça, Elizabeth me surpreende me empurrando para a cama, onde caio de costa.

“Hoje você é meu.”

Ela diz, ao mesmo tempo que se ajoelha em frente a cama e começa a tirar as meias que eu estou usando sem os sapatos. Um movimento lento e erótico, que eu estou gostando de apreciar. Ela está olhando para mim e eu para ela, e quando Elizabeth começa a tirar a segunda meia, o meu dedo do pé pressiona o seu seio.

Ela sobe para cima da cama e senta sobre o meu corpo, e eu sei que ela pode sentir a minha ereção debaixo dela, pressionando o tecido de sua calça para cima. Elizabeth sorri e eu a vejo levar as mãos para as suas costas, liberando o fecho do sutiã e o tirando em seguida.

Essa é a melhor visão que tenho em toda a minha vida. Os seios de Elizabeth são firmes e cheios, e o seu sorriso é sexy. Suas mãos correm para as minhas e ela mesmo as leva ao seu corpo, fechando os olhos quando começo a lhe apertar. Seu prazer é nítido, principalmente quando os mamilos rosados ficam duros sob o meu toque. Quanto mais acarício, mais o meu sexo pulsa dentro da cueca, e se assim continuar vai quebrar o zíper para encontrar a liberação.

Elizabeth percebendo isso, joga seu copo sobre o meu para encontrar meus lábios, e o desejo incendeia a cama. Estou com calor e os lençóis soam sob as minhas costas. Os beijos de Elizabeth descem pelo meu queixo para o pescoço, e minha respiração falha. Ela corre a língua pelos os músculos de meu peito e daí para a minha barriga, seguindo pelo “caminho da felicidade”.

De joelho novamente no chão, ao pé da cama, Elizabeth sorri e morde o lábio inferior, mas não está olhando para mim; para os meus olhos, especificadamente. Ela está de olho no volume entre as minhas pernas e sob o tecido, que sobe e desce pela pulsação de meu membro. Entendo o que ela quer, e levo a mão ao fecho da calça. Mas, de repente, sou interrompido:

“Eu disse que hoje você é meu.” Ela retira minha mão de seu caminho. “Eu faço isso.”

“Se você assim deseja...”

Decidida, como só ela é, Elizabeth desabotoa minha calça e desce o zíper, a tirando junto com a cueca. Meu sexo salta para fora dando boas-vindas a sua visitante, que o olha com desejo, se decidindo pelo que fazer.

Para a minha surpresa, vejo Elizabeth se livrar da calça a jogando por cima do ombro, e estende a mão para o meu membro duro. Com seu toque, pulso com força, e ela sobe e desce me excitando cada vez mais. Minha boca abre em um pequeno “o”, e quando ela ver o meu prazer, não pensa duas vezes. Elizabeth joga o cabelo para traz e coloca o meu sexo grosso, duro e ereto na sua boca.

Tudo que eu quero agora é fechar os olhos e me perder na imensidão de todo o prazer que Elizabeth está me dando. Mas não posso, preciso realmente ver o que ela está fazendo para dar imagens as sensações.

De boca aberta, com um grande “O”, observo Elizabeth lambe e sugar cada gota de meu prazer. Começo a me revirar na cama, incapaz de segurar o orgasmo enquanto ela vem e vai, lambe e suga o meu membro duro. Por mais que seja um grande desejo gozar em sua boca, eu não quero isso agora. Quero me perder dentro dela, tendo as paredes de seu sexo a pressionar o meu.

Sem aviso, a pego pelo ombro e a trago para cima da cama, me posicionando por cima dela. Elizabeth ainda está vestida da cintura para baixo, mas rapidamente me livro de sua calça, e como ela fez comigo, a retiro junto com a sua calcinha.

Eu poderia agora levar o meu rosto para baixo e brincar com o seu clitóris usando a minha língua, mas estou segurando há muito o meu orgasmo e não posso mais esperar. Corro pelo quarto, pego minha calça e de dentro dela tiro uma camisinha. Abro-a rapidamente e a insiro no meu pênis ereto enquanto Elizabeth assiste. Volto para a cama e me ajoelho entre as suas pernas abertas, que logo se fecham na minha cintura empurrando minha bunda para me ter dentro dela.

A penetro lentamente, mas ela me pressiona exigindo que eu seja rápido. Entro de uma vez, e Elizabeth grita. No entanto, o seu grito é de prazer, e ela está sorrindo. Começo a me mover e ambos não aguentamos mais. Apresso nosso contato, aumentando o atrito de nossos sexos.

“Diz o meu nome,” peço a Elizabeth. “Diga Sérgio enquanto fodo com você.”

“Ah! Sérgio... Sérgio!” grita ela. “Me tenha. Eu sou sua.”

“E eu sou seu.”

Explodimos juntos. Ambos olhando um para o outro enquanto o êxtase toma conta de nossos corpos. Me inclino e a beijo. É uma sensação maravilhosa estar dentro dela e beijá-la ao mesmo tempo, pois assim sei que estamos juntos de uma forma que só nós entendemos; do quanto significa para nós.

A olho, e está sorrindo, mas vejo que está cansada. Saio de dentro dela e deito ao seu lado, a puxando para junto de mim. Em poucos minutos, ela adormece em meus braços e eu apenas me perco olhando para sua beleza nua e sua face angelical.

Podia passar horas a olhando, mas tenho algo em mente e pretendo aproveitar enquanto ela dorme. Talvez eu não tenha essa oportunidade novamente. Não para o que eu quero, claro.

Saio da cama e me dirijo para o guarda-roupa, de onde tiro uma tela de pintura em branca e algumas tintas. Pego o cavalete debaixo da cama e o posiciono ao lado da cama, da qual tenho uma

visão privilegiada de Elizabeth dormindo e da luz noturna, que entra pela janela. Acendo a lareira e a luz bruxuleante me dar o efeito necessário.

Nu, me posiciono em frente a tela e coloco a paleta em mãos. Uma olhada para Elizabeth, que dorme profundamente, e eu começo a pintar.

Aquarela é minha vida na arte. Eu sei lidar com esculturas, em gesso e argila, mas pintar uma tela em aquarela é o que eu mais gosto de fazer. Me sinto vivo fazendo parte da arte à medida que a tinta se mistura à água e escorre pela tela branca. Meu design é pintar com força, que dá um grande diferencial na aquarela. Normalmente esse tipo de pintura é suave, possui uma leveza artística, só que no meu caso há um quê selvagem, que eu chamo de minha parte ativa dos sentimentos, de minhas emoções.

Mais prazeroso do que isso é pintar algo que valha a pena ser pintado. A beleza de Elizabeth é única e precisa ser imortalizada em todo o tipo de arte, não só em tela e tinta, mas também em esculturas de gesso, argila, cera e madeira. Como diversas esculturas e pinturas famosas, Elizabeth é a minha Vênus de Milo, a minha Mona Lisa de Da Vinci e...

Paro de pintar.

Há muito tempo eu fazia tal comparação a outra mulher. Monalisa sempre fora a minha Mona Lisa, brincadeira que sempre fazíamos com o seu nome. Não acho que seja justo eu pensar assim também de Elizabeth. Não porque eu esteja traindo a memória que tenho do meu antigo amor, mas porque o que sinto por Elizabeth é diferente.

Estou olhando sem foco para a tinta que escorre na tela. Balanço a cabeça e encaro Elizabeth. Para a minha surpresa, ela está acordada, olhando para mim. Quando nossos olhos se encontram, ela sorri. É a primeira vez, depois de fazer sexo, que Elizabeth sorri para mim. Ainda na noite anterior e nessa manhã, ela tem me olhado séria. Agora é diferente. E é por isso que eu estou a pintá-la. Elizabeth está no seu melhor momento; nua na minha cama e feliz.

“Te acordei?” pergunto, me sentando na cadeira ao lado.

“Não,” responde, se espreguiçando. O lençol desce e seus seios ficam expostos, mas ela não liga. “É comum eu acordar depois de um tempo para fazer um lanche noturno.”

“Você quer comer alguma coisa?”

“Agora não,” diz, e olha curiosa para a tela. “Quero ver o que você está pintando.”

“Não! Ainda não.” Me levanto rápido, ficando entre a cama e o cavalete. “Ainda não acabei.”

“Vai! Deixa eu olhar,” insiste, se ajoelhando na cama.

“Se você sair dessa cama, eu vou te castigar, Elizabeth.”

“Ah, Sérgio...”

Elizabeth pula da cama enrolada no lençol e dá à volta. Fascinado ainda com o seu corpo nu, me deixo ser vencido, e agora Elizabeth encara a tela.

Não sei bem qual a sua expressão. Ela encara a pintura percorrendo cada cor, cada pincelada forte e tinta a escorrer. Elizabeth está olhando para o seu próprio reflexo em aquarela. Seu rosto repousa em nuvens de cores claras e harmoniosas. Há apenas algumas pinceladas em cores quentes e fortes, que descem por parte da tela, que modesta a parte, deixa o meu trabalho belo, mas não tão bonito quanto a modelo original, que se volta para mim.

Elizabeth me dar um sorriso que nunca vi. Todos os seus dentes alinhados numa perfeita fileira branca. Seus olhos brilham, porque existem lágrimas se acumulando neles, e antes que eu possa estender minha mão e secar a primeira lágrima que lhe escapa pelo rosto, Elizabeth se joga nos meus braços.

Eu a recebo com carinho, mas quando lhe afasto para lhe secar a face, posso ver que ela percebeu o desejo em meus olhos. Nossos corpos então unidos, e como ela deixou o lençol lhe escapar ao me abraçar, estamos colados carne a carne, com o meu membro já a soldando excitado.

“Você se lembra do que eu disse?” questiono, a movendo lentamente de volta para a cama. “Se olhasse o quadro?”

“Que... que você me castigaria.” Seus olhos estão arregalados. “O que você vai fazer comigo?”

“Nada que lhe machuque, pode ter certeza.”

A deito na cama e contemplo o seu corpo nu. A vendo assim, retiro o que disse sobre Vênus de Milo. Em nada Elizabeth se parece com ela, pois Elizabeth é ainda mais bonita, e duvido muito que algum artista consiga realmente copiar a sua beleza. *Como se eu fosse permitir algo do tipo.* Elizabeth pode ainda não saber, mas eu não a quero perto de mais ninguém. Sua beleza deve ser reverenciada somente por mim. Dá raiva pensar que um homem já tenha tido o privilégio de tê-la. Mas fique ele sabendo que não a terá mais. Elizabeth é minha!

Deixo que ela aprecie a vista, de meu corpo nu, e caminho pelo quarto de volta ao guarda-roupa de onde tiro uma de minhas gravatas. Não é a mesma da noite anterior, mas é vermelha e servirá tão bem quanto a outra.

Elizabeth sorri ao ver o que tenho em mãos, e não se demora quando peço que coloque as suas mãos sobre a cabeça.

Diferente da noite anterior, não amarro os seus pulsos um ao outro, mas ambos juntos ao ferro que compõe a cabeceira da cama. Ela fica completamente imobilizada e o seu corpo a mercê do que eu quero fazer.

No meu *iPhone* sobre a mesinha de cabeceira coloco uma música para tocar. A voz de Adam Levine<sup>[21]</sup> preenche o quarto com *Harder to Breathe*, e ela segue o meu olhar quando me inclino para lhe beijar, sugar, morder e lambe os mamilos, que mesmo antes de terem a pressão de meu toque, já se encontram duros; excitados com o novo clima que começa a tomar de conta do ambiente. Daqui a pouco nem os bombeiros mais experientes serão capazes de apagar o fogo que incendiará o colchão. Mas quem precisa de bombeiros? Nós dois somos o fogo e o extintor ao mesmo tempo. Somos os únicos capazes de queimar um ao outro e depois apagar as chamas de nossos corpos.

Elizabeth está ofegando, e eu aumento a pressão sobre os seus seios, a fazendo arquear loucamente enquanto morde os lábios. Meus beijos seguem pelo seu ventre, e quando chego ao umbigo, coloco minha língua para fora e lambo seu corpo de baixo para cima,

até o seu pescoço e, por fim, sua boca ofegante, que a tomo em um beijo ardente.

Suas pernas vão para a minha bunda, a qual pressiona para baixo, me querendo. Mas eu não posso, e tenho certeza que ela não quer engravidar. Por um momento, um segundo apenas, eu penso que não seria uma má ideia. Ela seria totalmente e somente minha. Deixo essa ideia maluca de lado e volto para o clima do momento. Retiro suas pernas do meu traseiro e as abro, me dando esperança e uma visão privilegiada de seu sexo.

"Sabe, Elizabeth, o seu sexo é tão rosado, que às vezes acho que seu clitóris é uma balinha de morango."

"Hm," murmura, perdida no prazer de meu dedo a lhe estimular.

"O que você disse?" Meu sorriso é matador. "Não entendi."

"Tenha-me!" grita.

"Eu vou tê-la, querida." E aumento a pressão do seu sexo com dois dedos." Mas o que realmente você quer?"

"Sua... sua boca," suspira.

"Onde?"

"Você sabe onde." Elizabeth me olha e seu olhar está queimando. "Na balinha!"

"Com todo prazer."

Desço meu rosto para entre as suas pernas e assopro lá. Elizabeth se contorce, e se eu não segurasse suas pernas, elas se fechariam sobre a minha cabeça, o que talvez não fosse nada ruim. Mas agora eu tenho que lhe dar prazer com a minha língua.

Antes de tê-la, eu a cheiro, e o sexo de Elizabeth tem um cheiro próprio; doce e inebriante, que me leva a loucura.

Minha língua sobe e desce sobre o seu clitóris, a estimulando; dando prazer e esperando o seu orgasmo. Eu quero que ela o tenha assim, com o meu rosto entre as suas pernas e com a minha boca a fodê-la. Isso é delicioso, quente e erótico. Sexo oral numa mulher como Elizabeth é mais do que eu posso pedir na minha vida. Na verdade, Elizabeth é mais do que eu posso querer, e eu a quero.

Quando ela não consegue mais segurar o orgasmo e explode, eu agarro a camisinha sobre a mesa de cabeceira e revisto o meu



membro ereto. Com Elizabeth ainda nos últimos suspiros, eu a penetro, e ela vai a Marte, em grito e, principalmente, prazer redobrado. A desamarro e deixo que suas mãos percorram o meu corpo enquanto entro e saio de dentro dela. Seu último grito vem quando seu segundo orgasmo acontece e o meu explode dentro dela.

Tudo foi tão intenso, que encontro dificuldade para abrir os olhos. Estou tão ofegante quanto o cantor de *Marron 5* a encerrar a música pela segunda vez nesta noite.

Saio de dentro de Elizabeth e retiro a camisinha, jogando-a no cesto de lixo ao lado. Quando me volto para ela, a encontro me olhando fascinada. Me beija enquanto me abraça. E ficamos assim, em conchinha, sentindo o calor do corpo um do outro; suados depois desse longo exercício de prazer. Nossos olhos pesam, e eu sei que estou sendo levado pelo sono.

Como eu não sonhei, à noite passou voando, e logo me permiti abri os olhos para mais um dia.

Por mais que eu queira olhar para a luz do sol que entra pela janela, eu prefiro olhar para a deusa que sei que dorme ao meu lado. Ou pelo menos, dormia.

Olhando para o outro lado da cama, encontro o segundo travesseiro vazio e nenhum vestígio da presença de Elizabeth, a não ser pelo lençol jogado de lado e a pressão sobre o travesseiro, que diz que alguém estivera ali deitado. Olho ao redor e o quarto está vazio, e como a porta do banheiro está aberta, posso concluir que ali ela também não está.

Saio rapidamente da cama e quase caio ao esbarrar no cavalete, onde ainda se encontra o quadro que eu pintei de Elizabeth. Começo a procurar a minha cueca e a encontro junto a outras roupas. Vê-las alivia a minha alma, porque sei que são de Elizabeth. *Então, se ela não está aqui, onde estará?*

Caminho para fora do quarto e desço a escada. Ao chegar na sala, escuto barulho de comida no fogo e de alguém abrindo e fechando armários. Um sorriso se forma em meus lábios, e eu vou para cozinha, onde encontro Elizabeth escorada no balcão lendo o

jornal matinal enquanto, ao seu lado, bacon são torrados junto com ovos e a torradeira faz o seu trabalho assando os pães.

“Bom dia!” digo, me escorando na parede apreciando a vista.

Elizabeth está apenas de sutiã e calcinha. O tecido é de um material delicado, de cor rosa, e eu quase posso ver os seus mamilos e o seu sexo através do tecido.

Ela me olha e sorri, como quando sorriu ao ver o quadro que eu pintei de sua face. Porra! Tem como uma mulher ser tão linda assim, capaz de despertar o meu corpo apenas com um sorriso? Meu membro já se encontra cem por cento acordado e já pronto para outra.

“Bom dia,” responde, e olha para o volume na minha cueca. “Vejo que está feliz em me ver.”

“Estou sempre feliz em te ver.” Me aproximo e a puxo para os meus braços, plantando um beijo quente em sua boca. “Por um momento pensei...”

“Que eu tivesse ido embora?” completa, questionando o não dito.

“Sim.”

“Acho que podemos concordar que temos algo me impede de fazer isso.”

“O que você quer dizer?” pergunto, mas o meu sorriso já é vencedor.

“Talvez nós consiga fazer isso dar certo.”

“Meu Deus!” exclamo feliz, a abraçando forte. “Você não sabe o quanto estou feliz por ouvir isso.”

“Acho que eu sei sim.” Ela olha para baixo, diretamente para o volume dentro de minha cueca. “Você é insaciável, sabia?”

“Não. É você que é desejável demais.”

A beijo novamente e dessa vez é difícil de parar. Suas pernas sobem para a minha cintura e eu sou obrigado a colocá-la sobre o balcão.

Tudo que eu quero agora é tê-la aqui, na minha cozinha. Eu sei que ela também, e não me demoro a tirar a alça de seu sutiã do caminho de meus beijos em seu ombro. Cheiro o seu pescoço e,

mais do que seu aroma, eu sinto algo mais. Mas o que é? *Oh, céus! É cheiro de queimado.*

Olho para o lado e vejo os bacons pretos como carvão. Os ovos não sobreviveram para contar a história. Me desprendo do corpo de Elizabeth e corro para o fogão, o desligando rapidamente.

“Definitivamente, ainda vamos colocar fogo nesta casa,” comenta Elizabeth, que já saí de cima do balcão e começa a rir ao lado da pia. “Só espero que não literalmente.”

Estou rindo junto com ela, pois não tem como discordar. Quando estamos juntos o calor é inevitável, e dessa vez nos custou parte do café da manhã. Se continuarmos assim, realmente logo estaremos colocando fogo na casa. Começo a reconsiderar a ideia de bombeiros, mas em uma outra perspectiva. *Porra!* Isso nunca passou pela minha cabeça, e cada vez que penso a ideia parece ser realmente maravilhosa. Pensarei no caso.

Recolho a frigideira e a levo para o cesto de lixo, despejando a comida queimada. Agora a levo para a pia, onde Elizabeth ainda está rindo, e começo a limpar o estrago.

“Deixa... que eu... faço isso,” diz Elizabeth entre o riso.

“Não. Pode deixar comigo.”

Eu não quero interromper esse *show* de risos. Elizabeth está sendo ela, finalmente libertada do medo de se envolver comigo enquanto sou seu professor. Sua alegria tem vida, e eu simplesmente aprecio esse som, que parece música para os meus ouvidos.

Enquanto lavo a frigideira, ela continua a pôr o resto do café da manhã na mesa, rindo de vez em quando ao lembrar do episódio. No fim, quando ela já tem tudo preparado, se vira para mim:

“Vou lá em cima vestir algo,” diz, já saindo da cozinha. “Está começando a fazer frio. Nem parece outono.”

“Traga uma calça para mim!” grito por sobre o ombro.

Termino de limpar a frigideira e a coloco de volta no fogão. Rapidamente pego mais ovos e bacons na geladeira e começo a refazer o que foi queimado.

É uma comida rápida de se preparar, e logo estou a levando para a mesa, onde Elizabeth já deixara tudo pronto; pratos, torrada,

café, suco, manteiga, queijo e presunto. A única coisa que falta é a sua presença. Por isso, coloco os ovos e os bacons nos pratos e me dirijo para a escada, subindo-a silenciosamente por estar descalço.

Na porta, eu paro. O que eu estou vendo é mais do que uma cama arrumada e uma Elizabeth completamente vestida. O que eu vejo é algo que me deixa seriamente irritado e triste por dentro. Inferno! *O que Elizabeth está fazendo com isso?* Quem te deu o direito de abrir o guarda-roupa e pegar isso. *Que merda, Elizabeth!* Achei que podia confiar em você. Isso é mais do que pessoal. Isso é um segredo de estado. *Droga!* Isso é o meu passado.

“O que diabos você está fazendo?!”

## *Preto*

Elizabeth me olha assustada, finalmente tomando conhecimento de minha presença no quarto. Ela está com um grande pacote em mãos, e minha raiva sobe consideravelmente. Uma raiva que há muito eu esqueci que existia. Ela não devia ter feito isso. Não devia!

“Sérgio, eu...”

“Quem te deu o direito de mexer nas minhas coisas?!”

Praticamente corro até ela e tomo de suas mãos o retângulo embrulhado, o qual guardo há anos no fundo do guarda-roupa, escondido de olhares curiosos, e de mim mesmo.

Olho para Elizabeth e posso sentir a raiva expressa no meu rosto. Depois de muito tempo, passei a ser uma pessoa fria, um professor que os alunos temem. Vejo na expressão dela que essa é a primeira vez que Elizabeth enxerga o real Sérgio Duran. Ao mesmo tempo que tenho raiva, também tenho medo do que ela possa estar pensando.

“Me desculpe.” Ela pede não olhando para mim. “Abri o guarda-roupa para pegar a calça que você me pediu e acabei vendo o pacote. E como sei que é uma...”

“Sim! É uma tela.” Minha voz está mais alta do que o normal e isso faz Elizabeth pular de susto. “Mas não te diz respeito.”

“Como disse, foi por impulso.” Me encara, séria. Decidida, para o meu espanto. “E já pedi desculpa. Não precisa ser grosso.”

“Elizabeth, isto,” digo mostrando o embrulho em papel pardo, “faz parte de meu passado. Não diz respeito a você. Então, por favor, esqueça.”

Me volto para o guarda-roupa e coloco o quadro onde estava, fazendo o possível para as roupas o ocultarem. Enquanto o arrumo, percebo um movimento rápido atrás de mim, e me viro a tempo de ver Elizabeth saindo a passos rápidos do quarto.

“Droga!” Me amaldiçoo. “Elizabeth, espere!”

Corro atrás dela, descendo a escada de dois em dois degraus. A encontro entre a sala e a porta de saída, vestindo o seu sobretudo

pronta para partir. Pronta para me deixar.

“O que você está fazendo?” pergunto, e minha voz treme temendo sua resposta.

“O que você acha que estou fazendo?” Ela se vira e há raiva no seu olhar. *Não*. Mais do que isso. Há decepção. “Estou indo embora, *professor*.”

“Mas por quê?” Eu sei que a minha pergunta é idiota. Eu sei o porquê.

“Por quê?” incrédula. “Pense um pouco professor e talvez você saiba o porquê. Até lá, estarei longe daqui.”

“Não, espere!” Seguro seu braço quando vejo que ela faz menção de ir embora. “Eu não queria gritar com você.”

“Mas gritou.”

“Me desculpe.”

“Desculpa não é suficiente, Sérgio.” Elizabeth se solta de minha mão. “Você me feriu lá em cima.”

“Eu quero que você entenda.” E minha voz está desesperada. “Aquele quadro faz parte de meu passado, e não eu quero que você tenha nada com ele.”

“Esse parece ser o seu problema, Sérgio. Por mais que você me queira longe do seu passado, *você* não fica longe dele.”

“O que você quer dizer?” questiono.

“Isso eu deixo para você descobrir.” Elizabeth não está mais com raiva, mas triste. Sua voz não tem vida. “Mas uma coisa eu digo, eu pensei que tudo poderia ser diferente entre nós...”

“Elizabeth...”

“Não! Me deixe falar.” Fecha os olhos e toma fôlego. “No início eu tive medo de tudo isso. No instante em que entrei na sua sala, a primeira coisa que pensei foi ‘Que merda! Ele é muito bonito’. Então, lá estava você falando da arte, e eu me apaixonei pelas suas palavras.

“Quando me disse que eu era a sua escolhida para a pesquisa, em parte fiquei feliz, porque era, é na verdade, uma grande chance de eu mostrar o meu potencial. Mas, não posso negar que também fiquei feliz, em parte, porque estaria mais perto de você.

“No pub nos encontramos por acaso, apesar de início, achar que o destino estava fazendo isso, como você mesmo disse. Então, Sérgio, você começou a falar coisas sem sentido, me pedindo para deixar a pesquisa e me afastar de você. Naquele dia estava decidida a não deixar, porque sabia da importância para o meu currículo. Depois, no meu apartamento, a maneira como você apareceu e falou sobre sua arte, eu fiquei apaixonada. Me encantei por cada palavra que você disse.

“Podia não parecer Sérgio, mas depois de nosso primeiro beijo, eu me vi pensando sempre em você. Depois de seu *e-mail*, eu não pensei em mais nada a não ser te reencontrar. Eu estava me apaixonando, e sabia do perigo. Mais do que isso, eu tinha... ainda tenho medo de me envolver mais. Me mudei para Londres para fugir de um relacionamento sufocante e não para me meter em outro.

“Mas de que me adianta? De início pensei em tudo como ‘é apenas sexo’, que cada um podia seguir seu caminho e fingir que nada aconteceu. Infelizmente, isso não deu certo comigo. E sabe por quê?”

Estou sem palavras para tudo que ela disse. Processo nesse momento cada palavra, filtrando o seu significado. Mas agora que ela me questiona, eu não sei o que dizer. Apenas a encaro, esperando que ela mesmo continue e, acima de tudo, não diga o que acho que ela vai dizer e, principalmente, fazer. Eu não suportaria.

Apenas balanço a cabeça, devagar:

“Porque eu estou apaixonada por você, Sérgio.” *Era isso que eu temia.* “A cada momento que passamos juntos, o que eu sinto por você aumenta.”

“Elizabeth...” Minha voz falha, e eu olho para o chão.

“Não precisa dizer nada. E sabe por quê?” Sinto ela me encarando. “Porque agora tenho certeza que você queria apenas o mesmo que você disse que Luiz quer. Apenas sexo.”

“Não!” nego veemente, angustiado com sua interpretação errada de tudo. “Você sabe que o que eu sinto por você é mais do que sexo.”

“E o que você sente por mim?”

“Eu não sei!” Estou frustrado. Ando de um lado para o outro, esfregando as minhas mãos em meu rosto. “É difícil de dizer.”

“Eu sei que é, e porquê.”

“Como?” Paro e a encaro.

“Você vive pelo seu passado, Sergio.” Suas palavras me atingem como um tapa na minha cara. “Eu não sei pelo o que você passou ou que tipo de decepção você sofreu. Eu só sei que se você quiser algo comigo...”

“É claro que eu quero! Eu disse que não ia e não vou desistir de nós dois.”

“Então prove!” Sou pego de surpresa. O que eu quero é abraçá-la e tê-la, pois assim irei saber que tudo está bem. Mas não consigo me mover. “Desapegue de seu passado.”

“E como faço isso?” Eu faço qualquer coisa para tê-la, sempre. “Me diga e eu faço.”

“Me conte o que aconteceu com você. Me conte a sua história.”

Se antes eu não conseguia me mexer, agora não consigo pensar direito. Como assim? *Não! Elizabeth, não.* Não posso te contar o meu passado. Ainda não.

“Isso... Eu não posso.”

“Eu achei que essa seria a sua resposta, depois que você gritou comigo. Não, não se preocupe,” acrescenta quando a olho de forma suplicante. “Entendo até certo ponto. Infelizmente, eu tenho que ir.”

“Elizabeth, não torne as coisas mais difíceis.” E caminho na sua direção. Ela estende a mão pedindo para eu parar. “Me dê um tempo.”

“Eu vou te dar esse tempo... Não se aproxime!” diz, quando insisto em lhe tocar. “Pense em nós, como realmente você diz ter pensado. E se está decidido a enfrentar até a universidade, também é capaz de enfrentar o passado.”

“Não faça isso comigo, Elizabeth.” Eu peço, e o meu estado é de completo abandono. Eu sei que ela não está me dando um tempo. *Droga!* Elizabeth está me deixando, como eu temia. “Meu



passado é triste e, ao mesmo tempo, terrível. Não quero sujar você com ele. Não quero que ele interfira entre nós.”

“Ele já está entre nós, Sérgio.” Mais uma facada de palavras. *Inferno!* Eu não vou suportar. “Agora, eu vou embora.”

“NÃO!” grito, e ela se sobressalta. “Você não pode!”

“Eu posso e vou!” Decidida, ela abre a porta. “Quando você decidir me contar a sua história, nós conversamos. Enquanto você viver no passado, não terá um futuro, e muito menos o terá comigo.”

Antes que eu possa impedi-la, Elizabeth sai porta à fora, direto para um táxi, que pela infeliz ironia do destino, vai passando. Da porta, a vejo entrar no veículo, que logo acelera e se distancia de mim. Ela não olha para trás.

Eu poderia entrar no carro agora e ir atrás dela, mas eu não posso; eu não consigo. Primeiro, ela tem razão, eu necessito ter coragem para contar a minha história. Segundo, eu não consigo. *Então, o que direi a ela?* Preciso entender tudo o que sinto e decidir, finalmente, o que fazer. E terceiro, mas não menos importante, estou apenas de cueca box. O frio londrino me obriga a entrar e fechar a porta.

Escorado na madeira, sinto que ela está tão fria quanto o que estou sentindo por dentro. *Mas que merda!* Estou pensando em um monte de besteiras e nenhuma realmente tem a ver com o que devo pensar e fazer. Mas é aí que está, o meu corpo está frio porque está vazio. Lembra-se dos meus sonhos antes de Elizabeth aparecer? É isso mesmo. Agora o meu corpo reflete o vazio. Já sinto saudades de Elizabeth, mas simplesmente não consigo lhe dizer tudo o que me aconteceu, no Brasil e aqui, em Londres.

Olho para além, além do que realmente posso ver. Vejo apenas a janela de minha sala de jantar, e a frente, sobre a mesa, o café da manhã perfeitamente preparado para nós dois. Mas não há mais nós dois. Só existe eu, e eu não quero comer. Não mais.

Me arrasto pela escada para o quarto. Paro na porta e olho para a cama. Se ela não a tivesse arrumado, ainda, talvez, pudesse sentir o seu cheiro nos lençóis. Eu poderia deitar e sonhar com ela, tendo o seu cheiro a me consumir.

Olho para o lado e vejo o guarda-roupa com uma das portas abertas, esquecida por mim quando saí apressado atrás de Elizabeth, que me deixava. Me deixou. Vou até ele e encaro todas as roupas, perfeitamente arrumadas. *Se ela tivesse aberto a porta da esquerda, penso, teria encontrado sem demora a calça que lhe pedi.* Mas ela abriu a porta da direita e com isso viu o retângulo, que agora também vejo escondido entre camisas, *shorts*, calças *jeans* e diversos outros tipos de tecido. Olhando para o papel pardo, a raiva começa a subir. Eu sinto ela tomando conta de mim, e o que eu quero fazer agora o faço sem pensar.

Agarro todas as roupas e começo a jogá-las pelo chão do quarto. Arremesso-as por cima da cabeça, e não quero saber qual o seu destino. Tudo que eu quero é o quadro. Ele é o culpado de tudo o que me aconteceu. Eu sei que poderia apenas tirá-lo, mas sinto a necessidade de jogar as roupas como se elas também fossem as culpadas por não terem feito o trabalho direito, de esconder o grande retângulo em papel pardo.

Seguro o embrulho e tudo que quero fazer é jogá-lo na lareira ao lado e deixar o fogo consumir. Quem sabe assim não haja luz na escuridão que toma conta de mim. *Oh, que coisa linda!* Isso realmente é poético. *Mas que droga, Sérgio!* Tudo não vai se resolver assim, eu sei que não. Elizabeth tem razão. Eu tenho medo do meu passado, mas mais do que isso, tenho medo de deixá-lo para trás. Eu só não entendo porque tenho esse medo. *É claro que eu sei.* No fundo, eu sempre soube.

Saber da existência do quadro, que agora tenho em mãos, de tomar conhecimento que o guardo, é a forma de eu saber tive uma outra vida. Uma vida completamente diferente da que eu tenho agora. E eu só não deixo o passado porque ele é um lembrete para que eu não cometa o mesmo erro no futuro. Esse sempre foi o meu motivo. Olhar para esse retângulo me lembra do que eu fiz e do que eu jurei. Deixá-lo, com toda a merda da outra vida, seria como deixar minha alma desprotegida. Estaria eu vulnerável novamente. Por isso, tenho medo de meu passado e, por isso, que não consigo ir adiante. Além disso, ele é terrível e repugnante. Elizabeth teria nojo de mim. Eu prefiro que ela desconheça, para o seu bem e para o

meu sofrimento. Em qualquer uma das situações, eu serei o mais atingido, enquanto ela não terá a calma, sensatez de sua mente invadida com a minha sujeira. *Me desculpe, Elizabeth.*

Eu não sei o que fazer agora. Na verdade, não tenho ideia do que tenho feito nos últimos minutos. Ou seriam horas. Eu sei que ainda estou no meu quarto, sentado no chão frio, só de cueca, envolto pelas roupas que eu mesmo jogara e com o quadro em mãos.

Para onde estou olhando? Não sei. Para frente ou para dentro? Tenho quase certeza que estou olhando para dentro de mim. Mas o que eu posso ver? Está tudo escuro e não há mais luz. Elizabeth se fora. Eu deixei ela partir, assim como a manhã e a tarde desse longo dia. Agora eu sei que é noite, porque o quarto está escuro. Mas sabe, até que a escuridão é bem-vinda. Se por dentro não há luz, para que luz fora de mim?

Escuto ao longe uma música tocar. Parece Beethoven, mas não tenho certeza. Na verdade, nem sei se tem uma música tocando. Eu acho que é o meu inconsciente que está projetando o som, fazendo com que os meus olhos se fechem. Sim, eu estou cansado; cansado da vida, e tudo que quero é dormir. Mas se eu dormir, eu a verei novamente ou somente a escuridão?

Está frio. Muito frio. Mas eu não consigo me vestir. Quer dizer, eu não quero. Tudo que eu quero é fechar os olhos e apagar. Só que tenho medo de sonhar com o vácuo. Seria pedir muito sonhar com ela? Sonhar com Elizabeth? Eu me contento com o sonho, e nesse instante discordo de J. K. Rowling<sup>[22]</sup> quando ela diz, através do seu personagem barbudo, que agora esqueci o nome, que não vale a pena vivermos sonhando e esquecer de viver. Mas como posso viver se o que faz minha vida me deixou? Quero viver do sonho, e com essa ideia deixo o retângulo de lado e me agarro ao quadro que pintara de Elizabeth. Não é verdadeiro e tão belo quanto a modelo, mas é suficiente para eu me agarrar e finalmente me permitir dormir, na esperança de reencontrá-la entre tinta e cores.

\*\*\*

Não lembro muito do que tem acontecido, mas me lembro que acordei na quinta-feira sob o toque de meu *iPhone*. Verifiquei a chamada e vi que era Sônia. Não queria atender, mas ela insistiu e eu acabei atendendo na quinta chamada:

“Sim.” E minha voz estava morta. Eu ainda estava agarrado ao quadro de Elizabeth.

“Sérgio, seus alunos o aguardam na sua sala,” dissera ela, e havia exigência na sua voz. “Se pretendia faltar, devia nos avisar com antecedência.”

“Desculpe, Sônia. Não estou me sentindo bem.” Não era uma mentira. Não sentia nenhum sintoma de alguma doença comum, apenas sintomas de quem foi abandonado. “Hoje não comparecerei.” E pensando bem: “Acho que próxima semana também não poderei comparecer.”

“Sérgio.” Agora ela estava preocupada. “Está acontecendo alguma coisa? Sabe que pode confiar...”

“Eu sei. Não se preocupe,” a corto. Não quero ninguém tendo pena de mim. “Apenas avise aos meus alunos. Volto a entrar em contato quando estiver em condições.”

“Oh, claro.” Por mais que tenha concordado, Sônia não gostou do fora. “E se precisar...”

“Por enquanto, repasse o recado aos meus alunos. Obrigado!”  
Eu desligo.

E, desde quinta-feira, estou desligado do mundo. Acho que hoje é terça-feira ou já é quarta-feira. Na verdade, eu não sei que dia é hoje. Nem sei mais quem sou; se o Sérgio romântico e apreciador da arte ou o Sérgio professor, que é rude e que ignora os seus alunos na intenção de continuar sozinho.

Nesse momento, estou sentado no meu sofá cinza, em frente à lareira de minha sala. O espelho que ali existia fora removido e agora, em vez de olhar para o meu reflexo, vejo a face de Elizabeth. Meus dias se resumem em encará-la, sem ter a coragem de olhar para a modelo que inspirou a tela. Um copo de *whisky* pende de lado na minha mão e me pergunto quando foi a última vez que comi algo saldável, se é que comi algo, pois não me lembro. Lembro-me

apenas de ter mergulhado nessa depressão incapaz de seguir em frente.

Se subirem a escada agora, encontrarão as roupas ainda espalhadas pelo chão, faltando apenas aquelas que eu vesti ao longo dos dias e que agora uso para me aquecer. Londres está cada vez mais fria, e mesmo sendo outono acho que em algum momento irá chover.

Meu celular está na mesinha ao lado. Não tenho me afastado dele desde que Elizabeth se foi. Tenho a esperança dela ligar e dizer que está tudo bem, que ela aceita viver no escuro até que eu tenha coragem de lhe contar. Mas não. Ela é mulher de uma só palavra. Não ligou e muito menos mandou algum *e-mail*, nem mesmo depois da universidade anunciar a minha ausência. Começo a pensar que ela me esqueceu mais rápido do que foi se apaixonar por mim.

Fico olhando para a lareira e pensando se posso fazer alguma coisa que a faça confiar no meu julgamento. Infelizmente, quanto mais penso, menos tenho ideia do que devo fazer.

Escuto a campainha tocar, mas tudo que eu quero é apenas deixar quem quer que esteja na porta se cansar e ir embora. Não quero conversar ou ver ninguém. Sei que não é Elizabeth. Por mais que eu a conheça a pouco tempo, a conheço bastante para entender suas decisões. Se ela disse que conversaríamos quando eu decidisse contar a minha história, então assim ela faria. Elizabeth não quebraria sua palavra, embora já o tivesse feito uma vez quando se permitiu se envolver comigo, o seu professor.

Mesmo não querendo, sinto-me na obrigação de ver quem me chama. Saio do sofá e vou até à porta. Antes, deixo o copo de *whisky* de lado. Independentemente de quem seja, não quero que me veja bebendo. Giro a maçaneta, e não fico surpreso ao vê-la:

“Olá, querido.”

Anie está na minha frente, usando um grande casaco de inverno, que esconde seu vestido florido. Eu não o vejo, mas sei que tem flores. Está mais do que provado que as senhoras têm uma queda por flores.

A encaro e ela me olha de volta, com aquele seu sorriso meigo, que só uma avó dá a um neto querido. Mas aqui temos um

problema, pois ela não é minha avó e eu, com certeza, não sou o seu neto. Não sei o que ela está fazendo aqui e por que sorri assim para mim.

“Oi, Anie.” Me vejo obrigado a cumprimentá-la. “Algum problema?”

“Eu que devia fazer essa pergunta, querido.” Olho nos seus olhos e seu sorriso é maior. “Não o tenho visto sair para o trabalho, e o seu carro... bem...” Ela olha por cima do ombro, para onde está o meu Mercedes. “Digamos que ele tem mais folhas que o seu jardim.”

De fato o meu carro está bastante sujo. Sua lataria acumula uma poeira fina, e tanto no teto como no capô há muitas folhas, trazidas pelo vento e pregadas nele pela umidade do ar. Meu carro está tão abandonado quanto eu.

“Realmente não tenho saído muito,” confesso a Anie.

“Não é de minha conta, mas você está desempregado...”

“Não! Oh, não.” E pela primeira vez em dias há um sorriso no meu rosto. Forçado, mas não deixa de ser um sorriso. “Apenas pedi licença na universidade por alguns dias.”

“Como eu suspeitava.” E Anie coloca sua mão em meu braço. “Você não está bem de saúde.”

“Ah, estou sim, Anie. Apenas...”

“Indisposto?”

“Pode se dizer que sim.”

“Posso perguntar o porquê?”

“Você não entenderia.”

“É sobre a linda senhorita que conheci outro dia?” pergunta, e eu a olho surpreso. “A srta. Johnson?”

“Eu...”

“Quer tomar uma xícara de chá comigo?”

“Desculpe?” Não entendo sua abordagem repentina.

“Querido, eu sei que você está passando por um momento difícil.” Enquanto fala, Anie se prende ao meu braço e me puxa para fora de casa, me levando junto com ela. “E pelo seu estado e cheiro de bebida, sei que o problema é com uma mulher.”

“A senhora...”

“Anie, por favor.” Ela me repreende, me levando para a sua casa. “Agora você vai beber chá comigo e vamos conversar.”

Eu quero dizer que não estou a fim. Só quero voltar para casa, me sentar no sofá e ficar quieto pensando em tudo. Pensando em alguma coisa que faça Elizabeth voltar para mim, mas eu não consigo. Eu não sei o que tem em Anie, que me faz confiar nela. Talvez seja esse carinho de mãe, que eu desconheço.

Anie caminha um pouco mais na minha frente, arrastando-me. Abre a porta da sua casa e me faz entrar. Antes que eu a feche, tenho uma visão do seu jardim, que não reparei antes. Há muitas flores, e rosas também, mesmo não sendo primavera. Um cenário realmente muito bonito. Eu me pergunto se ela deixaria eu pegar algumas dessas rosas para Elizabeth.

Dentro de casa, vejo que a arquitetura do lar de Anie não é diferente da minha. Há uma sala com lareira e janela, sala de jantar com cozinha e uma escada, que leva ao andar de cima, onde ficam os quartos. A diferença da minha casa para a de Anie é a decoração. Enquanto a minha possui uma decoração moderna, com moveis sofisticados, Anie prefere os clássicos. Seu sofá ainda tem detalhes em madeira e um estofamento ornamentado, e não estou surpreso por ser florido. Os demais objetos são de um estilo rústico. E acima da lareira há um quadro; uma pintura de Anie ao lado de um senhor, que eu o tomo como sendo seu falecido marido. Não há retratos com fotos de filhos ou netos. Isso me faz pensar o quanto Anie deve ser solitária, assim como eu. Mas então, por que ela está sempre tão feliz e não sendo uma velhinha irritante, a reclamar de seu vizinho maluco (eu, claro) ou das crianças na rua?

“Fique à vontade, querido.” Anie gesticula para o sofá florido. “Vou buscar uma bandeja com chá e bolo.”

Ela vai para a cozinha antes que eu diga para ela não se incomodar. Ando pela sala, mas não me sento. Encaro a tela a óleo acima da lareira.

Anie já fora pintada com idade, junto com o seu marido. Talvez não faça mais do que dez anos, ou menos, que fora pintado. Ela está sentada numa poltrona, e eu vejo que é a mesma que está agora em sua sala. O senhor está em pé, ao seu lado, com a mão

sobre o ombro da esposa. Ambos estão sorrindo, e não é aquele sorriso falso que os modelos fazem para as poses em fotos de revistas, ou em muitos outros quadros como esse. O sorriso de ambos é verdadeiro. É visível a felicidade que sentiam naquele momento, e não há dúvida de que era isso que eles queriam, eternizar na arte a felicidade que estavam sentindo.

“Meu marido, Michael,” diz Anie para a minha surpresa.

A encaro e a vejo em pé, no lado do sofá, depositando a bandeja com chá e bolo sobre a mesinha de centro. Quando olha para mim, enxergo amor em seus olhos, e sei que ela está emocionada ao mencionar o marido.

Me viro de volta para a tela e logo ela está ao meu lado, também olhando. Enquanto eu apenas deduzo o que se passou na época que o quadro foi pintado, Anie relembra exatamente cada momento daquele dia. Penso que devo dizer algo, mas simplesmente me falta palavras.

“O que você acha?” Ela pergunta, e pelo canto do olho vejo que está olhando para mim.

“A senhora estava linda.” *O que é verdade.*

Anie ri com o comentário e eu sou obrigado a rir junto com ela. Na verdade, há apenas um sorriso no meu rosto.

“Você é muito gentil, querido.” Ela diz, por fim. “Mas esse quadro foi pintado há quase quinze anos, então não estou tão diferente assim. Claro que o pintor não foi fiel as minhas rugas da época.”

“Acho que ele tinha algum motivo para não pintá-las.” Pisco para Anie e ela bate de leve em meu ombro. “Desculpe.”

“Não tem do que se desculpar, querido.” Ela vai para o sofá e eu a sigo. “Mas quando perguntei sobre a tela, queria saber sobre a arte sem si, não dos modelos.”

“Entendo.” E observo mais uma vez a tela, enquanto ela nos serve. “Não é ruim. Na verdade, é uma bela pintura. O pintor está de parabéns. Posso saber o nome?”

“Sim,” sorri. “Michael.”

“Espera,” recebo a xícara que ela me oferece com chá. “Seu marido pintou esse quadro?”



“Sim. E muitos outros, que eu mantenho guardados há anos.”

“Ele era pintor?”

“Sim. Michael era professor e pintor.”

“Que interessante.” Começo a me identificar com o tal senhor já falecido. “Ele e eu temos algumas coisas em comum.”

“Acredito que mais do que você imagina, querido,” acrescenta Anie, tomando em seguida um gole de seu próprio chá.

“O que você quer dizer?”

“Não me ache uma velha fuxiqueira, querido.” Ela sorri, e eu peço que continue. “Mas, eu meio que... tomei a liberdade de saber mais sobre você.”

“E conseguiu?”

“Sim. Eu sei que você é professor de artes na Universidade Chelsea, e que também é pintor.” Mais um gole. “Apesar de eu nunca ter visto um quadro seu. Por isso perguntei o que achou da tela do Michael.”

“A senhora é bem esperta.”

“Senhora está no céu, querido. Anie, por favor,” diz, batendo de leve na minha perna. “E sim, eu sou esperta, modesta a parte. Fui uma excelente aluna de artes.”

“Ah! Você também estudou artes?” Estou cada vez mais surpreso com a vida de minha idosa vizinha. “Também pinta quadros?”

“Oh, não.” Seu risinho é engraçado. “Diferente de meu amado marido, eu preferi lidar com a arte de outra maneira.”

“Como?”

“Agenciando artistas na época e trabalhando em museus.”

“Elizabeth tem esse sonho. Descobrir artistas e trabalhar como curadora em um museu.”

Percebo que essa é a primeira vez que falo de Elizabeth em voz alta, depois do que aconteceu dias atrás.

Sinto meu sorriso desaparecer, e não tenho mais vontade de beber do chá. É uma pena, porque nem cheguei a provar do bolo. Mas eu também não sinto vontade de comer. Só o que eu quero agora é ir embora e me jogar na solidão de meu lar. Vivi assim por anos, tão logo estarei saindo para trabalhar, esquecendo mais uma

vez de meus vizinhos e de sorrir para os meus alunos em aula. Elizabeth fez uma mudança temporária em mim. Em breve o antigo Sérgio voltará, e pior do que o anterior.

Anie percebe minha recaída e também deixa seu chá de lado, ficando com as mãos livres para pegar as minhas. Sinto a sua idade nas rugas de sua pele, e sou pego de surpresa com as suas palavras:

“Você a ama, não é?”

“Quem?” *Que pergunta idiota, Sérgio.*

“A linda garota. Essa tal de Elizabeth.”

“Eu não sei,” digo, confuso.

“Como assim você não sabe?”

“É complicado, Anie. Você não entenderia,” suspiro. “Você me julgaria se soubesse.”

“Quem sou eu para julgar alguém?” Seu sorriso é acolhedor, mas eu não consigo. “Você precisa desabafar, querido.”

“Eu não posso.”

“Deixe-me adivinhar.” Eu não olho para ela. Anie não sabe o que se passa. “Você é o professor e ela a sua aluna, e vocês estão tendo... Como se diz hoje em dia? Um caso, não é? Acertei? Sim. Pela sua cara, acho que não me enganei.”

Estou olhando para Anie sem acreditar. *Como?* Como ela sabe que Elizabeth é minha aluna? Que estamos tendo, ou estávamos tendo, um caso isso é óbvio, porque ela viu Elizabeth sair comigo de amanhã cedo. Mas como Anie sabe que Elizabeth é minha aluna?

O que me deixa mais surpreso não é o fato dela ter adivinhado, mas como o disse e está olhando para mim. Não há julgamento em seu olhar. Ela continua a me observar como se estivéssemos falando de seu marido, de arte ou de qualquer outra coisa. Anie simplesmente não liga para o fato de Elizabeth ser a minha aluna e de nós termos algo.

“Como você sabe?” pergunto, por fim.

“Não foi difícil de adivinhar.” Ela bate de leve nas minhas mãos sob as dela. “Eu sabia que você era professor e que ela era a sua namorada. Depois achei ela com cara de estudante. Juntei dois mais dois. Na verdade, ela me fez lembrar eu mesma.”

“E você não acha isso errado?”

“Depende.”

“De quê?”

“Da minha primeira pergunta,” sorri. “Você a ama?”

“Para falar verdade, eu não sei o que sinto por ela, Anie,” admito. “Já tive uma namorada, que também era a minha aluna, e eu a amava. Mas o que eu sinto por Elizabeth é diferente. Só não sei o que é.”

“O que aconteceu com essa outra garota?”

“Ela morreu em um acidente de carro.”

Pronto! Falei para Anie o que não consigo dizer a Elizabeth. *Mas que droga, Anie! O que você colocou nesse chá?* Preciso mais disso para conversar com Elizabeth.

“Sinto muito.”

*Só?*

Anie não diz mais nada. Não pergunta como foi o acidente, o que aconteceu depois e muito menos qual o nome da “outra garota”. Simplesmente, sente muito.

Não consigo mais ter as suas mãos na minha. Me Levanto e caminho para a lareira, onde paro para encarar as pequenas chamas que esquentam a sala. Como eu queria em minha casa, o meu único desejo agora é de me infiltrar nas chamas e me transformar em cinzas. *Quem sabe eu não renasça novamente, penso, sendo alguém melhor?*

Mas Anie me tira de meus próprios pensamentos:

“Você ama Elizabeth, não tenha dúvidas disso, querido.” Sua voz é suave e soa sabiamente. Apenas escuto. “Não sei o que você teve com a outra aluna, talvez tenha a amado, mas eu acho que foi apenas uma paixão do momento.”

“O que você quer dizer?”

“Que talvez não fosse realmente amor.” Anie respira fundo, esperando que eu diga algo sobre o seu comentário. Mas como eu não digo nada, ela continua: “Você gostou dessa sua outra aluna porque circunstâncias, talvez, levaram a gostar dela. Entretanto, o que você sente por Elizabeth realmente é amor. Um amor muito forte.”

“Como você pode saber?”

“Porque você me disse.”

“Eu não te disse nada,” rebato, surpreso com seu comentário.

“Pelo contrário, querido. Você disse muito.” E mesmo que eu não olhe para ela, sei que está sorrindo. “Você disse que sente algo forte, diferente do seu outro relacionamento.”

“De fato.”

“Então, querido, é isso.”

“Isso o quê, Anie?”

“Você a ama perdidamente, porque ela é o amor da sua vida.” Anie se levanta e vem até mim. “O amor verdadeiro é um sentimento inexplicável. Quem o sente, não consegue dizer o que realmente está sentido. E é isso o que se passa com você. Seu amor por ela é tão grande que te assusta, te sufoca, e você mesmo não o entende. Sérgio, querido, você ama Elizabeth. Aceite isso.”

“De que me adianta agora saber que eu a amo, se Elizabeth me deixou.”

“Ela não te deixou. Ela te deu uma escolha.”

“Como?” Olho para Anie sem entender. *Como ela sabe?*

“Eu estava arrumando o seu jardim quando ela saiu de sua casa semana passada.”

“Então, você...”

“Sim, eu escutei o que ela disse.” Anie me olha envergonhada. “A porta estava aberta. Me desculpe.”

“Não se preocupe,” assento, mas quero saber: “Se você ouviu o que ela disse, então deve concordar que ela me deixou.”

“Ela disse para você parar de viver do passado se quisesse o futuro.”

“Eu sei! Eu me lembro...”

“Querido, você deve entender que ela quis dizer para você compartilhar a sua história, como compartilhou há pouco comigo, pois só assim você dois terão alguma chance de ficarem juntos.”

“Sim, entendi,” confirmo, angustiado. Mas minha aflição é ainda maior. “Porém, se realmente ela concordar depois de tudo, o que eu acho muito difícil, ainda temos o fato dela ser a minha aluna.”

“Ah, querido, isso de longe é o menor dos problemas.”

“Por que diz isso?” Agora fiquei confuso.

“Você não ouviu a minha história?”

“Sim, mas...”

Agora tudo faz sentido! Eu estive ocupado demais pensando em mim mesmo, que não prestei atenção nos detalhes da vida de Anie, que ela me contara de coração aberto. Ela disse que seu marido fora professor e que ela uma boa aluna. Mas eu não me liguei que... Oh! Por isso eu não esperava.

“Agora você entende porque o fato de Elizabeth ser a sua aluna é o menor dos problemas que vocês têm que enfrentar, juntos.” Anie sorri para mim e volta para sua bandeja, guardando tudo. A história está chegando ao fim: “Eu e Michael passamos pelo mesmo problema. Ele era professor e eu a sua aluna. Naquela época tudo era mais difícil. Mas conseguimos, não foi? Conseguimos permanecer unidos por mais de cinquenta anos. E sabe como?”

“Não,” nego, ainda surpreso com tudo.

“Nosso amor, Sérgio.” Anie me olha com a bandeja nas mãos. “Nosso amor era tão grande quanto o que sei que existe entre você e Elizabeth. Desse modo, se Michael e eu conseguimos, por que vocês não? Vocês se amam.”

“E a minha história?”

“Está mais do que na hora de ser contada, querido. Como Elizabeth mesmo disse, você precisa se livrar do passado para viver o futuro. E mesmo que o seu passado seja sombrio, o amor de vocês é grande e luminoso suficiente para deixar isso de lado.”

“O que eu faço, Anie?” Eu sei o que fazer, mesmo assim preciso colocar a pergunta em palavras e dizê-la em voz alta. “O que devo fazer?”

“Vá atrás dela, querido. Conte a sua história e espere que o amor dela fale mais alto.” Anie se vira e caminha para a cozinha. “Vai Sérgio! Corra atrás de seu verdadeiro amor. E não pense nas consequências ou na batalha que terá que enfrentar. Se vocês estiverem juntos, o amor será mais forte e nada os impedirá de serem felizes.”

Já estou correndo para fora da casa de Anie, diretamente para a minha. Pulo o pequeno muro que separa as casas, achando que dar a volta é tempo demais a ser perdido, e agora eu não posso mais perder tempo. Eu preciso fazer o que é certo, preciso fazer o que o meu coração manda fazer. Fazer aquilo que não tive coragem quando Monalisa saiu furiosa de meu apartamento, com a chave do meu carro em mãos.

*Me espera, Elizabeth!* Eu estou indo atrás de você. Espero não estar cometendo uma loucura e que você entenda a minha história. Ela é romântica, triste, trágica, repugnante e sem valor, tudo nessa sequência. Me espere Elizabeth, porque logo você irá saber.

Corro até o meu quarto e pego o retângulo em papel pardo. Dou meia volta, descendo a escada e indo direto para a porta. Paro apenas para receber um buque de rosas cor-de-rosa, que Anie segura em suas mãos estendidas para mim, próximo ao meu carro. Agarro o buquê, beijo o seu rosto como agradecimento e entro na Mercedes, colocando o pacote no banco de trás e dando a partida, ao encontro do meu verdadeiro amor.

## *Branco*

Olho para o *Beaufort House* e sinto como se as portas vermelhas do “pequeno” prédio fossem as portas da minha liberdade. Atravessá-las me dará a certeza de que quando eu voltar terei me livrado dos fantasmas do passado, pronto para viver realmente.

Dentro do carro, sinto a presença negativa de uma vida que me trouxe muito sofrimento, no fim. Isso se faz presente através da tela embrulhada em papel pardo, jogado no banco de trás. Ao meu lado estão as rosas que Anie me entregou. Não sou homem de flores, quer dizer, não mais. Numa vida passada, a qual não lembro, pensava presentear uma mulher sempre com flores. Mas depois de... Bom, esqueci ou apenas deixei esse gesto de lado. Agora, espero que Elizabeth goste e que eu não tenha esquecido cem por cento de como ser um homem romântico. Claro, primeiro ela precisa me escutar.

Saio do carro e vou até a recepção do prédio. Não há ninguém. Sento-me no sofá próximo a entrada, na esperança de que alguém apareça e me deixe subir para o apartamento de Elizabeth. No entanto, passasse minutos, e estes se arrastam para uma hora, depois duas e eu já não estou mais contando o tempo.

Pessoas sobem e descem, e nenhuma sabe me informar sobre o recepcionista. Infelizmente, nenhuma me permite subir para ver Elizabeth. São regras do prédio. Ela não desce e eu não estou com o meu celular, esquecido em cima da mesinha de minha sala quando saí às pressas para fazer o que ainda tenho que fazer. O quadro está ao meu lado, como um pequeno demônio a influenciar os meus pensamentos. A cada minuto, penso que poderia ir embora e esquecer a maluca ideia de contar a minha história para Elizabeth. Mas assim que penso nisso, também tenho as palavras incentivadores de Anie.

Não aguento mais esperar e tento a todo custo ter acesso ao elevador. Como se o destino agora estivesse contra mim, finalmente o recepcionista aparece, mas ao me ver foçar a minha entrada, ele

chama a segurança. Não tenho tempo de me explicar, e sou jogado na rua como um saco de lixo, proibido de entrar novamente no prédio. Eu poderia gritar, fazer um escândalo, pois assim eu teria a atenção de todos no prédio, inclusive de Elizabeth. Entretanto, tudo que quero é conversar com ela no calor de seu lar e não na escuridão, fedorenta e sombria cela de prisão, para onde com certeza me mandariam se eu assim o fizesse.

Fico sentado na pequena escada de entrada, torcendo para que em algum momento Elizabeth apareça. Graças aos seguranças, que me jogaram na calçada húmida e suja, minhas roupas não estão tão diferentes das de um morador de rua, e assim devem me achar os inquilinos que vão chegando, à medida que à tarde se despede dando espaço para à noite. Definitivamente, perdi a noção do tempo.

Com à noite, vem o frio, e para o meu azar esqueci também de meu sobretudo atrás da porta. A roupa que estou vestindo não me manterá aquecido por muito tempo. Londres é fria de natureza, e à noite é quase impossível sair de casa sem algo para lhe aquecer. Me encolho na escada, junto a tela, e assim fico por mais algum tempo.

Para piorar, logo começa a chover. Assim que sinto as primeiras gotas de chuva, começo a rir loucamente, achando o quanto o destino está sendo irônico comigo. Desde o início, pensei que ele estivesse do meu lado, trazendo Elizabeth para junto de mim. Agora, penso que na verdade ele só quer brincar ainda mais comigo, como se eu já não tivesse sofrido o bastante durante a minha vida. Mas, enganasse que eu desistirei. Permanecerei nessa escada até que Elizabeth desça para ir a universidade quando amanhecer. Passarei à noite se for preciso, e mesmo que eu morra de hipotermia, saberei que morri tentando.

Não sei quantas horas se passaram desde que cheguei. Talvez dez, ou até mais. O quadro está ao meu lado, protegido pelo meu corpo, que treme com o frio e com a água que já me encharca. Meus dentes estão batendo, e está cada vez mais difícil ficar com os olhos abertos.



Há muito que a porta do *Beaufort House* deixou de abrir e fechar, e pela janela vejo que há pouca luz. Talvez já seja muito tarde e, com o tempo, já estejam se recolhendo ao calor de suas camas, inclusive Elizabeth. Tento olhar a hora no meu relógio de pulso, mas ele parou às 19h, quando a água da chuva infiltrou nas suas engrenagens. Eu podia ir para dentro do meu carro, mas eu já não me importo mais. Posso está sendo cabeça dura, no entanto esse é um dos poucos momentos de esperança que venho esperando para a minha vida. Um momento de mudança, e Elizabeth é essa mudança. Em pouco tempo, ela me mudou muito mais do que eu fui capaz de perceber. E se eu sair vivo dessa chuva e conseguir concretizar o que vim fazer, irei agradecer eternamente a Anie.

Meus olhos estão fechados. Por entre as pálpebras percebo a claridade dos faróis dos carros a iluminar a pista em meio a chuva. No entanto, a um farol parado em frente ao prédio, como se estivesse esperando por alguém. Não escuto nenhum movimento atrás de mim, que indique que alguém irá sair, pelo contrário, o carro é desligado e alguém sai dele. Abro os olhos, mas não consigo distinguir a sombra de quem acaba de chegar. Sei que está com guarda-chuva, pois escuto o barulho da água batendo em sua lona, e que essa pessoa segura algumas sacolas plásticas, que parecem pratos de bateria ao receber as gotas de água que caem em diagonal.

Tudo acontece ao mesmo tempo.

Perco as forças que me mantem consciente e sinto que começo a desfalecer. A pessoa que chegara fala comigo, mas não consigo reconhecer a sua voz. É alguém que me conhece, pois sabe o meu nome. *Elizabeth?* Meu inconsciente a invoca, e mesmo tremendo passo a murmurar o seu nome sem parar. Escuto-a correr para a entrada e chamar por alguém. Em seguida, me sinto sendo levantado pelas axilas e arrastado para dentro do *Beaufort House*. A última coisa que escuto é o barulho de um elevador e de alguém me chamando de maluco.

\*\*\*

Está quente. Mas por que está quente se eu estou na chuva? Sinto-me molhado, no entanto também sinto esse líquido quente que me desce pela garganta. Eu quero abrir os olhos e gritar, gritar para que pare com esse inferno.

Na verdade, esse inferno não é de todo mal. O fogo que me queima por dentro parece estar me aquecendo. Além disso, estou confortável. Me sinto muito bem. É quase impossível de pensar que morri e que estou no inferno, e que mesmo assim os demônios ainda me deixam descansar nas nuvens. É claro que eu morri. Que explicação poderia dar para esse sentimento que me queima por dentro enquanto me esfria por fora.

E há uma voz. Sim, uma voz que eu conheço muito bem. Começo a gostar da ideia de estar no inferno, pois se ele me permite viver a ilusão de tê-la, o que mais eu posso querer? Porém, sua voz é triste, e não posso deixar de perceber que também há raiva. É quase como se eu realmente estivesse na presença de Elizabeth. Eu quero vê-la. Ela me chama e eu não consigo resistir ao seu chamado, e mesmo querendo abrir os olhos eu não o consigo fazer. É quase como se eu não tivesse controle de meu próprio corpo... *Claro! Estou morto.* Não tenho mais corpo. Isso me irrita, tanto a ponto de jogar para fora esse líquido que me queima. Mas que droga! Ora eu sinto que tenho um corpo, ora não o percebo. Merda! *Abra os olhos, Sérgio!*

Como se uma força tomasse conta de mim, eu a vejo. Elizabeth está me encarando, e há um sorriso contido em seus lábios. Olho em volta e percebo que eu não estou morto. Estou bastante vivo, e vivo o suficiente para ver que estou deitado numa cama confortável, com lençóis brancos, em um quarto que condiz com o apartamento. Eu estou no quarto de Elizabeth.

Devagar, me sento sobre o colchão. Quando os lençóis escorregam de meu corpo, vejo através do espelho ao lado que estou sem camisa. Na verdade, também estou sem calça, mas não completamente nu. Sob os lençóis, sei que estou de cueca, e minhas

roupas não estão à vista. Me encarando no espelho, sorrio. Meu cabelo está um ninho, tão bagunçado quanto ele fica depois do sexo. Isto me faz pensar...

"Nós fizemos...?"

"O quê?" Elizabeth pergunta, sem entender. Quando ver o meu estado, e no que eu provavelmente estou pensando, acrescenta: "Sexo? Não! Sérgio, pelo amor de Deus. Você estava muito mal."

"Que bom."

"Você acha bom está com a temperatura abaixo do normal?" Ela está irritada. "Você poderia ter morrido, sabia?"

"Não. Acho bom não ter feito sexo," sorrio. "Quer dizer, me sentiria muito mal por não lembrar de mais uma noite com você."

"E eu me sinto bem por isso, pois não é do meu fértil abusar de caras que estão entre a vida e a morte."

Elizabeth se levanta e finalmente vejo o que ela tem em mãos. Um prato fundo, de porcelana, e cheio de o que parece ser sopa. Através da sua camisa preta é visível a fumaça que escapa do líquido, e agora entendo o fluido quente que escorria pela minha garganta. Elizabeth estivera me alimentando enquanto eu estava fora de mim. Ela tirara a minha roupa molhada e agora me esquentava com sopa.

"Eu estive desacordado?" Tento entender o que se passou.

"Mais ou menos." Ela deposita o prato sobre a mesinha de cabeceira e volta a sentar na lateral da cama, longe de mim. *Não gosto dessa distância.* "Você esteve alucinando."

"O que aconteceu? Me lembro que estava na entrada, começou a chover e havia muitas luzes. Não conseguia permanecer acordado..."

"Quando eu cheguei, você estava sentado na escada e já começava a alucinar." Sua reação é de pena. *Eu não quero que ela tenha pena de mim.* Me mecho de maneira desconfortável. "Corri para dentro e pedi ajuda ao recepcionista, que para falar a verdade está muito mal com tudo que aconteceu. Ele me contou o que você fez."

"Eu precisa falar com você." Me defendo.

“Infringindo as regras do prédio? Uma boa maneira de começar.” É incrível como a reação de Elizabeth muda em questões de segundos. Mas sinto que ela está realmente preocupada comigo. “Por que não ligou? E, principalmente, por que ficou debaixo da chuva e não dentro do carro?”

“Eu a esperei por horas na recepção, mas você não apareceu. Além disso, não havia recepcionista, e eu estava desesperado. Eu precisava falar com você. Eu preciso conversar com você, Elizabeth.”

“Certo. Precisamos conversar, e isso eu entendo.” Ela levanta, inesperadamente. “Só não entendo por que você estava debaixo da porra da chuva. Você podia ter morrido, droga!”

“Eu não sei o que deu em mim, okay?” Se ela pode se irritar, eu também posso. “Passei dias de merda pensando no que fazer para tê-la de volta. Hoje eu estava mais do que decidido a colocar um fim nisso tudo, e de repente eu não me importava se eu estava sendo jogado na rua como lixo, ou sentado ao relento, pegando vento e chuva. Tudo que eu queria era você.”

Eu sei que as minhas palavras foram duras, assim como eu sei que Elizabeth as está processando nesse momento. Eu não queria ser rude, mas acredito que estou mais desesperado do que irritado. *Que droga!* Eu só quero que ela entenda porque eu fiz tudo isso, mesmo que não haja uma explicação lógica.

Vendo que ela nada dirá, me levanto da cama, com dificuldade, e caminho até ela. Seus olhos estão arregalados e sei que está com medo de ficar próxima de mim. Pego suas mãos nas minhas e beijo-as. Um gesto tão simples e puro. É assim que eu quero que seja um relacionamento entre nós, puro, e acima de tudo sem mentiras ou passados a esconder. Por isso, olho nos seus olhos e digo o que há muito venho escondendo e adiando em lhe contar:

“Eu sou uma droga de homem, Elizabeth.” Seus olhos estão presos aos meus. Há choque e confusão. “Eu fiz coisas das quais me arrependo profundamente, mas isso não é suficiente para me fazer esquecer ou mudar o que eu fiz.”

“Sérgio, você está me assustando.” Ela tenta tirar suas mãos das minhas, no entanto eu a detenho com vigor. Agora que comecei, eu tenho que terminar. “Por favor...”

“Não! Me escute.” Respiro fundo. “Na minha casa, você disse que eu só teria um futuro se deixasse o passado. Eu trouxe o meu passado comigo, você o viu, e agora entenderá.”

Olho ao redor e encontro o que procuro. Lá está ele. O retângulo em papel pardo que guarda a tela, que há muito eu pintara. Desde que eu acordei, pensei que ele ficara lá em baixo, na chuva, mas agora vejo que Elizabeth entendera, talvez, o que eu vim fazer aqui.

“Não podia ter deixado o quadro lá embaixo,” diz ela, de repente. Eu a olho e vejo que ela também está a encarar o objeto. “Eu sei o quanto isso é importante para você.”

“Sim. É muito importante.” E não posso deixar de notar a tristeza que lhe atinge. Por isso, acrescento: “Importante, porque fez parte de um momento feliz de meu passado e que agora precisa ser libertado.”

“O que você quer dizer?”

Sorrio e me afasto. Pego o retângulo no chão, próximo da parede ao lado do espelho, e o coloco sobre a cama. Pensando melhor, não acho que isso deva ficar tão próximo da intimidade de Elizabeth. Sendo assim, me sento no chão frio de seu quarto e arrasto o embrulho junto comigo.

Elizabeth observa tudo de longe, e em nenhum momento se mexe, nem mesmo quando começo a rasgar o papel pardo que esconde a tela. É uma sensação boa rasgá-lo, pois à medida que o faço sinto como se estivesse exorcizando parte dos fantasmas que me assombram.

E aqui está ela. Monalisa. Há muito que não vejo essa pintura, tanto que já havia esquecido dos detalhes de minha arte. Diferente do quadro que eu pintara de Elizabeth, este é selvagem de várias maneiras, afinal fora pintado num momento de raiva. É difícil parar de encará-lo, mas preciso contar para Elizabeth tudo que aconteceu. Ela está parada, próximo a porta. Acho que está se decidindo se me deixa sozinho com o meu passado, como fizera há dias ou se chora ao me ver contemplar o retrato em tintas de quem ela, provavelmente, já tomou como alguém importante na minha vida. Para falar a verdade, eu não sei o que se passa na mente de

Elizabeth, mas sei o que devo fazer, por isso a encaro e estendo a mão, dizendo:

“Vem. Sente aqui comigo.”

“Eu não... Eu não sei se eu consigo.”

“Você não queria saber o meu passado?” questiono. “Ele nem sempre foi sombrio como eu costumo pintá-lo, mas é a partir desta tela que tudo começa. Vem, Elizabeth. Escute a minha história.”

Ela reluta, mas a vontade de saber de tudo fala mais alto. Com o olhar fixo na tela que tenho em mãos, Elizabeth se aproxima e se senta à minha frente, com as pernas cruzadas. Eu gostaria que ela trocasse de roupa, pois a sua camisa de lã tem um grande decote e eu consigo ver boa parte do colo de seus seios. *Okay! Concentre-se, Sérgio.*

Encaro seu rosto e vejo que ela não está olhando para mim e sim para a tela. É através dos seus olhos que eu vejo o que ela ver. Uma jovem loira, muito bonita, pintada em cores e pinceladas fortes, características de meu estilo. Mais do que isso, Elizabeth encara o quadro com dor, como se o vermelho em tela fosse sangue; o seu sangue e não o da jovem que ela desconhece, imortalizada na arte como as belas musas ou os loiros bonitos eternamente vivos nos sonetos de Shakespeare. Talvez ela não visse mais do que eu, mas ao encarar esta pintura, eu consigo sentir a vida, a inteligência e a arrogância da modelo presente no olhar congelado em tinta azul.

Essa foi a minha primeira paixão, e sei que Elizabeth está pensando nisso, pois a dor no seu olhar é inevitável. Como eu suspeitava, o meu passado a machuca, e mesmo querendo saber, Elizabeth não faz a pergunta que tanto quer saber. Eu a respondo, mesmo sem ela o fazer:

“Essa é Monalisa.” E fecho os meus olhos. “Ela também foi minha aluna, quando eu lecionava no Brasil. Assim como você e eu, nós também nos envolvemos e tivemos um romance... intenso.”

Eu não me atrevo a abrir os olhos e ver a reação de Elizabeth. Me concentro em escutar a sua respiração e continuo:

“Nós nos amávamos, mas ela era muito...viva, chegando, às vezes, a ser uma mulher muito explosiva.

“Nossa relação se manteve em segredo por muito tempo, principalmente da universidade. Não era permitido professores ter qualquer relacionamento com as suas alunas que não fossem de caráter profissional, acadêmico. Infelizmente, os pais dela descobriram e perdemos o nosso chão.

“Ela fugiu de casa, pois seus pais não permitiam que nós namorássemos. Nessa altura, Monalisa já havia desistido da universidade e morava comigo, no meu pequeno apartamento em um bairro pobre do São Paulo. Mesmo morando comigo, os pais dela faziam questão de atormentá-la. Quando perceberam que não iam conseguir nos separar, decidiram me fazer uma proposta. O pai dela era acionista em uma empresa, e um dia ele veio me oferecer um alto cargo, com um bom salário; bom o suficiente para dar a vida que a sua filha merecia, o que eu, enquanto professor, não poderia oferecer. Eu recusei, claro. Desde sempre minha paixão foi a arte, e não seria o dinheiro dele que me faria desistir de meus sonhos. Infelizmente, Monalisa não viu dessa forma.

“Depois desse dia, nós discutíamos constantemente. Não havia um só dia que não brigássemos, e sinto em dizer que era ela que sempre começava. Eu não ganhava realmente muito bem, principalmente porque era professor recém-formado. Em muitos momentos a vida antiga de Monalisa lhe batia a porta e ela descontava em mim. Isso se resumia a falta de frutas que ela gostava na geladeira, ao banho frio, ao ar-condicionado quebrado e diversos outros pequenos acontecimentos. Mesmo assim, com tudo isso, nós nos amávamos. Ela me amava.

“Com o tempo poderíamos lidar com tudo isso. Eu mesmo estava em vista de ter uma promoção. De professor substituto, logo eu passaria a ser contratado e a nossa situação melhoraria. Isso, se não fosse pelos seus pais. Eles passaram a prosseguir-la. Muitas foram as vezes que cheguei em casa e encontrei Monalisa aos prantos, ora xingando o seu pai, ora a sua mãe. Ela estava cansada de tudo, e até me chegou a fazer uma proposta absurda, a qual eu recusei. Não era o momento. Não era certo.

“Como me arrependo de ter recusado tantas vezes o simples pedido que ela me fazia. Foi em uma dessas recusas, que mais uma

vez brigamos. Uma briga feia, que não terminou como as outras; nós dois, enrolados nos lençóis de nossa cama. Nessa última briga, Monalisa saíra furiosa do meu apartamento e levava a chave do meu velho carro. Eu fiquei sozinho no apartamento. Começara a chover, e em vez de me deitar na cama e aguardar ela voltar, eu apanhei o cavalete e as minhas tintas, e comecei a pintar. Me lembro que escutava Beethoven, e à medida que a música atingia as suas notas altas, mais força eu colocava no pincel, a ponto de quase perfurar a tela. Entre a bela melodia, escutei o som de uma velha campainha. Já era tarde da noite, e Monalisa havia saído há horas. Eu sabia que não era ela na porta, pois ela tinha sua própria chave. Então, quem me chamava tão tarde? Um raio desceu o céu naquele momento, me fazendo parar a meio caminho da porta e encarar a janela, que abria com o vento. Corro para fechar, pois a chuva entra violentamente, e o cavalete está próximo. Algumas gotas atingiram o coração que eu pintara, fazendo a tinta escorrer. Naquele momento, eu não tomei como um sinal, mas ao voltar para a porta e abri-la, sabia que tudo isso tinha algum significado.

“Havia dois policiais parados, e suas caras não eram de compaixão. Não há necessidade de repetir o que eles me disseram, basta saber que Monalisa sofrera um grave acidente de carro e que não resistira aos ferimentos. Monalisa morreu naquela noite de chuva, e a partir de então a minha vida se transformou em um inferno na Terra.

Escuto a respiração de Elizabeth, acelerada. Sinto uma imensa vontade de abrir os meus olhos e de vê-la, pois, enquanto assim estou, consigo visualizar cada fato narrado, e nada me faria mais feliz do que olhar para ela e saber que existe alguma salvação para minha alma. Claro, desde que ela continue ao meu lado depois de tudo.

Continuo:

“A dor de perder alguém que amamos é indescritível. Mas a dor de ser acusado por ser o culpado pela morte daquele que amamos é ainda maior.” Escuto a respiração de Elizabeth vacilar. “Isso mesmo. Os pais de Monalisa me acusaram e durante meses, eu fui investigado. Sem provas de minha inocência e muito menos



por ser culpado, fui preso. Graças ao poder do pai dela, perdi meu emprego e passei quase um ano entre as grades. Durante quase um ano, eu vi, como costumam dizer, o sol nascer quadrado.

“Sérgio...”

“Eu não a matei. Eu juro!” digo antes que Elizabeth me interrompa. “Durante meses investigaram o acidente, e ao fim de um ano chegaram à conclusão de que eu não era o culpado. Fui preso injustamente, e quando recorri aos meus direitos, recebi uma boa quantia em dinheiro, suficiente para viver por algum tempo. Mas não importava para as universidades ou as escolas se eu era culpado ou inocente, o fato era que eu já havia sido preso, então, ninguém queria me dar um emprego.

“Peguei o resto do dinheiro que tinha no banco e deixei tudo para trás. Parti para o país onde a arte sempre foi valorizada, esperando reencontrar o meu caminho e, quem sabe, voltar a sonhar. Londres é o meu lar desde então.”

Eu já não consigo mais segurar, e meus olhos se abrem. Tenho uma visão rápida de Elizabeth, antes de ser tomado pelas lágrimas. É difícil falar sobre tudo isso e não chorar. Quem me conhece pode pensar que eu nunca chorei, mas se enganam ao pensarem isso. Na verdade, eu já chorei muito e se não o faço mais é porque as lágrimas haviam se acabado.

Levo minhas mãos aos olhos, mas antes que eu encontre as lágrimas que correm pelo meu rosto, tenho esse movimento impedido por Elizabeth. Ela está a segurar as minhas mãos nas suas, e ao encará-la recebo um sorriso de consolo. Tira o quadro de cima de minhas pernas, o deixando de lado, e fica frente a frente comigo. Ela se aproxima lentamente, como se pedisse permissão, e aos poucos seus lábios vão tocando o meu rosto, onde cada lágrima habita. Fecho os olhos apreciando o seu toque. Elizabeth beija meus olhos, minha face, o meu queixo, descendo para a minha garganta, onde deposita um beijo no meu pombo de Adão, o que acaba por me excitar de imediato. Mas ela não para, e deposita beijos no meu peito – Merda! Ela mordeu o meu mamilo. – Então continua pela minha barriga e segue pelo “caminho da felicidade”.

Eu já me encontro completamente deitado no chão frio de seu quarto, longe do quadro de Monalisa, empurrado para debaixo da cama pela própria Elizabeth, que tomou o controle de todo o meu corpo.

De repente, ela monta em cima de mim e me beija nos lábios, intensamente. Não posso negar que ela esteja aceitando a minha história, como também me aceita de volta como seu amante. Elizabeth aceita não sou a minha confissão mais profunda, como também está me aceitando de corpo e alma. Aceitando o meu amor.

Tiro minha cueca as presas, pois não há mais a necessidade de adiar o que tanto quero. Dias passei sem lhe tocar, sem ter a incrível sensação de meu membro a penetrar o seu sexo. Elizabeth também não perde tempo e tira a sua camisa, revelando seus seios fartos presos em um sutiã preto, muito sexy. Embaixo dela, meu pênis lateja, procurando pela abertura entre as suas pernas; quente, úmido e apertado, como nós gostamos.

Deitado no chão, sinto-me imune a ela, que entre beijos e caricias, logo se livra de sua calça, me permitindo ter uma visão divina de seu corpo seminu.

Podem dizer o que quiser sobre mulheres de roupa íntima vermelha, mas se tem uma coisa que me deixa louco é uma mulher de preto, principalmente Elizabeth. Ela se sente dominadora, e mesmo sem um possível chicote, ela sabe como torturar um homem em prazer. Estou duro pra caralho! E tudo que eu quero é me enterrar nela e possuí-la; tê-la até que goze gritando o meu nome.

Como se soubesse o que eu tanto desejo, lentamente ela vai tirando a sua calcinha, e como um animal faminto, ela mesmo procura pelo meu membro, colocando nele uma camisinha – que não sei onde ela encontrara – e o fazendo entrar nela, com força. Mordo o lábio inferior quando sinto o prepúcio ser forçado a lubrificar o atrito entre os nossos sexos. E antes mesmo de começar a me mover, Elizabeth continua a dominar a situação, subindo e descendo sobre mim. É rápido, com força e desesperado. Ela quer muito isso, e sinto em dizer que se assim continuar, chegaremos ao orgasmo em poucos minutos.

Minhas mãos sobem pela sua cintura, e... merda! Isso é muito bom.

Encontro os seus seios e aperto-os com desejo enquanto Elizabeth joga a cabeça para trás e aumenta a pressão entre nós. Ela está incontrolável, e não posso negar que ela estava sentindo saudades de tudo isso tanto quanto eu. Foram dias terríveis para nós dois, eu sei disso. Mas agora, depois da história enfim contada, só queremos nos perder um no outro.

E é no chão do quarto que chegamos ao orgasmo final. Elizabeth grita meu nome como em oração, e é impossível não olhar para ela enquanto dá os seus últimos suspiros de prazer.

À medida que a nossa respiração entrecortada começa a normalizar, nos abraçamos e ficamos assim, unidos no piso frio e úmido pelo nosso suor. E mesmo caindo uma chuva forte lá fora, que bate na janela do quarto de maneira selvagem, estamos com muito calor. É quase impossível não adormecer nesse clima, e sinto os meus olhos pesarem procurando por descanso. Olho para Elizabeth deitada sobre o meu peito, e sua respiração é tranquila. Ela já dorme, e eu a beijo de leve na cabeça feliz por termos finalmente exorcizado os meus fantasmas, pelo menos, os que diziam respeito a minha vida com Monalisa. Infelizmente, ainda há uma parte de mim que Elizabeth desconhece. E pensando nisso, deixo o sono me dominar.

## *Preto e branco*

Acordo e há pouca luz no quarto. Na verdade, ainda não amanhecera, e o pouco brilho que entra pela janela do quarto de Elizabeth advém do sol, que escondido, logo despertará. É estranho, pois eu normalmente só acordo com o irritante barulho do despertador, mas isso não importa, desde que eu tenha a visão que estou tendo agora.

Elizabeth dorme profundamente deitada ao meu lado, com seu rosto virado para mim. Me pergunto se em algum momento da noite, ela acordara e adormecera me olhando. Sinto uma emoção enorme ao pensar nisso ao mesmo tempo que um olhar triste toma conta de minha face. Ainda não acredito que ela está aqui, comigo, depois que lhe contei a minha história. É muito pessimismo de minha parte, mas ainda me considero um monstro, pois de uma forma ou de outra, mesmo tendo sido inocentado pela justiça, me considero culpado pela morte de Monalisa. Além disso, Elizabeth ainda não sabia de toda a história, desconhecendo os momentos iniciais que eu vivi ao chegar em Londres, sem dinheiro e apenas com meu talento na pintura.

Ainda me lembro como se fosse ontem. Segurava uma mala surrada, com poucas roupas, e usava um sobretudo velho, o único que eu conseguira a um bom preço para me proteger do frio londrino. Na época, nevava muito, pois era quase Natal. Ao descer do trem, o primeiro sinal do espírito natalino eram as guirlandas que enfeitavam as muitas pilastras que sustentam, até hoje, o teto da estação.

Olhando à minha volta, encontrava muitas pessoas abraçando familiares, depois de muito tempo afastados, unidos, finalmente, para comemorar uma data especial. O Natal nunca foi importante para mim. Sempre entendi o seu significado, mas nunca o realmente o tive, pois a minha família não era como as outras, isso porque não era realmente a minha família. Nunca conheci os meus pais verdadeiros, os quais me abandonaram numa casa qualquer esperando que a família que ali vivesse teria pena de mim e me

daria o conforto e o amor que eu precisava. Eles se enganaram. Por mais que tal família tenha me criado, me dado um nome e educação, nunca soube o real significado do amor.

Meus pais adotivos já tinham dois filhos quando eu fui deixado na porta de sua casa, em um dia de chuva. Ambos já eram grandes. Dois garotos que não passavam dos cinco anos de idade. Há muito meu pai deixara claro que não queria mais filhos, mas a minha mãe, mesmo distante com os seus sentimentos, demonstrou alguma piedade e me acolheu. Parecia que todo o seu carinho já tinha se esgotado com seus dois filhos de sangue, se obrigando apenas a me dar de comer e me mostrar o certo ou errado numa vida, que para mim, já não havia começado fácil.

Me lembro que o nosso Natal se resumia em ficar sentado em uma grande mesa, com todo tipo de comida deliciosa, e aproveitar a data para apreciar a culinária de minha mãe. O jantar de Natal não era tão diferente dos jantares de qualquer outro dia, com o meu pai a falar de seus clientes e de minha mãe a comentar dos vizinhos, ou dos meus irmãos a brigarem pelo melhor presente. Havia uma árvore, com luzes, enfeites e uma estrela no seu ponto mais alto, assim como presentes, mas não havia risadas, sorrisos ou qualquer expressão de imensa felicidade. Talvez meus irmãos demonstrassem algum interesse pelos presentes debaixo da árvore, no entanto eu só queria ir para o meu quarto e esperar que o Papai Noel me desse o Natal de verdade, como o dos meus amigos da escola. Eles sempre comentavam na volta as aulas como haviam se divertido, e eu me divertia os ouvindo, me imaginando no lugar deles.

Por mais que eu não tenha tido uma infância feliz, nunca fui, necessariamente, maltratado pelos meus pais. Na verdade, tenho muito mais a agradecê-los do que aos humanos que me colocaram nesse mundo.

Quando tão logo terminei o ensino médio e ingressei na universidade, me distanciei de minha família. Meus pais adotivos esperavam mais de mim, tal como conseguiram com os meus irmãos. Enquanto eles trilharam os seus caminhos na advocacia, como o meu pai, eu fui para as artes. Meus pais nunca entenderam o porquê de minha paixão para com esse mundo, desconhecendo os

momentos que eu passava sozinho, em meu quarto, procurando a real felicidade. Fora na pintura, desde muito cedo, que eu encontrei um motivo para ser feliz. Tudo isso graças a minha professora do fundamental, que descobriu em mim esse talento, e sempre que possível me incentivava.

Meus pais não me impediram, mas eu sentia que eles queriam mais de mim, talvez, principalmente, por terem me criado tal como os seus filhos verdadeiros. No entanto, eu não queria mais viver assim, como a sua sombra ou como se tivesse a obrigação de agradecê-los, de alguma forma, por tudo que fizeram. Aos dezoito anos sai de casa e fui morar em um pequeno apartamento com um amigo de escola, e nele eu vivi até o fim do curso, dividindo o meu tempo entre os estudos e um trabalho, de um turno, em um restaurante de classe como garçom. Foi nesse período da minha vida que eu aprendi a dar valor a cada centavo, e que era possível ser feliz com tão pouco, desde que eu estivesse fazendo o que eu gostava.

Mesmo com todo o trabalho, consegui me destacar entre os alunos, por isso quando terminei a graduação não tive dificuldade em conseguir um emprego na própria universidade, mesmo que fosse de professor substituto. Ora, já era um bom começo. E era mesmo, infelizmente, acabei me envolvendo com Monalisa. O resto da história já sabemos.

Então, cheguei em Londres. Para a minha surpresa, o pouco dinheiro que me restara da indenização judicial só me permitiu ter um teto por um mês apenas, tempo que eu julgava mais do que suficiente para arranjar um emprego. Mas repito, ninguém contrata um ex-presidiário, mesmo quando fora inocentado.

Poucas pessoas sabem como é difícil dormir na rua, e eu posso dizer que senti na pele essa experiência. Sem dinheiro para pagar o aluguel do quarto mais barato de Londres, fui obrigado a viver nos bancos das praças ou em becos imundos durante o que me pareceu ser meses. Quando você não tem onde viver e muitas vezes o que comer, contar o tempo é uma das piores alternativas. Não sei por quanto tempo vivi assim, mas sei que o tempo de experiência foi

mais do que o suficiente, e ao me lembrar disso penso na sorte que tive.

De todos os moradores de rua, Deus escolheu logo a mim. Quer dizer, assim eu pensava. Hoje tenho a nítida impressão que não fora a mão de Deus que me tirara das ruas, pois ele não me mostraria o caminho que trilhei para a salvação. Foi a minha arte que me permitiu refazer a minha vida, infelizmente não fora, necessariamente, o tipo de arte que eu esperava trabalhar. Me divertir muito na época, pois ainda era muito novo e estava aprendendo com o que a vida coloca em nosso caminho, além disso eu estava acabado, pela morte de Monalisa e com o quase fim de minha vida. Me permitir a tudo, e hoje eu me arrependo. Agora sei que poderia ter feito tudo diferente e, mesmo assim, ter chegado onde eu cheguei.

Eu preciso contar essa parte da minha história a Elizabeth. Sei o quanto ela ficou assustada com o meu passado no Brasil, e temo a sua reação para com o meu passado aqui, em Londres. Elizabeth precisa saber o que eu escondo a sete chaves no meu ateliê, no pequeno quarto que antes despertara a sua curiosidade.

Olho agora para ela, que dorme de forma tão serena, respirando fundo como um anjo adormecido. *Droga!* Eu não posso mais fazer isso com ela, e a vendo assim, na sua completa pureza, agora mais do que nunca preciso contar o resto da história, mesmo que isso a assuste e a faça se afastar de mim. É um risco que terei que correr, e independente do que aconteça, eu não desistirei. Não tenho que lutar só com o meu passado, mas também com o nosso presente, construído por uma sociedade preconceituosa e cheia de leis e princípios. Eu lutarei até o fim e não fraquejarei como um dia o fiz, me permitindo ser guiado pelo errado e mergulhando em um sofrimento que parecia que nunca teria fim. Elizabeth é a minha nova chance de ser feliz, e pela nossa felicidade eu serei capaz de tudo.

O despertador faz o seu trabalho, finalmente, e Elizabeth desperta de seu sono de beleza. Sou eu que ela vê ao abrir os olhos e é difícil de descrever o sorriso que se forma em seu rosto. Ela se apoia nos cotovelos e debruça sobre o meu corpo para colocar os

seus lábios nos meus, de forma macia e carinhosa. Como eu desejo todos os dias acordar assim, ao lado dessa bela mulher, que me ama e que enxerga um lado da minha alma que eu ainda desconheço. Retribuo o seu beijo em igual paixão, sem pressão ou desejo, apenas com muito amor. E espero que assim continuemos, depois que Elizabeth descobrir o que esconde em meu ateliê na universidade.

“Acho que alguém está feliz por acordar ao meu lado,” diz ela, com o seu rosto próximo ao meu e uma de suas mãos sobre o lençol, que cobre o meu membro ereto. “É tão difícil assim para você estar ao meu lado?”

“Você não tem ideia do quanto.” E sei que o meu sorriso é travesso.

“Você gostaria de ficar no chão e recomeçar o que fizemos ontem à noite?” Elizabeth morde o lábio e eu respondo com outra parte de meu corpo. “Eu acho que sim.”

“Espera!” Eu a interrompo quando faz menção de tomar a minha boca. “Vamos tomar banho juntos.”

“Se você insiste.”

“Eu faço questão.”

Juntos, vamos para o banheiro.

Já estivemos sem roupa um na frente do outro, e já fizemos coisas que muitos casais nunca fizeram, mas mesmo assim acho estranho caminhar pelo seu quarto, nu, até o seu banheiro ao lado.

Elizabeth controla a situação, segurando a minha mão e me levando junto com ela. Ao abrir a porta, ela me empurra para dentro e a fecha, a chave. Seu olhar é quente, e não entendo por que ela nos trancou. *Ora, Elizabeth, acha que eu vou a algum lugar?* De maneira alguma. Tudo o que eu quero é fazer sexo com você, seja na banheira ou no chuveiro, com seu corpo preso ao meu e sua boca aberta na minha a suspirar de prazer enquanto penetro fundo e com força.

Ela caminha em minha direção, e eu me pergunto o que aconteceu para Elizabeth estar assim tão... atirada? Mas quem sou eu para me negar a ela. Abro os braços e deixo que ela me tenha.



Por um momento ficamos assim, abraçados. Sentindo o calor do corpo um do outro, apenas no desejo de estarmos unidos.

Sua cabeça se mexe e logo sinto sua boca no meu pescoço, beijando o meu pombo de Adão, me fazendo arrepiar e, claro, ficar duro. Minha cabeça pende para o lado e ela morde a minha orelha, e eu arquejo em puro prazer. *Merda!* Isso é muito bom, tão bom quanto ter a minhas mãos a fazer um mapa pelo seu corpo nu. Sinto suas nádegas nas minhas palmas e aperto-as, trazendo seu sexo para junto do meu. Se continuarmos assim, nunca chegaremos a banheira.

E como se escutasse os meus pensamentos, Elizabeth se afasta para abrir a torneira e deixar que a água preencha o pequeno espaço em cerâmica branca lustrosa.

Agora ela se debruça sobre o balcão da pia para pegar sais de banho e eu tenho que me segurar para não agarrá-la, quando sua bunda fica empinada e bastante convidativa, me chamando para tê-la. *Porra!* Elizabeth realmente não entende o poder que seu corpo tem sobre mim, ou ela sabe e se aproveita ao máximo disso.

Me aproximo dela e a agarro por trás:

"Não sei se você faz isso de proposito, mas cuidado para onde aponta isto," digo, apertando seu traseiro. "Eu posso muito bem querer tê-la assim, me olhando sobre o ombro e sem ter a mínima ideia do que sou capaz de fazer com você nessa posição."

"Para falar a verdade, eu prefiro não descobrir." E sinto que ela ficou nervosa com o meu comentário.

"Eu disse algo de errado?" questiono, a virando para mim.

"Não. Eu só... Sabe, não acho certo."

"Não acha certo?" Estou confuso.

"Sim. Eu não sou nenhuma santa, mas..."

"Entendi." Estou mais surpreso comigo mesmo do que com o que Elizabeth acha desse tipo de sexo. No entanto, eu não quero que ela tenha uma má impressão minha, e preciso fazer ela entender isso. "Eu não devia ter dito..."

"Não. Tudo bem." Ela se afasta para a banheira e começa a depositar os sais na água. "Eu sei que você é mais experiente do que eu em tudo isso, mas eu não consigo."

“Pode parecer idiotice de minha parte, mas por que você não consegue? Digo, você nunca...”

“Sim. Já.” Ela me encara. “E é por isso que prefiro que você não me deseje assim e não me force... Não o faça!”

“Forçar? Meu Deus!” Me aproximo, aflito. “Elizabeth, eu nunca te obrigaria a nada. Como pode pensar assim?”

“Desculpe.”

Elizabeth olha para todos os lados, menos para os meus olhos. Ela esconde algo. *Ora, afinal eu pareço não ser o único a ter um passado.* Infelizmente, o inesperado acontecimento me faz pensar o que aconteceu com ela para agir dessa maneira. Sexo anal não é ruim quando feito da maneira certa, e principalmente feito com carinho. Será que o seu antigo namorado a fez mal, de alguma forma? Estou com raiva só em pensar no que esse idiota, que não conheço, pode ter feito a minha doce Elizabeth.

Levo a minha mão até o seu queixo e a faço me olhar. Seus olhos estão brilhando com as lágrimas que ela reprime. A beijo de leve nos lábios, e com muito carinho a levo para dentro da banheira. Entro primeiro, tendo o devido cuidado para não escorregar. Elizabeth entra logo em seguida, e juntos nos sentamos dentro da água.

Ela está entre as minhas pernas, sentada de costas para mim, e dessa forma posso cuidar de seu corpo, como um amante deve cuidar de sua amada. Cubro seu ombro com beijos antes de jogar a água, e de forma leve preencho seu corpo com a espuma que temos sobre a superfície. Tudo que eu queria era lhe ter, aqui e agora, mas depois do que ela disse, ou pelo menos o que eu julgo que ela poderia me dizer, eu só quero lhe amar. Longe de mim a ideia de lhe fazer mal, e espero com o tempo poder lhe mostrar do quanto sou capaz de fazê-la sentir prazer, de diversas formas.

\*\*\*

Ao voltarmos para o quarto, nossos dedos estão enrugados pelo tempo que passamos dentro da água.

Encarando Elizabeth enquanto ela se veste, percebo o quanto o banho lhe fez bem. Na verdade, acredito que todo o meu amor por ela seja o principal responsável pelo seu estado de espírito. Antes eu não entendia o que realmente sentia por ela, mas a cada instante é quase impossível discordar do que Anie me disse. Eu amo Elizabeth, e ao pensar nisso tenho medo de seguir em frente. Mas é preciso fazer o que deve ser feito.

“Elizabeth?”

“Sim.”

“Eu gostaria que você me acompanhasse a um lugar.”

“Onde?”

“Ao meu ateliê.”

“E por que você quer que eu o acompanhe até lá?” Ela para de abotoar a sua camisa e me olha atenta.

“Tenho algo importante para lhe mostrar.” E sorrio, a fim de desviar a sua suspeita.

“Tem alguma coisa a ver com o que você me disse ontem?”

“Sim.” Agora mais do que nunca não posso enganá-la. “Há ainda uma coisa que você precisa saber.”

“E eu poderia saber por que não me disse ontem?” Não sei se ela está chateada ou com raiva. Elizabeth se move rapidamente dentro do quarto, sentando na cama recém-arrumada para calçar suas botas pretas de cano longo. “Eu pensei que você já havia me dito tudo.”

“Ainda não.” Sinto que estou pisando em cacos de vidro. Tudo que eu disser tem que ser cuidadosamente pensado. Não posso perder Elizabeth antes que ela veja o que tem que ver, e me escutar, acima de tudo.

“Okay.” Ela levanta de repente, decidida. “Eu vou até o seu ateliê.”

Eu poderia temê-la agora, mas é quase impossível ter medo quando está vestida para matar; me matar de desejo. Espero que ao fim do dia tudo termine bem, pois nada me daria mais prazer do que tirar a calça de couro preta que ela está usando.

“Ótimo.” É tudo que eu consigo dizer.

Não temos tempo para o café da manhã, uma vez que o aproveitamos ao máximo na banheira. Além disso, Elizabeth tem aula, e precisamos passar na minha casa para eu vestir a minha roupa.

Não vejo Anie quando estaciono a meio-fio da calçada. Elizabeth fica no carro enquanto eu corro para dentro da casa, subindo as escadas em dois e dois degraus, e abrindo a porta do guarda-roupa o mais rápido possível. Minha pressa não se resume no atraso, mas no tempo que eu passo distante de Elizabeth. No carro, junto com ela, está o retrato de Monalisa, e agora fico pensando o que vou fazer com ele.

Volto para o carro, já trajando o meu habitual uniforme preto com a gravata vermelha. Sentado no banco do motorista, dou a partida seguindo tranquilamente para a universidade.

Elizabeth está ao meu lado, em silêncio. Desde que saímos de seu apartamento, ela não diz uma palavra. Está séria, e me pergunto se ela está pensando no que eu ainda tenho a esconder. Sua expressão não me diz nada, e à medida que nos aproximamos da universidade, o meu coração começa a bater aceleradamente como se estivesse disputando com o motor da Mercedes. Olho por cima do ombro e lá está ele, o quadro de Monalisa que, por muito tempo, perturbou a minha paz.

“O que vai fazer com ele?”

Elizabeth me questiona de repente, ao perceber para o que eu estou olhando. Desvio o meu olhar de volta para a estrada e lhe respondo com sinceridade:

“Eu não sei.”

“Sabe que não precisa fazer nada que não queira, principalmente se for por minha causa.”

“O que você quer dizer?” A olho de relance.

“Ela fez parte da sua vida,” começa. “Não sei o quanto ela foi importante para você, então não queria eu ser a principal responsável por fazê-lo esquecer.”

“Você não quer que eu o destrua?”

“Sim.” E vejo que é o que ela realmente quer. Mas há mais: “No entanto, não serei eu que decidirei. Faça o que você achar

melhor, para você.”

“E se eu não quiser destruir?” É uma pergunta perigosa. “Se eu quiser preservá-lo?”

“Eu entenderei a sua decisão.”

Não há dor nas suas palavras, ou muito menos compaixão. Elizabeth está agindo como ela mesmo sempre age, com sabedoria. No entanto, sei que é difícil para ela ter a sombra desse quadro sobre nós. Por isso, encontrarei uma maneira de me livrar dele sem destruí-lo e, ainda assim, encontrarei uma utilidade. Uma pena que eu não possa fazer o mesmo com o que logo Elizabeth descobrirá no meu ateliê.

Seguimos em silêncio, pelo menos até a esquina mais próxima da universidade, quando Elizabeth me pede para parar e desce do carro, sem se despedir. É perigoso para nós dois se algum aluno ou funcionário nos ver juntos, mas eu não penso sobre isso ao sair do carro e correr atrás dela, a parando ao pegar seu braço subitamente.

“Que droga, Sérgio! Alguém pode nos ver.” Ela olha para todos os lados. A rua está praticamente deserta, isso se contarmos os poucos pedestres que caminham para o lado oposto da universidade ou os pássaros que cantam baixinho nos galhos das árvores acima de nossas cabeças. “O que acha que está fazendo?”

“Me encontre no meu ateliê, na hora do almoço.” Falo rapidamente. “Eu preciso lhe mostrar algo.”

“Eu já concordei, Sérgio,” sibila. “Agora, me largue. Alguém pode nos ver.”

“Que merda, Elizabeth! A rua está decerta.” Me aproximo de seu corpo. “O que você realmente quer de mim? Diga-me!”

“Sérgio...”

“Ontem à noite você parecia tão decidida.” Olho nos seus olhos. Sua respiração é falha. “Agora você foge de mim.”

“Nos encontramos no almoço.” E se desvencilha de minha mão.

Vejo Elizabeth se afastar para a universidade. Não há um “até logo” ou muito menos um beijo. Tenho raiva, mas não dela. Tenho raiva de mim mesmo, da droga de homem que sou. Se eu não tivesse seguido os caminhos que segui, agora ela estaria dentro do

meu carro e nós chegaríamos juntos, despertando a curiosidade de muitos e o repúdio de outros. Mas isso não importava, pois estaríamos unidos.

Volto para o carro e bato a porta ao entrar. Olho para o quadro no banco de traz e tenho uma vontade imensa de arremessá-lo no rio Tâmisia<sup>[23]</sup>, ou talvez eu mesmo me jogue nele depois do almoço, quando finalmente saberei se Elizabeth continuará comigo ou me deixará.

*Inferno!*

Me jogo sobre o volante e, acidentalmente, buzino. Com isso, chamo a atenção de todos que passam, mas os ignoro. Ligo o carro e acelero.

Na universidade, estou mais rude do que de costume. E os alunos parecem sentir isso, pois ao verem me aproximar abrem espaço para mim. Vejo Sônia descendo as escadas do primeiro piso, e ela sorri para mim, mas eu a ignoro tomando o caminho para a escada que me leva ao subsolo. Espero que ela não me siga, pois não sei do que sou capaz de fazer no meu estado atual.

Elizabeth não tem ideia do perigo que ela coloca a sociedade ao me deixar assim. *Droga!* Eu estou ficando louco, e a culpa é dela. Como ela pode me domar daquele jeito, como ontem à noite, e hoje, sem ao mesmo saber o que mostrarei, ficar distante e dura comigo. *Merda! Eu que estou duro agora.* Veja, Elizabeth, até sentir raiva de você me deixa excitado. Você tem sorte de eu não ser um louco completo, pois caso contrário invadiria a sua aula e a levaria comigo, a colocando no meu Mercedes e dirigindo para minha casa, onde a teria de todas as formas.

Não me resta outra escolha se não me distrair com as tintas.

Entro no meu ateliê e jogo meu *blazer* na cadeira ao lado da porta. Coloco o velho avental manchado e pego uma das telas em branco dispostas ao longo da parede, onde fica o quarto com ENTRADA PROIBIDA. Olho para a placa em amarelo e penso que daqui a algumas horas estarei abrindo essa porta e revelando para Elizabeth o que aí escondo.

Me volto para o cavalete, coloco a tela sobre ele, pego o meu celular e tal como na noite que Monalisa sofrera o acidente, deixo que a 5ª sinfonia de Beethoven tome conta do lugar.

Uma nota mais alta, uma pincelada mais forte. Uma nota baixa e a suavidez dos pelos do pincel sobre a tela. O silêncio mínimo e a oportunidade de uma nova cor. E assim eu sigo pintando um novo quadro, ora com ódio, ora com amor e em outros momentos apenas na confusão de meus sentimentos. Já se faz presente a angústia e o medo, as lágrimas e tão logo o soluço. Primeiro as flautas, depois o pincel. Dois oboés seguido de mais tinta. Clarinetes em si bemol e dó, e mais força, depois fagotes e contrafagote com mais tinta. E assim segue a minha dança em tinta, movimento e som. Trombas, trompetes e trombones. Tímpanos, violinos, violas, violoncelos, contrabaixo e a nota final. O último movimento, a última cor e acabou.

\*\*\*

Eu não me lembro de ter me deitado, mas sei que estou. Ao meu lado estão as pernas de meu cavalete, assim como as de meu banquinho de pinturas e de minha mesa de tintas. Estou deitado no chão frio de meu ateliê, e não sei como fui parar nele.

Me recordo de estar pintando ao som de Beethoven, e de alguma forma a sua melodia me dominou, me transformando e me fazendo parte de sua própria orquestra. Minhas emoções de fundiram a dos instrumentos, e de repente eu não conseguia mais parar de pintar, seguindo a ordem de todos os movimentos. Fora como o próprio Beethoven estivesse ali, me conduzindo na minha própria arte.

*Maluquice!*

Eu me deixei levar. Apenas isso. E agora me recordo do porquê de estar tão envolvido, com a pintura e com a música. Eu estava com raiva, pois Elizabeth me confundia, eu mesmo me confundia e não sabia mais o que pensar. É o passado e o presente se chocando, e de repente o futuro também quer fazer parte de

tudo. Meu cérebro está uma bagunça, e não consigo me concentrar. Essa batida oca ao longe me perturba e desejo que pare, mas ela se intensifica, e uma voz surge ao longe. *Eu conheço essa voz!* Meu cérebro não bate, mas alguém que bate na minha porta.

“Sérgio?”

É Elizabeth que me chama na porta de meu ateliê.

Que horas são? Já é hora do almoço ou ela, assim como eu, não aguenta mais adiar o inevitável?

Me levanto devagar, apoiando-me na mesa e buscando a sensibilidade de meus pés. Procuro uma explicação para o que aconteceu, mas não há. Em algum momento, durante a minha “euforia”, minha pressão baixara e eu desmaiei.

“Sérgio, você está aí?” Ouço Elizabeth no outro lado da porta, preocupada.

“Um...Um momento.”

Cambaleio pelo caminho, e é com muito esforço que me mantenho de pé. Me apoio na maçaneta, respiro fundo e deixo que Elizabeth entre no ateliê. Nossos olhos se encontram e ela percebe rapidamente que eu não estou bem. Sorrio tentando desfaçar, mas logo Elizabeth está ao meu lado, me ajudando a sentar no banquinho de pintura.

“Você ainda não se recuperou de ontem,” observa. “Deveria ter ficado no meu apartamento, deitado.”

“Eu estou bem.” Mentir é preciso, por enquanto. “Acabei me empolgando com a pintura e acho que minha pressão baixou.”

“Não me admira,” repreende. “Essa sala não tem circulação de ar.”

“Temos ar-condicionado,” brinco.

“Grande ajuda.” Ela me olha mais atentamente e não se convence: “Tem certeza que está bem? Posso te levar para casa.”

“Não podemos ir.”

“E posso saber por que não?”

“Porque preciso que você veja uma coisa.” Olho para a porta ao lado. “E que, acima de tudo, me escute.”

“Sérgio, estou cansada de todo esse suspense!” Ela explode. “Ontem escutei a sua história e o entendi. Passamos à noite juntos,



e hoje você me vem com essa conversa de que não acabou. O que está acontecendo?”

Minha cabeça está baixa, em completa derrota. Me sinto péssimo, não só fisicamente mas pelo que estou prestes a lhe contar. Respiro fundo e invoco meus fantasmas, revendo cada momento de uma parte de minha vida, que eu gostaria muito de esquecer.

É de cabeça baixa que começo a falar:

“Ontem eu lhe contei a minha história no Brasil, ou pelo menos parte de um passado que me fez muito mal.”

“Sérgio...”

“Não me interrompa, por favor,” peço, e continuo: “O meu passado no Brasil foi ruim, pois não só perdi Monalisa, como fui preso e julgado por sua morte. Aqui, em Londres, a minha vida foi horrorosa.

“O único dinheiro que eu tinha veio de uma indenização da justiça, por ter sido preso por um crime que não cometi. Com esse dinheiro, consegui pagar alugueis de quartos imundos, em ruas perigosas, enquanto procurava emprego. O dinheiro foi diminuindo e eu não conseguia nada. Passei a fazer alguns serviços de pintura, pois era a única coisa que conseguia por já ter sido preso. Infelizmente, não foi o suficiente, assim como o único dinheiro que eu tinha.

“Passei a dormir na rua depois de pouco mais de um mês que cheguei a Londres...”

“Meu Deus!” Elizabeth cobre a boca com a mão, chocada.

“... e tudo que me restou foi pinceis, tintas e algumas folhas de papéis,” continuo. “De tudo que a vida me tirou, a única coisa que me restou foi a minha arte. Foi através dela que consegui dar a volta por cima.

“Dormia na rua durante à noite e pintava durante o dia. As pessoas gostavam, principalmente os turistas. Todos queriam sair do país inglês levando alguma lembrança, e a minha arte era uma dessas. Eu pintava de tudo, mas eles sempre pediam seus próprios alto-retratos, e eu os fazia, pois pagavam bem.”

“Sérgio, não precisa se envergonhar.” Elizabeth busca o meu rosto, o atraindo para o seu. Nossos olhos se cruzam e ela vê as minhas lágrimas. “Todos nós passamos por momentos difíceis. Vejo que não foi fácil recomeçar, mas você conseguiu, e com o seu talento. Sérgio, sua arte é belíssima.”

“Não se engane, Elizabeth,” nego com a cabeça. Ela não compreende, mas logo entenderá. “A minha arte nem sempre foi bela ou delicada, sexy ou erótica. Há algum tempo, nesse mesmo momento de dificuldade, ela se tornou suja, pecaminosa e obscena.”

“O que você quer dizer com isso?” confusa, a voz de Elizabeth treme.

Não a respondo. Em vez disso, levanto e me dirijo à porta do “quarto secreto” ao lado, com a placa PROIBIDO ENTRAR. Ela me acompanha de perto, e mesmo não tendo seu corpo junto ao meu posso sentir a tensão que se forma.

Levo minha mão ao bolso da calça e dela tiro uma chave apenas. Não há chaveiro ou qualquer enfeite, apenas o metal solitário. Há muito guardo essa chave na minha casa, em um pequeno cofre de metal, na despensa embaixo da escada. Hoje é a primeira vez que ela sai do cofre, depois que a coloquei há muitos anos, jurando que só a pegaria quando chegasse o momento certo de me livrar de tudo isso.

Chegou o momento de Elizabeth descobrir a parte podre da minha vida.

“Antes de eu abrir esta porta e de você ver o que guardo aqui dentro, peço que, por favor, não reaja sem me ouvir.”

“Sérgio, você está me assustando.”

“Prometa,” peço.

“Sérgio...”

“Elizabeth, prometa!”

“Tudo bem.”

Posso escutar o seu coração batendo aceleradamente, e posso dizer que quase posso ouvir também as engrenagens de seu cérebro trabalhando em possíveis teorias sobre o que aqui estou guardando.

Coloco a chave na fechadura e respiro fundo antes de girá-la, abrindo a porta. Está escuro, por isso procuro pelo interruptor de

luz, o achando ao lado. Um clique e o pequeno quarto, quase que do tamanho de uma dispensa, é iluminado. Olho para trás e vejo que Elizabeth está esperando, ansiosa. Me movo para o lado e deixo que ela adentre no pequeno espaço. Fecho os olhos e espero.

Não preciso me esforçar muito para imaginar o que agora Elizabeth ver. Ao longo das quatro paredes, de pouco mais de cinco metros cada, vários quadros estão dispostos sem qualquer organização. Alguns são quadros em branco com riscos em grafite, outros em tinta, mas inacabados. Há muitos completos e outros até embalados em papel pardo, como um dia o de Monalisa esteve. No entanto, diferente do de Monalisa, todos esses têm algo em comum. Cada tela, finalizada ou não, mostra mulheres nuas pintadas nas mais diversas posições obscenas. Há inclusive, ao fundo, um de Sônia, inacabado. Um rascunho do mesmo quadro que agora ela tem sobre a sua cama.

Elizabeth, na nossa pesquisa, entendeu o erotismo na arte, na música e literatura, mas o que essas pinturas mostram vai além do erotismo. Esses quadros são pornográficos.

Não escuto a respiração de Elizabeth, então me permito abrir os olhos e descobrir o que se passa.

Ela está parada, olhando para dentro do quarto. Sua expressão não poderia ser outra se não de choque. Há repúdio, e a cada quadro que ela olha, mais seu nojo aumenta. À medida que as telas poluem a sua visão, lágrimas começam a se formar.

Devagar, Elizabeth começa a se afastar. Ela não olha para mim ou para qualquer outro lugar. Seu olhar está vidrado, encarando o recinto, que se distancia a cada passo. Tomo a sua frente e fecho a porta. Ao me voltar para ela, é a minha vez de ficar paralisado. É difícil encontrar as palavras enquanto a vejo chorar. Não há só tristeza ou nojo, há raiva. E é com essa raiva que ela me questiona:

“Pode me explicar o que são esses quadros?”

“São parte do meu passado, como lhe disse.”

“E por que você os pintava?” Elizabeth está perdida em seu próprio corpo. Olha para um lado depois para o outro, para o banco e, por fim, para porta. “Digo, quem comprava esse tipo de coisa?”

“Muitas pessoas,” confesso.

“E você achava certo imaginar tais...cenas?”

“Imaginar?” Elizabeth ainda não entendera o pior. Mas deixarei ela saber, agora que começamos: “Não, Elizabeth. Eu não imaginava essas mulheres. Todos esses quadros foram feitos com modelos vivos.”

Se antes ela estava chocada com tudo isso, a nova revelação parece destruí-la.

Quero me aproximar e abraçá-la, mas sei que não posso fazer isso, não agora. É preciso que ela absolva tudo, e, acima de tudo, ela mesma me procure. Não forçarei a barra e entrego nas mãos dela a decisão de continuar comigo ou não depois de tudo.

Continuo:

“Como disse, eu tive que pintar para sobreviver...”

“Mas pintar esse tipo de coisa? Que droga!...”

“... Porém, fazer pinturas de faces, casais e crianças não davam lucro.” Eu não posso parar para lhe escutar. É preciso continuar, sem interrupções: “Ao contrário das muitas mulheres que me procuravam, desejando que eu as pintasse em tais posições.”

“Que tipo de mulher faz isso?” Ela é ingênua demais para desconhecer esses gostos peculiares. “Meu Deus! Isso é...”

“Repugnante? Sim, é. E muitas mulheres fazem isso,” revelo. “E quando digo todo tipo, quero dizer prostitutas, solteiras curiosas e atrevidas, e até mulheres casadas.”

O choque de Elizabeth já era esperado. As perguntas que ela faz, eu já suspeitava que as faria, mas até o presente momento ela não fez a pergunta, que eu temo ser a principal causa de nossa separação. Se ela o fizer, eu não posso mentir. Revelarei a história por completo, inclusive na sua verdade pura e crua.

E como se lesse o meu pensamento, ela me encara e questiona:

“Se você as pintava... assim.” E vejo a dor em seus olhos. “Então, você tinha intimidades com elas. Intimidades que nenhum outro homem tinha. Sérgio, você dormia com essas mulheres?”

Eu não posso mais esconder. Não posso mentir.

“Sim.” E a minha dor e a dor de Elizabeth, que chora com a revelação. “Dormi com algumas dessas mulheres, na sua maioria as

dos quadros inacabados. Elas não me pagavam com sexo,” digo de imediato, deixando isso claro. “Sempre recebi o meu pagamento em dinheiro. Mas, assim como você ou Monalisa, que de alguma forma me acham atraente, muitas me levavam para a cama, e não vou mentir que pagavam a mais pelas pinturas quando isso acontecia...”

“Chega!”

Eu estou encarando os meus próprios pés, incapaz de olhar Elizabeth nos olhos. Escutar a sua voz imperativa me alerta para o perigo. Agora, ela está mais próxima da porta de saída, e sinto que é isso que ela quer fazer.

“Elizabeth!”

E corro pelo ateliê a fim de impedi-la de ir embora.

Ela não pode ir, não antes de conversarmos. Eu sei o quanto essa história pode parecer asquerosa, mas tenho esperança de que ela me entenda. É preciso que Elizabeth compreenda a minha situação naquele momento de minha vida, onde eu não vendia meu corpo por dinheiro, mas me usava do corpo de outros para isso. Eu, mais do que todos, sei o quanto isso parece errado. Agora eu pergunto, até onde nós podemos ir para sobreviver? Não há resposta, pois só alguém que chega ao ponto da vida que eu cheguei entenderá o que eu digo. Não estou tentando justificar os meus atos, estou tentando reconquistar a confiança da mulher que amo.

Seguro Elizabeth pelo braço, mas ela está incontrolável. Se debate, e quando eu a abraço, ela tem força suficiente para me afastar. Mal me recomponho, e o que vejo em seguida é sua delicada mão descendo sobre o meu rosto em um tapa forte e determinado.

“Você é nojento!” grita entre a raiva e as lágrimas. “Eu devia saber que você é um pervertido. Eu não me interessei por você, foi você que me induziu a tudo isso entre nós. Monalisa só foi a primeira, e como ela morreu você precisava de uma nova aluna para brincar. Não duvido que tenha em algum lugar deste ateliê uma tela minha, com o corpo nu. Você tem, Sérgio?! Que droga, você tem uma tela minha nessas posições horrendas?”

Elizabeth caminha desesperada pelo ateliê, jogando telas no chão e outras pelos ares, a procura de uma possível tela de seu corpo nu. Sua raiva é explosiva, e à medida que destrói o meu ateliê, suas palavras perfuram o meu coração:

“Eu devia saber que com você não seria diferente.” E meu cavalete vai ao chão. “Primeiro foi aquele imbecil. Eu sofri mais do que qualquer mulher poderia sofrer nas mãos de um homem. Londres era a minha salvação. Até você surgir na minha vida. Eu sabia que era perigoso me envolver com o meu professor, mas lá estava você me conquistando a cada fala sobre a arte.” Então, ela me olha, agressiva: “E isso, é mentira também?”

“O quê?!” Estou tão desorientado quanto ela.

“Toda a sua história com a arte. Isso é mentira...?”

“Não! Claro, que não.” Como ela pode dizer isso. Na verdade, por que ela está pensando e dizendo tudo isso sobre si mesma e de mim? “Elizabeth, pelo amor de Deus, não diga isso. Eu pintei todos esses quadros no pior momento de minha vida. Eles foram os responsáveis por eu não ter morrido de fome ou de frio!”

Cauteloso, eu me aproximo dela e consigo lhe abraçar. Dessa vez ela não me afasta, e deita sua cabeça em meu colo e se permite chorar, não mais conseguindo segurar todas as suas lágrimas até então reprimidas.

Deixo que Elizabeth chore. Neste momento compreendo que mais do que a minha história contada está em jogo. Entre as suas palavras percebi o quanto ela também sofreu no passado e fico me perguntando o que realmente lhe aconteceu. Mas não a questiono, não agora. Tudo que eu quero nesse momento é que ela se acalma para que possamos conversar e chegar a uma decisão final. À tarde já está se despedindo e eu anseio por levá-la para casa e declarar todo o meu amor.

Quer saber, não há necessidade disso. Posso muito bem fazer isso aqui e agora. Não preciso me preocupar com a ideia de alguém ter nos escutado, principalmente a explosão de Elizabeth, afinal o ateliê é longe das salas de aula e de qualquer movimento de alunos, além de ser a prova de som. Ninguém escutara seus gritos ou agora o seu choro ou o que eu tão logo tenho a dizer.

Devagar, a levo para o meu banquinho de pintar, que ela jogara no chão. O endireito e peço para ela se sentar. Quando o faz, nossos olhos se encontram, e eu não preciso ser um gênio para saber que, apesar de tudo, ela ainda gosta de mim.

“Eu te amo.”

As palavras saem sem eu perceber. Mas não importa, pois as queria dizer desde sempre. Desde que Elizabeth surgiu na minha aula, atrasada e me interrompendo.

Agora, ela não faz nada. Não diz uma palavra ou expressa alguma reação. Estou como um idiota parado a sua frente, com a respiração pesada e o coração a bater como se não houvesse sangue suficiente sendo bombeado para o meu corpo. E devo dizer que não o tem, pois minhas pernas começam a tremer pela ausência de alguma resposta por parte de Elizabeth.

De repente, ela me abraça. E eu posso respirar aliviado. No entanto, ainda não consigo compreender o que se passa. Este abraço pode significar muitas coisas, mas depois de tudo, o mínimo que eu esperava era outro tapa na cara e um adeus. Eu preciso saber, e agora:

“Por favor, Elizabeth, diga alguma coisa.”

“Você ainda faz isso?” a observo, confuso. Ela esclarece: “Pintá-las. Você ainda pinta mulheres em cenas obscenas?”

“Sim.” E os olhos dela se fecham em dor. Continuo rapidamente: “Até que eu conheci você.”

“Entendo.” Engole em seco e olha para o lado, apreensiva com a próxima pergunta: “Mas se já reconstruíra sua vida, por que continuou a fazer isso?”

“Não continuei pelo dinheiro.” Deixo isso claro. Ela assente, pedindo para eu continuar. “Continuei a pintar porque isso se tornou uma espécie de fetiche. Pintar essas mulheres nessas posições foi a forma que encontrei de ver o quanto a sociedade é decadente e suja como o meu próprio coração. Fazer essas pinturas íntimas era a única terapia que eu tinha, até conhecê-la.”

“Sérgio, jure que nunca mais vai pintar tal tipo de quadro.” Elizabeth pede, e há uma exigência determinada em seu olhar. Mais

do que isso, vejo esperança entre nós. “Me prometa que isso ficará no seu passado.”

“Eu não preciso prometer nada, Elizabeth.” E ela me olha assustada. Me apresso: “Não preciso jurar, pois desde que conheci você, eu não sinto mais a necessidade de pintá-los. A única que quero pintar agora é você, com toda a sua beleza, inteligência e determinação. Quero imortalizá-la nos meus quadros, em argila, madeira ou em qualquer outra arte. Você deve ser eterna.”

Minhas palavras é o meu próprio juramento, que é selado com um beijo de Elizabeth. Seus lábios encontram os meus com ternura e muito amor. É um beijo diferente, pois agora sabemos o que realmente sentimos um pelo outro. Eu a beijo porque a amo e ela retribui porque assim ela se sente em relação a mim. À medida que as nossas línguas fazem sua dança na boca um do outro, sinto que tudo se intensifica. Não só as nossas emoções, como também os nossos desejos.

Mesmo estando no ateliê, percebo que Elizabeth se sente no direito de me reivindicar, aqui e agora. E quem sou eu para recusar, quando na verdade o que eu mais quero é tirar a sua roupa e me enterrar em seu corpo.

Juntos, nos vemos declinando para o chão do ateliê. Deitados, começamos a nos despir como dois amantes em sua primeira noite de amor. Começo a desabotoar a minha camisa e ela a dela, e em nenhum momento quebramos a intensidade de nosso olhar. É de sutiã que Elizabeth procura pelo meu corpo e eu a recebo de bom grado, beijando seu ombro e seu pescoço. Aperto-lhe os seios, e quando ela abre a boca em puro prazer entrego a minha língua na sua. Suas mãos descem de minhas costas para o fecho de minha calça, a abrindo e a forçando para baixo junto com a cueca. Elizabeth está tão ansiosa quanto eu, e por isso não perco tempo e retiro a sua calça preta em couro rapidamente. Ela mesma tira o sutiã liberando os seus seios, e eu, sem cerimônia, lhe rasgo a calcinha deixando-a completamente nua, assim como eu.

Me debruço sobre o seu corpo e a beijo com força na boca. Suas mãos arranham as minhas costas, me marcando em puro



prazer. Beijo seu queixo e depois o seu pescoço. Com a língua, faço meu caminho até o seu ventre, onde a beijo de leve.

“Sérgio, por favor...”

“Tem certeza?”

“Agora!”

Com um sorriso travesso em meus lábios, procuro pela camisinha no bolso de minha calça e revisto o meu membro, já duro e ereto, e louco para tê-la. Me apoiando nas minhas próprias mãos, procuro a abertura entre as suas pernas e a penetro, devagar. Começo a me mover lentamente, intensificando à medida que ela se acostuma com o meu volume entre as paredes de seu sexo.

Ambos levamos um ao outro ao prazer absoluto. E agora, ao encontrarmos a nossa própria liberação, eu sei que não fizemos apenas sexo, mas amor. Elizabeth e eu fizemos amor no chão de meu ateliê, entre os pinceis, telas e um mundo de cores.

# *Epílogo*

## **Elizabeth Johnson**

É incrível como o tempo pode passar rápido quando você faz o que gosta. Não digo isso porque estou no meu curso dos sonhos ou muito menos por estar, agora, assistindo umas das melhores aulas da universidade. Okay! Talvez esta última tenha algum efeito, mas para falar a verdade, o melhor de História da Arte não é propriamente a história e sim o professor que a conta.

Já se passou uma semana desde que Sérgio contou a sua história para mim. De início foi difícil absolver tudo, principalmente as suas pinturas íntimas. Fico feliz agora ao pensar que tais quadros não existem mais.

No mesmo dia que Sérgio me mostrou as telas, que ele pintara ao chegar a Londres, ele fez questão de destruir todas. Eu mesmo o vi queimar cada tela na calada da noite, em um dos ateliês de trabalho manual. Nessas salas é comum ter um pequeno forno, muito parecido com os antigos fornos a lenha, o qual os alunos o utilizam para queimar o barro ou a argila de suas esculturas. Posso dizer que foi prazeroso ver cada uma das telas se transformando em cinza, e o melhor foi ver Sérgio fazendo isso, sem qualquer arrependimento.

Não posso dizer o mesmo sobre o quadro de Monalisa. Não tive coragem de pedir que o destruísse, pois de alguma forma, ela fez parte de um bom momento de sua vida. Felizmente, Sérgio encontrou uma maneira de salvar a tela da destruição e ao mesmo tempo o mandando para longe de nós. Nesse momento, o quadro de Monalisa está novamente embrulhado em papel pardo e a caminho do Brasil. Sérgio chegou à conclusão que certas pessoas poderiam ficar felizes ao ter a pintura, nesse caso não pensou duas vezes em enviá-la para os pais da garota que um dia ele amou e que morreu em um trágico acidente. Eles poderiam recusar, claro, por isso ele enviou como uma lembrança de um amigo, que gostava muito de

Monalisa e que sentia pela perda da família. O quadro era uma pintura sob encomenda.

Fico feliz em dizer que os seus fantasmas foram exorcizados. O seu passado já não importa mais, apenas o presente, que se constrói com a nossa união. Segundo Sérgio, se eu me permitir, talvez haja um futuro para nós dois.

Olho para ele agora. Está na frente da sala, ministrando a sua aula como sempre, com sabedoria e, principalmente, com amor ao que faz. Olha para mim, mas não retribui o meu sorriso. Tudo bem. Sei que à noite ele me recompensará de uma forma ou de outra. Para falar a verdade, não devemos nos comunicar tanto assim, com olhares e sorrisos. Estamos felizes e, juntos, estamos aproveitando ao máximo a nossa relação, que para dar certo é preciso escondermos da universidade e também dos amigos, por enquanto. Ninguém pode saber que Sérgio Duran tem um caso íntimo comigo, sua aluna, Elizabeth Johnson. Pelo menos, não até eu me formar, o que, infelizmente, só acontecerá dentro de alguns anos. Sim, é muito tempo, mas concordamos que iremos esperar, desde que estejamos um com o outro, nos apoiando nas dificuldades. Além disso, Sérgio não estará na minha grade semestral para sempre, o que já será algum avanço para nós dois. Com isso, podemos sair da fase da relação às escondidas e passar para a fase do "estamos nos conhecendo" para os desconhecedores de nossa história.

"Estão liberados."

Olho assustada ao redor e percebo que andei divagando em pensamentos durante a aula. Todos os meus colegas já se levantam de suas cadeiras e saem, sem se despedirem do professor que lança pequenos olhares indiretos.

"Você vem?" questiona Luiz, ao meu lado.

"Não," respondo, sem tirar os olhos de meu amado professor. "Preciso tirar uma dúvida com o professor Duran."

"Está com dificuldades na disciplina?" Luiz me olha, preocupado. Endireita a mochila que lhe escorrega pelo ombro e acrescenta sem jeito: "Se precisar, posso te ajudar. Podemos estudar juntos e..."

“Oh, não. Não precisa se incomodar.” Pobre Luiz. Sérgio tem razão, ele está interessado em mim. Infelizmente, eu não estou a fim dele, nem agora nem nunca. Sinto ter que partir seu coração. “Na verdade, eu estou muito bem. Quase fechei o teste.” E lhe mostro a folha com o meu +B em vermelho. “Eu só vou tirar uma dúvida sobre a pesquisa.”

“Então... Acho que nos vemos amanhã. Certo?”

“Claro. Nesse mesmo local e nessa mesma hora.”

Rimos juntos, e ele se afasta. Passa por Sérgio e não se despede, como todos os outros alunos.

Fico para trás arrumando as minhas coisas. Me demoro tempo suficiente para diminuir o número de alunos no corredor e para Sérgio fechar a porta, nos isolando em sua sala. Em um outro momento de nossa história, eu teria ficado preocupada. Agora, nada me dá mais prazer do que ficar a sós com ele.

Caminho na sua direção e nos encontramos em frente à sua mesa. *Deus, como ele tem um sorriso sexy!* Eu nunca vou me cansar de admirar esse homem, que me conquistou na sua primeira aula, não só pela sua sabedoria e amor à arte, como também pela sua maneira rude de ser. Como eu costumo brincar, ele parece um velho resmungão. O meu velho resmungão, que se aproxima e me beija intensamente.

“O sr. Harris precisa tomar mais cuidado com o que deseja,” diz ele, assim que nossas bocas se libertam uma da outra. “Você já tem dono.”

“Dê algum crédito a ele,” sorrio, limpando o batom de seus lábios. “Ele não sabe que estamos juntos. Ninguém sabe.”

“E assim deve ser até o fim do seu segundo semestre.” Ele me alerta.

“Um ano,” resmungo, fazendo birra. “É muito tempo.”

“Ora, ora, vejam só quem é a apressadinha da vez.” Me beija rápido nos lábios. “Paciência, logo poderemos dizer a todos que estamos juntos.”

“Não.”

“Não?”

“Não. Logo poderemos dizer que ‘estamos nos conhecendo’.”

Seu sorriso é brincalhão antes de me beijar mais uma vez. Sua língua brinca com a minha em nossas bocas, e seu hálito é quente com gosto de café. *Hm!* Ele andou bebendo café na sala dos professores, e isso só me faz lembrar do pequeno desastre em sua casa, quando “acidentalmente” derramei café em sua camisa, o obrigando a tirá-la e revelar o seu torso nu. Foi a primeira vez que dormimos juntos.

Lembrar de nossa primeira vez me faz querê-lo, aqui e agora. E eu não me importo de estarmos na sala de aula. Já fizemos amor no chão de seu ateliê, qual a diferença para esta sala? Ambos os espaços fazem parte da universidade, não? Intensifico o nosso beijo, deixando claro o que eu quero. Infelizmente, ele se afasta:

“Você se tornou uma garota insaciável, Elizabeth.” Lambe os lábios ainda a procura de meu sabor. “Mas aqui não é o lugar mais apropriado para o que gosto de fazer com você.”

“Vai me dizer que não tem vontade de me jogar nessa mesa,” aponto para a sua mesa ao lado, “e de me possuir sobre ela?”

“Porra, Elizabeth! O que você quer de mim?”

“Que me tenha,” exijo. Estou excitada e o quero. *Droga! É pedir muito?*

“E eu vou tê-la, mas na minha cama.” Um beijo de leve nos lábios e acrescenta: “Esteja na minha casa hoje à noite e você não se arrependerá.”

“Não posso ir com você?” Faço bico.

“Infelizmente, tenho reunião com os professores sobre aquele evento.” Ele se afasta para sua mesa e começa a guardar a suas coisas. “Não sou de participar, mas como a sua apresentação na abertura está em jogo, faço questão de estar presente.”

“Entendo.” Fico triste ao saber que só o verei depois de, mais ou menos, longas cinco horas. “Sendo assim, eu já vou. Nos vemos à noite, na sua casa.”

“Estarei te esperando ansioso.”

Nos aproximamos para mais um beijo de despedida, e tão logo caminho para a porta. Abro e vejo se não há ninguém nos corredores. Para a nossa sorte, não há uma sombra viva. Olho por

cima do ombro e nossos olhares se encontram, e lhe lanço um beijo no ar antes de sair.

Não me demoro no estacionamento da faculdade. Poucos são os carros que ainda permanecem estacionados, e não quero levantar nenhuma suspeita sobre o porquê de ainda estar aqui quando as aulas já acabaram. Agora eu queria estar entrando no Mercedes de Sérgio e partindo para sua casa, onde com certeza ele cumpriria a sua promessa de a pouco. Entretanto, é na ignição do meu carro que agora coloco a chave e dou a partida. Aproveitarei à tarde para colocar a minha leitura em dia, pois tenho certeza que à noite estarei definitivamente ocupada. Sérgio fará questão disso.

Saio da universidade e sigo pela B326 e B323 até a *Victoria St/A302* e continuo na A302 até a *Beaufort Gardens*, onde fica o meu apartamento. Ligo o som do carro, mas não há nenhuma música que eu goste. Preciso de algumas das músicas do Sérgio, pois ele não só tem bom gosto como todas as suas músicas me fazem lembrar, de alguma forma, de momentos que passamos juntos.

Estaciono o carro no outro lado da rua, próximo ao corredor de árvores dispostas em fileira. Saio, olho para o lado e algo me chama a atenção. Há um carro muito semelhante ao de... Não! Eu estou imaginando coisas. Além disso, devem existir milhões de carros assim. Mas devo admitir que o fato desse carro em comum ter um adesivo da bandeira do Brasil seja muita coincidência. *Não! Definitivamente, não é ele.*

Caminho para a *Beaufort House* e entro, sem passar pela recepção. Vou direto para o meu apartamento e... Merda! Quem deixou a minha porta aberta? Digo, eu me lembro de tê-la fechado antes de sair mais cedo. O que está acontecendo aqui?

Devagar, me aproximo e posso escutar o som do apartamento ligado. Alguém está escutando música na minha casa. Okay, alguém está escutando música na minha casa e sem a minha permissão! Mas isso não é o que me assusta, o que me assusta é a música que escapa pela porta aberta. Eu a conheço. E para mim, ela só tem apenas um significado.

Minhas pernas começam a tremer, e eu já não consigo me manter de pé. Eu quero correr de volta para o andar de baixo, descer as escadas de saída e entrar novamente em meu carro, e sumir. Mas eu não consigo. O meu medo me paralisa. Estou assustada, e não é pela ideia de alguém ter invadido o meu apartamento, mas porque eu sei quem está dentro dele. O meu passado bate a minha porta e eu não sei como enfrentá-lo.

*Deixa de ser idiota, Elizabeth!* O que ele pode fazer com você, aqui?

Respiro fundo, tentando controlar o meu nervosismo. Seguro meus papéis entre as mãos, os tendo como algum apoio. Ereto meu corpo e atravesso a porta.

Na minha sala, sentado no sofá muito confortavelmente, está uma pessoa que não vejo há algum tempo. Tinha me esquecido o quando ele pode ser espaçoso, ou pelo menos acha que merece sempre o melhor. Ora, ele foi criado assim, como poderia mudar? Seus pés então sobre a mesinha do centro, e o que eu pensava ser apenas o rádio na verdade é a TV, ligada em um vídeo caseiro. Eu conheço esse vídeo, e vejo que ele realmente não mudou ou pior, não desistiu.

Seu rosto está como eu me lembro. Limpo e bonito. Mesmo o odiando não posso negar a sua beleza. Muitas mulheres dariam de tudo para tê-lo, pois quem não queria um homem de cabelo loiro, liso e suave, de olhos azuis, um sorriso branco perfeito e uma conta bancária suficiente para fazer inveja a muitos milionários? O que eu sei é que eu não quero, não mais. Ele me fez sofrer. Ele me obrigou a fazer coisas e desistir de meus sonhos. Eu o odeio, e é com esse ódio que lhe falo:

“O que você está fazendo aqui?”

Felipe se vira surpreso com a minha chegada. Seu sorriso é presunçoso, como sempre. Não lembro do seu sorriso verdadeiro, e me pergunto se em alguma vez, durante os longos anos que passamos juntos, ele sorriu com sinceridade.

“Ora, ora, quem é vivo sempre aparece.” Se levanta do sofá e caminha na minha direção. “Não vai me dar um abraço de boas-vindas?”

“Fique onde está, Felipe!” Ponho minha mão entre nós dois, mantendo um espaço considerável entre nós. “E não mude de assunto. O que você está fazendo aqui? Eu não estou recebendo visitas. E muito menos a sua.”

“Eu não viajei para Londres para te visitar.” E se volta para o sofá.

“Então?”

“Ora, Elizabeth.” Ele se senta. “Eu vim para ficar.”



## *Sobre a autora*

Acima de tudo, eu não sou uma escritora erótica, e deixo isso bem claro em meu primeiro livro. Escrever *Pinturas Íntimas* foi a maneira que encontrei para expressar minha visão a respeito desse assunto, que tanto vem sendo discutido e aclamado pela crítica literária mundial nos últimos tempos.

A Literatura Erótica já existe há muitas décadas, e se engana aqueles que pensam que o que lemos hoje pode ser chamado de erótico. O máximo que conhecemos é o que podemos chamar de "texto sexual", pois o erótico propriamente dito está longe de conquistar um público ou de despertar os mais profundos desejos sexuais. Por isso, não atenha-se ao meu trabalho como erótico, mas como um romance sensual; uma história de amor sem limites, ou como costume dizer, sem cortes.

Mais do que sexo, eu busco resgatar o que muitas pessoas parecem ter ignorado ao longo dos anos. O amor, a integridade, a liberdade e a verdade são as minhas maiores prioridades, e tudo isso enraizado aos estudos e questionamentos da arte.

## Site oficial da autora

[www.julietbrooksoficial.wix.com/pinturas-intimas](http://www.julietbrooksoficial.wix.com/pinturas-intimas)

- 
- [1] Faculdade constituinte da *University of the Arts Londons*, com base em Londres, Reino Unido. Uma instituição britânica em arte e design, com reputação internacional.
- [2] Uma *collegiate university* (universidade colegiada) localizada em Londres, Reino Unido. É especializada em arte, desenho, moda e mídia.
- [3] Faculdade pioneira no ensino das Artes no Brasil. Localizada em São Paulo, é a única instituição de ensino que possui Residência Artística e Museu com exposições de qualidade.
- [4] Pré-escola ou Jardim de Infância.
- [5] *Manifeste des Sept Arts (1923)*, por Ricciotto Canudo.
- [6] *La Correspondance des arts. Éléments d'esthétique comparée (1969)*, por Étienne Souriau.
- [7] *What is art for? (1990)*, por Ellen Dissanayake.
- [8] Localizado no bairro de *Wandsworth*, em Londres, Inglaterra.
- [9] Artista dos Estados Unidos. Foi um pintor, escultor e poeta. Criador dos *ready-made*, uma manifestação radical para romper com a artesanaria da operação artística.
- [10] Bar com adega exclusiva.
- [11] Comemoração informal feita por colegas de estudo ou de trabalho após o fim do expediente.
- [12] *Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)*, um grande e influente compositor austríaco do período clássico.
- [13] Música "romanesca" do folclore inglês. Não há registro de direitos autorais, e ao contrário do que muitos pensam, ela não foi composta por Mozart. Além disso, é questionável se alguma vez o compositor austríaco a tocou.
- [14] Composta em 1787 por Mozart. É composta por dois violinos, viola e violoncelo, com contrabaixo opcional. Normalmente é realizada por orquestras de cordas.
- [15] Criada em 1925, essa é uma instituição pública de ensino universitário voltado para o ensino e a investigação nas áreas da Pintura, Escultura, Design e outros. Localiza-se no

Convento de São Francisco, situado no Largo da Academia Nacional de Belas Artes, próximo do Chiado.

[16] *História da Literatura Erótica (1993)*.

[17] Cantor, instrumentista e compositor irlandês.

[18] Ator britânico, conhecido mundialmente por ter vivido o personagem Bruce Wayne, o Batman, na trilogia do diretor anglo-americano Christopher Nolan.

[19] Ator norte-americano mundialmente conhecido e recentemente contratado para viver o personagem Bruce Wayne/Batman no filme *Superman vs. Batman (2016)*, do diretor Zack Snyder.

[20] *Para Elisa*, uma das obras mais conhecidas mundialmente de Ludwig Van Beethoven.

[21] Vocalista e guitarrista da banda norte-americana *Maroon 5*.

[22] Escritora britânica da série *Harry Potter*.

[23] Também chamado de rio Tamisa, é um rio que fica ao sul da Inglaterra, banhando Oxford e Londres, e desagua no mar do Norte. Ele tem 346 km de extensão.